



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LÉA ANGELINE DA COSTA

**O USO DA PERÍFRASE MODAL “TENER QUE+INFINITIVO” NO CONDICIONAL
NO DISCURSO DIGITAL ESCRITO EM ESPANHOL**

FORTALEZA

2023

LÉA ANGELINE DA COSTA

O USO DA PERÍFRASE MODAL “TENER QUE+INFINITIVO” NO CONDICIONAL NO
DISCURSO DIGITAL ESCRITO EM ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e análise linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C873u Costa, Léa Angeline da.
O uso da perífrase modal "tener que+infinitivo" no condicional no discurso digital escrito em espanhol /
Léa Angeline da Costa. – 2023.
193 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Nadja Paulino Pessoa Prata.
1. pragmatolinguística. 2. modalidade deôntica. 3. tener que+infinitivo. 4. discurso digital. 5. língua
espanhola. I. Título.

CDD 410

LÉA ANGELINE DA COSTA

O USO DA PERÍFRASE MODAL “TENER QUE+INFINITIVO” NO CONDICIONAL NO
DISCURSO DIGITAL ESCRITO EM ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e análise Linguística.

Aprovada em: 22/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará
(UFC)

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará
(UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Léia Cruz de Menezes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

Aos meus pais, Augusto e Lucinete,

Ao meu esposo, André,

À sintaxe que regeu minhas primeiras frases
dedico essa dissertação.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A Deus, que me deu forças e iluminou meus passos até aqui.

À Universidade Federal do Ceará (UFC), por oferecer um ensino de excelência e uma formação completa, proporcionando os caminhos necessários para o êxito pessoal e profissional.

À Prof^ª. Dr^ª. Nadja Paulino Pessoa Prata, que acreditou no meu potencial e me motivou desde a graduação até a seleção de mestrado. Pelas conversas sobre a pesquisa e sobre a vida, pela sensibilidade, humanidade, compreensão e descontração nos momentos em que a leveza foi necessária. Agradeço pela oportunidade de ser sua orientanda, pelo ensino nas aulas e nas proveitosas orientações, sempre pronta a esclarecer o breu e o bloqueio de meus pensamentos. Por tudo o que foi feito para a minha formação e para o desenvolvimento deste trabalho, devo-lhe toda a minha gratidão e reconhecimento!

Aos professores participantes da banca examinadora, o Prof. Dr. Valdecy Pontes de Oliveira, pela leitura atenta e pelos apontamentos que enriqueceram esta pesquisa, a quem me sinto privilegiada pela atenciosa leitura e pertinentes sugestões desde a qualificação. Pela sua prestatividade e todos os ensinamentos, desde a minha graduação, e pela oportunidade de participar do seu grupo de pesquisa. À Prof^ª. Dr^ª. Léia Cruz de Menezes por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora, na ocasião da qualificação, pela leitura e pelas valiosas colaborações e questionamentos que me ajudaram a refletir e amadurecer meus propósitos nesta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos em Funcionalismo da UFC (GEF) pelas discussões e reflexões sobre a indefinível categoria modalidade.

A todos os professores do mestrado, que contribuíram com dedicação e competência e seriedade, essenciais para a minha formação em Linguística. À Prof^ª. Dr^ª. Maria Elias, à Prof^ª. Dra^ª. Margarete, à Prof^ª. Dr^ª. Mônica Cavalcante, à Prof^ª. Dr^ª. Eulália, à Prof^ª. Dr^ª. Sandra e ao Prof. Dr. Ricardo, agradeço-lhes pelos ensinamentos em todos os valiosos encontros.

Aos colegas da turma de mestrado pela parceria. Em especial à Renata Priscyla, à Renata Vidal e ao Armando, pela parceria e apoio durante a minha trajetória no Programa de Pós-graduação em Linguística.

Aos meus pais, Augusto e Lucinete, que sempre me proporcionaram o melhor que puderam. À minha irmã, Angélica, que sempre torceu por mim e pelo resumo traduzido para o

inglês. Ao meu esposo, André, que sempre me incentivou a estudar e participou continuamente do meu crescimento.

Às amigas, Geanne, Georlane, Lívia, que sempre me alegraram e torceram por mim em todo esse percurso. À Débora e Neyla pela força, presença e amizade incondicional à distância.

“A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre,por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente” (Machado de Assis).

“Nossa verdadeira obrigação é sempre encontradaindo em direção dos nossos mais dignos desejos” (Randolph Bourne).

RESUMO

Sob a perspectiva de análise pragmalinguística, proposta por Fuentes Rodríguez (2017), esta pesquisa tem o objetivo de analisar e descrever a perífrase modal deôntica “tener que+infinitivo” no condicional, no discurso digital, e sua inter-relação entre os níveis da Superestrutura, Macroestrutura e Microestrutura, considerando o contexto. Conforme Fuentes Rodríguez (2017), a Pragmalinguística implica analisar o texto como uma unidade global, compreendendo os elementos que o compõem em todos os planos que surgem da inter-relação entre os níveis e o entorno da língua em uso. Na língua em uso, a perífrase “tener que+infinitivo” está relacionada à modalidade deôntica, que, segundo Gómez Torrego (2016), é definida em sua essência com o significado de obrigação e encontra-se no eixo de conduta legal, moral, social ditada pelo estado-de-coisas (ALMEIDA, 1988; NEVES, 1996). Não obstante, observando a conjugação da perífrase modal em manifestações de opiniões em redes sociais, questionamos sobre seu comportamento pragmalinguístico e o escalonamento de valores em sua deonticidade que poderia ocorrer ao ser conjugada no condicional. Para essa análise, usamos o material linguístico do *Corpus Macrosintaxis del Español Actual - MEsA*, coletado dos cibergêneros *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, onde encontramos 100 (cem) ocorrências de “tener que+infinitivo” no condicional. Nos dados analisados de forma quali-quantitativa, com o auxílio do programa *Statistical Package for Social Science – SPSS*, constatamos que os usuários-falantes dos cibergêneros optaram mais frequentemente pelo *Instagram* para instaurar uma obrigação por meio da perífrase no condicional em sequências expositivas, com orações simples e estruturas marcadas. Na maior parte dos casos, os usuários se constituíram, predominantemente, como fonte modal do tipo Locutor-Enunciador-Falante para imputar uma obrigação a um alvo deônticos em 3ª pessoa do singular. Essa perífrase escopa geralmente uma noção temporal voltada para o futuro e é usada em contextos, majoritariamente, descorteses, conforme pressupomos. Verificamos, ainda, a inter-relação entre todos os níveis e planos que atuam de modo multidimensional na expressão dessa perífrase modal em língua espanhola usada no discurso digital.

Palavras-chave: pragmalinguística; modalidade deôntica; tener que+infinitivo; discurso digital; língua espanhola.

ABSTRACT

From the perspective of pragmalinguistic analysis, as proposed by Fuentes Rodríguez (2017), this research aims to analyze and describe the deontic modal periphrasis “tener que+infinitive” in digital discourse in the conditional form and its interrelation among the levels of Superstructure, Macrostructure and Microstructure, considering the context. According to Fuentes Rodríguez (2017), pragmalinguistics involves analyzing the text as a global unit and comprehending the elements that compose it in all planes that arise from the interrelation between the levels and environment of the language in use. In the language in use, the periphrasis “tener que+infinitive” is related to the deontic modality, which, according to Gómez Torrego (2016), is defined in essence with the meaning of obligation and lies on the pillar of legal, moral, and social conduct dictated by the state of affairs (ALMEIDA, 1988; NEVES, 1996). However, by observing the conjugation of modal periphrasis in opinions expressed on social media, we questioned ourselves about its pragmalinguistic behavior and the scaling of values in its deonticity, which could occur when conjugated in the conditional form. For this analysis, we used a linguistic material from the *Corpus Macrosintaxis del Español Actual - MEsA*, collected from the cybergenres, such as Facebook, Twitter, and Instagram, where we found 100 (one hundred) occurrences of “tener que+infinitive” in conditional. In the analyzed data, based on a qualitative and quantitative approach using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS), we concluded that cybergender-speaking users more often chose Instagram to establish an obligation through conditional periphrasis in expository sequences with simple sentences and marked structures. In most cases, users have established themselves, predominantly, as a modal source of Speaker-Enunciator-Speaker type in order to impute an obligation to a deontic target in the 3rd-person singular. This periphrasis is generally achieved by a temporal notion oriented towards the future, and is used in contexts that are mostly discourteous, as we assume. Furthermore, we verified the interrelation between all levels and plans that perform in a multidimensional manner in the expression of this modal periphrasis in Spanish used in digital speech.

Keywords: pragmalinguistics; deontic modality; tener que+infinitivo; digital speech; spanish language.

RESUMEN

Desde la perspectiva de análisis pragmalingüístico, propuesta por Fuentes Rodríguez (2017), esta investigación tiene como objetivo analizar y describir la perífrasis modal deóntica tener que+infinitivo en el condicional, en el discurso digital, y su interrelación entre los niveles de Superestructura, Macroestructura y Microestructura, considerando el contexto. Según Fuentes Rodríguez (2017), la pragmalingüística implica analizar el texto como una unidad global, comprendiendo los elementos que lo componen en todos los planes que surgen de la interrelación entre los niveles y el entorno de la lengua en uso. En la lengua en uso, la perífrasis tener que+infinitivo se relaciona con la modalidad deóntica, que, según Gómez Torrego (2016), se define en esencia con el sentido de obligación y se encuentra en el eje de lo jurídico, moral, dictada por el estado de cosas (ALMEIDA, 1988; NEVES, 1996). Sin embargo, al observar la conjugación de la perífrasis modal en expresiones de opinión en redes sociales, cuestionamos su comportamiento pragmalingüístico y la posible escalada de valores en la deonticidad al conjugarse en el condicional. Para el presente análisis, utilizamos el material lingüístico del *Corpus Macrosintaxis del Español Actual - MEsA*, recolectado de los cibergéneros Facebook, Twitter e Instagram, donde encontramos 100 (cien) ocurrencias de tener que+infinitivo en el condicional. En los datos analizados cualitativa y cuantitativamente, con la ayuda del programa *Statistical Package for Social Sciences – SPSS*, vimos que los usuarios optaron con mayor concurrencia por el Instagram para establecer una obligación por medio de la perífrasis en el condicional en secuencias expositivas, con oraciones simple y estructuras marcadas. En la mayoría de los casos, los usuarios se constituyeron, predominantemente, en una fuente modal del tipo Hablante-Enunciador-Hablante para imputar una obligación a un objetivo deóntico en 3ª persona del singular. Esta perífrasis, generalmente, engloba una noción temporal orientada al futuro y se emplea en contextos, mayoritariamente, descorteses, como suponemos. También comprobamos la interrelación entre todos los niveles y planos que actúan de forma multidimensional en la expresión de esta perífrasis modal en español usada en el discurso digital.

Palabras clave: pragmalingüística; modalidad deóntica; tener que+infinitivo; discurso digital; lengua española

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de níveis e planos no discurso.....	32
Figura 2 - Esquema da relação entre os componentes do discurso.	34
Figura 3 - Esquema de construção do enunciado.	40
Figura 4 - Esquema de análise pragmalinguístico	41
Figura 5 – Funcionamento referencial do condicional e futuro	45
Figura 6 - Tipos de processos verbais de Halliday.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sequência discursiva versus Tipo de oração no uso da PMD	152
Gráfico 2 - Organização informativa versus Organização argumentativa no uso da PMD.....	153
Gráfico 3 - Organização informativa versus tipo de Processo verbal no uso da PMD	154
Gráfico 4 - Organização polifônica versus o Tipo de oração no uso da PMD	155
Gráfico 5 - Tipo de alvo deôntico versus Tipo de processo verbal no uso da PMD.....	157
Gráfico 6 - Incidência de usos descorteses no Tipo de cibergênero	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução semântica da perífrase “tener que+infinitivo”.....	63
Quadro 2 - Dados contextuais e situacionais do corpus MEsA.....	86
Quadro 3 - Composição do corpus MEsA.....	87
Quadro 4 - Categorias de análise da PMD no discurso digital.....	88
Quadro 5 - Valores aspecto-temporais do futuro e do condicional.....	159
Quadro 6 - Valores do teste Qui-quadrado aplicado às categorias.....	160
Quadro 7 – Resumo dos resultados da análise e descrição da PMD.....	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipo de cibergênero onde a PMD é mais usada no discurso digital.....	92
Tabela 2 - Tipo de sequência discursiva onde ocorre a PMD no discurso digital	98
Tabela 3 - Organização informativa no uso da PMD no discurso digital	104
Tabela 4 - Organização argumentativa da PMD no discurso digital	107
Tabela 5 - Organização polifônica na expressão da PMD no discurso digital	113
Tabela 6 - Tipo de alvo deôntico na expressão da PMD no discurso digital	118
Tabela 7 - Tipo de oração em que aparece a PMD no discurso digital	127
Tabela 8 - Posição da PMD na oração construída no discurso digital.....	135
Tabela 9 - Noção temporal do verbo escopado na expressão da PMD no discurso digital.....	139
Tabela 10 - Processo verbal na expressão da PMD no discurso digital	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PMD	Perífrase Modal Deôntica
FB	Facebook
TW	Twitter
IG	Instagram
SPSS	Statistical Package for Social Science
SUP	Superestrutura
MAC	Macroestrutura
MIC	Microestrutura
FD	Fonte Deôntica
AD	Alvo Deôntico
OS	Oração Simples
OA	Oração Assindética
OCA	Oração Coordenada Aditiva
OCAD	Oração Coordenada Adversativa
OCE	Oração Coordenada Explicativa
OCAL	Oração Coordenada Alternativa
OCC	Oração Coordenada Conclusiva
OP	Oração Principal
OSS	Oração Subordinada Substantiva
OSADV	Oração Subordinada Adverbial
OSADJ	Oração Subordinada Adjetiva
1ª PS	1ª Pessoa do Singular
2ªPS	2ª Pessoa do Singular
3ªPS	3ª Pessoa do Singular
1ªPP	1ª Pessoa do Plural
2ªPP	2ª Pessoa do Plural
3ªPP	3ª Pessoa do Plural

LISTA DE SÍMBOLOS

@ Menção

Hashtag

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	A PERSPECTIVA PRAGMALINGUÍSTICA DE ANÁLISE	27
2.1	Modelo de análise pragmalinguístico	29
2.2	Níveis de análise pragmalinguístico	31
2.2.1	Superestrutura	32
2.2.2	Macroestrutura	35
2.2.3	Microestrutura	39
3	MODALIDADE DEÔNTICA EM ESPANHOL	50
3.1	A fonte e o alvo da oração deôntica	52
3.1.1	Modalidade deôntica subjetiva, objetiva e intersubjetiva	56
3.1.2	Formas de expressão da modalidade deôntica	56
3.2	A perífrase modal “tener que+infinitivo”	59
3.2.1	Estudos sobre perífrases verbais na língua espanhola	60
3.2.2	Aspectos morfossintáticos e semânticos da perífrase	62
4	DISCURSO DIGITAL E ARGUMENTAÇÃO	67
4.1	Os parâmetros tecnodiscursivos: características	66
4.1.1	Os cibergêneros Facebook, Twitter e Instagram	67
4.2	A construção da argumentação no discurso digital	70
4.2.1	A argumentação polêmica	72
4.2.2	A descortesia como estratégia de argumentação	75
4.2.2.1	A atenuação na língua espanhola como estratégia de argumentação	78
5	METODOLOGIA	82
5.1	Contextualização e caracterização da pesquisa	82
5.1.1	Ciberespaço e cibergênero	87
5.2	Universo e amostragem	84
5.2.1	Caracterização do corpus	85
5.3	Descrição da coleta de dados	87
5.4	Procedimentos de análise	88
6	O USO DA PERÍFRASE MODAL “TENER QUE+INFINITIVO” NO CONDICIONAL NO DISCURSO DIGITAL ESCRITO EM ESPANHOL	90
6.1	Aspectos relacionados á Superestrutura no uso do modal deôntico	91

SUMÁRIO

6.1.1	Tipo de cibergênero	92
6.1.2	Tipo de sequência discursiva.....	98
6.2	Aspectos relacionados à Macroestrutura no uso do modal deôntico	103
6.2.1	Organização informativa	103
6.2.2	Organização argumentativa	106
6.2.3	Organização polifônica	112
6.3	Aspectos relacionados à Microestrutura no uso do modal deôntico	117
6.3.1	Tipo de alvo deôntico.....	118
6.3.2	Tipo de oração em que a PMD aparece.....	126
6.3.3	Posição da PMD na oração	135
6.3.4	Noção temporal da PMD	139
6.3.5	Tipo de processo verbal escopado pela PMD	145
6.4	Inter-relação entre os níveis e planos	150
7	CONCLUSÃO.....	160
	REFERÊNCIAS	169
	ANEXO A – CRUZAMENTO SEQUÊNCIA DISCURSIVA VERSUS TIPO DE ORAÇÃO	181
	ANEXO B – CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO INFORMATIVA VERSUS ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA	184
	ANEXO C – CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO INFORMATIVA VERSUS TIPO DE PROCESSO VERBAL.....	185
	ANEXO D – CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO POLIFÔNICA VERSUS TIPO DE ORAÇÃO	187
	ANEXO E – CRUZAMENTO TIPO DE ALVO DEÔNTICO VERSUS TIPO DE PROCESSO VERBAL.....	191

1 INTRODUÇÃO

No cerne do debate contemporâneo, o discurso digital nutre-se dos mais diversos níveis e formas de manifestação da linguagem. Para Fiorin (2016), a linguagem é um fenômeno complexo que demanda um estudo sob múltiplas perspectivas, uma vez que pertence a distintos domínios. Na sociedade pós-moderna, os avanços tecnológicos permitiram o surgimento de uma linguagem multimodal nos ambientes virtuais, prestando novos sentidos aos elementos gramaticais, principalmente relacionados aos modos de manifestação de avaliações e opiniões sobre comportamentos e condutas dos indivíduos.

A presente pesquisa sobre a modalidade deôntica na língua espanhola, consagra ainda mais a complexidade do estudo linguístico no discurso digital, uma vez que é consciente da dificuldade de delimitação tanto da categoria modalidade como das perífrases verbais. Por isso, temos como objetivo analisar e descrever o uso de “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital em cada um dos três níveis¹ de análise pragmalinguística, Superestrutura (SUP), Macroestrutura (MAC), Microestrutura (MIC) e a inter-relação entre eles, propostos por Fuentes Rodríguez (2017).

Desse modo, visamos compreender o comportamento linguístico e discursivo das perífrases modais espanholas, que nos revelam como as práticas sociais se materializam na linguagem e evidenciam as novas relações do século XXI: o militarismo digital, a moral, crenças compartilhadas e, especialmente, a tentativa de domínio sobre o comportamento e a liberdade de ação do outro.

Além disso, conforme o Anuário 2022² do Instituto Cervantes, *Español en el mundo*, a língua castelhana é a segunda língua materna por número de habitantes, depois do chinês mandarim, e a terceira mais falada no cômputo global. Na Internet, é a terceira língua mais utilizada em redes sociais³ como Facebook (FB), Instagram (IG), Twitter (TW), entre outros, e o segundo idioma, depois do inglês, em publicações de textos científicos. Em parâmetros linguísticos, a língua espanhola é, conforme Gómez Torrego (2009), rica em perífrases verbais, o que nos permite interpretar distintos comportamentos linguísticos e discursivos da perífrase modal deôntica (PMD⁴) “tener que+infinitivo”. Alguns estudos sobre

¹ Doravante leia-se SUP (Superestrutura), MAC (Macroestrutura), MIC (Microestrutura).

² Disponível em:

https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_22/el_espanol_en_el_mundo_anuario_instituto_cervantes_2022.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.

³ Doravante leia-se FB (Facebook), TW (Twitter), IG (Instagram).

⁴ Doravante leia-se “PMD” (perífrase modal deôntica), com base em Gómez Torrego (2016) e Fernández de Castro (1999).

modalidade na língua espanhola se dedicaram a analisar perífrases modais sob distintas perspectivas, como os de Marcovecchio, Albano e Kaller (2014), Blas Arroyo e Porcar Miralles (2014), Durigon e Gasparini-Bastos (2015), Thegel (2017), Nogueira, Bastos e Gonçalves (2020), Fernandes (2020) Pires Neto e Pessoa (2023) e Paiva e Pessoa (2023). Considerando que os estudos já realizados não foram suficientes para descrever a perífrase em uso e em um tempo escopado no condicional, visamos aprofundar a sua descrição pragmatolinguística tendo o nível da microestrutura como ponto de partida (âmbito oracional), transcendendo sua análise aos níveis superiores do texto e considerando os planos discursivos em que a perífrase pode ser alcançada, a fim de compreender as possíveis estratégias implicadas em seu uso, inter-relacionando-a com o contexto e a situação comunicativa específicos das redes sociais.

A importância de analisar essa perífrase em um tempo verbal como o condicional constitui um fator fundamental para a expressão da modalidade determinação do grau de orientação do falante deve-se aos diversos valores que esse tempo pode representar a depender do contexto de uso (não-factual) hipotético, conjectura, rumor e cortesia (VATRICÁN, 2014), além da possibilidade de interferir nos efeitos de obrigação do modal deôntico, uma vez que o condicional pode situar a realização da ação no presente, passado ou futuro. Desse modo, o fator tempo verbal constitui uma dimensão essencial da modalidade, uma vez que, conforme Narrog (2005b), determina o grau de orientação que o falante expressa em uma determinada forma linguística.

Consideramos, ainda, oportuno analisá-la em um locus específico de produção como as redes sociais, que atualmente constitui grande interesse dos pesquisadores no que diz respeito ao estudo da linguagem e das estratégias comunicativas inerentes ao discurso digital. Ao observar que a perífrase “tener que+infinitivo” é um modal de intensa força ilocutiva usado em um ambiente virtual de interação e regulação social, onde os usuários se posicionam sobre a necessidade de ações e desejo de mudança de uma realidade, possivelmente envolverá um conflito de vontades e interferência na liberdade de ação dos outros usuários. Tendo em vista que essa tensão é ampliada pela possibilidade de anonimato tornando o ambiente mais propício a hostilidades, é atrativo pensar que o valor do condicional será de cortesia, estratégia usada para mitigar a força ilocutiva do ato de fala invasivo. No entanto, ainda que aceitemos essa possibilidade, não a tomamos como única, sendo necessário considerar os diversos aspectos linguístico-pragmáticos envolvidos no uso da PMD no condicional.

Na mesma concepção de Fuentes Rodríguez (2012), consideramos necessário analisar o tipo de discurso para se determinar uma linguagem como (des)cortês. Desse

modo, defendemos que não se pode afirmar, taxativamente, que o uso de uma perífrase modal terá seu valor de obrigação somente atenuado e com uso cortês por estar empregado no condicional, ou ainda, que expressa mera conveniência da necessidade de ação (GARACHANA CAMARERO, 2017) sem considerar os diversos contextos e situações comunicativas que as redes sociais apresentam. Portanto, elevamos a importância e a necessidade de um estudo metodológico que apreenda o comportamento linguístico e pragmático da perífrase “tener que+infinitivo” no condicional em um discurso específico como o digital, construído nas redes sociais, consideradas um lugar de fala predominantemente descortês (VIVÁS MÁRQUEZ; RIDAO RODRIGO, 2015; AMOSSY 2014; CABRAL; LIMA, 2018; CABRAL 2019; FERNANDES; CAVALCANTE, 2020; FUENTES RODRÍGUEZ, 2011; FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2008).

Por ser uma metodologia de análise mais discursiva, compreendemos que a proposta pragmatolinguística alcança os vários usos e valores que a PMD pode expressar nesse tipo discursivo, uma vez que considera o contexto em sentido amplo para estudá-la. Segundo Gómez Torrego (2009), muitos dos matizes expressos pelas perífrases verbais dependem na maioria de questões pragmáticas. Além disso, segundo Gili Gaya (1961), o modo verbal expressa a atitude do falante, desse modo, compreendemos que a PMD no condicional abrange diversos fatores linguísticos e extralinguísticos pertinentes para a compreensão da expressão da modalidade deôntica.

Ao identificar, no discurso digital, a manifestação de opiniões por meio da perífrase modal deôntica “tener que+infinitivo” no condicional, questionamos sobre “Qual o comportamento pragmatolinguístico de ‘tener que+infinitivo’ no discurso digital e o escalonamento de valores modais deônticos que poderia ocorrer ao ser conjugada no condicional?”

Considerando a perspectiva de análise pragmatolinguística em seus 3 (três) níveis, esse questionamento geral se desdobra em mais 4 (quatro) questões:

1. Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol no nível da superestrutura do modelo pragmatolinguístico?

2. Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo e sua interrelação entre os planos enunciativo-modal e informativo-argumentativo, relativos ao nível da macroestrutura, para expressão da modalidade deôntica e para a construção da argumentação no discurso digital escrito em espanhol?

3. Qual o comportamento semântico e morfossintático da perífrase modal “tener que+infinitivo”, no nível da microestrutura, quanto ao tempo verbal escopado e seu efeito na deonticidade da perífrase no discurso digital escrito em espanhol?

4. Qual a inter-relação entre os níveis da superestrutura, macroestrutura e microestrutura e o uso da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol?

Após pormenorizar esses objetivos, temos o intuito de nos certificar da hipótese geral para o comportamento pragmalinguístico da PMD “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol.

Como hipótese específica sobre o comportamento pragmalinguístico da perífrase no nível da superestrutura, supomos que ela se manifesta com maior frequência no *Facebook* ou *Instagram*, que são umas das mais acessadas e que não impõem limites de caracteres, permitindo a construção de sequências expositivas com dimensão argumentativa, a fim de se defender um ponto de vista ao impor uma obrigação. Como hipótese específica sobre o comportamento pragmalinguístico da perífrase no nível da macroestrutura, presumimos que a perífrase é mais em estruturas marcadas para evidenciar a obrigação ou um termo que seja pertinente à interpretação do usuário-ouvinte. Além disso, acreditamos que seja mais frequente em contextos descorteses como estratégia de desqualificação da pessoa do discurso e que a fonte modal é o próprio falante. Como hipótese específica sobre o comportamento pragmalinguístico da perífrase no nível da microestrutura, estimamos que quanto ao tipo de alvo, identificado na declinação de todas as pessoas gramaticais encontradas, a referência seria a 3ª pessoa do singular, como forma de amenizar a imposição da obrigação, esperamos que a perífrase seria mais usada em orações simples, em posição inicial ou final, o que daria ênfase na perífrase, supomos, ainda, que seria mais usada com a noção temporal de futuro, visto que o condicional e futuro projetam ações para o momento posterior ao da enunciação e, finalmente, pressupomos que o tipo de processo verbal seria o material, que implica ações concretas a serem cumpridas sob a imposição de uma obrigação.

Quanto à nossa hipótese geral, presumimos que a perífrase expressa, predominantemente, deonticidade e, como escopa uma noção temporal voltada para o futuro, tem com maior recorrência o valor de obrigação. Desse modo, uma vez que o usuário-falante interfere na liberdade de ação dos outros usuários, caracteriza o uso da descortesia na construção da argumentação no discurso digital, com a qual os usuários buscam na violência verbal um meio de desqualificar comportamentos ou ideias de outros usuários, como estratégia argumentativa para que uma opinião sobressaia em detrimento de outra.

Além disso, o que nos parecia provável é que, ainda que empregada no condicional, o que prevalece é a força ilocutiva da PMD em contextos de descortesia,

considerando a tendência para a violência verbal e à possibilidade de anonimato, inerente às redes sociais, conforme os estudos relatados anteriormente.

Para confirmar a hipótese geral, e admitindo a influência do contexto das redes sociais para a interpretação do comportamento da PMD, optamos por uma perspectiva de análise que contemplasse a multidimensionalidade linguística que se apresenta nesse contexto. Segundo Fuentes Rodríguez (2017), todo o entorno se reflete na língua, não havendo, pois, língua independente do contexto. Trata-se da perspectiva pragmalinguística de análise.

A análise pragmalinguística considera, pois, a situação comunicativa e o contexto social que influenciam e inter-relacionam três níveis hierárquicos do discurso, possibilitando uma visão geral de todos os elementos e categorias que estão envolvidos no uso da PMD “tener que+infinitivo” manifestada no discurso digital, que se insere em diversos contextos sociais, o que requer uma análise que compreenda o nível pragmático e atenda a complexidade da categoria da modalidade, principalmente, quando se trata de uma PMD no condicional que, geralmente, traz uma expectativa de atenuação cortês, mas que, no entanto, se realiza no discurso digital, terreno fértil para a expressão de enunciados implícitos e predominantemente descorteses, admitindo várias possibilidades de sentidos, o que justifica esse recorte específico de contexto linguístico.

Além disso, torna-se possível uma visão geral (e também uma nova visão) de todos os elementos envolvidos na língua em uso, ao compreender um estudo de gramática discursiva, que prioriza o contexto para explicar categorias linguísticas, como a modalidade deôntica, em diferentes níveis. A insuficiência das metodologias aplicadas nos últimos anos para descrição e análise linguística, nos leva a necessidade de dar conta de todos os fatores que podem influenciar o uso e o comportamento discursivo de um elemento linguístico em um lócus específico de produção como o ambiente digital.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa aspira contribuir de forma diferente no que diz respeito à observação da construção de sentidos no discurso digital por meio de elementos avaliativos como os modais deônticos manifestados nas redes sociais FB, TW e IG. De acordo com Cunha (2011), compreender um fenômeno sintático implica estudar a língua em uso em diferentes contextos, pois a gramática é constituída como um organismo maleável que se adapta a necessidades comunicativas. Dessa forma, queremos contribuir para o desenvolvimento da gramática discursiva, onde os elementos gramaticais interpretam as relações sociais que se revelam em diversos níveis do discurso inter-relacionados, aliados aos recursos tecnodiscursivos das redes sociais.

Como modo de cumprir o objetivo geral desta pesquisa, norteamos-nos pelos seguintes objetivos específicos: (i) desenvolver um estudo metodológico analítico-descritivo, para examinar e descrever a perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol, considerando os três níveis de análise pragmalinguística (superestrutura, macroestrutura e microestrutura); (ii) observar e descrever a perífrase modal “tener que+infinitivo e sua interrelação entre os planos enunciativo-modal e informativo-argumentativo, relativos ao nível da macroestrutura, para expressão da modalidade deôntica⁵ e para a construção da argumentação no discurso digital escrito em espanhol; (iii) analisar e descrever o comportamento semântico e morfossintático da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional, no nível da microestrutura, enfocando na questão temporal da perífrase e seu efeito na expressão da modalidade deôntica no discurso digital escrito em espanhol e (iv) compreender a inter-relação entre os níveis da superestrutura, macroestrutura e microestrutura na expressão da PMD “tener que+infinitivo no condicional no discurso digital escrito em espanhol.

Na execução deste estudo, utilizamos o *Corpus Macrosintaxis del Español Actual – MesA*⁶ que se constitui de materiais linguísticos coletados de diversas redes sociais, dentre as quais escolhemos para nossa análise o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*. Quanto à escolha do *corpus*, ela se justifica pelo tipo de discurso específico das redes sociais. Nesse espaço de interações comunicativas, o discurso se apresenta de maneira peculiar, uma vez que a comunicação ocorre, na maioria das vezes, sob o parâmetro discursivo do efeito ausência e do efeito *cockpit*⁷, inerentes ao ambiente virtual (PAVEAU, 2021). Esses fatores são relevantes para as escolhas comunicativas dos usuários, pois dão espaço para a manifestação deliberada de opiniões dos usuários, dentre as quais se expressam valores de obrigação ou necessidade diante de um tema do cotidiano social.

Para a análise quantitativa das 100 (cem) ocorrências da PMD foi utilizado o pacote computacional *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* (versão 22.0 para *Windows*) que constata e corrobora com a análise qualitativa, mostrando em números as ocorrências em cada categoria⁸, como, por exemplo, (i) da maior quantidade de sequências discursivas

⁵ Esta dissertação está vinculada ao projeto de pesquisa “Modalidade Deôntica no discurso digital em Língua Espanhola” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Nadja Paulino Pessoa Prata (DLE/PPGL/UFC).

⁶ Veremos um melhor detalhamento no Capítulo 5 Metodologia.

⁷ De acordo com Paveau (2021), esse efeito diz respeito a uma analogia ao cockpit de um avião lança -bombas, onde o piloto não tem nenhuma visão sobre onde vai cair a bomba, apenas a lança. Assim, o usuário da rede social é como o piloto, escondido no seu “cockpit”, num quarto, entre quatro paredes, sem ter uma visão sobre o seu alvo, pois não se identifica na rede por meio do recurso anonimato.

⁸ As categorias foram adotadas com base no macroprojeto “Modalidade deôntica no discurso digital em língua espanhola”, do qual esta dissertação se desdobra.

expositiva, narrativa e instrucional em que se realiza a PMD; (ii) da maior propensão à estrutura marcada e não-marcada; (iii) frequência de usos corteses e descorteses; (iv) maiores ocorrências quanto à multivocidade entre Locutor-Enunciador-Falante, Locutor- Enunciador-terceiro ou Locutor-Enunciador-Comunidade; (v) uma maior propensão ao tipo de alvo deôntico; (vi) maiores ocorrências quanto aos tipos de orações em que a PMD aparece e (vii) quanto à posição inicial, intercalada ou final da PMD na frase.

Quanto à estrutura desta pesquisa, dividimo-la em 7 capítulos: além desta Introdução, apresentamos três capítulos teóricos, um capítulo metodológico, que pormenoriza as categorias utilizadas para a análise da PMD, um capítulo de análise e descrição dos dados e um capítulo dedicado às considerações finais com a conclusão a respeito da análise e descrição dos dados.

Dando seguimento ao fim desta Introdução, iniciamos o Capítulo 2 que versa sobre a perspectiva teórico-metodológica de análise pragmatolinguística, sobre a qual esta pesquisa se baseia, seus níveis hierárquicos de análise e sua relação com a categoria da modalidade deôntica. No Capítulo 3, descrevemos os principais conceitos e características da modalidade deôntica e sua perspectiva na língua espanhola e a perífrase modal “tener que+infinitivo”, seu histórico de formação e seus valores semânticos. No Capítulo 4, discorremos sobre Discurso digital e argumentação e suas características, os parâmetros tecnodiscursivos envolvidos nesse discurso, as características de cada rede social analisada, descrevemos a construção da argumentação no discurso digital, argumentação polêmica e como a descortesia é usada como forma de argumentação. No Capítulo 5, discorremos sobre a Metodologia utilizada para esta pesquisa e, por fim, No Capítulo 6, dedicamo-nos à descrição dos dados onde apresentamos os resultados da nossa análise, discorremos sobre os usos da PMD no condicional no discurso digital em níveis de Super-, Macro- e Microestrutura, seguido pelo Capítulo 7 com a conclusão deste estudo.

2 A PERSPECTIVA PRAGMALINGUÍSTICA DE ANÁLISE

Nesta pesquisa de análise pragmalinguística, de perspectiva mais discursiva, o uso linguístico ganha destaque face o universo do cibergênero, o perfil dos usuários e sua representação na comunidade linguística, a modalidade, o discurso digital. São contextos marcados por maior subjetivação, polissemia, negociações de sentido, pressões pragmáticas e manipulações que carecem de uma abordagem holística, sistêmica e mais qualitativa, frente a proeminente análise quantitativa, embora não a desconsideremos.

De acordo com Oliveira (2012), as pesquisas de viés funcionalista vêm redimensionando as suas concepções a respeito do que se considera *uso linguístico*. Desde os anos 90 até o atual momento, algumas concepções se estabilizaram, no entanto, outras interfaces vêm surgindo e ampliando o leque de perspectivas interacionais. Como uma dessas interfaces, apresentamos a análise pragmalinguística que se inclina por um viés funcionalista, pois parte do pressuposto que a linguagem é um instrumento de interação comunicativa onde a sua compreensão está submetida aos fenômenos associados ao seu uso. Conforme aduz Fuentes Rodríguez (2017), a língua, em si, é nutrida pelo entorno.

Segundo Oliveira (2012), a valorização dos aspectos pragmático-discursivos, faz-se necessária por compatibilizar a dimensão gramatical à dimensão pragmático-discursiva na abordagem funcionalista, tal como a proposta da metodologia pragmalinguística, onde “(...) importa o codificado que se expressa no uso linguístico⁹ (...)” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 40).

Ainda de acordo com o autor, não é suficiente ao funcionalismo registrar um determinado processo de polissemia ou gramaticalização, requer, pois, o estudo de um conjunto de fatores que mediam o encadeamento desses processos, onde os sentidos dos elementos linguísticos podem ser redimensionados e favorecidos por estratégias interativas e condições de lócus de produção. Nossa metodologia prevê uma análise mais abrangente do *uso linguístico* considerando os fatores do discurso digital que, de modo direto ou indireto, assiste à conformação dos usos linguísticos.

Quando falamos em metodologia de análise linguística, principalmente no campo de estudo da modalidade, um dos modelos mais utilizados é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), um modelo de análise funcionalista global de interação verbal, no qual o componente conceitual de saída e o componente contextual dialogam de diferentes modos com o

⁹ Tradução nossa. Texto original: “(...) importa lo codificado que se expresa en el uso lingüístico” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 40).

componente gramatical. Esse modelo formal-funcional de arquitetura *top-down*¹⁰, que se desenvolve desde a intenção do falante até a articulação da fala, supõe que uma análise será mais eficaz ao aproximar-se do processamento linguístico tal como ocorre no falante, ou seja, a GDF tenta espelhar traços psicolinguísticos em sua arquitetura. De acordo com Hegenveld e Mackenzie (2012), a GDF busca dar conta dos fenômenos morfossintáticos e fonológicos da língua inerentes à codificação ou correlacionados a fatores pragmáticos e semânticos de sua formulação, sendo funcionalmente motivados, ponto em que a GDF é mais incisiva.

No que diz respeito aos pontos de convergência entre os dois modelos, temos a organização em níveis hierárquicos, ordenados em camadas e as funções pragmáticas de Tópico e Foco no nível interpessoal que se assemelham ao plano informativo no nível da macroestrutura (MAC) do modelo pragmalinguístico. No entanto, a GDF reconhece e atribui essas funções apenas quando possam impactar a forma linguística. Na pragmalinguística, observa-se a importância de decompor níveis e módulos, que têm sua própria organização e critérios de análise, mas, que nesse método, todos interagem entre si e com o entorno.

Segundo Hegenveld e Mackenzie (2012), a GDF não é capaz, por si só, de fornecer explicações sobre as formas de regras de causa e efeito. Além disso, Hegenveld e Mackenzie (2012) afirmam que o modelo não se preocupa com o texto, nem se interessa pela sintaxe, enquanto o texto é central em nosso modelo, pois, segundo Fuentes Rodríguez (2017), a análise linguística deve explicar a organização do texto em todos os seus componentes. Quanto à sintaxe, compreendemo-la, assim como Martelotta e Alonso (2012, p. 97), quando dizem que “(...) está a serviço do discurso, compreendido como o uso real da linguagem situações específicas de comunicação”, ou seja, a gramática não é considerada um conjunto de regras estáveis, mas se adapta ao contexto. A inter-relação entre gramática e pragmática é amplamente defendida nesta metodologia de análise, uma vez que a gramática para Fuentes Rodríguez (2017, p. 41) estudará os elementos sociais codificados na linguagem¹¹.

Conforme Hegenveld e Mackenzie (2012), na GDF não há uma atenção especial ao contexto. Na mesma concepção, Pezatti (2012) afirma que questões textual-discursivas tornam-se delicadas em modelos teóricos que não o abordam especificamente, como a GDF. Embora a arquitetura da GDF compreenda o componente contextual, esse modelo não promove uma explicação do contexto discursivo de forma global e só considera necessária essa explicação

¹⁰ Para a compreensão mais aprofundada do funcionamento da arquitetura da GDF, recomendamos a leitura de Velasco (2011).

¹¹ Tradução nossa. Texto original: “estudiará los elementos sociales codificados en el lenguaje” (FUENTES RODRIGUEZ, 2017, p. 41).

quando o contexto tem um impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais do falante. (PEZATTI, 2012, p. 113).

A pragmalinguística, por sua vez, considera o contexto significativo para a análise linguística no seu sentido mais amplo: agentes, espaço-tempo, circunstâncias psicossociais, culturais, históricas e empíricas (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 40), elementos, facilmente observados no contexto das redes sociais.

Acreditamos, assim, que a pragmalinguística constitui mais uma contribuição¹² para a descrição de um elemento linguístico no qual incide o situacional e o contexto. Além disso, segundo Fuentes Rodríguez (2009), essa perspectiva de análise é o estudo da língua considera o uso e o lugar de sua produção, onde dialoga com o funcionalismo, transcendendo a mensagem “acabada” como produto, sem os rastros de sua realização.

Essa metodologia responde a uma perspectiva mais discursiva, que compreende o enunciado, a repercussão do entorno sobre o linguístico, o modo como o linguístico se conforma discursivamente e a descrição da modalidade deôntica com o situacional, tão diversificado nas redes sociais. Uma vez que esta pesquisa analisa e descreve um objeto linguístico com enfoque no discurso digital, é fundamental que contemos com uma metodologia de análise que corresponda à realidade do uso e ao lócus de sua produção.

2.1 Modelo de análise pragmalinguístico

A Pragmalinguística ou Linguística Pragmática atua no plano de realização linguística que descreve os componentes linguísticos internos em relação com elementos externos (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 39). Para analisar e descrever a PMD “tener que+infinitivo” no condicional, construída no discurso digital, adotamos uma perspectiva pragmalinguística que reflete a conexão da língua com o entorno, permitindo assim um modelo integral de análise do produto comunicativo em uso.

Consideramos a pragmática como pedra angular nesta pesquisa de viés funcionalista. De fato, nosso objeto de estudo é um conteúdo, uma construção gramatical, que pressupõe um código e a descrição de suas regras de uso. No entanto, a pragmática, apesar de não se codificar, pressupõe estratégias, ou seja, os modos de usar as regras gramaticais, modos esses que sofrem influências de fatores extralinguísticos e que podem estar sobrepostos

¹² Ressaltamos que a pesquisa não tem a intenção de refutar a eficácia de outras teorias ou discutir, de modo profundo, as relações existentes entre a pragmalinguística e as demais metodologias de análise, qual seja a GDF ou Linguística textual, embora tenhamos a ciência que existem correlações entre tais teorias. Mas somente pontuamos alguns aspectos que acreditamos ser essenciais na pragmalinguística para a descrição do nosso objeto de estudo no discurso digital das redes sociais.

em diferentes graus e sob distintos recursos explicados pelo entorno comunicativo (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 34). Conscientes da importância dessa conjunção, adiantamos que, em nosso estudo, o gramático e o pragmático não serão descritos isoladamente, mas, seguindo a concepção de Fuentes Rodríguez (2017), em uma mútua influência e constante interação entre a parte verbal e a situacional, sendo esta a realidade do discurso¹³.

Em seu modelo de análise linguística, a Fuentes Rodríguez (2017) defende a necessidade de uma visão pragmática que analise o objeto linguístico como um todo, em interação com o contexto no qual se situa. Num elo entre texto e contexto, essa perspectiva mostra uma influência de fatores ambientais no produto linguístico que estabelece uma inter-relação de planos e níveis (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017). Além disso, Fuentes Rodríguez (2017) nos afirma que devemos compreender o texto como uma unidade linguística máxima que interage com um contexto amplo¹⁴, ou seja, temos que alargar o campo de estudo, abrangendo tudo o que influencia a língua e que se reflete nela.

Essa importância dada ao ambiente se justifica porque o contexto é o que determinará o uso da língua e as implicações nocionais ou faciais de uma enunciação linguística “porque temos de ter em conta o contexto: as circunstâncias comunicativas, externa, referencial, e a própria relação comunicativa: o contrato de fala, a relação interlocutiva¹⁵”, como nos esclarece Fuentes Rodríguez (2017, p. 48-49). Na presente pesquisa da PMD “tener que+infinitivo” no condicional, que relaciona modalidade deôntica e atenuação, cabe destacar que, de acordo com Thegel (2017, p. 172), é fundamental estudar a fundo o contexto antes de classificar o condicional como atenuante, uma vez que alguns fatores são necessários para interpretar o seu comportamento linguístico como a identificar situação comunicativa, saber quem são os interlocutores, identificar qual a possível ameaça à imagem ou qual a intenção do falante.

Portanto, a metodologia pragmática inter-relaciona todos os componentes do esquema comunicativo, o que permite a compreensão de todos os fatores internos e externos envolvidos na perífrase “tener que+infinitivo” no condicional, no discurso digital.

¹³ Consideramos o discurso, nesta pesquisa, como um evento comunicativo que toma lugar no espaço-tempo e é condicionado por ações históricas e sociais (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 39).

¹⁴ Entendemos o contexto no sentido mais amplo no qual se encontram envolvidos os agentes comunicativos, o espaço-tempo, as circunstâncias sociais, culturais, históricas e políticas.

¹⁵ Tradução nossa. Texto original: “pues que hay que tener en cuenta el contexto: las circunstancias comunicativas, externas, referenciales, y la relación comunicativa en sí: el contrato de habla, la relación interlocutiva” (FUENTES, RODRÍGUEZ, 2017, p. 48-49).

2.2 Níveis de análise pragmalinguístico

A primeira etapa metodológica, nesta análise, é segmentar os níveis do discurso. Por isso, Fuentes Rodríguez (2017) considera as contribuições da escola de Genebra, bem como segue a proposta metodológica de análise textual de Van Dijk (1992), que organiza e divide o discurso internamente em três níveis condicionados por fatores externos: superestrutura (SUP), macroestrutura (MAC) e microestrutura (MIC). Para a autora, esta multidimensionalidade do discurso é fundamental e todos os seus elementos devem ser considerados e relacionados, como esclarece Fuentes Rodríguez,

Por outras palavras, propondo uma abordagem modular onde as diferentes secções estão interligadas e interagem simultaneamente, assumindo sempre que cada estrutura é posta em funcionamento quando o orador verbaliza e leva esta entidade abstrata à realidade da comunicação¹⁶. (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 12).

Estabelecendo uma inter-relação entre todos os níveis do discurso, essa estrutura modular compreende a ordem ou organização de palavras e orações determinam o sentido do discurso (VAN DIJK, 1992). Na mesma concepção, Fuentes Rodríguez (2013) explica que esses níveis expõem uma hierarquia discursiva, ainda que estejam interligados. Por exemplo, um elemento sintático pertencente à microestrutura, que se ocupa da sintaxe, semântica e fonética, tem um determinado comportamento no seu enunciado, como o adjetivo “dichoso” em:

(1) *El dichoso aparato no quiere funcionar.*¹⁷

Apenas analisar que “dichoso¹⁸” é um adjetivo não nos esclarece seu comportamento no enunciado, mas à medida que o elevamos ao nível da MAC, esse elemento morfológico adquire outra dimensão: a modal, pois sugere a atitude e sentimentos do falante, revelando sua insatisfação com funcionamento do objeto.

Nesse caso, poderemos reconhecer, ainda no nível da MAC, o caráter argumentativo e interpretar a intenção irônica do falante, que usa um adjetivo qualitativo, mas que, na verdade, não corresponde à realidade funcional do aparelho. Por fim, se considerarmos o nível da superestrutura, os elementos funcionarão conforme o tipo de sequência discursiva e o tipo de texto. No exemplo acima, a expressão de ironia está interligada a uma sequência

¹⁶ Tradução nossa. Texto original: “Es decir, proponer un enfoque modular donde los diferentes apartados se interconectan e interactúan de manera simultánea, partiendo siempre de que toda estructura se pone a funcionar cuando el hablante verbaliza y lleva esa entidad abstracta a la realidad de la comunicación” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 12).

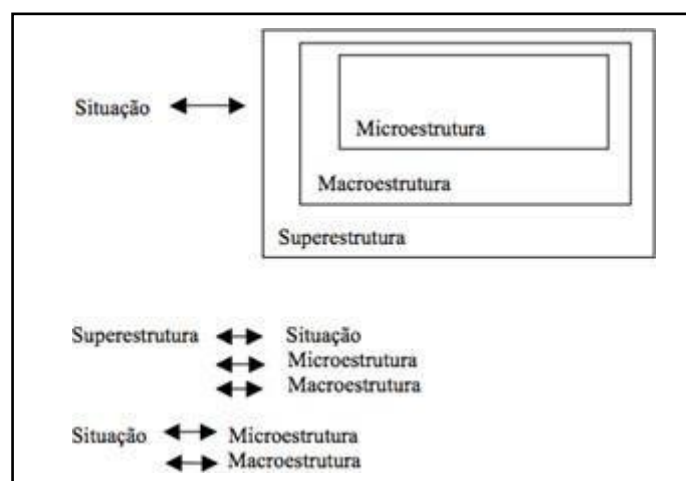
¹⁷ A numeração dos exemplos será reiniciada em cada capítulo.

¹⁸ Conforme Fuentes Rodríguez (2009), “dichoso” é um modalizador que aporta um valor negativo de menosprezo ou subestimação de algo ou alguém.

discursiva expositiva, quando se dá informações a respeito de alguma coisa, ainda que carregada de contradição.

Todos os elementos incidem sobre o texto simultaneamente, por isso a multidimensionalidade é elementar para uma análise global do elemento linguístico, considerando os condicionamentos situacionais tanto do falante como do ouvinte e do entorno comunicativo. Para Fuentes Rodríguez (2017), a análise deve ser tão multidimensional como é a realidade da comunicação. A Figura 1 ilustra como a autora compreende a estrutura hierárquica e interligada da análise pragmalinguística do discurso:

Figura 1 - Esquema de níveis e planos no discurso



Fonte: Traduzido de Fuentes Rodríguez (2017, p. 51).

Na Figura 1, observamos que a situação afeta tanto a superestrutura como a macro e microestrutura, pois é ela que determinará a tipologia textual, as unidades linguísticas adotadas e a sua organização. Segundo a autora, a superestrutura, da mesma forma, afeta a micro e macroestrutura, por exemplo, a sequência expositiva presente no discurso digital é expressa por meio de adjetivos (pertencentes ao nível da microestrutura), que por sua vez, ao passar para a macroestrutura, podem atuar como operadores argumentativos (FUENTES RODRÍGUEZ, 2013). Em cada um dos níveis, adotamos categorias de análise conforme o modelo de Fuentes Rodríguez (2017), as quais serão explicitadas nos tópicos seguintes.

2.2.1 Superestrutura

A superestrutura refere-se ao tipo de discurso a que pertence o texto e representa o esquema de como o texto se organiza, compreendida pela tipologia e sequências discursivas, considerando o texto como uma unidade máxima. Para Van Dijk (1992), a superestrutura é pertinente ao exercer o papel de organização da produção e compreensão da leitura, permitindo, ainda, o desencadeamento de determinadas expressões nos níveis da macro- e microestrutura.

Nesta pesquisa, consideramos nesse nível de análise o tipo de cibergênero, como uma unidade máxima de análise do comportamento pragmalinguístico da PMD “tener que+infinitivo”, uma vez que seu uso envolve um tipo de texto específico, o discurso digital. Dentre os diversos cibergêneros constantes do nosso *corpus*, delimitamos o FB, TW e IG, como apresentamos no capítulo de Introdução.

A depender das intenções comunicativas dos usuários dos cibergêneros, um comentário numa rede social pode ser construído com sequências discursivas homogêneas, de modo predominante, ou heterogêneas, quando formado por duas ou mais sequências discursivas, estando em uma relação de equilíbrio ou predominância. Conforme Fuentes Rodríguez (1993, p.12), as sequências podem ser narrativas, expositivas¹⁹, instrucionais, as quais adotamos como categorias para a análise da PMD “tener que+infinitivo” no discurso digital, pois a organização do modo como os usuários constroem suas opiniões nas redes sociais podem se dar sob uma sequência cronológica de fatos passados que fundamentam as avaliações sobre as condutas sociais (narrativa), sob a exposição de informações e fatos que corroborem com o ponto de vista (expositiva) ou, ainda, sob uma série de instruções sobre como os outros usuários devem agir (instrucional). Seja qual for o tipo, expositivas, narrativas ou instrucionais, Fuentes Rodríguez (2017) defende que todas possuem dimensão argumentativa. É importante saber que mesmo as sequências expositivas ou narrativas servem de preparação ou argumento para se chegar a uma conclusão ou a uma ação determinada (FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2007, p. 15).

Para uma melhor compreensão dos componentes relacionados a esse nível, de forma geral, no nível da superestrutura, consideramos o tipo de gênero discursivo, especificamente o cibergênero, como textos dialógicos ou apenas declarativos, produzidos em um espaço dedicado à construção do discurso nas redes sociais: os comentários.

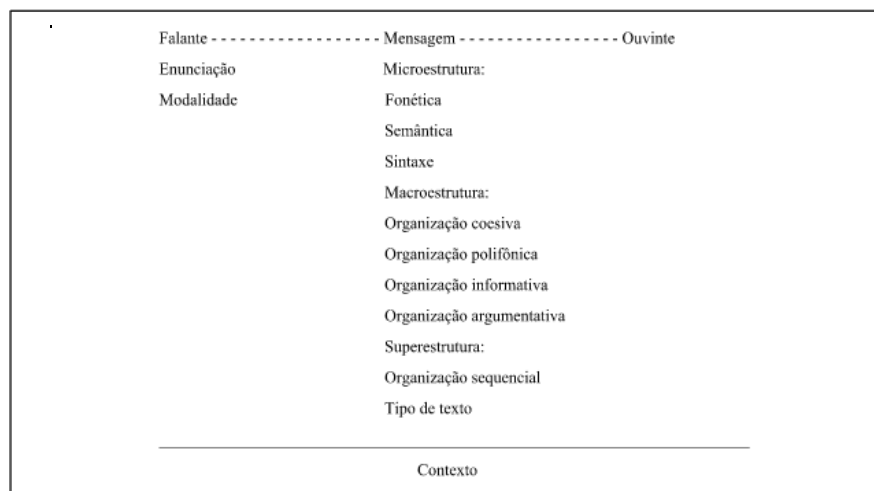
Além disso, é importante ressaltar que todos os níveis estão inter-relacionados entre si e com o contexto. Neste nível, por exemplo, a tipologia do discurso predetermina a organização dos parágrafos²⁰, estes em sequências discursivas, estas em estruturas linguísticas e tudo isto se inscreve em um contexto. Fuentes Rodríguez (2017, p. 48-49) considera como

¹⁹ Na mesma concepção de Fuentes Rodríguez (2017, p. 119), consideramos sequência expositiva como uma sequência na qual o falante reflete, expõe sua opinião sobre um assunto ou descreve a realidade do mundo que o rodeia, tendo como uma de suas características o uso de formas verbais no presente. A delimitação dos três tipos de sequências discursivas foi realizada com base em Fuentes Rodríguez (2017).

²⁰ Fuentes Rodríguez defende que é possível aplicar a noção de parágrafo a textos de diálogo, pois são formados por enunciados, como os comentários nas redes sociais, que constituem os enunciados dos usuários, sendo os critérios para delimitá-los derivados da presença de um mesmo tópico (FUENTES RODRÍGUEZ, 1993, p. 9).

contexto “as circunstâncias comunicativas, externas, referenciais e a relação comunicativa entre elas: o contrato de discurso e a relação interlocutória”. Segundo a autora, esses elementos condicionam a mensagem, pois “cada elemento linguístico tem de ser interpretado em virtude do contexto e do cotexto²¹” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 49). Além disso, a autora afirma que é pela situação, contexto e outros fatores comunicativos que podemos, por exemplo, determinar valores corteses ou descorteses nos atos de fala, os quais pertencem ao nível da macroestrutura. Desse modo, vemos como os três níveis são influenciados pela situação. Podemos compreender como o contexto e os componentes do discurso se relacionam segundo o esquema da Figura 2:

Figura 2 – Esquema da relação entre os componentes do discurso



Fonte: Fuentes Rodríguez (2009, p. 68).

Conforme vemos na Figura 2, os aspectos puramente linguísticos, fonética, sintaxe e semântica, estão integrados com outros elementos que atendem a dimensões superiores do texto, como a organização macroestrutural e a organização sequencial e tipologia textual pertencente à SUP. Segundo Fuentes Rodríguez (2009), cada produto discursivo é influenciado por componentes situacionais, que estão interligados e constituem uma polifuncionalidade das unidades.

Por exemplo, um componente linguístico, como a PMD, possui um valor sintático no nível da MIC, com todos os fatores que a definem como uma perífrase verbal, sua posição, sua noção temporal, mobilidade na oração, combinação com outros elementos e tudo isso se integra com os valores que ela pode adquirir ao passar a uma análise do ponto de vista da MAC,

²¹ Tradução nossa. Texto original: “las circunstancias comunicativas, externas, referenciales, y la relación comunicativa entre sí: el contrato de habla y la relación interlocutiva”. Según la autora, todo esto condiciona el mensaje porque “cada elemento lingüístico tiene que interpretarse en virtud del contexto y el cotexto” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 49).

constituindo um valor modal e enunciativo, ao passo que constitui valor informativo e argumentativo, a depender da intenção do falante, usada em um determinado tipo de texto.

Enquanto na MIC, observamos os aspectos relacionados à forma da PMD, na MAC podemos apreender-nos do seu conteúdo, do modo como a PMD se comporta ao passar para a camada supra-oracional, considerando ocorrendo no parágrafo e no diálogo, como veremos no tópico seguinte.

2.2.2 Macroestrutura

A macroestrutura sobrepassa o âmbito oracional e trata dos aspectos relacionados à emissão do falante a organização do texto em frases e parágrafos, a estrutura que sustenta o texto como produto final. É, conforme García Berrio e Albaladejo Mayordomo (1983, p. 145) “(...) a estrutura semântica nuclear de um texto²²”. Como a situação comunicativa também interfere nesse nível, a sua influência no texto é produzida com a intervenção dos agentes comunicativos que aparecem por meio de quatro planos que se inter-relacionam e representam a atitude do falante e do ouvinte no discurso.

Os planos enunciativo e modal marcam a inscrição e a intenção do falante (o falante deixa-se ver no seu discurso por meio da modalização) e os planos informativo e argumentativo tratam da organização e adaptação das informações com base no que o interlocutor sabe ou não sabe, bem como o modo como o falante argumenta para convencer seu interlocutor. No que diz respeito ao plano informativo, nossa análise busca motivações funcionais no uso PMD regida pela organização dos enunciados e pelo relevo que o falante pode empregar em um determinado elemento da oração que resulta em expressividade e força discursiva. Para isso, adotamos as categorias (i) Estrutura marcada e (ii) Estrutura não- marcada, decorrentes do princípio da marcação desenvolvida por Givón (1995).

Segundo o referido autor, esse princípio surge da relação proporcional entre complexidade estrutural da oração e sua complexidade cognitiva, ou seja, uma estrutura pode ser mais complexa, ou marcada, se o contexto exigir categorias que requerem maior tempo de processamento cognitivo, maior atenção e esforço mental para sua compreensão. A estrutura marcada é mais elaborada que a não-marcada e possui uma organização de informações mais destacadas que outras. Desse modo, as regras distribucionais da oração situarão o objeto linguístico (em nosso caso, a PMD) em uma posição que imprime ênfase ou focaliza alguma informação importante que revelam as intenções do falante e de seu sucesso no discurso. Em

²² Tradução nossa. Texto original: "(...) estructura semántica nuclear de un texto (...)" (García Berrio; Albaladejo Mayordomo, 1983, 145).

seu estudo sobre a organização informativa do discurso, Gutiérrez Ordoñez (1997) apresenta os recursos mais usados na estruturação informativa da mensagem, que podem dar foco e relevância em um determinado elemento, realçar uma informação nova ou conhecida, qual seja o tema e o rema, e as noções de tópicos e comentários.

Essa organização informativa do discurso, de acordo com Pérez Muñoz, Ruiz Mella, Pinuer Rodríguez e Soto-Barba (2013), tem como ponto de partida os conhecimentos e opiniões que o falante crê que o ouvinte possui (informações conhecidas) e as intenções do falante que lança mão de estratégias para convencer o ouvinte com informações novas. Essas e outras estratégias comunicativas podem ser compreendidas no plano argumentativo.

Para justificar a validade das ações expressas pela modalidade em “tener que+infinitivo” no condicional, nos concentramos no plano argumentativo do discurso, onde se revelam as intenções dos participantes da interação comunicativa. Quanto ao plano argumentativo, Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara (2007) defendem que a argumentação é uma dimensão que pode afetar qualquer tipo de texto, seja ele conversacional, jurídico, administrativo, publicitário, narrativo, e pode manifestar-se por meio de uma série de mecanismos fônicos, sintáticos e semânticos. Assim, o falante usa recursos linguísticos que permitem guiar o ouvinte a uma determinada ação. Por isso, a argumentação se define como um processo comunicativo de natureza relacional (FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2007, p. 9), pois está associada à interação discursiva entre falante e ouvinte.

Em consonância, Ficarative-Ruiz (2014) ressalta que um processo argumentativo diferirá segundo o tipo de texto, se este é oral ou escrito e se os interlocutores estão presentes ou não, e alcancem ou não um consenso e afirma que para realizar um argumento pertinente, é necessário que as razões se acomodem à situação. Como se pode esperar, os comentários avaliativos nas redes sociais constituem-se de textos escritos ou multimodais, os interlocutores não estão presentes fisicamente e, na maioria das vezes, não há um consenso entre suas opiniões. A expectativa é de que haja grande investimento em estratégias argumentativas e construções que se adequem ao discurso digital.

Baseando-nos em Fuentes Rodríguez (2012), adotamos as categorias (i) descortesia e (ii) cortesia²³ para a análise das estratégias de argumentação. Elas permitirão identificar como o falante utiliza esses fatores no discurso digital para levar o interlocutor a um fim desejado e

²³ Com base em Fuentes Rodríguez (2010), consideramos como estratégias corteses o uso de saudações, apresentações, elogios, que se referem à cortesia ritual, interrogações (perguntas retóricas) e informações/justificativas relacionadas à cortesia estratégica. Tais recursos representam normas de boa convivência e comportamento social, que, conforme Márquez (2015), fortalecem as interações sociais.

até que ponto a PMD no condicional interfere na expressão de descortesia e cortesia.

Para a autora, tanto a cortesia como a descortesia podem ser usadas para conseguir algo do ouvinte, seja por meio de agradamentos ou ataques à imagem²⁴ do interlocutor (FUENTES RODRÍGUEZ 2012, p. 53). Neste ponto, a modalidade se encontra no plano interpessoal da linguagem, onde analisamos subjetividade do falante por meio da expressão de suas emoções ao fazer avaliações e julgamentos no discurso digital com o uso da PMD. Conforme Fuentes Rodríguez (2012), as avaliações afetam a expressão dos sentimentos do falante, afetam a sua interação com o ouvinte e afetam a organização discursiva. Para a referida autora, a expressão de emoções é inadequada em situações formais, pois recorrer ao recurso emocional, indiretamente, resulta em carência de razões baseadas na lógica, servindo-se ao pretexto da manipulação. Paralelo a isso, Fuentes Rodríguez (2009a) estabelece uma relação de ida e volta entre modalidade, argumentação e descortesia. Do mesmo modo que a modalidade está a serviço da argumentação e descortesia, as expressões descorteses²⁵, em um determinado contexto, podem derivar da expressão de emoções, que como vimos é inadequada dada a possibilidade de manipulação. Fuentes Rodríguez (2012) ilustra a inadequação da expressão das emoções centrada em três tipos argumentativos ou falácias:

(a) *argumentum ad hominem*: quando o falante tenta desacreditar seu interlocutor.

(1) No sé cómo te permites presentarte aquí después de lo que has hecho. Nos has mentado a todos, has abandonado tu puesto de trabajo y, encima, culpabas a tus compañeros de la falta de producción de la empresa.

(b) *argumentum ad baculum*: quando o falante tenta convencer seu interlocutor baseado em uma ameaça;

(2) Oiga usted, no tiene derecho a tratarme así. Piénselo bien antes de hacer acusaciones, no vaya a tener una sorpresita a final de mes.

Para Fuentes Rodríguez (2012), a descortesia pode derivar da expressão das emoções. Vemos que em (2) o falante ataca o interlocutor dando várias razões para desmoralizá-lo e em (3) ele o ataca com ameaças, argumentos que provocam claramente a descortesia na interação verbal.

No entanto, o uso da emoção não se limita a argumentos descorteses. Fuentes Rodríguez (2009a) compreende a cortesia desde a sua essência, como variável das relações

²⁴ Indicamos a leitura sobre noções de imagem pública e estratégias de cortesia discursos em Costa (2021), disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/MigREN>.

²⁵ Para identificar elementos descorteses, consideramos diversos aspectos como o contexto e o grau de formalidade em que o comentário foi construído, o recurso de ironia, o léxico (palavras pejorativas ofensivas), o uso de letras maiúsculas e pontos de exclamação usados para simular grito/exaltação e a ênfase na instauração de obrigação por meio da PMD (FUENTES RODRÍGUEZ, 2010).

sociais, até o *status* que assume de mecanismo ou recurso estratégico inserido no plano argumentativo. O exemplo (4), ilustra outra perspectiva da expressão de emoções voltado para cortesia:

(c) *argumentum ad misericordiam*: quando o falante não defende um argumento, mas adere a ele por compaixão.

(3) *Hombre, no lo trates así, es un pobre hombre. Hace lo que puede.*

A partir disso, Fuentes Rodríguez (2012) revela que não há um limite taxante entre razão e emoção e nem sempre as expressões de emoções culminam em descortesia. No exemplo (4), vemos que a emoção pode levar à razão, pois a misericórdia influencia a luta contra a injustiça.

Portanto, assumindo essas possibilidades em nossa pesquisa, podemos nos deparar com diversos contextos em que a PMD pode ser usada em comentários para expressar cortesia, como também para expressar descortesia. Ambas perspectivas são importantes fatores a serem considerados para compreender o comportamento da PMD no condicional no discurso digital. No tocante à organização polifônica, destacamos a importância da multivocidade como um recurso de grande valor persuasivo na construção da argumentação. Claramente, se trata da realização de atos enunciativos, o que implica a constituição das vozes enunciativas ou a multivocidade do falante que podem condicionar as ações do ouvinte. O falante é, na teoria de Ducrot (1986), o que geralmente se denomina emissor, o qual assume três propriedades:

(a) sujeito empírico: o autor real do enunciado.

(b) locutor: o responsável pelo enunciado, que remete ao pronome “eu” e outras marcas de primeira pessoa. Enquanto o locutor é uma ficção discursiva, o sujeito se compreende como uma realidade na experiência comunicativa.

(c) enunciadore: o ser que se expressa por meio da enunciação, ainda que suas palavras possam não aparecer no discurso. É aquele quem o locutor declara como responsável pelo enunciado. Importante ressaltar que, nesse caso, a enunciação aparece como se o enunciadore manifestasse seu ponto de vista, posição ou atitude, mas não material e concretamente.

São esses papéis que, segundo Ducrot (1986), representam o fenômeno da polifonia, que estará a serviço do emissor para que este introduza no seu discurso vozes de outros responsáveis, além da sua própria voz. Em nosso modelo de análise, podemos identificar por meio do plano enunciativo quem é a fonte da enunciação, o responsável pelo dito, o que será elementar em nossa análise, pois a responsabilidade de obrigação da ação pode recair em

diferentes emissores e, assim, alcançar distintos graus de comprometimento, a depender do contexto e da estratégia argumentativa.

Baseando-se nas figuras do emissor em Fuentes Rodríguez (2004, p. 129) consideramos para nossa análise a categoria da organização polifônica, conforme o disposto no capítulo *Metodologia*, os seguintes possíveis emissores (i) Locutor-Enunciador-Falante, para marcar o sujeito como responsável pelo dito; (ii) Locutor-Enunciador-Terceiro, quando o falante usa a voz de uma terceira pessoa em seu discurso; (iii) Locutor-Enunciador-Comunidade, quando o falante usa, em seu discurso, uma ideia ou conceito compartilhados pela sua comunidade.

Por meio dessas categorias, pretendemos descobrir em que casos os usuários manifestam sua opinião ou desejo pessoal, ou fazem uma avaliação baseada em concepções compartilhadas amplamente ou se apenas reportam a opinião de um terceiro no discurso. A necessidade de diferenciar o locutor do enunciador se deve pelo fato da possibilidade de haver uma dupla expressão da modalidade (FUENTES RODRÍGUEZ, 1991, p. 97).

Para a observação do funcionamento linguístico da PMD, adotamos as categorias e variáveis expostas neste nível, mostrando a necessidade de transcender os limites da oração. Apesar disso, ressaltamos que seria inconcebível uma análise independente da sintaxe, pois “os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática estão relacionados e interdependentes” (FURTADO DA CUNHA, et al. 2003, p.29).

A gramática é concebida desde a realização, porém não elimina o estudo formal de suas unidades morfossintáticas, fonéticas e semânticas, como veremos na próxima subseção.

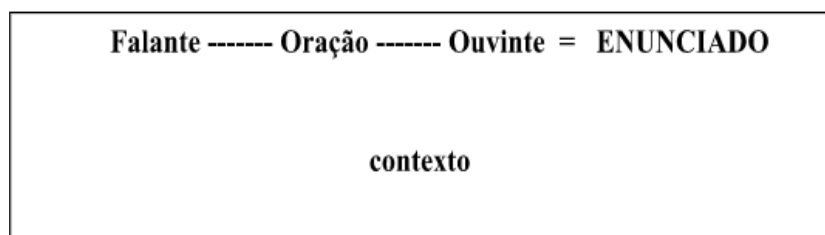
2.2.3 Microestrutura

O nível mais interno de análise pragmalinguística é formado pelas estruturas superficiais do texto, o cotexto. Assim, a microestrutura compreende a organização e a estruturação da oração: a sintaxe, fonética e semântica que nos dão informações sobre o comportamento da PMD “tener que+infinitivo” na oração. Analisaremos a PMD por meio dos comentários coletados das redes sociais, o que nos leva a considerá-los tanto como estruturas oracionais como enunciativas, a depender do nível de análise. De antemão, consideramos válido estabelecer uma breve diferenciação entre oração e enunciado, sendo a oração uma combinação de palavras que obedecem a regras sintáticas e o enunciado, a manifestação particular de uma oração (FUENTES RODRÍGUEZ, 1993).

Apesar de compartilharem um mesmo objeto linguístico, a oração e o enunciado pertencem a níveis diferentes. De acordo com Fuentes Rodríguez (1993, p.14), o enunciado se

define pelas circunstâncias da comunicação, seu significado é comunicativo, pragmático, de participação como a modalidade e a estrutura informativa. Por sua vez, a oração pertence ao nível de análise gramatical, sendo uma construção teórica de significados ligados ao valor denotativo de elementos léxico-semânticos e suas regras de combinação no sistema de signos. No entanto, Fuentes Rodríguez (1993) ressalta que essa estrutura completa de predicção só passa ao enunciado, quando manifestada por um falante que a direciona a um ouvinte: de um eu para um tu, como mostra o Figura 3:

Figura 3 - Esquema de construção do enunciado



Fonte: Fuentes Rodríguez, (1993, p. 14).

Quando uma estrutura é emitida por um falante e dirigida a um ouvinte em um determinado contexto, essa estrutura pode revelar comunicações diferentes originando diversos enunciados. Por isso, de acordo com Fuentes Rodríguez (1993), a semântica do enunciado evidencia não um significado denotativo, mas de modalidade, da atitude do falante, da intenção comunicativa e informativa. Em suma, trata-se das características dos interlocutores da comunicação.

Sob essa perspectiva, Fuentes Rodríguez (1987) nos explica que, em uma relação entre falante-ouvinte, o falante realiza duas participações em seu enunciado: a de ser consciente do ato de linguagem que comunica e a de mostrar sua atitude ao julgar, desejar ou sentir algo ante esse comunicado, sendo esta atitude revelada pela modalidade que envolve o contexto semântico-pragmático.

Mas até que alcancemos a análise e compreensão pragmática, teremos de percorrer o caminho da oração ao enunciado e a compreensão deste no discurso digital perpassando os níveis de análise do texto, como vemos na Figura 4,

Figura 4 - Esquema de análise pragmatológica



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da Figura 4, defendemos, em anuência com Vásquez Laslop (1999), que a oração como unidade mínima nos oferece um ponto de partida para o estudo de aspectos linguísticos do discurso. Em primeiro momento, observamos na sintaxe as relações que se estabelecem a partir da combinação dos elementos oracionais e, distintamente da concepção gerativista de sintaxe autônoma, a concebemos como um mecanismo para compreensão semântica e, esta, como instrumento para a apreensão da pragmática. Nesse mesmo sentido, fazemos eco das concepções de Dik (1989) cujo o entendimento de uma gramática pragmaticamente adequada é aquela que revela de que modo a organização das expressões linguísticas depende dos níveis superiores do discurso.

Para Fuentes Rodríguez (1991), o estudo da modalidade revela que ela pertence a um estrato externo à oração. Por isso, consideramos elevar o nível de análise sintática da MIC para o nível da MAC, que dá conta da organização informativa, argumentativa e polifônica, bem como ao nível da SUP, assegurando-se do contexto que influencia todos esses níveis, a fim de compreender o comportamento da PMD no discurso digital.

Detendo-se às categorias adotadas neste nível, iniciamos pelo Tipo de oração em que aparece a PMD. Conforme relatamos no capítulo Metodologia, selecionamos em nosso corpus, ocorrências da PMD apenas em orações do tipo declarativas, as quais podem ser construídas em diversas estruturas: (i) Oração simples, (ii) Oração coordenada assindética, (iii) Orações coordenadas, (iv) Oração principal de uma subordinada e (v) Orações subordinadas.

Conforme Vásquez Laslop (1999), e ao contrário do que se pode pensar, a língua espanhola também se constitui de marcas declarativas de modalidade. Tomemos como exemplo a oração declarativa com o verbo conjugado no condicional:

(1) *El gobierno **habría pactado** secretamente con la oposición*²⁶. O governo havia pactuado secretamente com a oposição.

Ainda que possamos pressupor que o exemplo (2) se trata apenas da constatação de um fato, o emissor desse enunciado se expressa por meio da forma verbal “habría pactado”, no condicional com valor de rumor, abstendo-se da responsabilidade da asserção.

Como o nível da microestrutura compreende a análise de orações, e no caso desta pesquisa, a análise de orações com ocorrência de perífrase modal, cabe tecer algumas noções sobre o que se define como oração deôntica.

Para Vásquez Laslop (1999), um enunciado com um verbo cujo operador modal principal é deôntico, é uma oração deôntica. Dentre as distintas manifestações de um operador modal deôntico, a autora sugere como definição geral que “uma oração deôntica se constitui pela forma linguística portadora de um operador deôntico e os elementos sintáticos que tal forma rege²⁷” (VÁSQUEZ LASLOP, 1999). A autora atribui algumas funções aos operadores deônticos das orações como a de:

- a) que a expressão de uma norma carregue força ilocutiva;
- b) que se possa identificar o tipo de norma estabelecida: obrigação ou direito;
- c) envolver um sujeito definido, sujeito não gramatical, mas entendido como sujeito lógico, que no caso do discurso digital seria um usuário.

Na MIC, adotamos, ainda, como categoria de análise o tipo de alvo deôntico a ser identificado pela desinência número-pessoal do verbo (i) 1ª pessoa do singular, (ii) 2ª pessoa do singular, (iii) 3ª pessoa do singular, (iv) 1ª pessoa do plural, (v) 2ª pessoa do plural (vi) 3ª pessoa do plural, as quais revelarão a relação entre os participantes do discurso e o nível de escalaridade da obrigação instaurada. De acordo com Fuentes Rodriguez (1993), a instância da enunciação nos permite saber quem é o falante ou a quem vai dirigida a enunciação (o que nem sempre vai corresponder com o ouvinte) e permite saber suas características e circunstâncias espaço-temporais onde ocorreu o comunicado, bem como a intenção argumentativa. No entanto, nem sempre podemos identificar o alvo deôntico. Isso ocorre quando o verbo auxiliar da PMD possuir a desinência número-pessoal da terceira pessoa do singular e o alvo não estiver explícito, ou ainda, não for possível recuperá-lo recorrendo ao contexto. Nesse caso, consideramos mais uma categoria nesse nível (vii) Alvo não-especificado²⁸.

²⁶ Exemplo retirado de Vásquez Laslop (1999).

²⁷ Tradução nossa. Texto original: “una oración deôntica se constituye por la(s) forma(s) lingüística(s) portadora(s) de un operador deôntico y los elementos sintáticos que dicha forma rige” (VÁSQUEZ LASLOP, 1999).

²⁸ Classificação baseada em Lyons (1977), segundo o qual o alvo deôntico quando identificado pode ser um

Considerando ainda a ordem sintática das orações, pertencente a este nível, avaliamos a categoria quanto a Posição na oração onde a PMD aparece, que pode ocorrer na posição²⁹ (i) Inicial, (ii) Intermediária, (iii) Intercalada e (iv) Final. Essas categorias nos darão informação sobre o relevo dos elementos oracionais que circundam a PMD e que refletem as categorias (i) Estrutura marcada e (ii) Não-marcada pertencentes à Organização informativa do nível da MAC.

A PMD será analisada ainda quanto à noção temporal semântica do verbo escopado. A importância dessa categoria se apoia no fato de que, segundo Matte Bon (1995), vários fatores podem influir na escolha de um ou outro tempo verbal, como: a atitude do falante a respeito do que diz; o motivo do que diz; o que pretende fazer com aquilo que diz; sua atitude a respeito do ouvinte e da situação, ou seja, elementos discursivos inerentes à modalidade deôntica. Conforme Givón (2001), o tempo é uma categoria pragmática por excelência, pois se alicerça no contexto discursivo e faz referência a um ponto externo à proposição. É também uma categoria deítica, pois aponta para a situação do evento em relação ao momento da enunciação. Diante disso, consideramos que o tempo é elementar para identificar a gradação da força ilocutiva da ação imposta pelo falante, a depender de sua possibilidade de realização.

Pontes (2012) discorre o conceito de tempo a partir de dois traços essenciais: sequencialidade, sucessão de eventos e ponto de referência, tempo do ato de fala. Para a identificação das situações na linha do tempo, o autor aponta três momentos principais: o momento da fala (MF), o momento do evento (ME) e o momento de referência (MR). Quanto às categorias relacionadas ao tempo verbal, Pontes (2012) apresenta a categoria do tipo absoluta, (presente, passado e futuro) não marcados por outro tempo, tendo como referência o momento da fala. De modo distinto, a categoria de tempo relativo, é marcada por outro tempo envolvido na situação comunicativa e requer um ponto de referência compatível com essa situação, o que consideramos ser o caso do condicional.

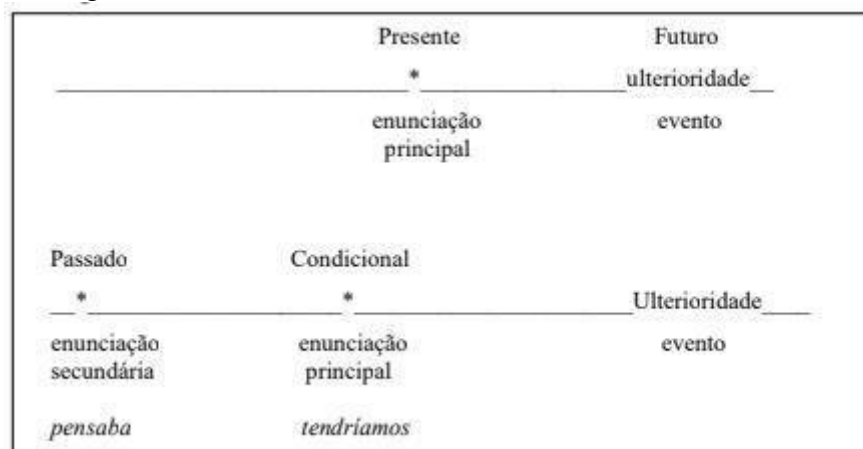
Para Matte Bon (1995), a nomenclatura condicional ou potencial se relaciona somente em parte com o emprego desse tempo e o oculta em uma espécie de parentesco como futuro do indicativo, uma vez que, para o autor, falar do futuro não é mais do que o que se considera como um tempo virtual no presente. A partir de uma perspectiva morfológica, Azzopardi (2016) explica o valor aspecto-temporal do condicional, do qual a desinência {- ía} de imperfeito do indicativo uma referência a uma situação passada, anterior ao momento da

indivíduo ou uma instituição e quando não se mostra no discurso, o alvo se classifica como não -especificado, conforme os trabalhos de Pessoa (2007; 2011), Batista (2019) e Menezes (2011).

²⁹ Categorias adotadas por Pessoa (2021) no macroprojeto do qual esta pesquisa se vincula.

enunciação. A partir dessa situação passada, o morfema {-r}, comum entre o condicional futuro, situa o evento na ulterioridade. Diante disso, cumpre esclarecer a diferença a partir do funcionamento referencial de cada um dos tempos verbais. Primeiramente, o futuro surge a partir da enunciação principal no presente, situando a realização do evento na ulterioridade, portanto, o futuro representa a instrução [+presente] [+ulterioridade]. Por sua vez, o condicional compartilha com o futuro a instrução [+ulterioridade], mas se diferencia do futuro no ponto de referência, pois possui a instrução [+passado], na qual a enunciação principal se localiza no passado e o evento é situado na ulterioridade. A Figura 5, ilustra a diferença referencial entre o condicional e o futuro,

Figura 5 – Funcionamento referencial do condicional e futuro



Fonte: Elaborada pela autora com base em Azzopardi (2016, p. 209).

Como exemplo do exposto na Figura 6, na oração “Yo pensaba que tendríamos coches voladores³⁰”, o valor do condicional pode ser descrito em duas etapas: o condicional *tendríamos* localiza o acontecimento de *tener* no passado, pois o situa antes da enunciação principal. A enunciação secundária, evento que ocorreu antes da enunciação principal é marcada pelo pretérito imperfeito *pensaba*. Diante disso, vemos que o futuro tem um funcionamento catafórico, enquanto o condicional é anafórico.

Observamos que esse funcionamento corresponde ao seu valor temporal, quando o condicional é usado como um tempo relativo, cujo enunciado possui mais de um tempo envolvido na situação comunicativa, assumindo valor temporal. Contudo, nem sempre o condicional assume esse valor, caso em que pode situar o evento em outro ponto de referência. No tocante à relação entre o tempo e a modalidade, Lyons (1977) defende que a modalidade deôntica é intrínseca ao valor de futuridade. Segundo o autor, uma verdade dita como obrigação se refere a um mundo posterior ao do momento da enunciação. Numa concepção pragmática,

³⁰ Exemplo retirado de Azzopardi (2016).

para Vatrican (2014), a futuridade não é entendida como um simples fato temporal com independência das ações do ser humano, mas sim uma futuridade modal obrigatória, já que o ser humano é responsável pelo seu próprio futuro e pode modificá-lo de acordo a partir de suas ações no presente.

Da mesma forma que Lyons (1977), Garachana Camarero (2017) posiciona o valor de obrigação no tempo futuro, projetando-se sempre no momento posterior ao da enunciação. Considerando a relação de proximidade do tempo futuro com o condicional inferimos que pode haver um comprometimento no sentido deôntico da PMD, tanto por causa de sua polissemia como pelo fato de, segundo Garachana Camarero (2017, p. 273), o valor prospectivo (futuro/condicional) da perífrase “tener que+infinitivo” coloca o sentido deôntico em segundo plano. Podemos ter mais noção dessa nuance, quando comparamos a perífrase “tener que+infinitivo” conjugada no presente do indicativo, no qual o sentido de obrigação demanda urgência em seu cumprimento, sem hipóteses ou margem para que seja realizada posteriormente. Considerando o devido aprofundamento no estudo do condicional e o quanto esse tempo verbal representa para a compreensão do escalonamento de valores modais, faz-se essencial analisar os valores semânticos e pragmáticos envolvidos no uso do condicional. Matte Bon (1995) nos apresenta os valores do condicional nas seguintes situações:

a) Quando se refere ao passado cronológico, expressa hipótese no momento da enunciação sobre algum fato no passado:

(1) *Quién sabe por qué no llegaron anoche...
Ya sabes cómo son...**Saldrían** tarde, y **perderían** el tren³¹.*

Conforme Matte Bon (1995), o condicional aparece, geralmente, em orações subordinadas na função de complemento de um verbo que expressa suposições do falante como creer, imaginar, suponer:

(2) *¿Cómo es que Ernesto no vino ayer a casa de Carmen? No sé, pero me imagino que **estaría** trabajando.*

b) Quando se refere ao futuro com respeito a momentos passados, ocorre em relatos, na forma de estilo indireto, como quando alguém conta coisas já ditas anteriormente:

(3) *Este mismo año, nuestro autor se volvió a España, donde **moriría** pocos meses después.*

³¹ Ejemplos retirados de Matte Bon (1995, p. 44-45).

c) Quando se refere ao presente cronológico, o falante quer apresentar um fato como irreal, porque depende de condições que não se cumpriram:

(4) *Si viviera en Madrid, **saldría** todas las noches.*

d) Quando suaviza determinadas afirmações para que não pareçam enfáticas:

(5) - *Oiga, ¿puedo hablar con usted un momento?*

-*Sí, pase, pase...*

-*Es que mañana **necesitaría** tener la tarde libre, es que...*

Por sua parte, Azzopardi (2011) destaca seis usos do condicional em espanhol: dois usos temporais e quatro modais, conforme os exemplos a seguir:

(i) Temporais:

- Ulterioridade subjetiva no passado: *Pedro dijo que vendría.*

- Histórico (ulterioridade objetiva no passado): *Un año más tarde sería presidente, en 1995.*

(ii) Modais:

- Hipotético: *Si te fueras, estaría contento.*

- Atenuativo: *¿Podrías darme un poco de pan?*

- Conjectural: *Cuando lo conocí, él tendría 20 años.*

- Citativo: *Según El País, el Presidente estaría en Estados Unidos.*

De acordo com Azzopardi (2011), o condicional é fruto do processo de gramaticalização a partir de uma perífrase latina que deu lugar à forma sintética que conhecemos hoje e que, por sua vez, deu lugar a vários usos, principalmente, usos modais. No caso dos valores modais, a mesma classificação é adotada por Vatrican (2014): o não-factual, o de conjectura, o de rumor e o de cortesia ou atenuação para compreender de que forma se manifesta a modalidade nesses quatro valores. Para a autora, a flexão do condicional “{-ría} opera com um modal hipotético de duas formas distintas. Com respeito aos valores não-factual e de cortesia/atenuação, o morfema -ría desloca a situação presente a um mundo de possibilidades, estabelecendo alguma condição. Já os valores de conjectura e rumor, o morfema atua como operador epistêmico de hipótese, desloca a situação presente a um mundo possível, sem definir nenhuma condição.

Para Vatrican (2014), somente podemos definir uma construção como hipotética a partir de fatores pragmáticos, uma vez que gramaticalmente, os valores tanto das construções

potenciais, quanto das construções *irrealis* são condicionais, contudo, pragmaticamente, algumas serão hipóteses potenciais e outras não. Tal condição, justifica a metodologia de análise pragmalinguística que estuda os modos de uso das regras sintáticas, ampliada por fatores e recursos extralinguísticos inerentes à língua em uso. Para Silva- Corvalán (1995), cada valor do condicional se determina pelo tipo de modalidade expressa. Conforme a autora, em casos de modalidade radical, o condicional implica uma interpretação de conselho ou obrigação atenuada ou pode expressar menor grau de compromisso com relação à veracidade da proposição nos casos de modalidade epistêmica.

A primeira impressão de que o condicional se trata puramente de cortesia é fortemente atrativa. De acordo com Thegel (2017), a perífrase “tener que+infinitivo” no condicional é muito menos utilizada em comparação à “debería”, devido a sua maior força ilocutiva. Para a autora, o uso do condicional não é usado para a expressão de cortesia taxativamente.

Apesar de haver um entendimento comum de que a cortesia é cultural, segundo Briz Gómez (2018), ela pode variar numa mesma língua e cultura a depender da situação, do gênero discursivo, das características dos participantes e do papel que eles desempenham na interação.

Assim, podemos perceber que a cortesia não tem um comportamento definido numa interação, o que nos leva a investigar como o condicional se comporta mesmo em situações desfavoráveis à atenuação, como a expressão de obrigação por meio de modais deônticos e de ofensas explícitas no discurso digital. Matte Bon (1995), na mesma concepção de Gili Gaya (1961) e Bello (2004), considera que existe uma linha tênue entre o condicional e o futuro, pois este também confere predicados virtuais. Contudo, enquanto o futuro só faz referência ao presente ou futuro cronológico, o condicional pode funcionar em diferentes níveis e distintas funções tanto em relação com o presente, com o futuro ou com o passado cronológico.

Diante disso, quando refletimos sobre o aspecto dos valores modais e temporais sobre o qual incide a modalidade deôntica no condicional, supomos a não estabilidade do efeito de sentido dos modais deônticos, tendo em vista que o estado-de-coisas que envolve a obrigação pode se estabelecer no presente, no passado ou no futuro. Soma-se a isso, outras nuances intrínsecas ao nosso objeto de estudo como os tipos de processos verbais imbuídos no verbo auxiliado da perífrase o que também podem incidir sobre o comportamento da PMD. Por isso, adotamos como categoria de análise da PMD o (i) Presente, (ii) Passado e (iii) Futuro.

Como última categoria adotada neste nível da MIC, analisaremos o tipo de processo verbal do verbo escopado, com base em Halliday (2004), podendo ser (i) material,

(ii) mental, (iii) relacional, (iv) existencial, (v) verbal e (vi) comportamental. As referidas categorias tratam de experiências do indivíduo projetadas em ações verbais, dependente do contexto de uso.

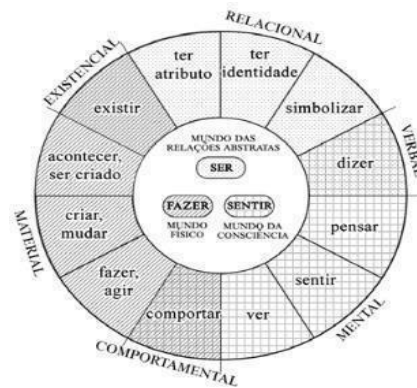
Para Halliday (2004), a linguagem é um instrumento para construir significados, sejam estes experienciais ou associados ao estabelecimento das interações sociais, onde as escolhas linguísticas são determinadas pelos diversos contextos em que é usada. A partir desses usos linguísticos, três tipos de significados são possíveis: o significado experiencial, que expressa as experiências do indivíduo sobre o mundo, ligado à metafunção ideacional; o significado textual, organização e inter-relação das ideias, ligado à metafunção textual, e o significado interpessoal, que se trata do uso da língua na interação com outros indivíduos, ligado à metafunção interpessoal.

Conforme Halliday (2004), o sistema de transitividade³² constrói o mundo de experiência num conjunto controlável de tipos de processos. Nesse sistema, estão presentes seis tipos de processos³³ que refletem a experiência humana, tendo três como principais: os processos materiais, em construções de sentenças com verbos de ação, os processos mentais, representando emoções, sentimentos, percepções, afeições e dimensões cognitivas, e os processos relacionais, representando relações de identificação e caracterização, como ser, parecer, estar. Quanto aos processos secundários temos: os verbais, comportamentais e existenciais, situados na fronteira entre os principais. Na Figura 6, ilustramos o sistema de transitividade,

³² Para Halliday, o sistema de transitividade traduz a noção de extensão a outra entidade como ocorre com os verbos transitivos, onde os seus efeitos são levados a outros participantes, diferente com o que ocorre com os verbos intransitivos não possuem extensão. Desse modo, a transitividade determina os distintos tipos de processos reconhecidos nas experiências humanas e as estruturas por meio das quais esses processos são expressos.

³³ Essas categorias não foram adotadas no macroprojeto, sendo mais uma contribuição trazida nesta pesquisa.

Figura 6 - Tipos de processos verbais de Halliday



Fonte: Retirado de Miranda (2016), adaptado de Halliday (2004, p. 172).

Em suma, os processos materiais se relacionam à experiência externa por ações e eventos que implicam o fazer e o agir, concretamente. Por sua vez, os processos mentais, tratam das experiências internas do indivíduo como lembranças, pensamentos, emoções, reações. Nesses casos, vários autores defendem a relação entre expressões inferenciais com o uso de verbos cognitivos em estreita relação com a modalidade epistêmico-evidencial defendida por Thegel (2017). Os processos verbais referem-se aos dizeres, engendrados internamente e expressos externamente por meio da fala, situando-se entre os processos materiais e mentais. Os processos existenciais implicam a existência de um indivíduo, localizado entre os materiais e relacionais.

A importância de mostrar essa categoria na forma circular, como na Figura 6, ilustra uma das características do sistema de transitividade na qual a relação entre os processos não é prioritária nem hierárquica, mas de continuidade, como no círculo.

Para atingirmos os objetivos propostos nesta pesquisa, buscamos conhecer a influência da enunciação na mensagem, a subjetividade, seus fins retóricos, o nível de relevância da informação do contexto na qual o enunciado é produzido, o que, de acordo com Fuentes Rodríguez (2009), são importantes para interpretar a relação entre os fenômenos linguísticos e pragmáticos, neste caso, relacionados à modalidade.

3 MODALIDADE DEÔNTICA EM ESPANHOL

“Todo enunciado diz algo, mas o diz de certo modo.” (VOGT, 1980)

Nossa fala reflete nossas impressões sobre o mundo que nos cerca, apresentando um determinado grau de modalização. Diante disso, considerando o objetivo de descrever e analisar o comportamento da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional e, com base na carga semântica de obrigação e necessidade engendrado nessa perífrase (GÓMEZ TORREGO, 2016; FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999, GARACHANA CAMARERO, 2018), esta pesquisa tem como intuito de análise o aspecto da Modalidade Deôntica.

Etimologicamente, o termo *deon*, significa aquilo que é obrigatório e que orienta os atos realizados por agente moralmente responsáveis (LYONS, 1977, p. 823). O autor compreende a modalidade deôntica tendo a conduta como eixo para a permissão ou obrigação daquilo que é legalmente admitido por um grupo social, com base em regras e normas adotadas por essa comunidade. Entendemos a modalidade a partir da noção de *modus+dictum* compreendidas na composição do enunciado, no qual o *dictum* corresponde ao conteúdo do enunciado e o *modus* à atitude do sujeito ante esse conteúdo, ou seja, conforme afirma Martín Zorraquino (1998), a modalidade marca a diferença ou limite entre o dito e a atitude subjetiva do falante diante de um enunciado.

Conforme Neves (1996), a modalidade trata-se de um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade, o que significa assumir a existência de enunciados modalizados. A atitude subjetiva manifestada no enunciado, revela seu caráter interpessoal. De acordo com Prata (2007), esse caráter compõe a modalidade deôntica, pois o falante visa a modificação da informação pragmática em seu ouvinte, induzindo-o a uma determinada ação. Em interação com o meio, o falante toma como base as regras sociais para fazer suas avaliações daquilo que é legal e moralmente aceito e manifestá-la como a imposição de uma obrigação de uma determinada ação por parte do interlocutor.

Com respeito à concepção da modalidade deôntica na língua espanhola, Fuentes Rodríguez (1991) a compreende como a expressão gramatical da atitude do sujeito falante ou outro sujeito pensante diante do conteúdo do que foi enunciado. Para a autora, a modalidade é uma categoria da enunciação. Em uma leitura de Gardies (1983), Fuentes Rodríguez (1991) apresenta duas concepções distintas de modalidade. A primeira diz respeito ao fato do conteúdo da proposição se modificar pela ideia de necessidade, impossibilidade ou contingência. E a segunda ideia, majoritária, defende que o conteúdo da proposição pode se modificar em

qualquer sentido. A oração ou um verbo adquire valor modal quando descreve uma situação que se dá em outro mundo que não é o atual, mas um mundo possível (Vatrican, 2014, p. 241). Diante de várias definições existentes sobre o conceito de modalidade, Fuentes Rodríguez, (1991) prioriza o discernimento da atitude do falante diante do dito, por isso, enfoca a necessidade de considerar três níveis de entendimento: a enunciação, como a constituição do ato de dizer, a modalidade, atitude ou visão do falante diante do que diz, e o *dictum*, o conteúdo da enunciação. Essa precisão ajuda a esclarecer os limites dessa categoria. Para Fuentes Rodríguez (1991) a modalidade atua sobre toda a comunicação, supondo a expressão da atitude do falante diante de tudo o que informa. Conforme a autora, para uma estrutura linguística ser considerada modal, deve incidir sobre uma proposição inteira, seja ela explícita ou implícita, bem como o critério que considera o enunciado.

Fuentes Rodríguez (2012), considera-a como uma dimensão pragmática e que se manifesta por meio de modalizadores, que vão atuar no enunciado mostrando a subjetividade do falante, empregada com um fim argumentativo. A autora traz o conceito de modalidade dentro da pragmalinguística como “uma variável codificada nas línguas, que atua no plano da realização linguística, marcando a relação com o falante” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2012, p. 52). O *modus+dictum* compõem o enunciado, sendo que o *modus*, segundo Fuentes Rodríguez (1991), constitui, caracteriza e define o enunciado realizado, atuando como um marcador linguístico.

Fernández de Castro (1999), admite uma escala gradual nos valores deônticos de “tener que+infinitivo”, da qual implica um forte compromisso do falante por meio desse modal. Admitindo a possibilidade de haver sobreposição de valores engendrados na perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional, é conveniente apresentar, brevemente, outras classificações existentes da categoria modalidade como a evidencial, epistêmica, volitiva e dinâmica.

No tocante à modalidade evidencial, conforme Batista (2019) e Vidal (2021), está relacionada com a fonte da sentença e constitui uma importante estratégia discursiva, pois confere distintos recursos nos quais o falante se apoia para inscrever a fonte e o modo como obteve a informação expressa em seu enunciado. Enquanto na modalidade epistêmica, o falante expressa o conhecimento que possui sobre o mundo real, na modalidade volitiva, o falante expressa seus desejos (OLIVEIRA, 2017).

No que diz respeito a relação entre modalidade deôntica e volitiva, Oliveira (2021) defende que estas se diferenciam nos valores modais, na natureza do enunciado modalizado e na qualificação modal. Para o autor, a modalidade deôntica é uma imposição

volicional, enquanto a modalidade volitiva é um ato volicional.

No que diz respeito à modalidade deôntica e epistêmica, apesar de reconhecer uma afinidade entre ambas, no que diz respeito ao aspecto subjetivo e não-factual, Palmer (1979, p. 36-37) inclui a modalidade dinâmica como outra distinção entre a epistêmica e deôntica, estando relacionada com conceitos de habilidade e capacidade do falante.

No tocante à modalidade dinâmica, Thegel (2017) aponta que sua diferença com a deôntica se situa na fonte da necessidade, onde os usos deônticos tratam-se de uma situação desejada seja pelo falante ou outra fonte que expresse uma necessidade, enquanto os usos dinâmicos descrevem necessidades inevitáveis, reclamadas por força das circunstâncias, cujo cumprimento afeta negativamente ao sujeito modal. Consoante Pessoa (2007), as expressões que atribuem capacidade estão a serviço da modalidade deôntica.

3.1 A fonte e o alvo da oração deôntica

Para Vásquez Laslop (1999), um enunciado com um verbo, cujo operador modal principal é deôntico, define uma oração deôntica. A autora conceitua a oração deôntica como as formas linguísticas portadoras de um operador deôntico e os elementos sintáticos que essa forma rege. Quando um ato verbal deôntico manifesta-se como um ato performativo, o operador modal cobre todo o enunciado. Para a autora, esse operador modal só expressará força ilocutiva quando o seu alcance semântico cobre todo o enunciado, quando se trata de um ato performativo do tipo prescritivo ou normativo. Diante disso, é necessário que haja um portador de força ilocutiva que expresse uma norma, o tipo de norma estabelecido, obrigação ou direito, e o envolvimento de um sujeito definido, um sujeito lógico (VÁSQUEZ LASLOP, 1999, p. 95).

Desse modo, oração deôntica, cujos elementos formalizam linguisticamente os aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos, permite analisar a modalidade e a relação entre os participantes denotados pela predicação em um estado de coisas referido na proposição. No nível do enunciado, o falante estabelece uma relação modal entre ele, como autoridade que proíbe, permite ou obriga, e o ouvinte como destinatário da proibição, permissão ou obrigação.

Segundo Coracini (1991), em todo enunciado há uma relação entre o enunciador e o seu enunciado, ou seja, todo enunciado contém um dictum (um dito/ um conteúdo proposicional) e um modus (uma modalidade, um ponto de vista do enunciador frente ao que ele enuncia). No que diz respeito à modalidade, Lyons (1977) assume a importância da noção da fonte deôntica como um conceito-chave para o reconhecimento da modalidade deôntica. Uma das características da modalidade deôntica, desenvolvidas por Lyons (1977), é o reconhecimento de uma fonte que instaura uma necessidade que recai sobre um alvo deôntico,

sendo a este dirigido o valor deôntico.

Para a compreensão da relação envolvida entre os interlocutores na expressão desta categoria, cumpre esclarecer a distinção entre a fonte e o alvo deônticos. Conforme Pessoa (2011), a fonte e alvo deôntico são elementos que surgem da interação comunicativa, na qual podemos observar enunciados deonticamente modalizados. Essa interação entre dois participantes pressupõe uma hierarquia de ações comunicativas distintas, advindas de um tipo de controle humano sobre os eventos, conforme Neves (1996). Verstraete (2005) distingue a fonte modal como aquele que usa de autoridade para impor uma obrigação ou conferir uma permissão a um agente modal. Por sua vez, esse agente modal seria aquele do qual se espera a realização dessa ação ou cumprimento da obrigação instaurada pela fonte, desde que ele reconheça a autoridade do falante ou da força ilocutiva do ato de fala (LYONS, 1977).

No entanto, a assimilação exata da fonte deôntica nem sempre é possível, o que exige uma interpretação aliada ao contexto discursivo amplo, pois depende de fatores pragmáticos (PESSOA, 2011, p. 54). Além disso, com base em Nuyts (2010), Thegel (2017) afirma que, em casos prototipicamente deônticos, a fonte deôntica (a qual nem sempre coincide com o falante) em vez de obrigar, permitir ou proibir, pode apenas realizar uma avaliação ante um estado-de-coisas, conforme sejam as regras morais compartilhadas. Em nossa análise, o reconhecimento da fonte se dará por meio do recurso polifônico, como veremos em 6.2.3.

Sabemos que a imposição de uma ação por parte da fonte é advinda de condutas morais ou legais, mas, consoante Prata (2007), também pode advir de compulsão interna do falante, em seu desejo de como uma pessoa deve atuar ou como um estado de coisas deve ser, fato que nos leva a ponderar que a natureza da obrigação depende, além de aspectos estritamente linguísticos, da cultura adotada por um povo.

De acordo com Prata (2011), o alvo ou meta (*target*) é o responsável pela realização do evento imputada pela fonte deôntica, uma vez que está relacionado à parte do enunciado modalizado (PRATA, 2011). Sob essa ótica, observa-se que o caráter da modalidade deôntica exige que o agente da avaliação modal seja naturalmente um alvo humano que, conforme Menezes (2011), permite ser caracterizado pelo traço [+controle]. Contudo, é possível que o alvo seja indicado de distintas formas, direta, indireta, e não indicada, que em nossa análise corresponde ao alvo do tipo não-especificado, sendo este inferível pelo contexto discursivo ou por meio de um processo metonímico, como veremos na análise, em 6.3.1.

No tocante ao traço [+controle], Gasparini Bastos (2014) adota esse critério como parâmetro para a leitura da modalidade volitiva ou deôntica: a ausência do traço [+controle] envolve a referência a um estado-de-coisas impossível de acontecer, caso em que a modalidade

deôntica cede lugar a uma leitura volitiva.

Quanto à relação entre a fonte e o alvo deônticos e o reconhecimento do evento, Vásquez Laslop (1999) afirma que a fonte é a que caracteriza um evento³⁴ como real ou irreal. Em eventos primários, a fonte é, geralmente, o falante, quem o identifica como real, ou o impõe ao ouvinte ou nega sua responsabilidade. O alvo, a quem chama de “meta”, é o participante imputado da realização do evento, sendo tipicamente identificado pelo sujeito gramatical. A autora ressalta que a modalidade deôntica exige uma fonte de obrigação:

(1) *Te permito quedarte en la fiesta hasta las 3 de la mañana*³⁵.

No entanto, conforme Vásquez Laslop (1999) o evento pode também ser imposto sem a expressão da fonte:

(2) *Puedes quedarte en la fiesta hasta las 3 de la mañana.*

Ou ainda sem a fonte e o alvo “meta”:(3)

(3) *No fumar.*

Por isso, a autora entende a modalidade como um sistema de relações. Podemos observar que a modalidade deôntica, como prototípico de toda modalidade, articula relações entre os participantes da enunciação com os participantes do enunciado, o que justifica a importância de reconhecer a natureza desses participantes e de suas relações com a semântica dos verbos que comandam o enunciado. Além disso, conforme Vásquez Laslop (1999), como os verbos se atualizam na enunciação, as relações dos participantes também se modificam, conforme vimos nos exemplos (1-3).

No que diz respeito ao grau de comprometimento do falante ao expressar suas avaliações, podemos ter três níveis de comprometimento, como veremos na subseção 3.1.1.

3.1.1 Modalidade deôntica objetiva, subjetiva e intersubjetiva

A distinção entre modalidade deôntica objetiva, subjetiva e intersubjetiva segundo Lyons (1977), envolve os graus de comprometimento do falante. Quanto à subjetividade, ela é entendida, de acordo com Benveniste (1991, p. 288), quando o locutor sepropõe como sujeito do enunciado, tendo a linguagem como condição para assumí-lo.

De acordo com Palmer (1986), a modalidade deôntica constitui um aspecto de vontade, elemento de desejo expresso pelo falante que confere a um agente modal a satisfação

³⁴ O evento é considerado como um acontecimento linguístico, conforme Vásquez Laslop (1999, p. 45).

³⁵ Exemplos (1-2) foram retirados de Vásquez Laslop (1999, p. 46).

desse desejo. Lyons (1977) subdivide a modalidade deôntica entre objetiva e subjetiva, que flutua entre o comprometimento pessoal do falante e o seu não comprometimento, respectivamente. Conforme o autor, a modalidade deôntica subjetiva consiste na desejabilidade de ocorrência de um evento, enquanto a modalidade deôntica objetiva está relacionada a afirmações sobre a existência de obrigações.

Verstraete (2001) considera o valor subjetivo da modalidade deôntica, quando a atitude do falante se coloca frente a necessidade ou permissividade de uma ação e o valor objetivo quando essa atitude apenas descreve a existência da necessidade da ação, sem que o falante envolva seu ponto de vista. Na mesma concepção de Lyons (1977), Vázquez Laslop (2001) considera que a distinção entre subjetividade e objetividade mora no comprometimento ou não comprometimento do falante diante do enunciado.

A diferença entre a modalidade objetiva e subjetiva pode estar, ainda, relacionada com a fonte interna ou externa. Segundo Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Vázquez Laslop (2001), quando a fonte da avaliação é externa, trata-se de modalidade objetiva, pois não envolve uma opinião. Por sua vez, quando a fonte da avaliação parte internamente do falante, compreendemos como modalidade subjetiva.

Para Almeida (2010), a objetividade na modalidade se baseia na inexistência de elementos discursivos como inferências, elementos dêiticos e modais. Já a subjetividade é verificável e expressa as atitudes e julgamentos do falante na realização do discurso que, segundo Verhagen (2005), é onde os falantes percebem a si próprio.

Segundo Batista (2019), assim como Briz e Albeda (2013), o aspecto intersubjetivo da modalidade deôntica está relacionado ao afastamento ou descomprometimento do falante com o dito e conseqüente aproximação com o ouvinte. Entendemos que isso possa ocorrer, porque o falante se alicerça em princípios e normas adotadas por um grupo de pessoas, de modo a respaldar sua opinião e com isso ganhar maior adesão de seu ponto de vista. Para Vázquez Laslop (1999), o conceito de intersubjetividade não representa uma posição do falante, mas uma propriedade advinda de qualquer relação social, que desempenha a função de legitimar e validar um ponto de vista baseado em atos de fala deônticos, além de implicar a gradação dos aspectos subjetivo e objetivo do ato discursivo. Sob a perspectiva de valores objetivos, subjetivos e intersubjetivos até aqui discutidos e, considerando o grau de comprometimento do falante para o estabelecimento desses valores, Fernández de Castro (1999) tece algumas observações relacionadas à perífrase “tener que+infinitivo” e os fatores de obrigação interna e externa, relacionados à objetividade e subjetividade.

Segundo o autor, o fato de o falante realizar concessões por meio dessa perífrase,

implica o sentido de “una pequeña derrota” e por isso seria “sorprendente” mostrá-la como algo ético ou objetivamente necessário. Para Fernández de Castro (1999, p. 186), uma concessão vem imposta pelas circunstâncias e não pedidas por elas, por isso se torna difícil a interpretação sobre a fonte deôntica e os valores instaurados. Conforme o exemplo dado pelo autor, dizer que um réu “tem que pagar suas contas” mostra uma obrigação como uma imposição externa, a qual não envolve o falante como sujeito deôntico, pois se trata de uma norma social de que todos participam, da qual o falante apenas compartilha, logo, não se trata de uma regra criada e imposta por ele. De outro modo, quando se diz “deve pagá-las”, abre-se uma possibilidade de considerar a obrigação como algo necessário ou conveniente para todos, visto que também é para o falante. Em suma, para Fernández de Castro (1999) e, também Palmer (1979), usos objetivos se relacionam com a modalidade dinâmica.

Esses valores identificados na modalidade deôntica contribuem em nossa pesquisa para a identificação dos papéis assumidos pelo falante e outras funções que este pode acumular no seu discurso, como veremos no tópico Organização polifônica em 6.2.3.

3.1.2 Formas de expressão da modalidade deôntica em espanhol

Na língua espanhola, a modalidade pode se revelar em diversas formas linguísticas. Fuentes Rodríguez (1991) compreende a modalidade manifestada na oração por meio de recursos entonativos, semânticos e sintáticos, elementos fonológicos como entonação e a ordem da oração, mostrando informações mais ou menos marcadas, o que será analisado quando elevarmos a análise da oração do nível da MIC ao nível da MAC.

Conforme Fuentes Rodríguez (1991), tais recursos podem aparecer explícitos ou implícitos. Na modalidade explícita, vemos a atitude do falante, atendendo a concepção de modalidade defendida pela autora, que é a de apontar a visão do construtor da comunicação com respeito àquilo que determina ao seu ouvinte, e não como uma mera avaliação ou subjetividade. Além disso, as marcas de modalidade devem apresentar um comportamento sintático interno ao *dictum*, uma vez que sua função sintática e sua função enunciativa não se encontram no mesmo plano. De acordo com Vásquez Laslop (1999), a modalidade é explícita quando o sujeito da enunciação coincide com o sujeito da oração e implícita quando o sujeito da enunciação não aparece na oração, sendo a modalidade expressa na sintaxe do dito (VÁSQUEZ LASLOP, 1999). Para dar conta das distintas intenções comunicativas do falante e do referido fator implícito, Vásquez Laslop (1999) ressalta que a modalidade deôntica não se restringe somente à categoria do verbo, mas também pode se manifestar formalmente em outras categorias:

- (a) marca morfológica ligada ao verbo principal da oração: tempo futuro e presente do indicativo;
- (b) marcas lexicais: verbos modais plenos como permitir, obrigar, proibir ou auxiliares modais como “dever” e “poder”;
- (c) nominalizações: obrigação, direito, prerrogativas; adjetivos e advérbios com valor deôntico: correto, incorreto, permissivo, obrigatório.

Por sua vez, Grande Alija (2002), entende a modalidade como uma categoria semântica que se manifesta das seguintes formas: (iv) procedimentos léxicos: como adjetivos, substantivos, verbos modais, advérbios e locuções adverbiais; (v) procedimentos morfológicos (modo e tempos verbais); (vi) procedimentos suprasegmentais (entonação); (vii) interjeições.

No tocante à obrigatoriedade em espanhol, Fuentes Rodríguez (1991) exemplifica que esta pode ser marcada por advérbios, como necessariamente, obrigatoriamente, por vocativos, interjeições e perífrases verbais, como “tener que+infinitivo”.

Em nossa pesquisa, buscamos descrever e analisar essa perífrase modal no condicional como uma das formas de expressão da modalidade deôntica na língua espanhola, sendo necessária uma pesquisa rigorosa o suficiente que permita compreender seu comportamento nos variados usos no discurso digital. Conforme Gómez Torrego (1988), o espanhol é uma língua rica em perífrases verbais, sendo uma oportunidade desafiadora para a descrição de uma categoria de difícil e confusa definição, tanto conceitual como estrutural, além das divergências a respeito de seu processo de gramaticalização que encontramos em diversos autores, como veremos em na Seção 3.2.

3.2 A perífrase modal deôntica “tener que+infinitivo”

Para Fernández de Castro (1999) é unânime que a perífrase expressa uma obrigação especialmente intensa que prevalece sobre *deber* ou *haber de+infinitivo*. No entanto, segundo o autor, não se trata de uma diferença gradativa, mas sim qualitativa, ou seja, quando vai de encontro à vontade do sujeito, se considera como obrigação.

Para García Fernández (2006), um conceito elementar no domínio das perífrases verbais é a modalidade. Conforme o autor, modalizar um enunciado significa qualificá-lo em termos de algo possível ou necessário. No que diz respeito à modalidade deôntica, García Fernández (2006) a compreende como um modo de atuar sobre a realidade ou de transformá-la. Desse modo, o autor apresenta o significado da perífrase “tener que+infinitivo” como uma

perífrase modal porque possui valor de necessidade e, ainda, advoga que essa perífrase possui uma dupla interpretação deôntica e epistêmica: pode expressar uma necessidade entendida como obrigação ou como uma necessidade entendida com grau de certeza ou probabilidade.

Conforme Gómez Torrego (2009), perífrase com valor modal é aquela que manifesta uma atitude subjetiva do falante, que pode ser de necessidade, obrigação, possibilidade, conjectura, etc. Dentre elas, o autor inclui a perífrase “tener que+infinitivo”.

Conforme Genta (2008), uma perífrase apresenta uma estrutura complexa formada por um verbo auxiliar, com maior ou menor grau de gramaticalização, e uma forma verbal auxiliada com estrutura nominal, que pode ser no infinitivo, particípio ou gerúndio.

Os marcos iniciais da perífrase “tener que+infinitivo”, datam da Idade Média. Conforme Garachana Camarero (2017), desde uma perspectiva histórica, a perífrase espanhola “ser tenido/tenido de+infinitivo” caiu em desuso no fim da Idade Média, dando lugar a “tener de+infinitivo” no século XVI e, no lugar desta, “tener que+infinitivo” surge a partir do século XVIII, mas só no século XIX foi empregado de maneira particular.

Para Garachana Camarero (2017), a perífrase “tener que+infinitivo” é padrão para a expressão de necessidade deôntica no espanhol conversacional contemporâneo, ainda que assumam outros sentidos, mas de forma minoritária. Por exemplo, a partir do século XVI, essa perífrase foi empregada com valores deônticos atenuados, bem como de prospectividade, de tempo futuro ou condicional, volição, capacidade e ainda com valores epistêmicos de certeza (GARACHANA CAMARERO, 2017, p. 257). A autora ainda define a perífrase, mais precisamente, como uma combinação de um verbo auxiliar com um verbo auxiliado que constituem uma só predicação com significado relacional e não composicional, para indicar o começo de uma ação, de modo que seu significado não se desprende da soma de suas partes. A autora transcende essa definição admitindo uma combinação de um verbo auxiliar com um infinitivo ou gerúndio, ou particípio, descartando uma formação exclusiva com particípios. Contudo, esse escalonamento temporal não representa nem possibilita uma substituição de uma por outra, uma vez que cada uma se reveste de funções particulares: enquanto “tener de+infinitivo” estava restrita à primeira pessoa do singular — relacionada não só ao sentido de obrigação, mas a outros valores relacionados ao tempo futuro e aspectos de inevitabilidade da ação anunciada —, “tener que+infinitivo” foi especialmente empregada em expressões de obrigação de forma geral e “ser tenido (a) de+infinitivo” esteve ligada a obrigações morais, legais e cívicas (GARACHANA CAMARERO, 2017). Nos últimos anos, diversos foram os trabalhos destinados a analisar e descrever as perífrases espanholas, como veremos no tópico 3.2.1.

3.2.1 Estudos sobre perífrases verbais na língua espanhola

De acordo com Genta (2008), existem atualmente mais de 100 (cem) perífrases verbais na língua espanhola, o que possibilita inúmeras interfaces de estudos. Com respeito às pesquisas mais recentes sobre perífrases verbais realizadas na língua espanhola, verificamos que essa categoria foi analisada nas seguintes perspectivas.

Numa perspectiva morfossintática, Genta (2008) investigou a importância da escolha que perífrases verbais e uma forma verbal sintética adquirem no enunciado, mais especificamente, pesquisou a alternância entre perífrases verbais de gerúndio (estar+gerúndio) e de presente simples em discursos produzidos no momento simultâneo ao da narração. A autora desenvolveu a relação entre as três perífrases no gerúndio, particípio e infinitivo e o verbo sintético e verificou que o evento verbal se apresenta de maneira global pelo verbo não-marcado que seria o verbo sintético.

Quanto ao estudo de perífrases na perspectiva sociofuncionalista, Pontes (2012) investigou a multifuncionalidade das perífrases imperfectivas de passado e do pretérito imperfeito do indicativo em contos literários da língua espanhola. Além disso, o autor pesquisou as variações entre essas formas nas funções descritiva, habitual, desiderativa e narrativa. No tocante à variação linguística, foi identificado que o imperfeito apareceu com maior frequência nas funções descritivas e narrativas.

Numa perspectiva variacionista, Blas Arroyo e Porcar Miralles (2014) investigaram como o contexto interfere na escolha das perífrases “haber de, deber(de)+infinitivo” e “tener de/que+infinitivo”.

Quanto à gramaticalização, Marcovecchio, Albano e Kaller (2014), que descrevem os aspectos temporais em “de+infinitivo” analisando o processo de gramaticalização do verbo que transformam essa construção em um elemento modal, estabelecendo um vínculo com a interpretação deôntica.

Durigon e Gasparini-Bastos (2015) que analisa e descreve o verbo modal deber (de) em dados de língua falada do espanhol peninsular, sendo considerados e explicados os fatores intervenientes na interpretação deste modal, considerando o contexto para avaliar os efeitos de sentidos associados ao emprego do verbo, conforme a proposta da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Nogueira, Gasparini-Bastos e Gonçalves (2020) também investigaram o processo de gramaticalização das perífrases. Quanto aos fatores linguísticos contextuais associados à mudança semântica de “tener que+infinitivo” e o desenvolvimento diacrônico dos significados

modais dessa perífrase no espanhol peninsular, as autoras constataram que, no século XIV, a perífrase surge com frequência pouco significativa, com valores apenas não-epistêmicos. Já no século XV a perífrase passou a expressar valores epistêmicos relacionados a sujeitos [+humanos] e a partir do século XVI a perífrase se generalizou a contextos favorecedores de modalidade epistêmica onde a animacidade do sujeito foi fator relevante para a expressão de valores epistêmicos.

Quanto aos estudos sobre perífrases que avaliam a modalidade deôntica e dinâmica, Thegel (2017) investigou a manifestação da modalidade deôntica e dinâmica em 578 casos de “deber” e 334 de “tener que”, sendo encontrados apenas 6 (seis) casos de “tener que” no condicional. No que tange aos casos dinâmicos, o “tener que” ocupou uma posição predominante, razão pela qual a autora defende a forte relação entre a perífrase “tener que” e a modalidade dinâmica. Nos casos em que “tener que” é deôntico, a autora entende que a perífrase transmite valor de subjetividade. Ademais, Thegel (2017) constatou que os usos encontrados de “deber” e “tener que” não podem ser classificados como casos cortesês, sendo alguns deles mais aproximados de funções epistêmico-evidenciais. Contudo, Thegel (2017) assume que suas conclusões são hipotéticas e que seria necessário um estudo mais extenso sobre o fenômeno para comprová-las ou refutá-las.

Pires Neto e Prata (2023) e Paiva e Prata (2023), analisaram a modalidade deôntica no discurso digital por meio da perífrase “haber que+infinitivo”, adotando a perspectiva pragmalingüística de Fuentes Rodríguez (2000), pela qual constataram características aportadas pelos cibergêneros *Twitter* e *Facebook* que influenciaram diretamente nas escolhas dos usuários na expressão de valores modais.

Diante disso, propomo-nos ao desenvolvimento de um estudo mais amplo da perífrase modal tener que+infinitivo no condicional, ainda insuficientemente aprofundado para compreensão do seu comportamento pragmalingüístico, para a qual apresentamos um *corpus* de textos autênticos que permitem a sua análise em diversos contextos comunicativos, mostrados nas 100 (cem) ocorrências encontradas em nosso *corpus*. Além disso, as 100 (cem) ocorrências da perífrase serão analisadas minuciosamente em 10 (dez) categorias distribuídas nos três níveis hierárquicos do discurso, atendendo a uma análise global da perífrase em distintos recursos sobrepostos ao nível oracional.

3.2.2 Aspectos morfossintáticos e semânticos da perífrase

Segundo Alarcos Allorach (1999), perífrase é a combinação de duas unidades que funcionam como um só verbo: uma forma verbal pessoal, chamada de auxiliar, e um segundo

componente que pode adotar a forma no infinitivo, gerúndio ou particípio, chamada de auxiliado. Segundo o linguista, o significado do auxiliar modifica a noção do auxiliado, mas é este que determina sintaticamente o auxiliar.

Giammatteo e Marcovecchio (2010), na mesma concepção de Alarcos Allorach (1999), afirmam que a conduta sintática das perífrases verbais podem ser explicadas pela natureza de seu auxiliar. O verbo auxiliar carrega informações morfológicas de número e pessoa sendo conjugado em todas (ou em parte) as formas ou tempo verbais (como *tendría/tendrías/tendríamos* que+infinitivo). O segundo verbo, por sua vez, é chamado “principal” ou “auxiliado” e pode aparecer em infinitivo, gerúndio ou particípio.

Sobre a forma infinitiva, Gili e Gaya (1961) destacam a abstração e generalidade do verbo, não representando o conceito puro do verbo — que é gerado pelo radical —, enquanto a forma infinitiva se modifica com suas próprias desinências. Outro fator que nos permite reconhecer uma construção verbal como perífrase, é a sua natureza sintática não pessoal, ou seja, uma perífrase de fato não possui carga nominal, mas apenas verbal.

Conforme Gómez Torrego (1999), a perífrase verbal, desde um ponto de vista morfossintático, é reconhecida como a união de dois ou mais verbos que, em uma oração, constituem o núcleo do predicado. Com relação ao que se chama “núcleo do predicado”, de acordo com Gómez Torrego (1999), não há que se falar em relação de coordenação ou função complementar entre os elementos da perífrase. Assim, em *Los alumnos tienen que estudiar dos lecciones más*, o núcleo *tienen que estudiar* não pode ser segmentado, tampouco contrair funções sintáticas entre si, constituindo-se como uma única unidade nuclear, ainda que haja dois verbos.

Conforme o autor, as orações construídas com perífrases se classificam sempre como simples, e não, como compostas. Contudo, as perífrases enquanto núcleo são passíveis de sofrer intercalação de advérbios, locuções adverbiais ou complemento circunstancial. Isso ocorre com perífrases cujo grau de conexão entre auxiliar e auxiliado não é gramaticalmente solidificado como ocorre com os tempos compostos. Para Gómez Torrego (1999), é aceita a construção *Tenemos todos que ayudar a Juan*.

Compreendidos alguns aspectos sintáticos, ponderamos que nem toda construção de dois verbos será classificada como perífrase. A fronteira que delimita o que é ou não perífrase é marcada por particularidades semânticas, como a manutenção ou não do significado próprio do verbo, enquanto pleno. Para Alarcos Llorach (1999), se houver mudança, haverá perífrase. No entanto, esse não é um critério absoluto, pois a situação e o contexto podem não contribuir

de maneira adequada, o que poderá gerar casos de ambiguidade.

Como exemplo da não estabilização semântica das perífrases, a gramaticalização possui um caráter gradual e, por esse motivo, algumas construções verbais se constituem como perífrases e outras não, como “querer+infinitivo” que, a depender do contexto atua como perífrase ou como uma construção bipredicativa (GARACHANA CAMARERO, 2017, p. 50). Essa variedade de usos e contextos podem gerar interpretações ambíguas das perífrases.

Para Gili Gaya (1961), uma marca definitiva, que identifica uma perífrase é a perda de significado próprio dos auxiliares. Para o autor, essa perda advém da mudança do verbo pleno *tener*, que carrega o significado de “possuir” a auxiliar “tener que”, com significado mais abstrato e geral atribuída a um processo de gramaticalização (DI TULLIO, 2010, p. 240). Segundo Garachana Camarero (2017), a inclusão de “tener que+infinitivo” na categoria das perífrases verbais implicou sua expansão por todas as pessoas gramaticais, tempos e modos de conjugação e, como perífrase deôntica, houve uma expansão progressiva das formas e verbos que aparecem na posição de auxiliado. Em suma, sua construção reconhecida como perífrase verbal não apenas significa evolução no domínio semântico, mas também no aspecto formal conforme enumera Garachana Camarero (2017),

- a) permite a anteposição de objeto direto sobre toda a perífrase;
 - b) há uma limitação quanto à intercalação de elementos entre as unidades da perífrase;
 - c) permite o emprego com um número crescente de tempos e modos verbais e de pessoas gramaticais;
 - d) há possibilidade de empregá-la com sujeitos inanimados;
 - e) há possibilidade de admitir formas verbais estativas na posição do verbo auxiliado;
 - f) há possibilidade de empregar o verbo auxiliado sob a forma de infinitivo composto.
- Segundo a autora, quanto mais critérios se cumprem, mais autêntica é a perífrase.

Quanto à evolução semântica de “tener que+infinitivo”, Garachana Camarero (2017) mostra diferentes sentidos engendrados na perífrase ao longo do tempo, desde o sentido de obrigação radical passando pela noção de obrigação atenuada, prospectivos, epistêmica e redundante. No Quadro 1, os dados mostram a recorrência da perífrase numa perspectiva diacrônica.

Quadro 1 - Evolução semântica da perífrase “tener que+infinitivo”

Valores/ Séculos	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX-XXI
Necessidade deôntica	100%	80,8%	75,75%	79%	84,8%	86%
Necessidade atenuada	—	17%	12%	8,3%	4,41%	3,8%
Futuro	—	2,1%	9%	5,5%	4%	2,2%
Condicional	—	—	—	—	—	0,1%
Necessidade epistêmica	—	—	—	1,4%	4,6%	5,9%
Redundante	—	4,25%	3%	5,5%	2,1%	1,5%

Fonte: Elaborado com base na tabela de Garachana Camarero (2017, p. 272).

Com base nas pesquisas de Garachana Camarero (2017), podemos observar na tabela que os sentidos deônticos são preponderantes em toda a escala da perífrase. Além disso, a autora informa que a gradação do sentido de obrigação até valores não-deônticos resulta de sua ocorrência em novos contextos gramaticais como novas pessoas verbais, novos léxicos na posição do verbo auxiliado ou novos infinitivos compostos na forma do verbo auxiliar. Os valores apenas representativos relacionados ao momento posterior à enunciação, como os de prospecção (futuro e condicional) e os epistêmicos, mostram que a semanticidade da perífrase está mais inclinada para os valores radicais que têm se mantido na língua até hoje.

Tomando ênfase no valor de obrigação atenuada, observamos sua recorrência desde o século XVI e que, embora em menor frequência, ainda pode ser empregada a depender do contexto e da situação, motivo pelo qual escolhemos o discurso digital das redes sociais e seus vários contextos. Garachana Camarero (2017) apresenta alguns exemplos de seu *corpus* dos quais destacamos dois com ocorrências da perífrase conjugada no condicional,

(1) *Sabemos mucho más de Jesús / que de Demócrito / de Heráclito / y me atrevería a decir / que desde luego / que de Sócrates / o de Platón //fundamentalmente / las fuentes /yo creo / que no / tendríamos que ceñirnos exclusivamente / a las fuentes canónicas / sean los cuatro evangelios / sea las epístolas de Pablo / ni siquiera / a las fuentes clásicas//es decir / el testimonio de Tácito y de Soto (C-ORAL, Formal Media. Talkshows, siglo XX). (Extraído de Garachana Camarero, 2017, p. 273).*

(2) *Dice que tendrían que hacer como Ulises, amarrarse al mástil de la regeneración democrática para evitar que los cantos de sirena de la corrupción y el ansia de poder les lleven a conducir el barco de la democracia (José Luis Barberia, «La lucha contra la corrupción», «La hora de la regeneración», siglo XXI). (Extraído de Garachana Camarero, 2017, p. 273).*

Em ambos os casos (1) e (2), a autora ressalta que a perífrase não se constitui, precisamente, como uma obrigação, senão como uma ação a ser realizada motivada pela sua conveniência, vontade ou adequação para se fazer algo. A autora observa ainda que, frequentemente, essa interpretação envolve o uso do condicional ligado à formulação de conselhos.

Ainda quanto ao aspecto semântico, Thegel (2017) defende que “tener que”, normalmente, exprime obrigação externa e de maior força, o que se explica pelo seu valor subjetivo. Uma vez que a obrigação é imposta pelo falante, sua interpretação ganha mais intensidade e maior urgência na realização, diferente de uma necessidade formulada por uma autoridade ausente na situação comunicativa. Um fator importante salientado pela autora, é que “tener que” costuma aparecer em contextos conflituosos, nos quais um falante se posiciona contra a conduta ou atitude de outrem, resultando em conflito de interesses diante do choque entre a fonte e o agente modal.

Em seus estudos sobre modalidade deôntica, Pontes, Prata, Oliveira e Vidal (2016) afirmam que, ao optar pela perífrase “tener que +infinitivo” em vez de “deber”, o falante expressa a necessidade da realização de um estado de coisas como algo que não depende somente dele, mas sim da situação, de condições externas.

Portanto, neste estudo analítico da PMD “tener que+infinitivo”, que segundo Nogueira (2019), adquiriu status modal, desde o século XIV, faz-se necessário descrever um estudo baseado no uso que permita compreender suas características e valores, especialmente, quando essa perífrase é usada no condicional. Considerando o lócus de produção onde a PMD é usada, as possibilidades de seu comportamento se ampliam, tendo em vista os fatores tecnodiscursivos inerentes ao ambiente virtual, as características do discurso digital e as diversas estratégias próprias da interação nas redes sociais. Para Palmer (1986), a modalidade expressa a gramaticalização das atitudes e opiniões do falante no seu discurso. Considerando essa expressão no discurso digital, é fundamental a apreensão dos diversos recursos e estratégias argumentativas engendrados nesse lócus de produção.

4 DISCURSO DIGITAL E ARGUMENTAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Nesta pesquisa de viés funcionalista, visamos descrever e analisar o comportamento da perífrase “tener que+infinitivo” sem preterir a relação entre essa expressão modal e o âmbito discursivo na qual se concretiza, visto que, conforme Caldas, Prata e Oliveira (2020), o funcionalismo compreende a língua como o produto da interação social. Diante disso, esta pesquisa se desenvolve a partir do discurso digital instanciados em redes sociais.

Considerando nosso *corpus* formado por três redes sociais específicas, FB, TW, IG, defendemos uma vinculação da perífrase “tener que+infinitivo” ao cibergênero, um gênero textual característico da simulação comunicativa oral. Segundo Garachana Camarero (2017), a partir do século XIX, a perífrase “tener que+infinitivo” ganha espaço na prosa narrativa, o que a conecta com textos de menor grau de formalidade. Para a autora, essa perífrase, diferentemente de “haber que+infinitivo”, está fortemente ligada à oralidade, em contextos que demandam menor formalidade (como os cibergêneros) e que são mais adequados para a expressão de significados próximos ao sentido de obrigação (GARACHANA CAMARERO, 2017, p. 277).

Partindo das relações genéricas que correspondem às interfaces estruturais dos níveis de interação no discurso digital, estabelecemos as relações e implicações existentes entre as mídias e a produção discursiva nelas geradas. Segundo Marcushi (2005), a atividade discursiva se realiza em algum gênero, qualquer que seja essa atividade. Para Bonini (2011), as práticas sociais de uma comunidade discursiva ocorre por meio de gêneros, hipergêneros e mídias.

Em uma discussão sobre mídia e suporte, Bonini (2011) define a mídia como uma forma tecnológica de mediar a interação linguageira, da qual constitui-se de um ou mais suportes, elementos de registro, armazenamento e transmissão de informações envolvidas nas mídias quanto à matéria, forma e acesso. Bonini (2011) explica que interagimos por meio de gêneros e hipergêneros³⁶ no contexto imediato das mídias, que aparecem, geralmente, encadeadas. Sob essa ótica, a internet, que o autor apresenta como mídia, se organiza por meio de hipergêneros (sites, páginas pessoais, blogs), dentro dos quais podem ser inseridas outras mídias (vídeos, e-mails, fotografias, áudios). Para o referido autor, a forma do suporte se conforma em função de dois fatores: as distintas possibilidades de atualização de linguagem verbal e não verbal e

³⁶ Bonini (2011), entende o hipergênero como um agrupamento de gêneros compondo uma unidade de interação maior, um grande enunciado, um gênero de nível superior, como o jornal, que considera como um grande enunciado dentro do qual a notícia se assemelha a outros gêneros como o editorial, artigos (BONINI, 2011, p. 691-692).

dos diferentes níveis de interatividade orientados pelo fluxo comunicativo.

Sob a mesma ótica desses fatores, Paveau (2021) defende que a máquina, como suporte, interfere no modo como o discurso se projeta e nos modos de interação, “o corpo, a máquina, as competências linguageiras e os textos produzidos pelo internauta são integrados em um dispositivo comum, que se baseia em uma materialidade única, porém compósita” (PAVEAU, 2021, p. 132). Para Amossy (2011), o discurso digital não é puramente linguageiro, o que traz a necessidade de reconhecermos os agentes não- humanos envolvidos na produção do discurso digital, que são os parâmetros tecnodiscursivos, a serem esclarecidos na seção seguinte.

4.1 Parâmetros tecnodiscursivos: características

Paveau (2021) apresenta características do ambiente virtual essenciais para compreender o comportamento dos usuários e as condições em que o discurso é produzido apresentando alguns parâmetros tecnodiscursivos³⁷ relacionados ao ambiente digital.

O primeiro parâmetro é o anonimato-pseudonimato que corresponde à impossibilidade de identificar um usuário nas redes sociais, que interfere significativamente na comunicação virtual. Paveau (2021) lembra que nos espaços implícitos da web, as técnicas de encriptação de dados e de navegação particulares fazem com que o anonimato não exista de fato, já que ainda assim o usuário possa ser rastreado pelo endereço de IP do equipamento.

Entretanto, o anonimato se relaciona com uma forma direta de ataque, a “farsa”, que interfere nas escolhas linguísticas do usuário e de seu comportamento nas mídias digitais, buscando o convencimento do outro com base na desqualificação. Esse parâmetro permite inúmeras possibilidades de “dizer” tudo o que, provavelmente, não seria dito presencialmente.

Afinal, o usuário se esconde em um perfil falso, gerenciando uma falsa identidade com nomes criativos, com ou sem foto no perfil, tornando-se assim onipotente para expressões fora das expectativas sociais pela perda de inibição e a sensação de impunidade em relação aos seus atos, pois não poderá ser identificado.

Sob essa ótica, Candale (2017) alerta que os usuários das redes sociais se sentem à vontade para expressar insultos e críticas ao outro, deliberadamente, resguardados pela distância física. Esse anonimato existe de fato, contudo, é relativo, pois os traços da personalidade dos usuários se sobressaem, ainda que de forma sutil.

O parâmetro do efeito ausência está estreitamente ligado ao pseudonimato, pois

³⁷ O conceito de tecnodiscurso corresponde à indissociabilidade da linguagem e do tecnológico. São discursos nativos da Internet, construídos e nascidos no interior dos dispositivos técnicos (smartphones, computadores), a partir dos programas de escrita e publicação, sendo estes o que constitui o discurso e não um mero suporte.

usuário se aproveita desse fato propiciado pela comunicação on-line para não se identificar e, por isso, o parâmetro de ausência é ampliado dando mais liberdade para o discurso descortês. As plataformas não incorporam em seus recursos os traços não-verbais das interações presenciais que contribuem para que a comunicação seja mais clara para o interlocutor, como os gestos, expressões faciais e entonação. A compensação da falta desses recursos leva à expressão escrita da emoção que impacta indiretamente no cumprimento de normas sociais que regulam as conversações.

Outro parâmetro também relacionado à ausência é o efeito cockpit, que também propicia um discurso sem censuras. Esse efeito representa uma consequência do efeito ausência, pois com ela o usuário se sente protegido contra qualquer resposta ou defesa de seu interlocutor que está ausente e age como se estivesse em um compartimento de aeronave lançadora e, assim, “lança” seu discurso sem qualquer responsabilidade sobre os efeitos de suas palavras.

Nos ambientes virtuais, todos os parâmetros anteriormente apresentados, propiciam ainda outro efeito: o de onipotência. De acordo com Paveau (2021, apud BLAYA, 2013), os adolescentes se sentem ‘tecnopoderosos’. Sendo assim, “deve-se efetivamente considerar o poder discursivo daquele que detém as competências digitais” (PAVEAU, 2021, p. 6), tal poder se coloca ao lado de outros como o poder de classe social, econômico ou de gênero, enraizados na sociedade. Essa relação de poder é um critério que pode interferir nas escolhas linguísticas dos usuários.

Todos esses parâmetros influenciam e dão espaço a discursos onde a linguagem pode ser construída segundo as intenções dos usuários e a sensação de impunidade que contribui para estratégias descorteses nesse discurso. Nesse estudo, buscamos analisar e descrever como a PMD “tener que+infinitivo” se comporta pragmalinguisticamente, quando o usuário-falante usa esse modal deôntico no condicional para expressar uma obrigação ou necessidade de uma ação de seu alvo no discurso digital. Quando analisamos as ferramentas das redes sociais, constatamos várias características específicas que contribuem para a construção de sentidos desse tipo de discurso. Convém, assim, apropriar-nos das peculiaridades de cada rede, bem como, de seus elementos em comum.

4.1.1 Os cibergêneros Facebook, Twitter e Instagram

De acordo com Candale (2017), o *Facebook* (FB) é a maior rede social desde 2004, quando foi criada por *Mark Zuckerberg*. Pensada inicialmente para comunicação interna entre os estudantes de Harvard, a rede tem como missão atual ajudar as pessoas a formar comunidades

e manter contato com amigos e familiares ao compartilhar suas experiências através da criação de perfis pessoais em modos de conversação assíncrona que permite consultar publicações outrora criadas ou ainda a interação em tempo real através dos chats e do Messenger de forma síncrona.

Nessas ocasiões, a comunicação ocorre de forma aleatória e não planejada, com uso de emojis, *gifs* e acrônimos que, apesar de comprometerem uma interpretação adequada da mensagem, são direcionadas, geralmente, a pessoas conhecidas do círculo de amigos ou familiares.

Além desses usos específicos, a plataforma se tornou também o lugar de divulgação de marcas, negócios e de divulgação de notícias que reúnem um público geral que “curtem” determinada página segundo seus interesses e permitem intervenções posteriores à publicação de determinado conteúdo, não sendo totalmente síncrona. No caso das publicações, há um encadeamento de ideias e planejamento discursivo argumentativo e uma certa atenção às normas gramaticais com fins persuasivos. Com relação à linguagem que os jovens espanhóis utilizam na rede, Candale (2017) evidencia algumas características da linguagem utilizada. Destaca-se nesse ambiente a linguagem coloquial e informal usada para dar e receber conselhos, reprovações, pedir ajuda, compartilhar experiências, além do uso de emojis que expressam vários tipos de emoções e reforçam a simulação da oralidade.

A página do FB não permite a publicação deliberada de qualquer conteúdo, protegendo outros usuários de práticas discriminatórias, que promovam a venda de produtos que causem danos à saúde, riscos à vida, de conteúdos sensacionalistas, de desinformação, entre outros. Desse modo, a rede contém políticas específicas de publicidade que instruem os usuários sobre quais tipos de conteúdo ou anúncio são permitidos. A violação a qualquer das regras e padrões de comunidade pode levar à restrição ou exclusão do perfil ou página. Recentemente, o FB mudou seu nome para *Meta*, mantendo válidos a mesma política de dados e termos de uso, entre elas, uma série de categorias que instruem sobre conteúdos proibidos, gramática e linguagem ofensiva. Além disso, a rede alerta para o uso de símbolos, números ou letras de maneira inapropriada, que tentam burlar o processo de análise de possíveis palavras ofensivas. O FB contém um sistema próprio de análise de tudo o que é anunciado e publicado na rede em busca de violações de suas políticas de publicidade. Esse processo inclui elementos como imagens, vídeos, textos e informações de direcionamento, páginas de destino associada a um anúncio, entre outros.

Nos comentários, principalmente oriundos de publicações de temas polêmicos, os usuários planejam seu discurso conforme as suas intenções e o adequa conforme as

ferramentas disponíveis na rede social (PAVEAU, 2021). No entanto, os usuários utilizam recursos para burlar os algoritmos que fiscalizam palavras ofensivas, como, por exemplo, o uso do símbolo @ ou o uso do número 4 para compor palavras que possuem a letra “A”.

A plataforma social TW faz parte da categoria “microblogs” e é um serviço que combina características dos blogs com propriedades das redes sociais como o FB, porém um meio de informação mais rápido, mais simples e econômico. Apesar de permitir criar um perfil privado, o foco é disseminar informações e ideias sobre temas atuais e polêmicos e de grande interesse dos usuários (CANDALE, 2017).

Diferente do FB, predominam nessa plataforma frases concisas e discursos de no máximo 280 caracteres, chamados “tuítes”. Outra diferença do FB é apontada por Vivas Márquez e Ridao Rodrigo (2015), que diz respeito à reciprocidade social presente numa rede social. Enquanto no FB há uma proporção equivalente na relação de quem segue e é seguido, no TW essa reciprocidade não é a mesma. Além disso, as mensagens publicadas no TW podem ser lidas por todos e, com isso, os usuários selecionam os perfis para seguir segundo seus interesses.

Ambas as redes se assemelham pelo fato de ser um ambiente de compartilhamento de informações. Segundo Candale (2017), um mecanismo relevante nessa rede é o “retuíte”, que republica a postagem de um usuário compartilhando-o de forma visível a todos os outros seguidores. É uma maneira de expressar concordância ou repúdio ao conteúdo do tuíte original, sem a necessidade de direcionar uma resposta direta ao “usuário-autor”.

Contudo, do ponto de vista pragmático, esse mecanismo pode causar repercussão na comunicação. Conforme nos explica Vivas Márquez (2015), o retuíte quando se apresenta descontextualizado ou quando apresenta ambiguidades quanto ao conteúdo ou autoria podem acarretar mal-entendidos. Ainda no campo pragmático, o clicar do botão “favoritos”, além de medir audiências, indica que a leitura da mensagem acompanha uma atitude de cortesia, pois mostra anuência, concordância com o conteúdo da publicação.

O IG, ou *Foto Sharing*, foi inicialmente criado para o compartilhamento de fotos e *stories*, com vídeos de curta duração, disponíveis durante 24 horas na rede. Criado em 2010, foi o primeiro aplicativo a ser acessado pelos smartphones, que rapidamente criou popularidade com mais de 100 milhões de usuários ativos em 2012. Anos depois foi sincronizado com o FB, quando então as publicações de ambas as redes puderam ser compartilhadas ao mesmo tempo, aumentando a viralidade. No IG, também é possível a criação de uma conta e a construção de um breve resumo da vida e informações pessoais na “bio”. Ao longo dos anos, foram criadas diferentes funcionalidades, como em 2018 com a inovação do IGTV, um aplicativo para a

criação de vídeos mais longos para atrair mais usuários.

Assim, como nas outras redes, o IG também conta com recursos de privacidade para restringir usuários indesejados, comentários de outros usuários nas publicações pessoais e formas de bloqueio, para que a conta não possa ser encontrada nos mecanismos de busca. A rede concede liberdade para que os usuários compartilhem seus conteúdos com quem quiser. Na Central de ajuda dessa rede, constam os compromissos do usuário que pretende criar um perfil. O IG permite usuários a partir de 13 anos e estabelece algumas regras de uso, como a permissão para não revelar a identidade, caso forneça informações pessoais concretas e atualizadas e que não se passe por outras pessoas. A violação às regras permite ao IG a remoção de conteúdos criados pelos usuários, a interrupção dos serviços ou mesmo a desativação.

Também é um dos principais aplicativos usados para mídias jornalísticas ou propagandas de negócios, onde os usuários podem comentar, sem restrição de caracteres, e responder aos comentários já publicados, também usando o símbolo @ para referir-se a um comentário de um usuário específico. Tornando-se, assim, um ambiente propício a debates de assuntos do cotidiano, nos quais os usuários lançam mão de diversas estratégias argumentativas para legitimar suas ideias e para levar outros usuários a uma determinada ação, como veremos na Seção 4.2.

4.2 A construção da argumentação no discurso digital

O discurso é um modo de ação, pelo qual os indivíduos agem sobre o mundo e, principalmente, sobre o outro como uma forma de representação física, psicológica ou social do mundo. Importa-nos, portanto, conhecer como a argumentação vai se construindo em um novo formato de linguagem, de convivência e de interações sociais.

De acordo com Candale (2017), a linguagem pode variar e se moldar em função do contexto onde são realizadas. As redes sociais são, por exemplo, um desses contextos. Conforme Cabral e Lima (2018), os espaços de convivência que antes eram restritos aos círculos sociais de interação e convivência como trabalho, escola, igreja ou família passaram ao ambiente virtual, em cibergêneros como as redes sociais. Diante da tecnologia e dos modos virtuais, a interação oral perdeu o antigo protagonismo, uma vez que o texto³⁸ escrito é a forma pela qual os usuários das redes preferem se manifestar (CABRAL, 2019).

Fuentes Rodríguez (2016) recorda que o discurso que era interpessoal se converte

³⁸ Consideramos o cibergênero como uma tipologia textual, pois é constituído de uma unidade global de comunicação (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017b), como um processo de construção de sentidos e combinação entre o oral e o escrito (CABRAL, 2019) e como um evento situado em contextos de interação (Cabral, 2016, p.39).

em público e, no discurso digital, os usuários passam a projetar uma identidade virtual que controlam e administram. Assim, esses usuários podem criar um perfil pessoal (ou múltiplos perfis) com dados verídicos ou com as informações que deseja que os outros vejam, fundados na construção de um “alter ego”, com o qual projetam uma imagem positiva de si mesmos (FUENTES RODRÍGUEZ, 2016, p. 19). No entanto, presenciamos nos ambientes virtuais comportamentos discursivos rudes, insultantes, pois ir contra as normas de conduta com escolhas linguísticas inadequadas chama mais atenção, provoca reações e aumenta o engajamento e o êxito do usuário na rede (FUENTES RODRÍGUEZ, 2016).

As plataformas digitais, cada vez mais adaptadas a conversação, dispo de recursos tecnodiscursivos que aumentam os riscos presentes nas interações comunicativas como o anonimato, o efeito ausência e o efeito cockpit inerentes ao ambiente virtual (PAVEAU, 2021), que influenciam as escolhas comunicativas dos usuários.

Balocco e Sheperd (2017) alertam para o fato de como a relação enunciativa muda conforme o ambiente interacional. No caso das comunicações virtuais, não há a mesma simetria entre os participantes do discurso como na comunicação face a face, porque o interlocutor não pode se defender de um ato de fala ameaçador, devido ao anonimato e à ausência física dos usuários que interferem nesse processo.

Considerando a influência que as plataformas e aplicativos exercem sobre o discurso digital, Cantamutto (2016) explica que a comunicação se realiza numa perspectiva retórica em que cada interlocutor escolhe, a partir do seu conhecimento entre as opções oferecidas por distintas plataformas virtuais, aquela que melhor se adapta para alcançar um objetivo comunicativo. Outro aspecto determinante no discurso digital, refere-se à forma como este se realiza.

No que diz respeito ao texto, Cabral (2019) o recorda como um produto acabado e escrito, mas salienta que é atualmente visto como um processo de construção de sentidos, que permite a interação de produtores de textos orais e escritos, visando a um objetivo. Para a autora, o texto do século XXI assume uma natureza fundamentalmente discursiva. É por meio das escolhas e da materialização linguística que nos tornamos agentes sociais, produzimos e ativamos conhecimentos e manifestamos nossas intenções diante de uma visão argumentativa.

O discurso digital tem sido configurado e reconfigurado em seus mecanismos de expressão linguageira, conforme os recursos que os aplicativos oferecem. Recorrendo a uma dimensão material, Cantamutto (2016) analisa a natureza semiótica do discurso. Conforme a autora, a comunicação entre os usuários pode se estabelecer de forma monomodal, escolhendo um único código semiótico (embora não seja necessariamente igual ao textual), ou multimodal,

combinando diversos códigos. Em alguns discursos digitais predominam a interação verbal de forma escrita ou oral por meio de áudios, em outros vemos códigos semióticos mais visuais, ligados a gestos, movimentos (*gifs*) ou imagens estáticas, combinados ou não com o código verbal como o compartilhamento de uma foto com uma legenda. Importante também quanto ao modo, é a distinção entre oralidade e escrita. De maneira geral, o registro oral requer uma ferramenta que permita ao locutor gravar e, ao receptor escutar, enquanto a forma escrita constitui a materialidade da forma oral.

Para além da noção de registro comunicativo fônico versus gráfico, a concepção que Koch e Oesterreicher (1985) adotam é considerar esse binômio em função da proporcionalidade que conferem e de como, no discurso digital, a escrita e a oralidade se aproximam uma da outra. Isso porque o ambiente virtual trouxe impacto na forma como escrevemos, devido à sua característica de imprevisibilidade e imediatez. Podemos identificar essa passagem do oral para o escrito nos comentários do FB, por exemplo, com usos de interjeições, repetição de sinais de pontuação e algumas letras (CANDALE, 2017) que simulam um *chat* e não conferem um planejamento da escrita como em *blogs* ou correio eletrônico. É no compósito de códigos, sons, texto verbal, imagem estática ou em movimento, que a heterogeneidade do discurso digital se revela. Esse hibridismo é percebido tanto na construção do discurso digital como no meio onde é produzido, isso por que o discurso deriva da relação homem-máquina, da qual surge o conceito do tecnodiscurso (PAVEAU, 2021).

As redes sociais ilustram a vida em sociedade, onde as interações comunicativas implicam opiniões e concepções de mundo diferentes sobre diversos temas cotidianos, muitos deles, sobre assuntos controversos. Diante disso, as redes concentram um espaço de conflitos e polêmicas. Conforme Charaudeau (2016a) uma opinião é um ponto de vista dos indivíduos sobre as verdades do mundo, o que os levam a uma tomada de posição.

4.2.1 A Argumentação polêmica

Para Fiorin (2016), a base de toda dialética é a exposição de uma tese e sua refutação. Conforme Amossy (2006) o conceito de argumentação não compreende somente a ideia de convencimento ou de levar o interlocutor a mudar sua forma de pensar ou de agir, mas, especialmente, compreende a construção de um ponto de vista ou de uma dimensão argumentativa. Ainda de acordo com a autora, a argumentação é uma dimensão do discurso análoga a uma tomada de posição a respeito do cotidiano, de fatos do mundo face a posições antagônicas, sobre as quais busca prevalecimento (AMOSSY, 2011).

De acordo com Pinto, Cavalcante e Brito (2018), na sociedade globalizada e

desigual em que vivemos, onde a dominação e as relações de poder se evidenciam, discursos e textos ecoam temas polêmicos, difundidos em debates inflamados nos espaços públicos e, aqui, consideramos tanto os reais quanto os virtuais. É, então, nesse contexto que se confrontam opiniões e julgamentos, onde a argumentação polêmica se instaura para desqualificar o outro, mas que tem a possibilidade de ocorrer, mesmo em situações “socialmente harmônicas”, conforme defende Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Nesse sentido, Pinto, Cavalcante e Brito (2012) assumem que pode haver uma dupla estratégia nessa oposição discursiva: a demonstração de uma tese ou a desqualificação de uma tese divergente. Outro fato é que a polêmica funciona sempre como produto ou resultado de um discurso anterior, ou seja, provocada e, de acordo com Pinto, Cavalcante e Brito (2012, p. 6) numa “dimensão discursiva profunda.” Na visão de Amossy (2011), o discurso polêmico difere do discurso argumentativo, pois é uma prática discursiva destinada a destruir um adversário. No entanto, a polêmica pode ou não expressar uma linguagem violenta, pois ela pode atacar a pessoa ou, simplesmente, o discurso de forma impessoal.

Atualmente, é cada vez mais comum nos depararmos com debates polêmicos nas redes sociais, uma vez que esse espaço tornou-se uma dos principais meios de disseminação de informações e conteúdos de cunho social. É reconhecidamente um ciberespaço onde as pessoas utilizam as ferramentas de privacidade para apoderar-se do discurso polêmico e projetar a imagem tal como querem ser vistos.

A escolha da imagem a ser projetada pelo usuário é fundamental para a construção da sua identidade no contexto virtual. Segundo Fuentes Rodríguez (2016), através dessa identidade o usuário interagirá com outros usuários desconhecidos e determinará as características discursivas e sustentará as escolhas linguísticas com um fim estratégico.

Para Amossy (2011), esses conflitos são explicados pela incapacidade dos indivíduos sociais em seguir regras de um debate de forma racional e, quando as emoções se tornam evidentes, cria-se um espaço para a espetacularização da violência verbal. Bousfield (2008) alerta que uma ofensa não precisa endereçar-se a um interlocutor específico. No ciberespaço, outros usuários que se identificarem com um conteúdo ou temática podem também sentirem-se ofendidos.

Explícita ou implícita, a argumentação é um dos recursos mais utilizados na linguagem cotidiana. Conforme Ficarative Ruiz (2014), a argumentação é um modo de organizar o discurso em um processo de persuasão do outro, processo esse que se constrói sob as circunstâncias da finalidade, do modelo comunicativo-argumentativo proposto, do âmbito cultural dos participantes, do desenvolvimento cognitivo e do código dos participantes.

Lo Cascio (1998) define a argumentação como um macroato de fala produzido por um falante para convencer a si ou a mais interlocutores sobre a validade e verdade de umatese própria ou uma verdade universal. Ficarative Ruiz (2014) resume que argumentar significa alcançar dois objetivos: o de ser compreendido e obter o que deseja. Sobre tal finalidade, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) distinguem o ato de persuadir e o de convencer, onde na persuasão busca-se induzir o interlocutor a uma ação e o convencer está relacionado a mudança na esfera intelectual do interlocutor.

O êxito do discurso argumentativo é alcançado quando se ampara em formas linguísticas usadas como indicadores de força, tais como locuções adverbiais, conjunções, modos temporais que injetam maior força ilocucionária na enunciação (FICARATIVE RUIZ, 2014, p. 30). Ainda de acordo com o autor, um processo argumentativo diferirá conforme seja o gênero discursivo, a presença ou ausência de interlocutores, o código oralou escrito, o grau de cooperação entre eles. Em suma, toda argumentação, por excelência, demanda que as razões se acomodem à situação.

Outro fator que contribui para a construção da argumentação, são as competências linguísticas que permitem ao interlocutor assumir um papel ativo em toda a argumentação, podendo este enfrentar a tese, buscar enfraquecê-la ou sustentar ideias contrárias (LO CASCIO, 1998). De acordo com Gonçalves (2011), a argumentação no domínio linguístico implica uma abordagem desde a perspectiva semântico-pragmática da língua.

Como vimos, a língua possui diversos matizes dos quais fazemos uso para direcionar nossa fala para determinadas ações ou instruções. Quando produzimos enunciados, não o fazemos de forma neutra, pois repassamos nossas impressões e juízos de valor sobre o mundo ao qual nos referimos.

Na atividade ilocucionária da modalidade deôntica, a Linguística concebe a modalidade como um recurso que o falante lança mão para introjetar, em seu discurso, suas percepções, atitudes e crenças no meio onde interage (BATISTA, 2019). Atendo-se ao contexto das redes sociais, onde esta pesquisa se situa, consideramos que, ainda que as escolhas linguísticas do falante sejam influenciadas pelo contexto social, pela cultura e regras da comunidade onde se insere, qualquer perspectiva pode ser por ele reavaliada e reconsiderada, sendo assim crítico da sua realidade e dos eventos que o cercam. Portanto, o aspecto social se encontra externo ao falante, mas à mercê das suas intenções. Percebemos assim a carga semântica das expressões modais a partir do julgamento crítico daquilo que o falante ouve, percebe (ou lê, no caso do discurso digital) em diferentes graus.

Com relação à modalidade deôntica, tema desta pesquisa, podemos inferir queela

está relacionada aos enunciados escritos no discurso digital das redes sociais que confere um modo de agir sobre o outro e uma relação de poder aos usuários (PAVEAU, 2021). Em nossa pesquisa, analisamos a modalidade deôntica como instrumento para o eixo da conduta dos usuários no discurso digital um modo discursivo de regulação social. Sendo assim, por meio da PMD, os usuários se posicionam nas redes sociais, fazendo seus julgamentos sobre possíveis obrigações envolvidas nesse contexto (PESSOA, 2007, p. 38).

Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara (2007) observam que, em geral, as palavras isoladamente não possuem carga argumentativa, mas se considerarmos os contextos e situações qualquer elemento pode ser usado argumentativamente. Comparativamente, entendemos que, assim como as situações interativas são distintas e variáveis, o emprego do material linguístico pode se ordenar de maneira mais ou menos evidente, com maior ou menor tendência de identidade argumentativa. Fazendo eco de Moeschler (1994), Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara (2007) compreendem que a chave da interpretação das marcas argumentativas é a capacidade necessária de pôr em prática as operações inferenciais diante de um contexto, uma vez que “a dimensão argumentativa pode aparecer marcada ou em grau zero, depende de como o texto se organiza e de sua adequação ao entorno” (FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2007, p. 15).

É, portanto, nesse cenário que predomina a atividade argumentativa (AMOSSY, 2011) e, como efeito, o ambiente digital possui uma série de recursos que propiciam uma linguagem de descortesia do ponto de vista social. No que diz respeito à argumentação nas redes sociais, é preciso compreender também as suas estratégias neste ambiente.

Considerando que os efeitos de sentido engendrados na modalidade deôntica podem expressar descortesia, já que uma fonte impõe uma obrigação ao seu alvo implicando em conflitos, surge, assim, a necessidade de identificar de que modo os aspectos pragmáticos e gramaticais aliados a PMD no condicional podem se tornar mecanismos argumentativos descorteses.

4.2.2 A descortesia como estratégia de argumentação

O discurso digital se insere em um contexto peculiar caracterizado por um perfil de usuários que compartilham informações, promovem debates e defendem um ponto de vista como modo de participar da vida social e de controlar as condutas alheias da forma como consideram mais adequadas. Portanto, a interação nas redes sociais pode envolver choque de ideias, de opiniões, de propostas, de sistemas de crenças que provocam o enfrentamento em um espaço, muitas vezes, polarizado.

Diante disso, essa forma de interferência que incide sobre o outro representa, de acordo com Brown e Levinson (1987), um ato de fala ameaçadora da sua face negativa, ou seja, a invasão ao território (GOFFMAN, 1967), um espaço imaginário e privativo que cada ser humano constrói para si. Por isso, tanto a cortesia como a descortesia são usadas estrategicamente como mecanismo argumentativo, estando estreitamente interligadas (FUENTES RODRÍGUEZ, 2009a).

Após o desenvolvimento de estudos sobre a teoria da polidez, também denominada cortesia, que pôs ênfase na construção da imagem pública em Goffman (1967), nos fenômenos linguísticos cortesês Brown e Levinson (1987), Lakoff (1973), Leech (1983) e da cooperatividade na interação comunicativa em Grice (1982). Tiveram destaque na análise da descortesia autores como Culpeper (1996), Kaul de Marlangeon (2008), Bravo (2010) e Fuentes Rodríguez (2010, 2012, 2013, 2016). Os estudos sobre descortesia mais reconhecidos foram os desenvolvidos por Culpeper a partir de 1996, como resultado de um espelhamento das estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987) a fim de preencher lacunas nessa teoria.

A postura adotada tem sido a de que a análise de descortesia depende de uma soma de fatores contextuais (BRAVO, 2010, p. 20), o que coincide com a concepção de Kaul de Marlangeon (2008), Fraser (1990) e Culpeper (1996; 2005). Sendo assim, podemos afirmar que o contexto é crucial para determinar atos de fala descorteses, ideia reforçada por Fuentes Rodríguez (2016),

Este efeito de descortesia se produz em uma situação na qual influem muitos fatores, o que exige um enfoque variacional (Watts, 2003; Spencer-Oatey, 2007), que deve incluir, como expusemos, em Fuentes Rodríguez (2011, p. 38), o tipo discursivo: ‘Cotexto, discurso e fatores sociais atuam sobre o elemento linguístico e fortalecem, atenuam ou reorientam seu efeito de cortesia (FUENTES RODRÍGUEZ, 2016, p. 4)

Segundo Culpeper (2005), para que haja descortesia, deve haver uma manifestação clara do emissor e uma interpretação do receptor sobre a intenção descortês do seu emissor. Com base nessa premissa, Bernal (2007) define a descortesia como uma atividade comunicativa a qual se atribui a finalidade de causar dano à imagem do outro e que corresponde a códigos sociais supostamente compartilhados pelos falantes. Em todos os contextos, prejudica o interlocutor. O efeito emergente desta atividade é impessoalmente negativo, do qual se deduz que se produziu uma interpretação da atividade como descortês nesse contexto (BERNAL, 2007, p. 86).

A depender do contexto, alguns fatores podem justificar a ausência de cortesia sem

necessariamente se tratar de descortesia. Fuentes Rodríguez (2012) considera, por exemplo, o tipo de discurso para se determinar uma linguagem como descortês. Tal consideração é fruto da observação da relação de intimidade entre participantes que utilizam elementos linguísticos não corteses com uma função diferente: em vez de atacar a imagem, podem significar elementos de afiliação.

Outro fator que deve ser considerado nesta interpretação, é o modo como os participantes da interação projetam sua imagem no discurso. Conforme Fuentes Rodríguez (2016), a descortesia é utilizada metadiscursivamente como um traço de identidade do falante, o que vai determinar suas escolhas linguísticas. Segundo a autora, as redes sociais são um ambiente onde os usuários criam um “avatar”³⁹, uma espécie de incorporação de um ser que se mostra na interação de um determinado modo. A tese defendida por Fuentes Rodríguez (2012) é de que o efeito de descortesia se utiliza metadiscursivamente para a construção da identidade que tem como elemento chave o uso de estratégia com um fim argumentativo, pois, de acordo com a autora, na maioria das interações, busca-se conseguir algo do ouvinte, levá-lo a certas ações ou conclusões (LO CASCIO, 1998; FUENTES RODRÍGUEZ e ALCAIDE LARA, 2002). De acordo com Prata (2007), a escolha de determinados modalizadores é realizada considerando a informação pragmática do ouvinte de modo a modificá-la.

Para Fuentes Rodríguez (2012), a expressão da subjetividade é utilizada na argumentação e no uso cortês ou descortês de um enunciado. Segundo a autora, o falante recorre a essa estratégia como reforço ou para amenizar uma situação comunicativa de descortesia. Reconhecendo que a subjetividade é um aspecto inerente à modalidade deôntica, consideramos que os usuários no discurso digital a utilizam para expressar seu ponto de vista e orientar o alvo deôntico a uma determinada ação. Podemos depreender que a interpretação de cortesia ou descortesia no discurso digital é relativa e depende do contexto, já que “o ouvinte pode decodificar ou interpretar o discurso com um valor cortês/descortês ou neutro” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2010, p. 12-13).

Como exemplo de distintos contextos, Fuentes Rodríguez (2010) nos apresenta a distinção entre atividades de autoimagem e cortesia. Quando o falante realiza uma ação para proteger ou realçar sua própria imagem (como ocorre em entrevistas de emprego), temos um exemplo de operações de autoimagem. Nesse caso, o falante está sobrepondo sua imagem ante

³⁹ Conforme Fuentes Rodríguez (2016), o “avatar” corresponde à construção de uma identidade segundo as intenções dos internautas a partir da criação de um perfil na redes sociais, por meio do qual podem criar dados reais sobre eles ou aqueles que deseja que os outros vejam ou saibam, projetando uma imagem positiva de si mesmos, ainda que fictícios.

o seu interlocutor. Já na atividade de cortesia, o falante considera o interlocutor e busca proteger a imagem deste, mantendo o equilíbrio da interação. Para Fuentes Rodríguez (2010), a operação de autoimagem, a princípio, é considerada uma atitude de descortesia, uma vez que o falante pressupõe uma imposição de si mesmo sobre o outro.

Ao estudar as ocorrências de “tener que”, Thegel (2017) observou que a perífrase tende a aparecer em contextos conflituosos, nos quais o falante assume um posicionamento pessoal ou do grupo do qual faz parte. No entanto, os 6 (seis) casos de “tener que+ infinitivo” no condicional, não são suficientes para analisar os diversos contextos em que a perífrase é usada. Apesar disso, consideramos esses indícios pertinentes para corroborar com nossas hipóteses em relação ao uso do condicional tanto como estratégias de descortesia, como também de atenuação. Portanto, é necessário compreender as formas de estratégia de atenuação na língua espanhola, tal como veremos na subseção 4.2.2.1.

4.2.2.1 A atenuação na língua espanhola como estratégia de argumentação

De acordo com Briz Gómez (2018), a atenuação na língua espanhola é uma categoria pragmatolinguística cuja função resume-se em minimizar a força ilocutiva dos atos de fala em contextos de conflitos que envolvam a conversação, para alcançar um objetivo comunicativo. Com base em distintos estudos (BELLO, 2004; GILI GAYA, 1961; ROCA-PONS, 1985; MATTE BON, 1995; AZZOPARDI, 2011; VATRICAN, 2013, 2014) sabemos que o condicional na língua espanhola pode expressar valores modais, temporais e funcionais, dentre os quais o de atenuação.

É verdade que a cortesia é um fenômeno explicativo da atenuação, mas não o único, segundo Briz (2018). Para o autor, a atenuação linguística tem a ver com a eficácia e com a atividade argumentativa. Por uma questão de coerência, Briz (2013) explica que se a atenuação fosse cortês, não ser cortês significaria descortesia, hipótese que o autor descarta.

Briz e Albeda (2013) consideram a atenuação como uma atividade comunicativa estratégica de mitigação da força ilocutiva e do papel persuasivo dos participantes da interação. De forma mais concreta, Briz (2018) descreve suas funções como as de suavizar, mitigar, reparar, esconder a verdadeira intenção e de estabelecer acordo social, de imagem e de cortesia. Todavia, o autor alerta que a atenuação é uma função estratégica não-taxativa quanto às atividades de imagem cortês ou, sequer, com as de imagem.

No que diz respeito a sua atuação no discurso, Fuentes Rodríguez (2019) defende que a atenuação tem a função pragmatolinguística de mitigar a força ilocutiva dos atos de fala e

do papel dos participantes da enunciação como estratégia de uma atividade argumentativa. Segundo Briz (2018), trata-se de um fenômeno semântico-pragmático e como semântico pressupõe uma menor precisão do que se quer dizer, o atenuante encobre gradualmente o significado da palavra e se codifica em diferentes línguas e culturas. Como pragmático, configura uma estratégia com um valor ostensivo-inferencial que mostra haver algo além do que foi enunciado, cabendo diferentes interpretações segundo o contexto no qual ocorre.

Ainda de acordo com Fuentes Rodríguez (2019), o significado de atenuação implica compreender o conteúdo léxico-semântico das unidades onde aparecem e a presença de operadores especializados. A atenuação tem o papel de minimizar a força ilocutiva do ato de fala e afeta a relação dos participantes, pois pode ser usada como estratégia argumentativa, com efeito cortês ou descortês.

Com uma perspectiva mais ampla, Briz e Albeda (2013) consideram que a atenuação pode ser usada tanto como distância social como aproximação. Eles a definem tanto como estratégia como categoria. É uma estratégia, visto que se atenua, argumentativamente falando, para conseguir o acordo ou aceitação do outro (inclusive, quando esta seja somente uma aceitação social). Logo, é um mecanismo retórico para convencer, conseguir um benefício, persuadir e, ao mesmo tempo, cuidar das relações interpessoais e sociais ou evitar que sofram algum tipo de desprezo (BRIZ; ALBEDA, 2013, p. 292-293).

Assim, a atenuação é um mecanismo de distanciamento, do ponto de vista linguístico do enunciado e, ao mesmo tempo, de proximidade, do ponto de vista social. Podemos compreender que esse distanciamento, linguístico, pode ser explicado pelo aspecto temporal próprio do modo condicional, em sua noção de possibilidade. Nesse caso, o falante se distancia do enunciado para aproximar-se social e afetivamente de seu interlocutor, buscando apreço e evitando conflitos abertos para, desse modo, conseguir seus objetivos comunicativos (BRIZ; ALBEDA, 2013, p. 293).

Além do efeito cortês, o condicional pode exercer outras funções pragmáticas atenuadoras estabelecidas por Briz (2013), a saber, autoproteção, prevenção e reparação. A estratégia de autoproteção cuida em velar por si, minimizando a responsabilidade pelo que diz, ou seja, “o atenuante é uma espécie de máscara por meio da qual se esconde o interlocutor e com a qual o locutor se protege” (BRIZ; ALBEDA, 2013, p. 302). Nesse sentido, funciona como um mecanismo autocêntrico ou, como denomina Hernández Flores (2004), uma atividade de imagem do falante para se autoprotger do dito ou não dito, como podemos observar no exemplo do autor. Suponhamos a seguinte situação: na rua, um jornalista se dirige ao entrevistado e lhe pergunta sobre as touradas. Na Espanha é antiga a polêmica que enfrentam

os favoráveis e os contrários às touradas, reforçada pela proibição dessa prática na Catalunha.

(1)J: ¿qué opinión tiene sobre la prohibición de los toros?

E: Yo-bueno hay gente a quien le gusta ya quien no/entonces lo deprohibir puede que sea una medida quizás excesiva.

Vemos, no exemplo (1), que a atenuação na língua espanhola pode se realizar por meio de diferentes elementos linguístico-discursivos como o movimento de reformulação argumentativa que dirige a responsabilidade da opinião para pessoas em geral “hay gente” como efeito de despersonalização do enunciado, além do uso de perífrases e advérbio de dúvida usados como estratégia para mostrar descomprometimento do que foidito (BRIZ; ALBEDA, 2013, p. 303). Sob essa ótica, podemos inferir que esse descomprometimento também pode ser expresso pela PMD que investigamos, que, conforme os autores, pode ser usada para marcar esse distanciamento do dito, ainda mais quando se trata do tempo condicional, o qual vimos que está direcionada para um futuro hipotético, deixando margem para o cumprimento ou não da ação, minimizando a imposição da obrigação.

A Prevenção, por sua vez, é uma estratégia voltada a evitar possíveis danos à imagem, por invasão do território do outro, numa tentativa de salvaguardar tanto a imagem do falante como a do seu interlocutor, implicando cortesia.

(4)Te veo gordita. Estáis un poquito distraídos. Podrías dejarme los apuntes. Deberías ir al médico.

Nesse segundo exemplo do autor, vemos que o uso do diminutivo e do condicional foi empregado para prevenir um dano à imagem do interlocutor, o que teria grandes chances de se concretizar, pois se trata de uma crítica constrangedora que afeta à imagem positiva do interlocutor em seu desejo de ser elogiado, bem reconhecido (BROWN; LEVINSON, 1987). No caso da estratégia de reparação, o falante já produziu o dano e trata de recuperá-lo por meio da atenuação.

Briz (2013) apresenta ainda duas táticas atenuadoras que envolvem outros recursos verbais como a despessoalização e a relativização. Na despessoalização, como já vimos, trata-se de ocultar o sujeito responsável pela enunciação com expressões impessoais, nominalizações, generalizações. Na relativização, a força argumentativa é enfraquecida com relação à verdade do enunciado, ao grau de conhecimento ou ao compromisso do falante. Expressões de dúvida, possibilidade são recursos autoprotetores bem como protetores do interlocutor. Destaca-se, como exemplo, a modificação de verbos performativos nas formas temporais e modais: uso do condicional ou imperfeito do subjuntivo no lugar do presente.

(2) *Quisiera/Querría que vinierais a mis bodas de plata.*

(3) *Quiero que vengáis a mis bodas de plata.*

Um fator que apresenta grande relevância, nesta pesquisa, para o reconhecimento da atenuação é o contexto. De acordo com Briz e Albeda (2013), a determinação da atenuação necessita apoiar-se no contexto, visto a sua representação como um fenômeno pragmático. Para os autores, a atenuação é mais pertinente quando o contexto comunicativo é mais formal, menor imediatez e em um discurso mais planejado no qual há um grau de distanciamento entre os participantes, numa relação assimétrica. Já num contexto de maior coloquialidade, tanta atenuação poderia causar um efeito contrário, o que os autores chamam de “hilário”, pois seria desnecessário e inadequado. Somente seria conveniente, se a intenção for criar distanciamento social após um problema na interação.

Aplicando tais hipóteses ao contexto desta pesquisa, percebemos a dificuldade de determinar os fatores que justificariam a atenuação no discurso digital, de modo que será necessário analisar, caso a caso, o comportamento da PMD no condicional. Sabemos que as redes sociais são um domínio comunicativo informal em que há certo distanciamento, pois a maioria das interações se dá entre desconhecidos, contudo, a relação entre eles é simétrica, o que permite maior coloquialidade. O que ocorre na Espanha, por exemplo, é a cultura da não-atenuação, uma vez que a sociedade mantém maior aproximação, solidariedade e máxima imediatez comunicativa (BRIZ GÓMEZ, 2013, p. 296).

Briz e Albeda (2013) concluem que a atenuação afeta e modifica o ato de fala minimizando uma afirmação com a expressão de dúvida ou convertendo uma asseveração em proposta, ou oferecimento. Contudo, só será possível fazer uma determinação dependendo da situação comunicativa, do contexto interacional concreto e das intervenções anteriores e posteriores. Tais fatores corroboram com a proposta de análise pragmatológica de Fuentes Rodríguez (2017) que considera a situação e o contexto para a interpretação do discurso.

Conforme nossos objetivos iniciais, abordaremos o objeto de estudo “tener que+infinitivo” desde a perspectiva da Linguística pragmática (2017). Para tanto, necessitamos de uma metodologia que atenda aos diversos usos que podem ser empregados na PMD “tener que+infinitivo” no condicional, ou seja, com uma metodologia que lide com análise da língua em uso concreto, além de um *corpus* com textos autênticos como os construídos nas redes sociais. Por isso, recorreremos ao *Corpus Macrosintaxis del Español Actual*.

5 METODOLOGIA

5.1 Contextualização e caracterização da pesquisa

Esta pesquisa de natureza científica foca no aspecto linguístico da perífrase realizada no discurso digital das redes sociais. Fuentes Rodríguez (2017) defende que o estudo linguístico deve descrever seu objeto sob uma perspectiva que o analise como um todo considerando os elementos do âmbito no qual se realiza. Uma vez que o nosso objeto de estudo se manifesta em um discurso digital, múltiplos fatores internos e externos podem incidir no comportamento da PMD “tener que+infinitivo”, nosso fenômeno linguístico em processo de investigação.

Realizamos essa pesquisa no ambiente virtual das redes sociais, usadas como principais meios de informação e manifestação de opinião na atualidade. Nesse ambiente, os usuários utilizam o discurso digital para fazer avaliações da realidade que vivenciam, assim como impor o agir sobre o outro, no que diz respeito a ações que gerem uma mudança necessária no mundo por meio de elementos linguísticos como os modais deônticos.

Além desses elementos, é importante considerar os elementos tecnodiscursivos, por exemplo, algumas características específicas desse meio, como a possibilidade de anonimato, que trazem maior liberdade de expressão linguística, menor compromisso com a própria identidade perante os outros e, portanto, maior incidência de modalidade. Uma vez que o uso do condicional nem sempre está relacionado com valores corteses ou atenuativos, somente o contexto será capaz de explicar o comportamento da PMD “tener que+infinitivo no condicional considerando as condições inerentes ao discurso digital.

Antes de ser uma descrição e análise puramente linguística do comportamento da PMD, reforçamos que a metodologia pragmalingüística considera a situação e o contexto social no qual esse objeto de estudo se realiza. Conforme Fuentes Rodríguez (2017), esses fatores têm o potencial de condicionar a postura dos falantes e de propiciar a força argumentativa necessária para convencer.

Todavia, nossa pesquisa não se limita à generalização empíricas de observações nem se norteia sob meras crenças. Desse modo, para dissertar sobre o uso da PMD “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital em língua espanhola, e em consonância com a lógica de Popper (2013), partiremos do método hipotético-dedutivo de abordagem funcionalista, uma vez que buscamos comprovar as hipóteses construídas a respeito de

problemas envolvidos nesse fenômeno linguístico por meio da metodologia de análise pragmalinguística de Fuentes Rodríguez (2017), segundo a qual possibilita uma visão geral de todos os elementos e variáveis que estão envolvidos no uso da PMD no discurso digital.

Além disso, o cibergêneros redes sociais e suas características discursivas propiciam o uso de estratégias conversacionais implícitas ou pressupostas que dificultam a interpretação tanto dos valores modais, como do aspecto temporal e atenuante da PMD no condicional.

Para entender os novos meios de interações comunicativas virtuais, faz-se necessário diferenciar as concepções de ciberespaço e cibergênero.

5.1.1 Ciberespaço e cibergênero

O advento da Internet nos mostra que as esferas da linguagem não estão restritas às fronteiras de único meio. Com as novas tecnologias, vivemos, segundo Marcushi (2005, p.13), “novas formas de comportamento comunicativo”.

No tocante aos termos, Shepherd e Watters (1999) criaram o termo “cibergênero” em referência aos gêneros digitais que são fruto da combinação entre computador e internet, os quais se caracterizam pela sua forma, conteúdo e funcionalidade. Nesta última, compreendem-se as possibilidades interativas que os cibergêneros oferecem, dentre elas podemos citar a navegação por “links”, a busca de informações, o envio de correios eletrônicos e mensagens instantâneas, o ato de fazer compras, participar de discussões, estabelecer relações sociais⁴⁰.

De acordo com Paveau (2021), as palavras compostas pelo prefixo “ciber-” correspondem ao sentido de ciência-ficção e à robótica e, atualmente, usadas para inscrever experiências comunicativas “on-line”.

Falar de ciberespaço é falar da *Web*, da Internet das coisas, da realidade paralela, da multimídia interativa, do hipertexto, das mensagens digitais, da telemedicina, da inteligência artificial. Trata-se de um conceito amplo que integra a tecnologia, seus conteúdos, funcionalidades e nós mesmos, com nossas competências digitais. A democratização do acesso à tecnologia ampliou a possibilidade não apenas de intercomunicação e construção de relações, mas também de criar e disseminar conteúdos, entreter-se, pesquisar e viver em novos mundos

⁴⁰ É importante salientar que a “relação” que aqui nos referimos se limita àquela criada nos limites do ciberespaço, as relações online, distinta das relações, que em outros tempos, estabelecemos e cultivamos presencialmente. Baseamos essa delimitação terminológica nas concepções de Bauman (2017) em entrevista à revista Isto é, na qual descreve as relações online como mais fáceis, menos arriscadas e descomprometidas, já que os usuários podem simplesmente se desconectar sem a necessidade de satisfações e sem culpa, o que se torna bastante atraente em termos de relacionamento.

e espaços virtuais. Conforme Aguilera e Soto (2013), no ciberespaço, onde a comunicação simula a conversa face a face e cria condições para uma sociabilidade próxima do “real”, orbita um número considerável de cibergêneros como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *blogs*, jogos digitais, *YouTube*, etc. São redes que reúnem milhares de pessoas, cujo espaço simula o cenário de uma praça pública, dando origem à construção do discurso digital.

Segundo Araújo (2003), o termo “cibergênero”, do inglês “cybergenre”, foi denominado pelas pesquisadoras do MIT Wanda J. Orlikowski e Joanne Yates que implementaram a ideia de gênero aos estudos da comunicação empresarial.

Nesta pesquisa, escolhemos analisar um elemento linguístico no discurso digital realizado em três dos diversos tipos de cibergêneros existentes no âmbito virtual, conforme veremos no tópico seguinte.

5.2 Universo e amostragem da pesquisa

Nesta investigação, buscamos compreender de que forma a PMD no condicional, tempo tradicionalmente concebido como um recurso de atenuação, interfere na dimensão semântica do modal deôntico e como ele se comporta linguisticamente no contexto comunicativo virtual. Como apresentamos no início deste capítulo, essa investigação insere-se no universo das redes sociais, cibergêneros segundo Shepherd e Watters (1999). Irreais e inexistentes do ponto de vista físico, as redes sociais têm sido o principal meio de interações comunicativas sobre temas cotidianos, por meio de comentários e de publicações, especialmente de conteúdo polêmico e de manifestação de opiniões.

Nesse ambiente comunicativo, pretendemos identificar e descrever o comportamento linguístico dessa PMD, pois as redes sociais são um contexto especial de análise linguística para analisar a expressão da modalidade deôntica, sendo um campo fértil para as manifestações de subjetividade no discurso digital, devido aos comentários opinativos. Além disso, é arriscado garantir que o uso do condicional expresse uma atenuação voltada à expressão de cortesia, já que no contexto virtual é frequente o uso de expressões descorteses deliberadas, devido à ausência física dos usuários (PAVEAU, 2021).

Delimitamos nesse universo virtual, três cibergêneros principais: o Facebook (FB), Instagram (IG) e Twitter (TW), pois, de acordo com a pesquisa da agência de marketing espanhola *We Are Social y Hootconforme a* de 2021, as redes são, nessa ordem, as plataformas de interação social mais usadas na Espanha e no mundo. Consequentemente, podemos constatar mais publicações e situações comunicativas onde predominam discussões

polêmicas e manifestações de subjetividade, o que representa maior probabilidade de ocorrências de modais deônticos.

Para a amostragem da pesquisa, encontramos 100 (cem) ocorrências encontradas da PMD no condicional em comentários/tuítes como representação do discurso digital, publicados entre os anos 2012 a 2018 nas redes sociais referidas. Dentre as amostras, priorizamos os comentários/tuítes que apresentavam tipos de orações declarativas, por serem as prototípicas na língua espanhola.

5.2.1 Caracterização do corpus MEsA

Nosso *corpus* linguístico se constitui de um conjunto de textos escritos na língua espanhola, proveniente de fontes digitais da Internet, sendo predominante a variedade peninsular. Sua compilação é fruto do projeto Macrosintaxis del Español Actual (MEsA), dirigido por *Catalina Fuentes Rodríguez*, catedrática da Universidade de Sevilha e autora da metodologia pragmalinguística adotada nesta pesquisa.

Além de nos servir como base de análise do objeto linguístico desta pesquisa, o estudo de corpora nos permite contar com um material produzido espontaneamente na escrita de usuários de redes sociais, fazer observações precisas sobre o comportamento linguístico de uma perífrase modal emitida por pessoas reais e nos proporciona informações altamente confiáveis, isentas de intuições pessoais e julgamentos prévios sobre os fatos de uma língua.

O *Corpus* MEsA⁴¹ coleta materiais públicos disponíveis na Internet com uso direcionado estritamente à investigação linguística. Descrevemos no Quadro 2 alguns dados⁴² detalhados sobre o conteúdo do *corpus*, considerando os cibergêneros *Facebook* (FB), *Twitter* (TW) e *Instagram* (IG).

⁴¹ O corpus está disponível em: <http://www.grupoapl.es/materiales-corpus/corpus-MEsA>. Acesso em: 13 ago. 2021. O corpus está atualmente ampliado e foi atualizado para o MEsA 2.0.

⁴² Os dados foram retirados do corpus criado pelo projeto Macrosintaxis del Español Actual - (MEsA), dirigido por Catalina Fuentes Rodríguez. Disponível no endereço eletrônico do grupo de pesquisa Argumentación y Persuasión en Lingüística: <http://www.grupoapl.es/materiales-corpus/corpus-mesa> Acesso em: 13 ago. 2021.

Quadro 2 - Dados contextuais e situacionais do *corpus* MEsA

TIPO DE DOCUMENTO	DATAS	DISTRIBUIÇÃO	TEMAS ABORDADOS	ÂMBITO COMUNICATIVO	CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS	CÓDIGO LINGUÍSTICO	OUTROS DADOS
Redes sociais	<i>TW</i> : 10/2015 até 11/2017	<i>TW</i> : Fonte original a sequência cronológica	Trump (Eleição Para Presidente Dos Estados Unidos), Privacidade E Novas Tecnologias, Machismo “Bulling”, Racismo Feminismo, Ciência, Prêmio Nobel, Política, Esquerdista, Supremacia Branca, Língua Espanhola, Meio Ambiente Acordo De Paris, Guerra Da Síria, queixas a aerolinhas, denúncias, conciliação maternidade, feminismo, linguagem inclusiva, racismo educação, programas de tv, tráfico, “reality shows”, séries e filmes.	Interações públicas com mensagens que se dirigem a usuários concretos por menção com o símbolo @seguidos pelo nome da conta do receptor.	Registro coloquial, quando se trata de usuários anônimos mais formal quando parte de entidades e empresas. Usam-se “hiperlinks” como elemento intertextuais	Texto escritos multimodais com imagens, “GIF’s”, vídeos “hashtags” e emojis.	<i>TW</i> : Possui um sistema próprio de citar/mencionar usuários, o retuíte usado para reproduzir um tuíte anterior e para adicionar um comentário sobre o conteúdo de um tuíte. As “hashtags” # funcionam como elementos intertextuais que conectam outras publicações com um mesmo tema.
	<i>FB</i> : 07/2012 até 05/2018	<i>FB</i> : relevância cronologia ou por encadeamento de conversação.					<i>IG</i> e <i>FB</i> : Texto escrito, imagens e multimodais como “GIF’s”, vídeos e emojis. Podem aparecer uso de “hashtags” que funcionam como elementos intertextuais e abundância de estrangeirismos.
	<i>IG</i> : 09/2015 até 11/2017	<i>IG</i> : O material se organiza segundo a fonte, enquanto os comentários são organizados segundo um critério do FB relevância, cronologia ou por encadeamento de conversação.					

Fonte: Elaborado pela autora com base no *Corpus* MEsA.

5.3 Descrição da coleta de dados

Para coletar ocorrências concretas da perífrase modal “tener que+infinitivo” na língua espanhola, utilizamos a técnica de documentação indireta, uma coleta de dados já disponibilizados publicamente pelos usuários nas redes sociais. Esses dados foram reunidos no *Corpus Macrosintaxis del Español Actual - (MEsA)*⁴³, que se constitui de materiais linguísticos coletados de diversas fontes digitais da Internet discriminados no quadro abaixo:

Quadro 3 - Composição do *corpus* MEsA

<i>Cibergêneros do corpus</i> MEsA	Quantidade de palavras
Facebook	264305
Fóruns	367852
Instagram	332577
Páginas web	460265
Twitter	299122
WhatsApp	496157
YouTube	382637
Blogs	400772
Total de palavras	3003687

Fonte: Elaborado com base em Fuentes Rodríguez (2019, p.151).

Para identificar cada ocorrência da PMD “tener que+infinitivo” no *corpus*, utilizamos o programa gratuito de busca e identificação de palavras e expressões *AntConc*⁴⁴, pois permite encontrar com maior rapidez e precisão os extratos dos textos. Da quantidade de palavras encontradas no somatório do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, encontramos 631 (seiscentos e trinta e uma) ocorrências de “tener que+infinitivo” no presente do indicativo e apenas 100 (cem) no condicional. Após esse processo, criamos planilhas onde organizamos os comentários/tuítes segmentando cada ocorrência do modal deôntico de acordo com rede social e com a pessoa verbal. Nessa organização, codificamos cada ocorrência conforme as categorias

⁴³ Disponível em: <http://www.grupoapl.es/materiales-corpus/corpus-mesa>. Acesso em: 18 nov. 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 19, nov 2022.

estabelecidas, descritas no próximo tópico.

5.4 Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise foram iniciados a partir de uma revisão bibliográfica selecionada consoante os objetivos desta pesquisa. Cumpridas as etapas de delimitação do *corpus*, de identificação dos modais deônticos por meio do programa *AntConc*, coletados e organizados os dados, a descrição das ocorrências dos modais será constituída de duas formas: análise qualitativa e quantitativa.

Para a análise qualitativa, adotamos a proposta de análise pragmalinguística de Fuentes Rodríguez (2017), que hierarquiza o texto em três níveis modulares: (i) superestrutura, que se trata do tipo de texto, (ii) macroestrutura, que se relaciona com a emissão do usuário-falante⁴⁵ a um usuário-ouvinte e a organização informativa, argumentativa e polifônica do texto e, por fim, (iii) microestrutura que corresponde aos aspectos morfossintáticos na oração. Para cada nível proposto, estabelecemos as seguintes categorias de análise:

Quadro 4 - Categorias de análise da PMD no discurso digital

Aspectos da Superestrutura (SUP)	
Categorias	Tipos
• Tipos de cibergêneros:	✓ Facebook (FB) ✓ Twitter (TW) ✓ Instagram (IG)
• Tipos de sequência discursiva:	✓ Expositiva ✓ Narrativa ✓ Instrucional
Aspectos da Macroestrutura (MAC)	
Categorias	Tipos
• Organização informativa:	✓ Estrutura marcada ✓ Estrutura não-marcada
• Organização argumentativa:	✓ Uso (des)cortês ✓ Uso cortês
• Organização polifônica:	✓ Locutor-Enunciador-Falante ✓ Locutor-Enunciador-Terceiro ✓ Locutor-Enunciador-Comunidade

⁴⁵ Adotamos este termo para referência ao interlocutor de forma geral, enquanto abordagem teórica. No entanto, advertimos que, quando em análise qualitativa, optamos pelo termo “usuário-falante” para o emissor do discurso “usuário-ouvinte” para o receptor.

Aspectos da Microestrutura (MIC)	
Categorias	Tipos
<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de alvo deôntico 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1ª pessoa do singular ✓ 2ª pessoa do singular ✓ 3ª pessoa do singular ✓ 1ª pessoa do plural ✓ 2ª pessoa do plural ✓ 3ª pessoa do plural ✓ Alvo não-especificado
<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de oração em que a PMD aparece: 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Oração simples ✓ Oração coordenada assindética ✓ Oração coordenada (aditiva, alternativa, adversativa, conclusiva, explicativa) ✓ Oração principal de uma subordinada ✓ Oração subordinada (substantiva, adjetiva, adverbial)
<ul style="list-style-type: none"> • Posição da PMD na oração: 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inicial ✓ Intermediária ✓ IntercaladaFinal
<ul style="list-style-type: none"> • Noção temporal da PMD: 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Presente ✓ Passado ✓ Futuro
<ul style="list-style-type: none"> • Processo verbal escopado pela PMD: 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Processo material ✓ Processo mental ✓ Processo relacional ✓ Processo existencial ✓ Processo verbal ✓ Processo comportamental

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a análise quantitativa, utilizamos o programa *Statistical Package for Social Science* – SPSS⁴⁶, que possibilita a importação de arquivos do *corpus* e gera cálculos quantitativos de frequência das ocorrências e interfaces entre as categorias para, assim, transformar esses dados em representações gráficas e efetuar uma análise precisa e adequada para a comprovação científica das hipóteses. Essa etapa é realizada concomitantemente à análise qualitativa. Finda esta etapa, procedemos à análise quali- quantitativa do uso da perífrase “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/products/spss-statistics>. Acesso em: 20 out. 2022.

6 O USO DA PERÍFRASE MODAL “TENER QUE+INFINITIVO” NOCONDICIONAL NO DISCURSO DIGITAL ESCRITO EM ESPANHOL

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise quali-quantitativa da PMD “tener que+infinitivo” no discurso digital, considerando os níveis de Superestrutura, Macroestrutura e Microestrutura, conforme as categorias de análise. A análise se desenvolve a partir dos comentários selecionados como amostras do discurso digital extraídos das redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, que conformam o *corpus* desta pesquisa.

Para a análise, identificamos 100 (cem) modalizadores deônticos na forma da construção perifrástica “tener que+infinitivo” no condicional, a partir das seguintes categorias adotadas: no nível da superestrutura com (i) tipo de cibergênero e (ii) sequência discursiva, no nível da macroestrutura com (iii) organização informativa, (iv) organização argumentativa e (v) organização polifônica para identificação da fonte deôntica, no nível da microestrutura com (vi) tipo de oração em que a PMD aparece, (vii) posição da PMD na oração, (viii) noção temporal da PMD e (ix) tipo de processo verbal escopado pela PMD.

Embora a presente análise se segmente em níveis hierárquicos, buscamos inter-relacioná-los para compreender os aspectos linguísticos e extralinguísticos que explicam o uso da PMD numa perspectiva multidimensional, recorrendo sempre ao contexto e à situação comunicativa. A importância dessa concepção de análise vislumbra o aspecto semântico impreciso das perífrases modais e traça um caminho que dê conta de sua polissemia e do comportamento pragmatolinguístico da PMD no condicional no discurso digital. Sendo assim, tentamos comprovar as hipóteses levantadas e responder os questionamentos iniciais a seguir recapitulados:

1) Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol no nível da superestrutura do modelo pragmatolinguístico?

2) Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo” e sua interrelação entre os planos enunciativo-modal e informativo-argumentativo, relativos ao nível da macroestrutura, para expressão da modalidade deôntica e para a construção da argumentação no discurso digital escrito em espanhol?

3) Qual o comportamento semântico e morfossintático da perífrase modal “tener que+infinitivo”, no nível da microestrutura, quanto ao tempo verbal escopado e seu efeito na deonticidade da perífrase no discurso digital escrito em espanhol?

4) Qual a inter-relação entre os níveis da superestrutura, macroestrutura e

microestrutura e o uso da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol?

Após as devidas considerações, iniciaremos a análise pragmatolinguística da PMD no condicional no discurso digital em língua espanhola.

6.1 Aspectos relacionados à Superestrutura no uso do modal deôntico

Com base em nossos objetivos iniciais, visamos responder à primeira pergunta: “Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em língua espanhola no nível da superestrutura do modelo pragmatolinguístico?”

Para isso, neste nível, adotamos duas categorias para análise: (i) tipo de cibergênero, onde o modal deôntico é utilizado e a (ii) sequência discursiva onde o modal deôntico aparece.

No que diz respeito à expressão da modalidade deôntica na superestrutura, verificamos que o cibergênero é um tipo de gênero escolhido com recorrência para a manifestação de opiniões, identificadas nas 100 (cem) ocorrências da PMD “tener que+infinitivo” no condicional. Considerando as características da comunicação virtual e o contexto social, o discurso digital das redes sociais se estabelece como registro de avaliação dos usuários a respeito de diversos temas do cotidiano.

Por isso, verificamos que os usuários utilizam o discurso digital, especialmente, nos cibergêneros FB, TW e IG para se posicionarem diante de um conteúdo publicado sobre fatos do cotidiano e, por meio da escrita, expressam suas atitudes, emoções e julgamentos de valor, conforme analisam Nunes e Cabral (2018).

Nesta investigação, reforçamos que a proposta de análise pragmatolinguística considera a situação e o contexto social no qual esse objeto de estudo se realiza, onde a situação apresentada tem o potencial de condicionar a postura dos falantes em um determinado contexto e propicia a força argumentativa necessária para convencer. A situação é quem determina o tipo de texto e a sua organização (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017).

De acordo com Halliday (2004), a situação explica o funcionamento das interações e, a partir dos padrões e regras que nela se operam, podemos interpretar o contexto social. Ainda conforme o autor, as categorias que constituem a situação influenciam nossos atos comunicativos e é nela que o gênero se constitui a partir das escolhas linguísticas que o caracterizam. Nesse sentido, o discurso digital se constitui a partir de uma situação comunicativa, cujas circunstâncias giram em torno do campo onde o evento comunicativo

ocorre (redes sociais), das relações, com a identificação dos usuárise das atividades que desenvolvem e do modo como tudo isso aconteceu, o registro escrito,o uso da retórica e a organização do texto. Esses padrões podem ser identificados dependendo do tipo de cibergênero.

6.1.1 Tipo de cibergênero

Para esta categoria, selecionamos os cibergêneros mais acessados pelos usuários, segundo o anuário Cervantes 2022: o *Facebook* (FB), o *Twitter* (TW) e o *Instagram* (IG). Neles são publicados os acontecimentos do cotidiano que, indiretamente, induzem à discussão de problemáticas sociais com outros usuários. Esses debates constituem uma forma de interferir na realidade e é nessa circunstância que a PMD “tener que+infinitivo” no condicional adquire diversas nuances linguísticas.

No tocante à frequência das categorias adotadas, verificamos que, dos cibergêneros selecionados, a maior ocorrência da PMD foi encontrada no IG. Vejamos a Tabela 1.

Tabela 1: Tipo de cibergênero onde a PMD é mais usada no discurso digital

Categorias	N.º	%
<i>Instagram</i>	47	47,0
<i>Facebook</i>	33	33,0
<i>Twitter</i>	20	20,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Conforme os dados da Tabela 1, o IG foi o cibergênero onde verificamos as maiores frequências da PMD no condicional, correspondendo a 47% das ocorrências. O IG é um aplicativo de compartilhamento de fotos, mas também possui características tecnodiscursivas que mostram a construção de textos nativos digitais, como ferramentas como o símbolo @ (arroba) para mencionar e evocar os usuários com quem ou sobre quemconstroem sua interação. Conforme Candale (2017), o IG vem ganhando notoriedade entre os jovens porque oferece uma privacidade maior que o FB. Com exceção do TW, o IG e o FB têm em comum a possibilidade da produção de textos mais longos em seus campos de comentários, que permitem maior liberdade de caracteres. Desse modo, um usuário pode defender seu julgamento com várias sequências expositivas e argumentativas, como nos exemplos a seguir:

(1) Usuario 45 (no identificado):

*No os da vergüenza vuestro servicio. Además de no encontrar de primeras las maletas. A @tamysweetc se la devolvéis rota, con la ropa revuelta y encima con cosas de valor desaparecidas? Vergüenza os debería dar haber hecho eso. Pero además darle la maleta de @soniasweetc a @albasweetc. aprender a organizar vuestro servicio porque así solo hacéis que nadie viaje con vosotros. Se os **tendría que caer** la cara de vergüenza. (IG)⁴⁷*

(2) Usuario 9 (no identificado):

*@elcomidista un tema que a mí me hierva la sangre es el asunto de las burgers ECO que puedes ver por muchos places y donde aprovechan ese marketing para estar en la ola sin tener nada de ecológico o simplemente algún producto. The people **tendría que conocer** los precios de la ternera ecológica o de la harina ecológica para saber que no se pueden vender 200g de ternera eco más pan eco más extras eco más patatas eco a 7€. Las burgers de nuestros friends de [mención al usuario 7] son brutales y es gente humilde y de confianza que lleva el rollo Eco en su ADN. Yo no trabajo carne eco porque al utilizar carne de vaca vieja me resultaría prohibitivo y **tendría que vender** las burgers al doble, prefiero centrarme en producto de quality y trabajar la jugosidad macerando la carne, pero jamás diré que es eco o que es buey para vender más. A lo que me refiero es que hay que ser honesto y no cruzar los límites por una moda, y sobretodo, si uno detecta cualquier tipo de historia rara a la hora de comer, que no se conforme para no colaborar en la venta de verdades a medias. Congratulations por el artículo [mención a usuario]. (IG)*

(3) Usuario 17 (mujer):

*No se puede llamar justicia a la barbaridad que acaban de hacer. Enrabiada, indignada y asqueada estoy. Luego que digan que no vivimos en una sociedad machista. En una violación siempre queda avergonzada y humillada la mujer, cuando a quien se le ocurre tal brutalidad, **tendría que sentirse** así o peor. Yo me pregunto hasta que punto va a llegaresto? (IG)*

Em (1), temos a situação comunicativa de uma avaliação sobre falhas no serviço de uma empresa transporte aéreo. Nesse contexto de insatisfação, o usuário-falante usa a PMD para avaliar, negativamente, a imagem da empresa com base na conduta moral em “tendria que caer⁴⁸ la cara de verguenza”, uma vez que essa expressão indica o sentimento de muita vergonha, usado como uma repreensão por uma má conduta ou comportamento social. Como característica tecnodiscursiva deste cibergênero, a ferramenta @ foi, em (1), utilizada para notificar os clientes da empresa, ao mesmo tempo que os utilizam como parte do enunciado para exemplificar os maus serviços prestados a eles, recurso usado de forma estratégica.

Ao avaliar o tipo de cibergênero no nível da superestrutura, convém ater-nos às características tecnodiscursivas que podem incidir direta ou indiretamente no uso da PMD. Desse modo, observamos que o fato de o usuário não estar identificado em sua conta no IG, ilustra uma tendência para enunciados descorteses sob o recurso do anonimato (PAVEAU,

⁴⁷ Os textos apresentam a ortografia original tal qual foram publicados pelos usuários.

⁴⁸ Definição do dicionário da RAE. Disponível em: <https://dle.rae.es/cara>. Acesso em: 29 out. 2022.

2021). Desse modo, os usuários, em geral, se sentem mais “livres” (CANDALE, 2017; CABRAL, 2019; PAVEAU, 2021) para a manifestação de seu ponto de vista, sem preocupações com os institutos das boas práticas e formalidades, as quais seriam recrutadas pelos usuários caso estivessem frente a frente, de modo não virtual. Em (1), o usuário-falante 45 emite sua avaliação atingindo a imagem da empresa negativamente, portanto, age de modo descortês por meio da desqualificação (FUENTES RODRÍGUEZ, 2012).

Em (2), na primeira ocorrência da PMD “tendría que conocer”, entendemos que há uma avaliação sobre a instauração da obrigação conhecer os preços, usada como base para instaurar também uma proibição em “no se puede vender”. Tais posicionamentos atuam com base na conduta ética profissional e honestidade, uma atitude cobrada pelo usuário-falante 45 por meio de outra perífrase formada pelo verbo haver em “hay que ser honesto”, forma que costuma ser usada pelos falantes com os mesmos propósitos comunicativos e aparecem nos mesmos tipos de texto, conforme Serrano (2021, p. 59).

Enquanto isso, na segunda ocorrência, ao usar a PMD no condicional o usuário-falante 45 expressa a hipótese sobre uma consequência que lhe acarretaria prejuízo econômico “vender las burgues al doble”. Em (2), percebemos que as perífrases foram usadas de formas distintas para convencer o usuário-ouvinte do seu ponto de vista e fazer com que chegue a uma conclusão e estabelecem uma gradação de valores, na primeira ocorrência, vemos uma obrigação deontica, enquanto na segunda ocorrência parece estar mais relacionada, de acordo com Palmer (1979, p. 36) e Thegel (2017, p. 196), a uma hipótese relacionada a necessidade dinâmica, que não se baseia em uma norma, lei ou moral, mas baseada em uma pressão causada pelas circunstâncias internas, onde o usuário seria obrigado a dobrar o valor preços para não ter prejuízo, o que seria inerente a natureza do sujeito. Como vimos no Capítulo 3, os usos dinâmicos descrevem necessidades inevitáveis que afetam negativamente ao sujeito modal.

Em (3), o usuário-falante 17 usa o IG para manifestar seus sentimentos “enrabiada, indignada y asqueada” diante uma publicação de conteúdo machista, que, no contexto atual, é rechaçado pela sociedade e considerado um comportamento moralmente inadequado. Portanto, o usuário 17 imputa ao alvo deontico não-especificado em “acaban de hacer” o sentimento de vergonha e humilhação no mesmo ou pior nível que a vítima sofreu.

Como vimos, os cibergêneros servem à manifestação de opiniões em distintas medidas, no IG e FB essas manifestações se mostraram mais extensas, enquanto no TW foram mais objetivas. Nelas todas, o contexto foi importante para condicionar as opiniões, uma vez que a sociedade tanto pelo contexto social como pela situação comunicativa apresentadas no cibergênero, em que os usuários manifestaram seus julgamentos, de forma bem desenvolvida,

a partir de publicações do IG.

Seguindo nossa análise, conforme a Tabela 1, o FB aparece em segunda posição no que diz respeito à frequência da PMD, com um resultado de 33% do total, o que parece ter mais relação com a possibilidade de desenvolvimento de comentários, assim como o IG. De acordo com Cabral (2019), o FB constitui um espaço interacional em que pontos de vista e a argumentação são mostrados na co-construção textual discursiva, por meio da qual os usuários reafirmam seus posicionamentos.

Da mesma forma que no IG, analisamos o discurso digital do FB a partir do contexto e da situação comunicativa que apresentam. Assim, nesse cibergênero, apresenta-se o contexto social de violência contra a mulher, o que envolve a manifestação de opinião com o uso da PMD e demanda a necessidade de mudança das leis. Vejamos como isso ocorre no exemplo (4):

(4) Usuario 16 (mujer):

[Mención al usuario 1] de verdad crees que es necesario crear esta polémica? Creo que nadie discute eso, pero estarás conmigo que en violencia de pareja, desgraciadamente sonagredidas muchísimas más mujeres que hombres. O no?, Ole y ole por el Alcalde de Cádiz más ole!!!

Usuario 1 (mujer): *Esta bien lo que dices, pero sigo diciendo q **tendría q ver** una ley para aquellos que sufren también. Xq yo conozco a Hombres q han sido maltratados y lo han pasado verdaderamente muy mal,x eso es lo q defiendo. No hablo sin saber. (FB)*

Em (4), temos a situação comunicativa mostra o debate de dois usuários do FB, leitores da página *Público*, um diário digital de notícias da Espanha com temas relacionados à política, sociedade, cultura, ciência e economia. A menção ao usuário 1 e a resposta desse usuário ilustram um diálogo onde eles produzem um texto co-construído argumentativamente, onde expõem seus pontos de vista, constroem imagens de si, ora criando identidades entre si, questionando, mostrando acordo “está bien lo que dices”, ora marcando diferenças entre eles “pero sigo diciendo...”. Desse modo, as interações em comentários no FB onde as estratégias discursivas dos usuários se refletem na contribuição dos outros usuários e, assim, põem em curso a continuidade da interação (CABRAL, 2019,p. 430).

Todos esses fatores mostram como o contexto exerce influência sobre o tipo de texto, cibergênero e, este, sobre as escolhas linguísticas, como a PMD, empregada consoante a intencionalidade dos usuários, qual seja a mudança de leis.

Além disso, quanto mais complexo o contexto social refletido nas publicações, maior é o desenvolvimento de ideias para dar base aos julgamentos e avaliações dos usuários, como vemos em (5):

(5) Usuario 2 (mujer):

*[Mención a usuario 49,] [Mención a usuario 16] Como bien dice Laura en este artículo, las mujeres hemos salido a la calle pero los hombres no han entrado en casa lo suficiente. Si los hombres tuvieran las mismas responsabilidades en casa que nosotras, nadie podría hacer jornadas de 14 horas. Todos **tendríamos que hacer** jornadas más racionales. Las mujeres podríamos desarrollar nuestra carrera profesional en igualdad respecto a nuestros compañeros hombres, los hombres podrían disfrutar de sus hijos y los niños se beneficiarían de pasar más tiempo con sus padres. (FB)*

Em (5), temos o contexto da razoabilidade de direitos trabalhistas entre homens e mulheres. Nesta situação, três usuários, o 2, o 49 e o 16, discutem melhores condições de atividades laborais e domésticas para ambos os gêneros, um tema bastante atual que gera debates extensos. Vemos que, em resposta a dois usuários que já haviam manifestado suas perspectivas, o usuário 2 inicia seu discurso embasando-se no artigo publicado, o qual gerou a discussão. Em seguida, expõe uma condição e, só então, manifesta sua avaliação sobre a necessidade de uma ação para a solução da problemática em questão. A conclusão do comentário se volta ao uso de mais argumentos com as possíveis consequências que justificariam a necessidade de “hacer jornadas más racionales”, onde a PMD no condicional foi utilizada.

Com base nessa análise, podemos considerar que, nos tipos de cibergêneros FB e IG, há uma tendência para a produção de comentários mais extensos com distintos tipos de sequências discursivas, que buscam a defesa e a prevalência de uma ideia e justificativa da necessidade da ação que se impõe ao usuário-ouvinte. Isso reforça nossa percepção de que este fator está ligado à ausência de limites de caracteres, o que permite que os usuários desses cibergêneros construam um discurso bem fundamentado. Tal desenvolvimento e construção textual não é observada no TW.

Verificamos que a PMD foi menos utilizada no TW, com apenas 20% do total de ocorrências. Mancero e Pano (2013) afirmam que a principal diferença entre o TW e FB consiste nas diferentes funções que operam e nas razões dos usuários para usá-las, como a relação entre os seguidores no TW que não é semelhante à que ocorre no FB. Vejamos as ocorrências (6) e (7):

(6) Usuario 78 (hombre):

*Los hijos de PUTA prevaricadores del Tribunal Constitucional: **tendrían que estar en la CÁRCEL**, GOOGLE: <http://Twittet.com/alfredo200220>
[Imagen con texto sobre el Tribunal Constitucional]. (TW)*

(7) Usuario 9 (mujer):

*@jordievole se **tendría q haber kemado** con todos los h d p dentro. Si El Liceo*

NUNCA fue del pueblo solo para la elite pero lo pagamos todos. (TW)

Em 2022, o TW apresentava a seguinte informação⁴⁹: “Twitter é o que está acontecendo e sobre o que as pessoas estão falando neste momento”, o que demonstra o imediatismo das publicações alinhadas à constante atualização dos assuntos do momento e a evolução da plataforma. Conforme Vivás Marquez e Ridaio Rodrigo (2015), o TW é utilizado por jornalistas para publicar novos fatos e antecipar informações em primeira mão. Por ser uma rede social utilizada como meio de interação comunicativa de forma mais rápida e com temas constantemente atualizados, tal resultado pode estar associado tanto a esse objetivo da plataforma como ao limite de caracteres que permite. Convém lembrar que a rede expandiu a quantidade de 140 para 240 caracteres em 2021, ainda assim, há de fato um limite de caracteres que condiciona a objetividade do discurso e a construção de estruturas frasais menos complexas em comparação ao FB e IG.

Outros fatores extralinguísticos observados são o emprego de multimodalidade e hiperlinks para reforçar o julgamento e a defesa de ideias, já que não se pode construir um texto escrito mais extenso. Sobre esse aspecto, Cantamutto (2016) explica que a comunicação no discurso digital se realiza numa perspectiva retórica em que cada usuário escolhe, a partir do seu conhecimento de distintas redes sociais, aquela que melhor se adapta para alcançar um objetivo comunicativo. Concluímos que esse conhecimento também implica o efeito de onipotência, tornando os usuários “tecnopoderosos”, considerando que o poder discursivo está naqueles que detêm as competências digitais (PAVEAU, 2021, p.6).

Embora a descortesia ainda seja discutida na organização argumentativa, não podemos ignorar o uso (des)cortês na maioria das ocorrências do TW. Em (6), o usuário 78 usa a PMD “tendría que estar” para manifestar seu julgamento sobre o que considera adequado para a instituição Tribunal Constitucional, usando expressão de baixo calão como “hijos de PUTA”, expressão claramente descortês. Em (7), temos mais uma ocorrência da PMD no TW em mais um enunciado (des)cortês. Nesse caso, a ação a ser realizada pelo alvo deôntico é recíproca, representando o ato de atear fogo contra si e naqueles que o usuário 9 se refere indeterminadamente como “todos”. Apesar disso, o que se sobressai é um ato de fala violento pelo desejo da morte do alvo deôntico @jordievole, seguindo a uma tendência para a violência verbal nas atuais redes sociais.

Neste nível da Superestrutura, vimos que a categoria *Tipo de Cibergênero* possui

⁴⁹ Tradução nossa. Texto original: “Twitter is what’s happening and what people are talking about right now.” Disponível em: <https://about.twitter.com/en>. Acesso em: 28 nov. 2022.

características que adéquam a intenção comunicativa dos usuários, pois, a depender dos recursos tecnodiscursivos que as plataformas virtuais dispõem, os usuários podem organizar seu discurso de forma mais ou menos extensa e em distintas sequências (expositivas, narrativas e instrucionais) como comprovamos no tópico seguinte.

6.1.2 Sequência discursiva

Quanto à sequência discursiva, Fuentes Rodríguez (1993) nos afirma que a organização do conteúdo depende do tipo de texto (tipo discursivo). Nele, podemos encontrar um único tipo de sequência (texto homogêneo) ou distintas sequências (texto heterogêneo). Em nossa análise, adotamos três tipos de sequências discursivas para analisar o comportamento da PMD: narrativas, expositivas e instrucionais, baseado em Fuentes Rodríguez (2017). Com relação aos tipos de sequência considerados, constatamos que houve maior frequência da sequência expositiva, conforme a Tabela 2:

Tabela 2: Tipo de sequência discursiva onde ocorre a PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Expositiva	98	98,0
Narrativa	1	1,0
Instrucional	1	1,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Como constatamos na Tabela 2, a PMD no condicional aparece em 98% dos casos em sequências expositivas, enquanto houve apenas uma ocorrência em sequência narrativa e uma em sequência instrucional. Parece-nos que essa predominância se deve a uma tendência de os usuários usarem as redes sociais, não só para compartilhamentos de fotos e vídeos, para dissertarem sobre fatos e experiências pessoais como base para manifestarem suas opiniões.

Os resultados estatísticos de 98% conduzem à predominância da sequência expositiva escolhida pelos usuários das redes sociais para a manifestação de suas opiniões por meio da PMD. De acordo com Fuentes Rodríguez (2017, p.138), a sequência expositiva constitui a caracterização ou definição de um fato ou evento, sendo o termo “expositiva” mais geral e englobador, do qual podemos obter dois subtipos: a sequência expositiva-descritiva (quando o falante descreve uma realidade, ou um objeto do mundo físico) e sequência

expositiva-deliberativa (quando o falante descreve suas ideias e pensamentos a respeito de um tema), identificadas em (8) e (9):

(8) Usuario 70 (hombre):

*GRACIAS CÉSAR! Me has puesto la carne de gallina. Precioso lo que nos has contado y cómo lo has contado... Todos los profesores **tendríamos que pensar** en lo que nos **dices**, RESPETO Y SACAR LO MEJOR DE CADA ALUMNO. Comparto tu idea, la "masa-base" de todas las asignaturas deberían ser esa, RESPETO y después sumarle matemáticas, inglés o filosofía... Somos afortunados en nuestro trabajo. GRACIAS POR HACER DE ÉL, UN TESORO AÚN MÁS VALIOSO!! (FB)*

(9) Usuario 23 (mujer):

*[Mención a usuario] Mucho **tendría k cambiar** todo .mi marido es autónomo .sino trabaja no cobra no hay ayudas para ello no se pueden implicar por k no recibiria ninguna ayuda .simplemente si un día por k yo estoy mala se queda en casa ayudar con los niños no cobra.así k como conciliamos.???? Yo trabajo a horas en una oficina y la única manera k encuentro para poder atender y llegar a tdo es ; sino puedo ir a trabajar por mis niños enfermedad reuniones escolares etc no voy y no cobro.no encuentro otra manera. Es imposible. (FB)*

Inicialmente, em (8) e (9), os verbos sublinhados no presente do indicativo nos fazem reconhecer uma sequência expositiva. De acordo com Fuentes Rodríguez (2017, p. 138), nesse tipo de sequência, o usuário-falante lança mão de um encadeamento de fatos e informações a fim de que o interlocutor adquira um conhecimento que, até então, não possuía. Além disso, os usuários 70 e 23 usam essas informações para justificar a manifestação de seu ponto de vista com o uso da PMD “tendríamos que pensar” e *tendria k cambiar*”. De modo subjetivo, usuário-falante 23 apresenta fatos advindos das experiências pessoais como base para sustentar sua avaliação sobre a necessidade de mudança com a PDM “tendría k cambiar”.

Outrossim, em (8), houve a manifestação de avaliação do usuário 70 por meio do uso de adjetivos qualificativos, como “precioso”, “afortunados”, “valioso”, os quais atendem à subclassificação sequência expositiva-deliberativa (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017), nas quais o usuário-falante expõe uma série de fatos, além de qualificá-los com adjetivos.

Em (9), o usuário 23 descreve uma realidade do mundo físico, a realidade que esta experiência, qual seja sua difícil rotina de conciliação entre trabalho externo e doméstico, a quantidade de horas necessárias para suprir as demandas familiares e descompensação financeira. Tais fatos se inserem em um tipo de sequência expositiva- descritiva. Além disso, observamos a inserção de uma pergunta retórica que reflete uma dimensão argumentativa, uma vez que induz o interlocutor a uma ação reflexiva.

Segundo Fuentes Rodríguez (2017, p. 144), todas as sequências possuem dimensão argumentativa, porque o texto se organiza para expor motivos, justificativas e também

reflexões para levar o leitor/ouvinte a uma determinada ação. Essa estratégia de organização textual visa interferir nas ideias do leitor/ouvinte e se mostra por meio dos operadores e conectivos argumentativos como a ordem dos elementos linguísticos, o léxico utilizado, a enunciação e a modalidade. Todas as sequências servem de base para o interlocutor chegar a uma conclusão ou realizar uma ação determinada (FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2007, p. 15).

Vejam os exemplos (10) e (11) nos mostram uma tendência de ocorrência de sequências expositivas mais extensas nos cibergêneros IG e FB, respectivamente:

(10) Usuario 142 (no identificado):

*[Mención al usuario 210] si, pero por parte de Alfred o de la gente que los lleva, **tendrían que haber estado** más avisados para saber qué a puertas de representar a tu país un título así muy apropiado no es, independientemente de lo que vaya el libro. No intentéis buscar justificaciones donde no las hay. Qué no ha habido ninguna intención oculta seguro que si, pero si en vez de llamarse España de mierda se hubiera llamado Catalanes de mierda tendríamos las mismas por la otra parte. Ahora son famosos y y tienen una imagen pública y son objetivo de carroñeros buscando cualquier cosa para atacarles. (IG)*

(11) Usuario 95 (mujer):

*Que quede segundo un tio que en todo el concurso no a hecho ni un plato que mereciese lapena (Nathan) ya dice mucho de que el programa no va de cocina si no de "enchufismo puro y duro"... Jorge se le a visto una evolucion de menos a mas y aunque para mi no sea el justo ganador se lo merece!! **Tendria que haber sido** una final Laila, Odkuu y Edurne donde SI se habrian visto buenos platos y habriamos disfrutado. (FB)*

Como vemos em (10) e (11), a PMD se realiza nos cibergêneros IG e FB, que possui um número ilimitado de caracteres, que possibilita que seus usuários desenvolvam ideias e avaliações extensas a respeito de um determinado fato, com base em explicações e dados que justifiquem a obrigação da ação.

Nas sequências expositivas, vimos que as perífrases modais são usadas em meio a decomposição de um assunto em discussão com as informações pertinentes para convencer o interlocutor e direcioná-lo a um determinado ato.

Não obstante, observamos a presença de sequências narrativas, ainda que com um único caso, mas que é considerável sua abordagem para fins de compreensão de distintas formas de estratégia discursiva, para além da análise apenas classificatória. Conforme Fuentes Rodríguez (2017), a sequência narrativa apresenta o falante como narrador de um evento situado no espaço/tempo anterior ao momento da fala, visando contar um acontecimento.

Na instância da narração de fatos não experienciados, o falante pode se fazer valer de um recurso fictício de se colocar de fora da situação comunicativa, assumindo papel apenas de observador ou transmissor de fatos já ocorridos (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017, p. 138).

Por isso, nesse caso, há uma expectativa de descomprometimento do usuário-falante com o dito, já que ele usa a narração de um fato para fazer sua avaliação sobre a necessidade de interferir numa determinada realidade. No entanto, conforme vemos em (12), o usuário 21 é o narrador-personagem, pois relata sua própria experiência para justificar sua avaliação:

(12) Usuario 21 (mujer):

*[Mención a usuario] Mi trabajo es/era a turnos de mañana o tarde me quedé embarazada el último año de guardería del niño cogí la baja y empezó el cole dándome cuenta q la semana q estuviese de tarde no lo vería en td el día xq cuando el saliese del cole yo entraría a trabajar y cuando yo llegade a casa el ya estaría dormido. Cuando nació la niña la opción de reducir no me valía xq **tendría q ser** menos horas pero igualmente una semana de mañana y otra de tarde y aún encima cobrando menos y no me lo puedo permitir así q mi alternativa ha sido partir el turno haciéndome un horario ilegal pero qyo aceptó y sufro para poder ver tds los días a mis hijos abro y cierro la tienda es agotador pero tds los días son iguales y puedo comer con mis hijos e ir un ratito al parque con ellos. (FB)*

Segundo Fuentes Rodríguez (2017), ações passadas são a primazia das narrações. Em (12), verificamos a predominância de verbos no pretérito perfeito, onde o usuário-falante manifesta sua avaliação após narrar episódios em ordem linear cronológica, como “me quedé embarazada”, “cuando nació la niña”. Desse modo, o usuário usa a narração para trazer eventos passados ao mundo real, *realis*, quando usa a PMD em “tendría que ser menos horas”, com isso, a modalidade estabelece um evento hipotetizado, *irrealis*.

Conforme Givón (1984), é típico do discurso narrativo a correlação entre modalidade *realis* e *irrealis*, eventos que realmente ocorreram ou que são hipotetizados, com a possibilidade de se realizarem. Por exemplo, em um texto de narrativa pessoal, as informações e fatos são arranjados e distribuídos com referências de tempo, espaço e pessoa, onde se estabelece uma “moldura modal que coloca os eventos em um mundoreal” (GIVÓN, 1984, p. 289).

Observamos ainda, no exemplo (12), a dimensão argumentativa que tem uma sequência narrativa, pois ela pode ser usada como argumento de ilustração ao narrar uma história para conduzir a uma ação específica. Em um momento de reflexão do usuário 21, o relato ilustra a rotina árdua de trabalho incompatível com a responsabilidade materna para defender a necessidade da redução de horas.

Outro aspecto da narração que interfere no valor do modal deôntico é o uso de verbos no passado inerente a esse tipo de sequência, ou seja, com a predominância de verbos no pretérito perfeito simples, observamos que a PMD não foi utilizada para estabelecer uma necessidade de ação futura, pois se refere a uma situação que deveria ter acontecido no passado, em um período não mais oportuno para ocorrer a mudança necessária em relação às horas.

Soma-se isso ao fato de não existir um alvo deôntico explícito, pois o verbo escapado em “tendría que ser” se refere às horas, um complemento [-animado] que não possui a capacidade de cumprir, realizar ações. No entanto, consideramos a ocorrência de um processo metonímico, no qual o alvo da ação é, indiretamente, aquele responsável por estabelecer as horas de trabalho, assim sendo, um possível alvo deôntico.

Também com rara frequência, apenas 1% dos casos, identificamos também a ocorrência da PMD em uma sequência discursiva com várias ações a serem executadas por meio de instruções. A sequência do tipo instrucional foi construída pelo falante para levá-lo a realizar uma série de ações. A estratégia linguística predominante é a apelativa com uso de imperativos e verbos no futuro, como vemos em (13):

(13) Usuario 213 (hombre):

*[Mención al usuario 146] Es que yo te lo explico niña porque el sueño independentista es muy barato si no tienes ni idea de economía, que sepas lo primero de todo que más del 55% de Cataluña no es independiente, que se haga eco en los medios aparenta un número mayor de gente independentista, si España os odia no es por vuestro idioma, que es respetado por mucha gente al igual que el vasco o gallego, la gente odia que aún así queréis una independencia sabiendo que no tenéis dinero de autosuficiencia, además no seríais miembros de la unión Europea por mucha que queráis, ya lo dijo el consejo europeo. No soy de derechas pero conozco mis derechos y se que si queréis independizaros primero **tendría que votar** toda España. LA GENTE OS ODIS PORQUE DIA TRAS DIA GRITAIS DICRIENDO QUE ESPAÑA OS OPRIME Y NO SABES NI LO QUE SIGNIFICA SER OPRIMIDO DE VERDAD ASI QUE APLICATE EL CUENTO Y DEJA DE VER LA TELEVISIÓN DE CATALUÑA Y PONTE A VER LA CNN O ALJazeera QUE AHI TE LO EXPLICAN BIEN, y luego opinas. (IG)*

Em (13), observamos que a sequência instrucional se relaciona com a modalidade deôntica, porque o usuário-falante 213 sugere uma série de passos necessários para levar a realização de uma ação obrigatória diante de um ponto de vista moral e baseado em normas, devido ao contexto em que o ato de “votar”. Observamos que a ocorrência trata-se de um texto heterogêneo com distintas sequências discursivas. Inicialmente, o usuário-falante 213 constrói uma sequência expositiva para dar informações prévias que servem de base para a construção da argumentação, que levará o alvo deôntico à ação principal de opinar, em “luego opinas”.

Por fim, a sequência instrucional é identificada pelo uso dos imperativos como em “APPLICATE EL CUENTO”, “DEJA DE VER LA TELEVISIÓN”, “PONTE A VER LA CNN”, com os quais o usuário-falante 213 mostra passos necessários para que o alvo deôntico chegue a uma conclusão em “y luego opinas”. Ao usar a PMD “tendría que votar” no condicional, o usuário-falante 213 reduz a força ilocutiva e matiza a obrigação da ação como uma recomendação, uma vez que reconhece a ausência de hierarquia entre ele e seu alvo deôntico e que não possui autoridade sobre ele. Desse modo, a realização da ação no condicional

é entendida pelo alvo deôntico apenas como sua provável responsabilidade. Além disso, a PMD é usada em uma oração subordinada adverbial condicional inserida em uma coordenada adversativa, situando a ação instaurada pela PMD no mundo hipotético.

Vimos, nas categorias anteriores, que o nível da SUP se apresenta como uma organização do texto como um todo e aponta para o tipo de discurso escolhido pelo usuário-falante para fazer suas avaliações e julgamentos sobre o estado-de-coisas. Tudo isso é condicionado por fatores externos, nos quais as temáticas do contexto social despertam interesse dos usuários para discutí-las em um espaço público virtual.

Conforme Fuentes Rodríguez (2017), a SUP afeta a MAC, em sua organização e unidades linguísticas: conectivos, modalidade, reformulação, explicações. A SUP também influencia a macroestrutura, pois a organização informativa e argumentativa depende das intenções do falante, como este organiza as informações, como implementa as estratégias argumentativas e que vozes usa para responsabilizar-se pelo dito em comentários realizados em ciber gêneros. Tais aspectos podem nos revelar o comportamento da PMD nos planos informativo, argumentativo e polifônico.

6.2 Aspectos relacionados à Macroestrutura no uso do modal deôntico

Considerando este nível, buscamos responder à pergunta: “Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo no condicional no discurso digital escrito em espanhol no nível da macroestrutura?”

Conforme Fuentes Rodríguez (1996), a MAC é a parte do texto que forma as relações subjacentes do produto linguístico que transcende o âmbito oracional. Concentrando-se no que ocorre no discurso digital, observamos que o usuário-falante organiza as informações usando uma série de mecanismos linguísticos pertencentes aos planos enunciativo-modal e informativo-argumentativo que aqui surgem por influência do contexto comunicativo. Desde a sua ideia até a materialização desta, ou seja, todo o produto discursivo do usuário-falante no plano informativo-argumentativo é condicionadode acordo com suas intenções e adaptado ao seu usuário-ouvinte e às inferências deste. Para compreender o comportamento pragmalinguístico da PMD nesse nível, consideramos as categorias que compreendem a organização informativa, a organização argumentativa e a organização polifônica onde a PMD se realiza.

6.2.1 Organização informativa

Para identificar a intenção comunicativa dos usuários e as diferentes estratégias

modos de usar o código linguístico, recorremos à análise da organização informativa do discurso digital. Segundo Rojo (1983, p. 89-90), uma sequência pode responder a diferentes intenções comunicativas e, conseqüentemente, apresentar estruturas e organizações informativas diferentes, como a inversão da ordem direta das orações, o uso de marcadores discursivos. Desse modo, analisamos dois tipos de estrutura: uma marcada e outra não-marcada. Vejamos a Tabela 3:

Tabela 3: Organização informativa no uso da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Marcada	66	66,0
Não-marcada	34	34,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Identificamos, na Tabela 3, que o tipo de estrutura na construção das orações onde aparece a PMD predominou a *estrutura marcada*⁵⁰, em 66% das ocorrências. Esse resultado pode estar associado ao fato de, em geral, os usuários considerarem necessário lançar mão de recursos de realce na organização de seu discurso, destacando uns elementos sobre os outros na oração, numa ordem estratégica que vai conforme o que o seu interlocutor necessita saber ou reconhecer como mais relevante. Essa frequência mais alta atende ao que supúnhamos, já que o discurso digital se nutre de estratégias linguísticas usadas pelos usuários com uma forte dimensão argumentativa, colocando ênfase nas informações que lhes interessam.

Conforme Gutiérrez Ordóñez (1997), os indivíduos estruturam o que dizem para informar, de modo que um emissor dirige a um destinatário para modificar seu nível de conhecimentos, transmitindo-lhe dados que acredita serem novos (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 1997, p. 17).

Como exemplo, temos a ordem da estrutura oracional, estreitamente relacionada ao grau de importância que o usuário-falante atribui a um conteúdo novo, enfático ou contrastivo face às demais informações que quer veicular, como vemos em (14) e (15):

⁵⁰ Conforme vimos no Capítulo 2, entendemos a estrutura marcada como aquela estrutura linguística que exige maior atenção e tempo de processamento mental. Baseando-se em Fuentes Rodríguez (1999), consideramos os seguintes critérios para reconhecer uma estrutura marcada: a ordem oracional; intensidade; focalizadores pressuposicionais, estrutura de ênfase, mecanismos para ressaltar uma informação.

(14) Usuario 21 (mujer):

*Vergüenza os **tendría que dar**, que la maleta de @albasweetc no la tiene, la maleta de @tamysweetc se la entregaron rota, revuelta y se la disteis sin cosas de valor. La maleta de @soniasweetc se la han traído a la casa de @albasweetc, pero con todo. (IG)*

(15) Usuario 152 (mujer):

*Vergüenza les **tendria que dar**.. (IG)*

Conforme Sánchez Arroba (2020), a ordem SVO marca as relações gramaticais em espanhol, mas essa ordem pode ser alterada por fatores pragmáticos- semânticos: quando a oração se inicia pelo objeto, como em (14) e (15), temos um exemplo de focalização e topicalização do objeto. Os usuários 21 e 152 implementam uma carga semântica com a inversão da ordem oracional padrão (SVO). Segundo Salvador Gutiérrez (2000), a ordem da oração não depende, em geral, de funções sintáticas ou semânticas, mas sim das funções informativas.

Essa organização informativa contribui ainda para a organização argumentativa, que, em (14) e (15), os usuários salientam o termo pejorativo “vergüenza” e enfatizam a necessidade da mudança de comportamento, baseada na temática moral a ser adotada.

Em (16), observamos que a informação inicial na oração representa o que Salvador Gutiérrez (2000) explica a respeito do funcionamento dos enunciados informativos. Tudo acontece como se o falante adiantasse uma resposta a uma possível pergunta do ouvinte, assim, a resposta do falante traz informações novas ou já conhecidas com base no que seu ouvinte sabe ou desconhece.

(16) Usuario 10 (hombre):

*Ni en el Centro de Barcelona, ni en el de Madrid! **Tendría que ver** usted como está Fuenlabrada de gente que no puede vivir en Castellana.*

Em (16), o usuário organiza a distribuição das informações no enunciado de acordo com o que ele acredita que seu usuário-ouvinte possa não saber ou não entender. Desse modo, o usuário 10 já inicia a informação negando possíveis ideias do seu ouvinte a respeito do lugar em que se encontra o excesso de pessoas em questão em “Ni en el Centro de Barcelona, ni en el de Madrid!”. Somente após essa informação prévia, o usuário 10 usa PMD para estabelecer a obrigação da ação de “ver”, a ser cumprida pelo seu alvo deôntico.

Nesse sentido, podemos afirmar que a PMD aparece em uma estrutura focalizadora. Conforme Neves (1999), a repetição da conjunção aditiva *ni... ni* não é obra do acaso, pois se coloca como mecanismo explicitamente argumentativo ao estabelecer uma

função de não-ambiguidade (que também podemos entender como esclarecimento) no uso de *ni* em construções marcadamente focalizadoras, como em (16). Com base em Neves (1999), o mecanismo de focalização pela repetição da conjunção, recai sobre os lugares que o usuário quer enfatizar a obrigação de se ver onde muitas pessoas que não podem viver.

Sobre a inter-relação entre modalidade e marcação, Neves (2006) aponta uma interessante ligação entre a modalidade e as noções de primeiro plano, *foreground*, (linha principal do episódio/descrição/comunicação) e segundo plano, *background*, (suporte do episódio/descrição/comunicação). A modalidade *realis* se liga ao *foreground* e a *irrealis* ao *background*. Essa ligação parte da premissa de que eventos que realmente aconteceram (*realis*) devem ser mais salientes para a codificação e recuperação do que eventos hipotéticos.

Quanto às estruturas não-marcadas, conforme Sánchez Arroba (2020), este é um dos critérios mais importantes para identificar a ordem padrão de uma língua. Podemos identificar essa menor marcação tanto no nível fonológico, quando não apresentam um contorno entonativo, como no nível morfossintático, quando há menos marcas morfossintáticas. Desse modo, também identificamos a PDM em estruturas não marcadas no nível morfossintático, incluindo sua distribuição sintática na oração. Conforme Di Tullio (1997), na ordem não-marcada, a distribuição da informação se ordena desde o conhecido ao novo. Quando as cláusulas apresentam a ordem SVO, as marcas são desnecessárias, como vemos em (17):

(17) *Usuario 147 (mujer):*

*Claro que si Pati es lo único que quieren ver en la tele para ellos sentirse importantes! El gobierno **tendría que restringir** las imágenes... Lo que sí se que cuanto personas inocentes tienen que morir para que los gobiernos destruyan a todos..ya está bien. (IG)*

Em (17), observamos no nível morfossintático a distribuição dos elementos na oração que apresentam, na ocorrência da PMD, a ordem SVO, na qual o sujeito “El gobierno”, a perífrase verbal “tendría que restringir” e o objeto “las imágenes” ocupam a ordem padrão na língua espanhola. Desse modo, sem a necessidade de destacar uns elementos sobre os outros, morfossintáticos ou fonológicos, para salientar alguma informação, a força ilocutiva se concentra na PMD para estabelecer a necessidade de “restringir”. Além da organização informativa, o falante pode adaptar o texto ao receptor visando guiá-lo a uma ação, seja por meio da cortesia ou pela descortesia, usando-as como argumentação para essa finalidade.

6.2.2 Organização argumentativa

Conforme Fuentes Rodríguez (2012), a cortesia ou a descortesia, desde uma perspectiva linguística, são mecanismos que atuam no plano argumentativo. Sob essa ótica,

consideramos no nível da MAC, além da organização informativa, os aspectos relacionados à intervenção dos agentes comunicativos, analisando o modo como estes organizam argumentativamente seu discurso para convencer (FUENTES RODRÍGUEZ, 2012). Com esse objetivo, adotamos dois tipos de intervenção comunicativa: (i) usos descorteses e (ii) corteses na expressão da PMD “tener que+infinitivo”. É neste tipo de organização que se revelam os recursos argumentativos dos usuários-falantes no discurso digital, seja com a intenção de ofender ou a de zelar pela imagem do interlocutor segundo a estratégia comunicativa implementada. Desse modo, ao analisarmos as ocorrências, verificamos que houve um maior uso da PMD em enunciados descorteses, como percebemos na Tabela 4:

Tabela 4: Organização argumentativa da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Descortesia	62	62,0
Cortesia	38	38,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Como podemos constatar, em 62% dos casos, os usuários manifestaram suas avaliações com a PMD em contextos discursivos descorteses. Tal resultado se alinha com nossa hipótese inicial de que há uma tendência de predominância da descortesia no discurso digital, sendo essa a estratégia mais recorrente conforme diversos trabalhos (VIVAS MÁRQUEZ; RIDAO RODRIGO, 2015; AMOSSY 2014; CABRAL; LIMA, 2018; CABRAL, 2019; FERNANDES; CAVALCANTE, 2020; FUENTES RODRÍGUEZ, 2011; FUENTES RODRÍGUEZ; ALCAIDE LARA, 2008). Contudo, tanto a cortesia como a descortesia podem ser usadas para conseguir algo do ouvinte, seja por meio de elogios ou, de modo contrário, com ataques ofensivos à imagem do interlocutor (BROWN; LEVINSON, 1987). Seja qual for o caso, o contexto será essencial para diferenciar a intenção do usuário-falante.

Conforme nossa hipótese para o comportamento da PMD com relação ao uso do condicional no discurso digital, o que nos parecia provável é que, ainda que fosse empregada no condicional, o que prevaleceria seria a força ilocutiva da PMD em contextos de descortesia, considerando a tendência para a violência verbal. Assim, com base na Tabela 4, pudemos confirmar nossa hipótese, uma vez que os usuários expressaram ofensas explícitas, mostrando que o condicional também aparece em situações comunicativas hostis, como estratégia argumentativa para diminuir e desconsiderar ideias e pensamentos do interlocutor,

desqualificando-o. Na contramão de Kerbrat-Orecchioni (2014), para quem a descortesia pode surgir da simples falta de cortesia/polidez, Culpeper (2005) defende que deve haver uma manifestação explícita do emissor para haver descortesia, pois esta tem caráter intencional (CULPEPER, 2011), o que podemos verificar em (18):

(18) Usuario 4 (no identificado):

*Tu que defiendes “en teoria” a los menores... Hoy en tu programa habeis sacado imágenes del colegio de los hijos de Junqueiras!!!! Eres tan asquerosa!!!! Vergüenza te **tendria que dar!!!** No entiendo como el colegio de periodistas **NO te denuncia!!! MAMARRACHA, CASPOSA, RETROGADA, MANIPULADORA!!!!!!!!!!!!** (IG)*

Em (18), após uma sequência expositiva, a fonte modal, de forma explícita, se mostra no discurso ao manifestar seu ponto de vista e julgamentos em “tendria que dar”, por meio da desqualificação. Cabral (2019) assevera que, quando desqualificamos a pessoa do outro, significa dizer que ele não tem valor e assim o deslegitimamos. Tal desqualificação, equivale à classificação de Fuentes Rodríguez (2012) quanto ao tipo argumentativo *argumentum ad baculum*, quando o falante tenta convencer seu interlocutor baseado em uma ameaça “No entiendo como el colegio de periodistas NO te denuncia!!!”. Podemos também confirmar a intenção de desqualificação pessoal por meio dos trechos em caixa alta e com sinais de exclamação simulam o grito e o sentimento de raiva, tornando mais evidente a descortesia do usuário-falante com críticas ofensivas, como “MAMARRACHA, CASPOSA, RETROGADA, MANIPULADORA!!!!!!!!!!!!”.

Como vimos no Capítulo 2, em Fuentes Rodríguez (2012), a avaliação por meio da expressão de emoções é inadequada do ponto de vista comportamental e social, pois foge à razão e à lógica. Além da desqualificação da pessoa do outro, pode haver a desqualificação dos argumentos do outro, meio pelo qual atribuímos má-fé e o levamos ao descrédito, conforme Amossy (2014). Vejamos a ocorrência (19):

(19) Usuario 107 (mujer):

*A ti si que **tendrian que llevarte a revisar** porque la mierda de pensamiento que tienes no es normal corazon. (TW)*

Com base em Amossy (2014), o usuário 107 tenta desqualificar o pensamento de seu interlocutor com as expressões ofensivas “mierda de pensamiento” e “no es normal”, motivos pelos quais o interlocutor é imputado da ação de revisá-lo. Tal estratégia corresponde ao *argumentum ad hominem*, quando o falante tenta desacreditar seu interlocutor (FUENTES RODRÍGUEZ, 2009a).

Ainda podemos observar que, considerando a importância do contexto linguístico

para a interpretação do enunciado, as expressões pejorativas “no es normal” ou “mierda de pensamiento” refletem uma crítica negativa que afeta a imagem positiva do interlocutor e, em contrapartida, se dirige afetuosamente a ele com o vocativo “corazon”. Segundo Dendale e Coltier (2021), a ironia representa um recurso argumentativo, eximindo o falante da responsabilidade pelo enunciado, que significa dizer P para que o ouvinte entenda não-P. Conforme Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara (2007), costuma ser empregada para criticar ou rejeitar um indivíduo, o que reforça o caráter descortês dessa ocorrência.

Em (20), o usuário-falante 261 usa a PMD para fazer uma advertência direta ao seu alvo deôntico usuário-ouvinte 256, identificado pela ferramenta tecnodiscursiva de menção:

(20) Usuario 261 (hombre):

*[Mención al usuario 256] a ti te **tendría que inhabilitar** la cuenta por facha de mierda. (IG)*

Em (20), o elemento de descortesia se mostra claro quando a semântica do verbo auxiliado e o objeto direto da PMD “inhabilitar la cuenta” indica o que se chama de “cancelamento”. Essa prática está diretamente relacionada ao comportamento linguístico e posicionamento ideológico não mais tolerados, seja pela sociedade, seja pelos usuários do ambiente cibernético. Em outras palavras, um linchamento virtual como forma fazer de justiça social.

Além da atribuição de sentido de intolerância no verbo auxiliado “inhabilitar”, a expressão “facha de mierda” é usada para insultar um indivíduo de ideologia fascista, conforme definição do dicionário RAE⁵¹ (Real Academia Española). Desse modo, a PMD no condicional foi usada para estabelecer uma obrigação ao alvo deôntico de cancelar sua conta pelo fato de mostrar uma ideologia facista, rejeitada pela sociedade atual. Desse modo, o usuário-falante 261 pretende se sobressair em relação ao seu alvo numa operação de autoimagem, conforme Fuentes Rodríguez (2010), em que o falante pressupõe uma imposição de si sobre o outro. Diante disso, consideramos que, em (19) e (20), o valor do condicional no uso da PMD atenua a força da obrigação e da ofensa, numa estratégia de Reparação, quando o usuário-falante já produziu o dano e trata de recuperá-lo por meio da atenuação (BRIZ GÓMEZ, 2013). Apesar de a estratégia de descortesia ganhar mais impacto, face a um ambiente em que predomina a violência verbal, entendemos que o condicional também é usado como um mecanismo retórico para convencer. Conforme Briz Gómez (2013, p. 292), é uma estratégia, pois se usa a atenuação, para conseguir acordo ou aceitação do outro, ainda que seja apenas uma aceitação social.

⁵¹ Definição da RAE: 1. adj. despect. coloq. fascista. 2. adj. despect. coloq. De ideología política reaccionaria. Acesso em 20 mar. 2023.

Em (21), o usuário-falante 63 emprega uma série de termos pejorativos como “vergüenza”, “asco”, “aves correñeras”.

(21) Usuario 63 (mujer):

*No te da vergüenza???? Ir a grabar en el colegio de los hijos de Puigdemont??? Das asco!!! Ya no nos dejais ser educados!!!! **Tendrían que ir a grabar al cole a tus hijos!!! Aves correñeras!!!***

Em (21), fica claro que a PMD se insere em um enunciado predominantemente descortês como estratégia argumentativa para convencer o alvo deôntico a mudar seu comportamento, sem deixar margem para uma possível contra-argumentação e calar o ouvinte/leitor.

Segundo Fuentes Rodríguez (2017), a organização argumentativa resulta da adaptação do texto ao receptor. Nos casos (18), (19), (20) e (21), claramente descorteses, os recursos linguísticos apontados tentam persuadir o usuário-ouvinte a realizar uma determinada ação por meio da desqualificação do seu discurso ou da sua imagem, fazendo com que prevaleçam as ideias e opiniões do usuário-falante. Conforme Fuentes Rodríguez (2013a), em alguns casos, a descortesia é utilizada como característica que define a identidade dos participantes da interação para projetarem um argumento brilhante, capaz e agressivo, como em (18), (19), (20) e (21).

Quanto ao uso do condicional em (18) e (21), não consideramos com valor atenuativo, tendo em vista o alto grau de hostilidade, de tal nível que o uso do condicional de forma isolada não seria suficiente para reparar o dano já causado, sendo mais adequado conceber esse uso como estratégia para convencer por meio de uma inferência que busca levar o alvo deôntico a uma conclusão de que o ponto de vista do usuário-falante é mais adequado. Defendemos, ainda, que o condicional é usado nesses casos para suprir a ausência de autoridade que o usuário-falante tem sobre o seu alvo, que seria necessária para a realização da ação ou atitude imputada.

No tocante ao uso cortês, a PMD no condicional foi empregada nesse contexto em apenas 38% das ocorrências. Conforme Fuentes Rodríguez (2010, p. 66), temos que diferenciar a cortesia ritual da cortesia estratégica. Na primeira, o falante apenas cumpre o que é imposto e adotado pela comunidade em que vive, como vemos em (22):

(22) Usuario 170 (mujer):

*Precioso Cadaqués, yo soy de Roses, **tendríaís que haber venido**, es muy lindotambién. (IG)*

Em (22), temos a PMD no condicional inserida em uma organização argumentativa

voltada para a cortesia. Não afirmamos isso nos baseando apenas na ausência de descortesia, mas numa operação de cortesia como o simulacro de um ritual presencial, com a saudação com o vocativo “Precioso Cadaqués”, uma apresentação “yo soy de Roses” seguida do uso da PMD para demonstrar interesse e desejo pela visita do interlocutor. São rituais que revelam com bons costumes e comportamentos que a sociedade considera positivo, tratando-se de mera convenção.

Fuentes Rodríguez (2009a) reconhece que a cortesia é um mecanismo inserido no plano argumentativo, por isso, além de um ritual de comportamento social como em (22), pode ser também empregada com fins estratégicos: podemos criar uma imagem positiva para que o outro perceba-nos amáveis e educados e, conseguir algo do outro (2010, p. 67) e que este nos escute e nos aceite (FUENTES RODRÍGUEZ, 2010, p. 15; 16). Em (23), temos uma asserção, a expressão de uma opinião por meio da PMD “tendría que ser”, a qual avalia a necessidade de mudança de personalidade do jurado para que ele seja “más humilde”.

(23) Usuario 47 (hombre):

*A mi no me gusta como jurado se cree que lo sabe todo **tendría que ser** más humilde y ensar que a ela le paso que tuve que salir de España para triunfar a hacerse una artista. (IG)*

Fuentes Rodríguez (2010) interpreta que uma afirmação pertencente ao campo do opinável pode proporcionar dados, informações, o que nos conduz a ser colaborativos e corteses. Para isso, o uso de algumas estratégias para expressar uma avaliação adquirem um resultado menos impositivo, como formas que marcam um distanciamento da asserção, como verbos de cognição, que exprimem uma crença ou conhecimento advindo de experiências individuais do falante como “yo creo”, “pienso” ou “me parece” (FUENTES RODRÍGUEZ, 2010).

Conforme Fuentes Rodríguez (2010) com o uso de “a mi no me gusta” o usuário-falante 47 atenua uma asserção que possa ser interpretada como impositiva, o que faria com que essa opinião ganhasse menos adesão. O exemplo (23) corresponde, ainda, à estratégia de *argumentum ad misericordiam* (FUENTES RODRÍGUEZ, 2009a), usado quando o falante adere a um argumento por compaixão “tendría que ser más humilde”, onde roga por mais humildade em favor da candidata participante da competição identificada no excerto “a el le paso que tuve que salir de España para triunfar a hacerse una artista”.

Com respeito aos valores da modalidade, além da obrigação instaurada, defendemos, com a mesma concepção de Fernandes (2020), que “tendría que ser” reflete uma nuance tanto de possibilidade como de capacidade de o jurado ser mais humilde, permitindo

também uma leitura de modalidade dinâmica.

Outra estratégia de cortesia é a interrogação combinada com a negação. Juntas expressam uma suposição ao invés de imposição, como vemos em (24):

(24) Usuario 17 (hombre):

@jordievole Y por que no seguir sin gobierno, asi? No tendríamos que pagar el sueldo a tanto político y estaríamos igual o mejor. (TW)

Em (24), podemos observar a tentativa de acordo que o usuário-falante 17 põe em prática ao iniciar seu enunciado por “Y por que no seguir sin gobierno, asi?”, o que se configura como um recurso de negação (FUENTES RODRÍGUEZ, 2010, p. 73). Vemos, nesse caso, que a pergunta inicial deixa margem para a reflexão do usuário-ouvinte @jordievole e sua possível concordância com o ponto de vista do usuário-falante 17. Logo após a interrogação, o usuário 17 a justifica usando a PMD na primeira pessoa do plural, incluindo-se na consequência hipotética que apresenta em “no tendríamos que pagar”, demonstrando assim uma vantagem que todos teriam, caso o ponto de vista apresentado fosse inicialmente aceito.

Conforme Fernandes e Cavalcante (2020), os grupos que praticam a cortesia linguística têm por objetivo a proteção mútua da imagem, tanto do locutor quanto do interlocutor, bem como a adesão à pauta em debate.

Desse modo, observamos em (22), (23) e (24) uma organização argumentativa que visa convencer o outro com o uso de saudação, pergunta retórica, busca de acordo, apresentação de justificativas vantajosas, o que nos leva a considerar as referidas ocorrências estrategicamente corteses.

Outro recurso que pertence ao nível da MAC e que adquire valor persuasivo considerável no discurso digital é a organização polifônica, conforme conferiremos na próxima subseção.

6.2.3 Organização polifônica

Segundo Fuentes Rodríguez (2004) e Ducrot (1986), a polifonia se refere à multiplicidade de vozes no discurso, assumindo a possibilidade de haver um só locutor com a sobreposição de várias vozes, numa mesma enunciação, na qual o falante imputa um alvo deôntico a responsabilidade de cumprir uma obrigação.

Conforme o exposto no Capítulo 2, podemos analisar a PMD no plano enunciativo e modal, onde o falante se mostra como construtor do discurso e determina o grau de responsabilidade com o enunciado, seu posicionamento diante do dito, bem como a distinção de rol de locutor e enunciadador.

Desse modo, a fonte modal da PMD pode ser o próprio falante, um terceiro ou uma comunidade, o que irá reverberar em diferentes efeitos de sentido e na gradação de valor modal da perífrase. Baseando-se nessa tríade, estabelecemos para a análise do comportamento da PMD, as seguintes categorias: (i) Locutor-Enunciador- Falante, (ii) Locutor-Enunciador-Terceiro e (iii) Locutor- Enunciador-Comunidade. Das 100 ocorrências, constatamos, conforme a Tabela 5, que a fonte modal deôntica predominante foi a do Locutor-Enunciador-Falante, representando 98% do total, conforme a Tabela 5:

Tabela 5: Organização polifônica na expressão da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Locutor-Enunciador-Falante	94	94,0
Locutor-Enunciador-Terceiro	4	4,0
Locutor-Enunciador-Comunidade	2	2,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Esse resultado era esperado, uma vez que o discurso ocorre em um tipo de cibergênero, redes sociais, utilizado, majoritariamente, para a manifestação de opinião e avaliação de fatos e acontecimentos do cotidiano social. Por isso, o Locutor- Enunciador-Falante se mostra no plano enunciativo-modal como sujeito do enunciado, aquele que o emite e constrói o seu discurso, bem como se posiciona ao emitir uma opinião que parte do seu próprio ponto de vista, comprometendo-se com o dito, pois é responsável pela verdade da proposição que enuncia. Vejamos em (25) e (26):

(25) Usuario 73 (mujer):

@usuario72 si, lo he visto! Eso **tendría q hacer** la gente, disfrutar de su vida y dejartrankila la vida de los demás! z☺☺. (IG)

(26) Usuario 24 (hombre):

Creo que en vez de defender lo indefendible, @isabanes se **tendría que preocupar de la limpieza y el tráfico de Madrid.** @AhoraMadrid. (TW)

De acordo com Fuentes Rodríguez (2000), os planos enunciativo e modal aludem à intencionalidade do emissor. As ocorrências (25) e (26) representam essa intencionalidade de diferentes formas. Em (25), o locutor, o ser do discurso, está inscrito no enunciado pelo verbo

composto “he visto” que traz a marca de primeira pessoa e revela, linguisticamente, que a fonte da modalidade deôntica é o próprio falante, personagem social “a quem deve ser atribuída a responsabilidade do enunciado” (DENDALE; COLTIER, 2021, p. 193). Portanto, o usuário 73 e 24 acumulam as funções de autor do ato de fala, sendo, também, responsáveis pelo enunciado e da locução que, segundo Ducrot (1986), representam o fenômeno da polifonia.

Além dos elementos linguísticos, os emojis⁵² que aparecem ao final do enunciado representam, graficamente, sentimentos e emoção facial e corporal do usuário 73, que complementam o sentido do enunciado. Conforme Schaeffer (2019), os emojis servem como modo de aderência às normas sociais e conversacionais, como pontuação ao serem usados para encerrar conversas, pois aparecem normalmente no final das mensagens e como conclusão, complementando um pensamento.

Desse modo, podemos afirmar que os emojis servem à modalidade, uma vez que, em (25), podemos inferir a atitude do falante ao concluir positivamente sua opinião e garantir a adesão geral do usuário-ouvinte por meio de uma sequência de distintas expressões, como o gesto das mãos *hang loose* que significa tranquilidade, o rosto entusiasmado e o beijo, que serve de cumprimento final. Concordamos com Toldo e Costella (2020), quando defendem a subjetividade engendrada nos emojis, por meio dos quais o locutor faz escolhas ao se enunciar e figura suas emoções e atitudes, seja essa atitude a “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 2005a, p. 286).

Em (26), a PMD “tendría que preocupar” foi expressa em um enunciado escopado pelo verbo “Creo”, conjugado na primeira pessoa do singular, o que comprova que a fonte do valor modal é o próprio falante e marca seu ponto de vista. Desse modo, por meio de um Locutor-Enunciador-Falante, o usuário 24 revela motivações internas de consciência social como a instauração da necessidade de uma ação: a limpeza do lugar onde vive. Adotando a posição de vários autores (LYONS, 1977; VÁSQUEZ LASLOP, 1999; PESSOA, 2011; THEGEL, 2017), nas ocorrências (25) e (26) o locutor e o enunciador da necessidade tem origem no falante, tornando a modalidade deôntica mais evidente e subjetiva, pois envolve uma avaliação pessoal, nas quais o falante se refere a uma série de recomendações sobre o modo de agir mais adequado em determinadas situações, o que a nosso entender se encaixa com uma necessidade deôntica.

No entanto, no discurso digital também identificamos vozes de outras fontes, isto é, quando o usuário-falante confere menos subjetividade ao usar a voz de uma terceira pessoa

⁵² Conforme Leite (2018), a palavra de origem japonesa “emoji”, significa imagem (e) em caractere (moji). São usados na comunicação digital para expressar ideias, emoções, gestos, entre outras funções.

(indivíduo) ou da “comunidade” (leis, normas) em seu discurso para um fim comunicativo. Segundo Fuentes Rodríguez (2017), quando uma estrutura é emitida por um falante e dirigida a um ouvinte em um determinado contexto, essa estrutura pode revelar comunicações diferentes, originando enunciados em distintos graus de comprometimento. Nesse sentido, algumas ocorrências da PMD, 4% dos casos, mostraram que a fonte modal não coincidiu com o próprio falante, mas partiu do Locutor-Enunciador-Terceiro, representando a voz de “outros” como apoio discursivo para convencer. Vejamos (27):

(27) Usuario 17 (mujer):

*[Mención al usuario 1] quizá hablas desde una o varias experiencias personales que han sido desagradables, pero te aseguro que en España cualquier persona puede denunciar una agresión. Y los hombres no necesitan una ley especial de protección. Por supuesto que hay mujeres agresoras. Y padres agresores. Y adolescentes que pegan a sus progenitores. Y muchas personas mayores que sufren malos tratos, muchísimas, tanto dentro de la familia como en residencias. Ah, y los/as adolescentes que se dan palizas unos a otros/as. De todos estos colectivos ¿cuántos asesinatos hay al año? a la infanciase la protege desde el segundo cero, por eso en cuanto hay un solo indicio de maltrato seretira al/la niño/a del hogar. A veces los profesionales se equivocan y esos padres sufren pero ¿te arriesgarías a dejar a un bebé de 20 meses con moratones en el cuerpo y laceraciones en la zona anal con sus padres? ¿no, verdad? ¿entonces, por qué la gente se lleva las manos a la cabeza cuando una mujer en peligro denuncia y la policía o el juez determinan que a su presunto maltratador hay que meterlo en el calabozo para salvaguardar la vida de ella? ¿aquí sí nos podemos permitir correr riesgos? en España yaha habido muertes por esto (el caso Ana Orantes, la mujer de Palma hace un mes y medio...). Bueno, creo que me he ido de tema, perdona, lo que te quiero decir es que lo que tú defiendes "que **tendría que haber** una ley para aquellos que sufren también", ya existe. (FB)*

Em (27), o usuário 17 utiliza a PMD no condicional no seu discurso após uma série extensa de sequências expositivas que dão base à organização argumentativa de seu enunciado e preparam o usuário-ouvinte para que este chegue a uma conclusão (que mostram inter-relação da SUP com o nível da MAC). Portanto, concluímos que o Locutor-Enunciador-Terceiro se relaciona com os planos enunciativo (emitindo uma série de fatos), informativo (estruturando seu discurso) e argumentativo (expondo fatos para convencer).

Contudo, podemos afirmar que o Locutor-Enunciador-Terceiro não se relaciona com o plano modal, uma vez que o usuário 17 usa a PMD numa construção que marca uma opinião que não parte dele, mas pertence ao discurso de uma terceira pessoa (o seu ouvinte), o que é indicado pelo excerto “lo que tú defiendes” e, em seguida, pelo uso das aspas como recurso de citação fidedigna da fala do ouvinte: “que tendría que haber una ley para aquellos que sufren también”. Portanto, observamos que o usuário 17 ancora-se na citação de seu interlocutor para convencê-lo.

Nessa ocorrência, como a expressão modal originária estava presente na fala entre

aspas, enunciada pelo ouvinte, não há uma imposição de uma ação a ser cumprida pelo ouvinte, apenas a reprodução do ato de fala utilizado como suporte para realizar uma asserção.

Como forma de descomprometimento com o dito, a fonte modal pode partir também do Locutor-Enunciador-Comunidade, ainda que raramente, encontrada em apenas 2% dos casos. Conforme Fuentes Rodríguez (2004), o Locutor-Enunciador-Comunidade é identificado quando o locutor emite e faz uma afirmação com alto grau de força. Tal segurança é impressa na fala, pois o locutor se apoia na enunciação de mais de uma pessoa, isto é, de toda uma comunidade, que é regida por leis e normas. Vejamos em (28) e (29):

(28) Usuario 44 (no identificado):

*Segun la lógica separatista dentro d uno años el hijo de la Tomasa **tendría q encabezar** la manifestación por el IIS en Nueva York. (IG)*

(29) Usuario 25 (mujer):

*Todo el voto rogado entregado en origen en el plazo legal **tendría que ser cuantificado**, al menos el recibido durante el mes siguiente y no se tenga gobierno un diputado arriba o abajo pueden cambiar las cosas en muchas provincias. (FB)*

Em (28) e (29), verificamos a manifestação de pontos de vista emitidos pelos usuários 44 e 25, mas em uma voz que não coincide com cada ato de fala. Em (28), o usuário-falante 44 reporta a obrigação de que “el hijo de la Tomasa tendría que encabezar la manifestación”, sendo essa obrigação baseada, não em uma opinião do usuário 44, mas na “lógica separatista”, uma lógica que parece ser uma verdade compartilhada pela comunidade a que pertence o usuário-falante. Em (29), o usuário-falante 25 avalia a necessidade de o voto rogado⁵³ ser quantificado no prazo legal, baseando sua avaliação conforme o que prevê o direito eleitoral que rege esse tipo de voto. Ambas as avaliações parecem estar baseadas em verdades compartilhadas por toda uma comunidade, seja por uma lei que dispõe sobre o voto, seja por uma ideologia como a “lógica separatista”.

Fuentes Rodríguez (2004, p. 126) entende que enunciados que são portadores de verdades que compreendem certa unanimidade buscam descrever o universo, a realidade e expressam uma verdade. Além disso, a autora entende que o uso de evidenciais manifestam a fonte da informação, nas quais o falante se apoia, tal como vemos em “Segun”. De acordo com Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara (2007), o Locutor-Enunciador-Comunidade é identificado quando o falante expressa uma ideia ou procedimento compartilhado por toda uma comunidade,

⁵³ Definição do Dicionário da RAE: Necessidade de que os eleitores que residem em países estrangeiros formalizem sua intenção de votar para exercerem esse direito. Disponível no link <https://dpej.rae.es/lema/voto-rogado> Acesso em 12 mar. 2023.

com base em leis e normas. Sendo assim, em (28) e (29), ilustram os casos em que o usuário-falante faz alusão a uma norma amplamente compartilhada a qual destaca pelo uso do condicional, que revela uma necessidade baseada em princípios ideológicos. Desse modo, a fonte responsável pelo ato discursivo originário das avaliações emanava da lei compartilhada por toda uma comunidade, a qual dispõe sobre o prazo legal do voto rogado e na lógica separatista, onde as ações do agente modal “encabezar la manifestación” são controladas por forças externas, advindas de normas e leis.

Conforme vimos em Azzopardi (2011), temos em (28) um exemplo do valor de condicional *citativo*, justificado pelo termo evidencial “Segun”, seguido da citação da fonte da informação a “lógica separatista”, onde, no momento da fala, faz referência a um enunciador situado no passado.

Pudemos observar que o recurso polifônico tem grande rentabilidade no exercício da argumentação, pois, quando o falante pretende se descomprometer com o dito, pode criar diferentes enunciadores para mascarar o *ethos*. Grande Alija (2002) afirma que alguns recursos léxicos refletem o interesse do falante pela veracidade da proposição que comunica e se compromete. Além disso, em alguns casos, esse compromisso se reduz, uma vez que o falante não dispõe de garantias suficientes para imputar uma responsabilidade plenamente.

Com relação ao grau de comprometimento do Locutor-Enunciador- Terceiro, podemos considerar que, com base em Lyons (1977) e Pessoa (2011), essa fonte modal está associada com a modalidade deôntica objetiva, relacionada ao ato de reportar a outrem sobre a existência de obrigações. Por sua vez, o Locutor-Enunciador- Comunidade está associado à modalidade deôntica intersubjetiva, ligada ao caráter amplamente compartilhado das normas e leis na qual a obrigação da ação se ampara. Nesse caso, observamos um menor nível de agentividade modal, pois, conforme Thegel (2017), não é interessante sinalizar ou identificar o responsável pela ação.

Assim, a responsabilidade pelo ato de fala poderá ser maior (quando coincide com o falante) ou em menor grau (quando não coincide) e, desse modo, a PMD assume diferentes estratégias comunicativas.

6.3 Aspectos relacionados à Microestrutura no uso do modal deôntico

Neste nível, tentamos responder ao questionamento “Qual o comportamento semântico e morfossintático da perífrase modal ‘tener que+infinitivo’ no condicional, no nível da microestrutura, no discurso digital escrito em língua espanhola?”.

Para compreender o comportamento pragmatolinguístico da PMD “tener

que+infinitivo” no condicional, consideramos, neste nível, as categorias que identificamos (i) tipo de alvo deôntico, o (ii) tipo de frase em que a PMD aparece, (iii) a posição que a PMD aparece na oração, (iv) a noção temporal do verbo escapado e o (v) tipo de processo verbal no verbo auxiliado da PMD. Todas essas categorias serão compreendidas considerando o enunciado e o contexto.

6.3.1 Tipo de alvo deôntico

Com relação à identificação e análise do alvo deôntico, apoiamo-nos nos semânticos e morfossintáticos, especialmente no tocante às pessoas do discurso a qual a PMD está associada.

Conforme Fuentes Rodriguez (1993, p. 16), a instância da enunciação nos permite saber quem é o falante ou a quem vai dirigida a enunciação, que nem sempre corresponderá com o interlocutor (usuário-ouvinte). Gili Gaya (1961) revela que, na língua espanhola, um verbo em forma pessoal implica uma relação entre sujeito e predicado. Conforme esse autor, as formas verbais conjugadas apresentam desinências número-pessoais que correspondem ao sujeito, como *digo, saliste, vendrá, hemos cantado, declais, habrán salido* correspondem aos sujeitos *yo, tú, el/a- el/o-usted, nosotros, vosotros, ellos (as)-ustedes*, que podem também ser determinados por meio de outros elementos linguísticos.

A partir dessa classificação, identificamos o *Tipo de alvo deôntico* tendo por base as seis pessoas do discurso: 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e 1ª, 2ª e 3ª do plural. Também consideramos o tipo de alvo *Não-especificado* nos casos de impossibilidade de identificar o alvo tanto pela desinência número-pessoal, como por outros elementos linguísticos no enunciado. Como resultado, obtivemos os seguintes dados, conforme a Tabela 6:

Tabela 6: Tipo de alvo deôntico na expressão da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
3ª PS	41	41,0
1ª PP	19	19,0
Não-especificado	15	15,0
3ª PP	11	11,0
2ª PS	8	8,0
1ª PS	4	4,0

2ª PP	2	2,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Quanto ao reconhecimento do alvo deôntico⁵⁴, apoiamo-nos em elementos linguísticos como os pronomes pessoais do caso reto ou oblíquo e pela desinência número-pessoal do verbo auxiliar da PMD.

Constatamos, com base na Tabela 6, que o auxiliar da PMD flexionado na 3ª PS foi utilizado com maior frequência, representando 41% dos casos. Por possuir igual terminação, a desinência número-pessoal da 3ªPS pode confundir-se com a da 1ªPS, sendo uma diferença importante a ser identificada, uma vez que o agente modal em cada pessoa gramatical implica um grau de responsabilidade distinto. Contudo, outros elementos linguísticos nos ajudaram a identificar quem seria o alvo imputado da ação pelo modal deôntico, como em (30) e (31):

(30) Usuario 107 (mujer):

*Totalmente de acuerdo. Silene **tendría que haber salido** hace unos cuantos programas. Decía que se quería ir y va y se salva a ella misma en el programa aquel que elegían en la bodega. Eso sí que es ser falso. Y si tu sí que sabes hacer una crema inglesa pues ayúdala a Miri y no te pongas durante todo el cocinado a pelar gambas...que a ver si laque no va a saber freír ni un huevo frito va a ser ella, tanto hablar de Miri, que por lo menos si hizo algo, intentar sacar el postre a su manera. (FB)*

(31) Usuario 114 (mujer):

*Lo que pasa es que como dice el dicho el que tiene padrino no muere infiel. ese ni sirve ni como campana que tanto nerviis tenía sirviendo a los comensales?? Si es como djk que era jefe de sala con la mujer en el restaurant del suegro ?????? Que lo dudo mucho no **tendria xq estar** nerviosi como dijo! Eso es puro aspavientk en la poca vida trato con clientes andaaaa. (FB)*

Em (30), o verbo auxiliar da PMD “tendría haber salido” possui desinência número-pessoal {-ia}, que é a mesma da 1ªPS. Como alertamos anteriormente, tal coincidência poderia causar ambiguidade na identificação do tipo de alvo deôntico, pois poderia se referir a 1ª ou a 3ª pessoa gramatical. No entanto, confirmamos o tipo de alvo deôntico como 3ªPS por meio do substantivo próprio “Silene”, à qual é imputada a ação de ter saído.

Em (31), a PMD “tendria xq estar” pudemos identificar o pronome “ese” em “ese ni serve ni como campana” mostrando uma avaliação sobre uma 3ª pessoa. Além disso, a desinência {-o} de 3ª pessoa do verbo “dijo”, confirma que o alvo deôntico é uma terceira

⁵⁴ Nos casos em que o alvo deôntico puder ser identificado na oração, identificaremos suas marcas na cor vermelho, para facilitar a análise.

pessoa específica. Sendo assim, essas ocorrências nos mostram que a fonte imputa uma ação a uma 3ª pessoa, mas não diretamente a ela, pois é a pessoa sobre quem se fala, e não com quem se fala, resultando em menor força ilocutiva e menor conflito de vontades.

Com 19% dos casos, o tipo de alvo deôntico foi identificado pela desinência verbal {-mos}, 1ª PP referindo-se a “nosotros”. Conforme Menezes (2011), ao indicar um alvo e a ele imputar uma ação sobre o qual o valor deôntico recai, o falante pode incluir-se ou não como responsável. Isso foi identificado em ocorrências onde a PMD foi flexionada na 1ªPP, ocuparam a segunda posição com maior frequência. Vejamos os exemplos (32) a (34):

(32) Usuario 13 (mujer):

*Igual **tendríamos que dejar** de comprar productos catalanes, para que no tengan que transportarlos hasta "España". Apoyo a policía y G.C. (TW)*

(33) Usuario 134 (no identificado):

*[Mención al usuario 130] Bueno, Yo No He Dicho Lo Que Quiero Votar Pero Si Te Das Cuenta todo el mundo cree que todos los catalanes quieren votar que si. Es por eso que creo que **tendríamos que votar** pero legalmente claro. (IG)*

(34) Usuario 131 (hombre):

*Para luchar contra el terrorismo **tendríamos que empezar** por eliminar las religiones que no sepan interpretar su doctrina y se convierten en fanatismo incluyo a todas. (IG)*

Em todos os casos, vemos que a PMD com auxiliar flexionado na 1ªPP apresenta grande rendimento estratégico, pois indica que o usuário-falante acumula as funções de fonte e agente modal, incluindo-se na responsabilidade de realização da ação de “dejar de comprar productos catalanes”, em (32), de “votar legalmente”, em (33), e de “eliminar las religiones”, em (34). O efeito dessa manifestação revela não só o comprometimento do usuário-falante com a execução da ação, mas também o compartilhamento dessas atitudes com outros usuários-ouvintes, que pode ser qualquer pessoa, para conquistar a adesão destes, a fim de mudar a realidade que vivenciam. Em consonância com Menezes (2011), consideramos que esse tipo de alvo, por haver um compartilhamento da ação, implica a diluição da responsabilidade, e, por sua vez, a redução da força ilocutiva do modal deôntico. Por sua vez, Vásquez Laslop (1999) considera a tanto a 1ª PS como a 1ª PP como manifestações de subjetividade, uma vez que, apesar de haver um compartilhamento da responsabilidade, o falante ainda se manifesta subjetivamente.

Constatamos em 11% dos casos o alvo deôntico do tipo não-especificado, com o verbo auxiliado da PMD flexionado na 3ªPP sem referência específica. Como vimos no

Capítulo Metodologia, consideramos como alvo Não-especificado os casos em que a PMD aparece conjugada na 3ªPP ou do 3ªPS com o sujeito da ação ausente no enunciado. São os tipos de alvo não-especificados como vemos em (35) e (36):

(35) Usuario 8 (mujer):

Hay muchos que por verguenza no lo dicen,...tendrian que tener un teléfono anonimopaea poder llamar. (FB)

(36) Usuario 21 (mujer):

Aquí tendrían que ponerlo, ya que cada vez hay mas adictos, que van tan enganchadoal móvil, no se enteran ni por donde andan. (FB)

Em (35), a PMD “tendrian que tener” estabelece a ação de providenciar um telefone, expressando a necessidade de se ter um objeto para denúncias, mas não está explícito a quem será imputada a responsabilidade pelo cumprimento dessa ação. Em (36), a fonte modal avalia a necessidade da ação de pôr um objeto retomado pelo pronome “lo”, sem esclarecer quem deverá executar essa ação. Em ambos os casos, a PMD está conjugada na 3ªPP que equivale a um “eles” semanticamente vazio que pode fazer referência a qualquer indivíduo e que, portanto, a força ilocutiva se reduz diante da generalização.

Apesar de o alvo deôntico não coincidir com o usuário-ouvinte e nem ser recuperado sintática ou morfologicamente, podemos, inferir que o agente modal, em (35), poderia ser “instituição” (PESSOA, 2011) um órgão público que é aquele responsável pela segurança da sociedade, já que o objeto direto da PMD “un teléfono anonimo” sugere um canal de comunicação para denúncias a serviço da sociedade, que o usuário 8 preferiu não especificar. As ocorrências do tipo de alvo não-especificado também podem aparecer com um sujeito [- animado], como em (37):

(37) Usuario 44 (mujer):

Respeto! Esto tendría que ser privado! Y que no se haga un tema para los aburridos. Calladitos y con el tiempo se sabrá o no. Pero no es comidilla para nadie como han hecho. Hasta yo en Alemania ya estoy preocupada. Es un tema muy sensible. Y que a nadie en realidad le importa. Dejar yá y que se arregle la cosa. Yo no creo en esto. Pero si veo el daño que se está haciendo (IG)

Em (37), vemos que, na construção “tendría que ser privado”, o usuário- falante julga a necessidade de mudança de estado para privado de um objeto ou ser [- animado]⁵⁵, retomado pelo pronome demonstrativo “esto”. No entanto, ainda que tenha sido retomado pelo pronome, não é possível recuperar no enunciado o que tem que ser privado, mas podemos

⁵⁵ Referente também adotado por Vásquez Laslop (1999).

concluir por inferência e antonímia que é algo do tipo público.

Nessa ocorrência, o auxiliar foi flexionado na 3ªPS, um terceiro-ausente, reconhecido por Pessoa (2011) como aquele que não possui especificação explícita sobre a quem o valor deôntico está direcionado. Consoante Thegel (2017), o uso da 3ªPS constitui uma estratégia mais indireta, empregada pelo falante quando quer generalizar e não sinalizar ou responsabilizar pessoas concretas. Em uma leitura de Narrog (2005b), Thegel (2017) completa que, em casos de referências a uma pessoa alheia ao discurso, o falante se distancia da situação modalizada, reduzindo a sua subjetividade modal.

Em terceira posição de maior frequência, temos o alvo deôntico identificado pela 3ªPP com referência específica, pois o sujeito agente da ação está explícito, como vemos em (38) e (39):

(38) Usuario 101 (mujer):

*Presidente los delincuentes q pintaron todo el viernes **tendrían q haberlo pintado** ellosmismo y dejarlo en confusiones son unos caraduras q no respetan nada!!! (IG)*

(39) Usuario 59 (hombre):

*No debería estar fuera también **tendrían que mirar** qué no entiende bien el castellano y los mismos jurados lo dijeron qué era complicado hacer ese plato, pero el jurado se pasa todo el esfuerzo por el forro del pantalón. (FB)*

Em (38) e (39), o verbo auxiliar da PMD no condicional foi flexionado na 3ª PP com alvo deôntico determinado nos enunciados em “los delincuentes” e em “los mismos jurados”, sendo estes responsáveis pela ação de “pintar” (numa ocasião não mais possível no momento da fala) e de “mirar”. Por estarem mencionados, não podemos afirmar que em todos os casos de 3ª PS ou 3ªPP são estratégias de impersonalização (THEGEL, 2017), uma vez que nos exemplos (38) e (39), não houve redução da responsabilidade imputada ao agente modal para realizar a ação necessária.

Em 8% dos casos, identificamos o alvo deôntico como 2ªPS a partir da desinência número-pessoal do verbo auxiliar da PMD em (40):

(40) Usuario 3 (no identificado):

*Ademas de a Rufian **tendrias que pedir** perdon a mucha mas gente por que como en el caso de el ha. (IG)*

Em (40), constatamos a presença do sujeito de 2ª PS, equivalente a “tú” em espanhol, em “tendrias que pedir” com referência específica, pois se refere à pessoa com quem se fala no momento da enunciação, indicada pela desinência número-pessoal {-s}. Segundo o

dicionário panhispânico da RAE⁵⁶, a forma “tú” é empregada na Espanha e em várias zonas da América para o tratamento informal, isto é, implica seu uso em contextos “familiares” e em relações de maior grau de intimidade. No entanto, considerando o contexto amplo das redes sociais, é inadequado afirmar que o uso da 2ª PS representa grau de “familiaridade”, já que as relações do século XXI, principalmente em redes sociais, se configuram de forma “líquida”⁵⁷ (BAUMAN, 2001), ou seja, superficiais, frágeis, fugazes, mesmo que entre pessoas conhecidas. Portanto, é um tipo de ocorrência em que vemos a instauração da obrigação de uma forma mais direta, pois a desinência de 2ªPS torna o agente modal visível e responsável individualmente pela obrigação instaurada. Vemos que o usuário-falante dirige sua avaliação modal especificamente à pessoa com quem ele fala, o que mostra a possibilidade de um conflito de vontades, característica da modalidade deôntica.

Considerando os enunciados moralmente modalizados nas redes sociais avaliadas, a tendência no discurso digital é de julgar e imputar ações a terceiros e não a si próprio, o que podemos comprovar pela pouca frequência de uso da PMD flexionada na 1ªPS, a qual foi encontrada em apenas 4% dos casos. Os exemplos (41) e (42) demonstram como se estabelece esse tipo de alvo:

(41) Usuario 165 (mujer):

*Eso es naturalidad!!!! Creo q **yo** m **tendria** q buscar otro trabajo. (TW)*

(42) Usuario 118 (mujer):

*Pues ni que hubiéramos venido al mundo para dar gusto a los demás, no? @midietavegana de ser así **tendría yo que correr** por unos implantes de senos que después de lactar 26 meses me han quedado más plana que una tabla. Bravo por tu cintura pequeña y tu actitud!! (IG)*

No exemplo (41), em uma primeira análise, observamos a mesma desinência número- pessoal na flexão verbal do auxiliar “tendria” {-ía}, que é a mesma para a 1ªPS e para a 3ªPS, de modo que em cada caso a mesma desinência implica um resultado discursivo distinto. No entanto, outras categorias nos esclarecem que a desinência número-pessoal {-ía} corresponde a 1ª PS. Por exemplo, o usuário-falante 165 revela-se como fonte deôntica ao usar o verbo cognitivo “creo”. Por sua vez, o usuário-falante 118 insere na estrutura perifrástica o pronome pessoal “yo” equivalente a 1ªPS, mostrando, claramente, a manifestação de uma opinião subjetiva (VÁSQUEZ LASLOP, 1999, p. 6). Portanto, temos em (41) e (42), exemplos em que o próprio falante assume-se, simultaneamente, como fonte e alvo modal da necessidade

⁵⁶ Consulta disponível em: <https://www.rae.es/dpd/t%C3%BA>, Acesso em: 21 dez. 2022.

⁵⁷ O termo se refere ao conceito “modernidade líquida” desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e remete à nova época em que as relações sociais, de produção e econômicas são fugazes, frágeis e inconsistentes como os líquidos. Tal conceito se opõe aos tipos de relações resistentes e duradouras.

da ação que expressa.

Quanto ao comportamento modal da PMD em (41) e (42), Thegel (2017, p. 136) alerta que os casos em que fonte e o alvo modal da ação coincidem, descaracterizam a modalidade deôntica, que, necessariamente, implica o conflito de vontade entre a fonte e alvo modal (VERSTRAETE, 2005), um controle humano dos eventos (NEVES, 1996), parecendo-lhe mais adequado classificar como modalidade dinâmica, onde o sujeito modal “pode ou tem que fazer algo” devido a circunstâncias internas ou externas. Palmer (1979) acrescenta que a modalidade dinâmica se refere a uma necessidade que carece de fonte deôntica, o que não se encaixa nesses casos, pois há a evidência de uma fonte deôntica. Além disso, para Pessoa (2011) o alvo da avaliação pode ser o próprio falante, fato que revela o grau de comprometimento maior do falante com a necessidade de agir, ou seja, o próprio falante se responsabiliza individualmente pela execução da ação que julga necessária.

Vejamus que, em (41), o usuário-falante se autoavalia e reconhece, não uma obrigação a si, mas uma necessidade deôntica de “buscar trabajo”, baseada em uma conduta que vai ao encontro daquilo que a sociedade espera dele, o que nos leva a considerar uma necessidade deôntica, baseada em condutas sociais. Também interpretamos uma necessidade de ordem interna, como sua sobrevivência e satisfação profissional, cuja realização é baseada na deseabilidade do usuário (LYONS, 1977). Defendemos, em (41) e (41), a ideia de modalidade deôntica com base no parâmetro de conflitos de vontades, diante da existência de conflitos de de ordem interna, onde as pessoas lutam com suas próprias vontades, entendidos como conflitos existenciais. No caso do usuário 165, entendemos que ele pode estar em conflito entre a própria vontade de manter-se no atual trabalho e a vontade que expressa de buscar outro trabalho.

Por sua vez, em (41), o contexto nos permite entender que diante da satisfação e reconhecimento social face à beleza física, o usuário-falante 118 ressalta que não veio ao mundo para dar gosto aos demais, mas que, se assim fosse, daria tal gosto, colocando a necessidade de “correr por unos implantes” no plano da possibilidade, pois se autoavalia como “más plana que una tabla”. Portanto, a ação não constitui uma obrigação verdadeira, mas, ainda assim, é a realização de uma avaliação, é a expressão de uma atitude do usuário 118 frente ao estado-de-coisas conforme a conduta social compartilhada, qual seja a do culto “à beleza, uma interpretação mais voltada para um desejo, por uma questão de ordem interna. De acordo com Lyons (1977), a modalidade deôntica subjetiva consiste na deseabilidade de ocorrência de um evento, como vemos no exemplo (41) e (42).

Outra análise importante a considerar, envolvem outras categorias que orbitam a

PMD e que podem interferir em seus valores. Fernández de Castro (1999) admite uma linha tênue entre a modalidade epistêmica e deôntica, sendo difícil discernir entre a necessidade e a convicção. Em (41), temos a ocorrência da PMD no condicional sob o escopo do verbo “Creo” que, de acordo com Thegel (2017, p. 143), é um marcador que expressa não só a atitude do falante, como também da veracidade do enunciado.

Vejamos que, em (41), o usuário-falante 165 expressa certo grau de compromisso com respeito à probabilidade de que o evento “buscar otro trabajo” lhe seja necessário, ou seja, indica o grau de conhecimento que o falante possui em relação à verdade dessa possibilidade, permitindo uma segunda leitura orientada para a expressão da modalidade epistêmica. Ao nosso entender, o uso de modais epistêmico-evidenciais servem à modalidade deôntica, usado como estratégia para justificá-la, pois, conforme Fuentes Rodríguez (2004, p. 126), quando o falante usa formas atenuadas como “creo que, supongo que, es posible, es probable” mostra que não quer se comprometer plenamente com o enunciado e, com esse distanciamento, matiza sua asserção. Por sua vez, Lyons (1977), entende que o falante, ao estimar a probabilidade de que uma proposição seja verdadeira ou falsa, geralmente a expressa segundo seu próprio pensamento e não com base em algo lógico, para o qual a dimensão subjetiva é mais básica na modalidade deôntica.

No tocante ao uso do condicional, nos casos em que é usado relacionando-se a um sentido epistêmico-evidencial, adquire valor modal de conjectura ou rumor (MATTE BON, 1995; AZZOPARDI, 2013; THEGEL, 2017).

Também identificamos o alvo deôntico com o auxiliar da perífrase flexionado na 2ªPP em apenas 2% dos casos. Percebemos que, em ambos os casos, a fonte modal estabelece uma necessidade, qual seja a de apenas ter/possuir respeito, como a da ação de “venir”, em (43) e (44):

(43) Usuario 261 (hombre):

*[Mención al usuario 256] Que respeto ni mierdas el respeto lo **tendriais que tener** vosotros i tu que por como hablas me parece que votàs al partido popular. (IG)*

(44) Usuario 11 (mujer):

*Ana, antes de opinar sobre Catalunya, **tendriais que venir** unos dias aqui y veriais lo que passa realmente. Me da mucha pena, que lo q se cuenta en España no es la realidad. Yo vivo en Catalunya, y veo lo q passa. Solo os digo...venid, mirad, y luego opinad. (IG)*

Em (43), a desinência número-pessoal {-is} em “tendriais”, o pronome “vosotros” e o verbo “votás” (votais) revelam o alvo deôntico como a 2ªPP, as pessoas a quem a fonte imputa a realização do evento. Em (44), além da desinência {-is} em “tendriais” e “veriais”, o

pronome “os” e os imperativos “venid, mirad, opinad” também designam a 2ªPP como responsável pela execução da ação.

No entanto, observamos que o usuário 261 refere sua fala em resposta a “Ana”, termo sublinhado, que seria uma 3ª pessoa, equivalente a *el/ella/usted*. A partir disso, podemos concluir que o auxiliar da PMD foi flexionado na 2ªPP não apenas para se referir a “Ana”, mas também a toda a comunidade que faz parte de seu território. Por isso, o uso de “tendriais que venir” inclui “Ana” (3ªPS) e a comunidade da região em que vivem (2ªPP), incluindo-os na responsabilidade da ação de “venir”.

Como vimos, para cada tipo de alvo um grau de força ilocutiva diferente lhe foi atribuído, estabelecendo um valor de obrigação ou necessidade de ação a ser executada exclusivamente por um alvo, como nos casos de 3ªPS específica, de forma compartilhada, como nos casos de 1ªPP ou individualmente pela 1ªPS. Diante disso, podemos concluir que as escolhas do usuário-falante pelo tipo de alvo deôntico auxiliam na construção do seu posicionamento discursivo a depender da gradação de valores que considera mais adequado instaurar.

No que diz respeito ao comportamento morfossintático da PMD no condicional no discurso digital, podemos considerar, ainda, o tipo de oração em que ela aparece e interpretar a ênfase da obrigação de uma ação a depender da estrutura construída pelos usuários e os vários matizes que a PMD adquire mediante recursos que se colocam a favor da argumentação.

6.3.2 Tipo de oração em que a PMD aparece

De acordo com Cervera Rodríguez (2012), a oração é a unidade linguística superior da sintaxe, plena de significação, entonação própria e autonomia sintática, identificada também como enunciado oracional. Contudo, assim como considera Briz Gómez (1993), identificar uma estrutura oracional e interpretar sintaticamente enunciados realizados em discursos informais, como os comentários de redes sociais, constitui um grande desafio, o que nos leva a recorrer a uma análise que contemple, além no nível sintático, o nível semântico e relevo informativo das construções oracionais e suas funções discursivas.

Para isso, adotamos como tipos de orações as seguintes classificações: (i) Oração simples (OS), (ii) Oração assindética (OA) (iii) Oração coordenada aditiva (OCA), (iv) Oração Coordenada Adversativa (OCAD), (v) Oração Coordenada Explicativa (OCE), (vi) Oração Coordenada Alternativa (OCAL), (vii) Oração Coordenada Conclusiva, (viii) Oração Principal (OP), (ix) Orações subordinadas substantivas (OSS), (x) Orações subordinadas adverbiais (OSADV) e (xi) Orações subordinadas adjetivas (OSADJ).

Como resultados, a Tabela 7 mostra a frequência dos tipos de orações que subjazem o enunciado construído pelos usuários para estabelecer o valor deônticomodalizado no discurso digital.

Tabela 7: Tipo de oração em que a PMD aparece no discurso digital

Categorias	N.º	%
OS	43	43,0
OSS	14	14,0
AO	12	12,0
OP	11	11,0
OCA	7	7,0
OCAD	6	6,0
OCE	3	3,0
OSADV	3	3,0
OCAL	1	1,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Com base na Tabela 7, constatamos a maior frequência de uso da PMD em orações simples, representando 43% dos casos. Toda estrutura oracional se estabelece para delimitar e identificar os elementos e as relações construídas entre eles, que como constituintes da oração cumprem funções de sujeito e predicado, como vemos nas orações simples. Assim, orações classificadas como simples se diferenciam das compostas por terem apenas um verbo em sua estrutura, ou seja, os usuários centralizam sua avaliação em um só núcleo verbal.

Cabe salientar que as perífrases se constituem como uma única forma verbal, como em (45) e (46):

(45) *Usuario 41 (no identificado):*

*Os **tendría** que caer la cara de vergüenza. (IG)*

(46) *Usuario 19 (mujer):*

*Gracias, **tendríamos** que escuchar esto cada día. (FB)*

Em (45) e (46), a PMD no condicional foi construída numa oração simples. Numa definição lógica dessa oração, temos a perífrase como núcleo verbal sendo a expressão verbal

de um juízo, a obrigação de uma ação, e os outros elementos formam o sujeito e o predicado, cujas funções sintáticas possibilitam reconhecer as relações de dependência com a perífrase modal.

Conforme Vásquez Laslop (1999), “uma oração deôntica se constitui pela forma linguística portadora de um operador deôntico e os elementos sintáticos que tal forma rege”. De acordo com Gili Gaya (1961), todos os elementos contidos em uma oração simples estão sujeitos a uma unidade de atenção e sentido que os dominam e que guardam relações lógicas e estéticas entre si.

Em (45), a expressão verbal na PMD guarda uma relação estética com intensidade expressiva como em “caer la cara de vergüenza” com o sentido de impressionar-se com tamanha vergonha, que domina a oração. Em (46), por exemplo, a desinência número- pessoal *-mos* em “tendríamos que escuchar” indica o sujeito oculto “nosotros”, aquele responsável por praticar a ação verbal. A desinência {-mos} revela que a fonte modal se inclui na obrigação da ação de “escuchar” que ele mesmo impõe, sendo, simultaneamente, fonte e alvo deôntico. Apesar dessa análise, acreditamos que a manifestação de opinião dos usuários foi mais frequente em orações simples, mais curtas e objetivas, porque estas servem à imediatez inerente aos cibergêneros e ao ambiente virtual. Além disso, de acordo com Paiva e Pessoa (2023), há uma preferência pela construção de orações simples pela agilidade com que se elaboram os comentários nas redes sociais.

Em segunda posição de maior frequência, constatamos a PMD usada em orações subordinadas. Quanto às orações subordinadas⁵⁸, verificamos o uso da PMD em 17% das ocorrências, das quais encontramos 14% das ocorrências em subordinadas substantivas e 3% em OSADV. No tocante às OSS, trata-se de uma oração complexa em que um ou mais verbos se subordinam a um verbo principal (GILI GAYA, 1961; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010). Conforme Cervera Rodríguez (2012), respondem a uma estrutura expandida constituída por uma oração subordinada⁵⁹ ou dependente de uma principal, ou seja, o substantivo é expandido e introduzido pelo conectivo “que”, quando desenvolvida no estilo indireto, como vemos em (47), (48) e (49):

(47) *Usuario 162 (mujer):*

*Sabía que antes o después les **tendría que defender** con tu bella y efectiva prosa, en toda esta historia lo de menos es el título que le puso el autor al libro, son otras cosas las que se han visto, pero yo me quedo con que es el sueño de un joven que soñó con estar en San Jordi con su chica y regalarle un libro con el que él había conectado... (IG)*

⁵⁸ Não foram encontradas ocorrências da PMD em orações adjetivas.

⁵⁹ Identificaremos a oração principal pela cor verde.

(48) Usuario 61 (mujer):

Pienso que tendría que haver estado en la final en vez de edurne o miri. (FB)

(49) Perfil @Roygalan:

Estamos un poco hartos de estos señoros que desde sus púlpitos se dedican a decirnos qué tenemos que leer, qué tenemos que pensar y que tratan con condescendencia la juventud, las reivindicaciones de las mujeres y todo aquello que tiene que ver con las demandas populares. Dicen que Alfred no es lo suficiente español como para representarnos en Eurovisión, o que es antipatriótico, o que es independentista (comosi esto fuera delito) a pesar de que él ha repetido mil veces que no lo es, pero no es suficiente su palabra, porque es catalán y ya está bajo "sospecha". Que tendría que haberle regalado a Amaia otro libro. (IG)

Em (47), a PMD “tendrías que defender” aparece em uma OSS subjetiva, a qual depende da principal “Sabía”. Em (48), o usuário 61 emprega o modal numa oração subordinada substantiva objetiva direta, pois funciona como complemento da oração principal “Pienso que”. Em (49), a oração principal “(Dicen) que” tem como complemento quatro orações que a ela se subordinam, em uma delas temos a PMD “tendría que haberle regalado”, que se insere em uma OSS objetiva direta, pois também se subordina à oração principal “Dicen”.

Conforme Delbecque e Lamiroy (1999), a condição para que um objeto direto possa adquirir *status* de subordinada substantiva é que o verbo da oração principal expresse um processo cognitivo, como expressão da interação verbal entre um sujeito e seu entorno, dos quais cita processos desiderativos (querer), perceptivos (ver), atitudes proposicionais como o verbo “pienso”, em (48), e atos de fala como “Dicen”, em (49). Além disso, elas sinalizam a perspectiva subjetiva do falante, pois incumbe ao sujeito-conceitualizador a maneira de ver um evento ou de avaliar um estado de coisas. Assim, “tendrías que defender”, em (47), “tendria que haver estado” em (48), e “tendria que haber regalado” em (49), são a expressão de como os usuários avaliam os eventos que presenciam.

O que podemos observar, para além das funções sintáticas das OSS's, é a sua função discursiva na expressão da PMD e os mecanismos implícitos que estabelecem as relações entre as estruturas sintáticas que codificam a subordinação e sua capacidade para a construção de argumentos oracionais. De acordo com a definição da *Nueva Gramática de la Lengua Española* e a *Asociación de Academias de la Lengua Española* (2009), doravante NGLE (2009), “as subordinadas substantivas se denominam também argumentais, porque com raras

exceções [...] são as únicas que constituem argumentos de algum predicado⁶⁰” (NGLE, 2009, §1.13). Para Vila Pujol (2012), uma OSS se constitui de funções informativas e argumentativas específicas.

No nível argumentativo, o emissor pode exprimir um valor, justificar, submeter conteúdos prévios ou estabelecer relações lógicas. No nível informativo, o emissor organiza o conteúdo semântico em duas partes, tema e rema, segundo a relevância informativa de cada uma no contexto. Por meio do tema, o emissor seleciona a informação pressuposta que serve como ponto de partida para abrir expectativas da continuidade do discurso (VILA PUJOL, 2012, p. 885).

Diante disso, de (47) a (49), a expressão da modalidade deôntica ocorreu na OSS. Desse modo, os usuários-falantes colocaram a necessidade de “defender”, “haver estado” e “haberle regalado” na posição responsável por aportar a informação principal mais relevante (rema), como complementos argumentais que um predicado necessita para desenvolver seu significado, seja como sujeito ou complemento direto.

Constatamos, ainda, a PMD usada na oração principal de uma subordinada, correspondendo a 11% dos casos, conforme a Tabela 7. Esse tipo de oração muda a perspectiva da função discursiva da PMD, uma vez que, usada na oração principal, adquire menos foco e evidência da avaliação realizada pelo usuário-falante.

Conforme Moreno *et al.* (2014 *apud* THOMPSON *et al.*, 1985), dependendo da posição em que aparecem as orações subordinadas, antepostas ou pospostas, estas cumprem funções discursivas distintas. Em primeiro lugar, as orações iniciais ganham a atenção do leitor, indicando sinais de como se deve interpretar a informação que a oração inicial aporta. Em segundo lugar, as orações na posição final possuem a função de introduzir um comentário que carrega uma informação nova com relação à oração principal. Em nossos dados, encontramos a PMD na oração principal e em uma subordinada adverbial final, como vemos em (50) e (51):

(50) *Usuario 3 (no identificado):*

*[Mención al usuario 7] es interesante este sistema ya es conocido hace mucho y da resultados ojalá se pueda implementar dentro de los próximos 10 años. Existe la tecnología suficiente para dejar de lado los métodos convencionales que ya todos conocemos y no son renovables. Insisto con los precios **tendría que ser** accesible para que funcione. (IG)*

(51) *Usuario 24 (mujer):*

*No hables en boca nuestra mamarracha.. para hablar de Puigdemont **tendrías que lavarte***

⁶⁰ Tradução nossa. Texto original: “las subordinadas sustantivas se denominan también argumentales porque con escasas excepciones [...] son las únicas que constituyen argumentos de algún predicado” (NGLE, 2009, §1.13).

la boca varias veces. Yo si fuera tú sí que estaría llorando por las esquinas de tener al presidente del gobierno que tienes.. Sois unos manipuladores que solo queréis generar más odio hacia nosotros. Pero gracias a ti y “gente” como tú cada día me siento más orgullosa de ser catalana e independentista. (IG)

Conforme Cervera Rodríguez (2012), as orações finais servem para explicar a razão pela qual deve ser realizada a ação verbal, sendo essa a que aporta mais relevância, dando mais ênfase na justificativa do que na ação, como em (50), quando o usuário-falante coloca a justificativa fica em evidência, construída na oração subordinada adverbial final “para que funcione”. De acordo com Galán Rodríguez (1999), a construção *para que+subjuntivo* se emprega para designar o propósito ou finalidade de dois agentes distintos, de modo que o sujeito da oração principal e da oração subordinada não coincidem. No entanto, existem casos em que os sujeitos convergem, quando, por exemplo, o verbo principal está modalizado, expressando ordem, e quando a oração denota atitude do falante, como em (50): “tendría que ser accesible para que funcione”.

Quanto à posição que ocupam, geralmente aparecem antepostas, como em (51), mas também são frequentes na posição final, como em (50). Galán Rodríguez (1999) defende que as orações finais periféricas, como em (51), funcionam como modificadoras da modalidade oracional. Comparando os dois exemplos acima, vemos que em (51) o contraste de ações ou da atitude do usuário-falante é maior que em (50).

Com relação à ocorrência da PMD em orações coordenadas⁶¹, computamos 17% dos casos, sendo destes 7% em coordenadas aditivas, 6% em coordenadas adversativas, 3% em coordenadas explicativas e 1% em coordenadas alternativas. De acordo com Camacho (1999), as orações coordenadas têm como característica geral um procedimento para associar unidades sintáticas de modo independente, sem estabelecer uma hierarquia gramatical entre elas, mas vinculadas por meio de conjunções que estabelecem uma relação semântica de adição, oposição, alternância, conclusão ou explicação. Esses tipos de orações contribuem para a análise do comportamento da PMD pelo fato de seus conectores possuírem interpretação semântica e função discursiva, as quais constituem uma importante estratégia comunicativa, sendo as mais relevantes para nossos resultados.

Em nossos resultados verificamos que a PMD foi usada em 7% dos casos em orações coordenadas aditivas. Conforme Camacho (1999), a oração aditiva é o tipo de oração coordenada mais geral. Por um lado, possui mais possibilidades combinatórias, por outro a conjunção “y” é a mais neutra quanto ao seu significado básico de adição, como vemos em

⁶¹ Não foram encontradas ocorrências da PMD em coordenadas conclusivas.

(52):

(52) Usuario 19 (mujer):

*Mide tus palabras q el sr. Puigdemont és un valiente. I si, soy independentista y **tendría q haber** muchos puigdemont pq las cosas iban a cambiar y ale pierdes una seguidora de bcn. (IG)*

De acordo com Di Tulio (1997), o conectivo aditivo ou “copulativo” indica uma mera conexão de adição entre as orações, cujo caráter neutro permite a troca das orações. Caso isso não seja possível, a existência de outros valores semânticos, além da adição, justifica essa impossibilidade, como valores de conclusão, causa ou oposição. No exemplo (52), temos a soma de três ideias independentes, com uma OCE intercalada “pq las cosas iban a cambiar”, a qual justifica a avaliação do usuário-falante sobre a necessidade de haver muitos “puigdemont”. A primeira oração parece simétrica em relação à segunda. No entanto, a terceira oração, apesar de ser iniciada pelo conectivo “y”, parece expressar uma consequência da primeira oração, havendo, portanto, uma sobreposição de valores semânticos como o de uma OSADV consecutiva.

No tocante às coordenadas adversativas, obtivemos apenas 6% dos casos, onde os usuários manifestaram a obrigação de ação/mudança de estado por meio de uma relação de oposição encabeçada por “pero⁶²”, que suscita grande rendimento nas estratégias argumentativas. Conforme Fuentes Rodríguez (1997), a conjunção “pero” é um marcador de oposição mais genérico que une dois argumentos diferenciando a orientação argumentativa, onde o primeiro corresponde a um fato esperado pelo interlocutor e o segundo restringe o primeiro, levando o interlocutor à mesma conclusão que ele, como vemos em (53):

(53) Usuario 59 (mujer):

*Buenísimo este sistema, **pero se tendría que cambiar** toda la infraestructura de una escuela, estuvimos en un curso, del sistema, hay un colegio aquí y uno en Guadalajara donde se esta implementando algo así, pero se requieren muchos recursos. Pero la vdd a mi me encanta el sistema. Además de ser super costoso el pago de colegiaturas. (FB)*

Em (53), a PMD no condicional se insere numa oração coordenada sindética adversativa. Inicialmente, o usuário 59 mostra conformidade com o conteúdo da publicação, na qual fez o comentário em “Buenísimo este sistema”, correspondendo à expectativa de seu interlocutor. Em seguida, introduz a conjunção adversativa “pero” com o intuito de insistir em mostrar ao usuário-ouvinte que seu ponto de vista é o mais adequado e que deve prevalecer, como observamos na OCADV “pero se tendría q cambiar toda la infraestructura de una

⁶² Destacamos o conectivo de oposição em negrito na cor azul.

escuela”. Desse modo, a PMD no condicional foi usada numa estrutura que marca uma atividade argumentativa.

Conforme Camacho (1999), a conjunção “pero” não se limita somente a determinar elementos opostos, mas também suscita a inferência da eliminação de uma suposição que poderia surgir a partir da primeira oração. Desse modo, quando um usuário-falante usa “pero” não faz apenas a ligação de duas orações independentes, mas lança mão de uma estratégia comunicativa que apresenta o enfrentamento de dois argumentos que levam o usuário-ouvinte a tomar conclusões. Além disso, atribui-se maior força ilocutiva na oração encabeçada por “pero”, na qual o usuário usa a PMD, que determina a conclusão de toda a oração, tendo maior peso argumentativo, como vemos em (54):

(54) Usuario 76 (hombre):

*@jibajaangie si estas con Dios quen contra mi!!! Tu lo has dicho pero deberias comportarte como una verdadera cristiana no clmo actuaste en el realiti con ira con celos eso es del enemigo todo se equivocan lo se **pero tendrias que haberte comportado** como corresponde!! Sldos bendiciones! (IG)*

Em (54), o usuário-falante 76 usa o marcador de oposição “pero” para criticar o comportamento do seu alvo deôntico “@jibajaangie”, deixando claro seu ponto de vista sobre a maneira como o alvo deve ou não deve agir, baseado numa avaliação moral, o que constitui uma forma de interferência na liberdade de ação desse alvo. Ainda que tenha justificado o comportamento do alvo deôntico em “todo se equivocan”, o usuário 76 insiste que tal comportamento foi inadequado usando a conjunção “pero”, informação que adquire mais saliência na estratégia comunicativa.

Nessa hierarquização das orações conectadas pela conjunção “pero”, a segunda oração é a que privilegia o usuário-falante, sendo um tipo de argumentação que serve de meio para a expressão da PMD no discurso digital. Além dessa estratégia comunicativa, constatamos operadores de coordenação com outras performances discursivas.

Como o discurso digital nas redes sociais constitui um tipo de texto dialogal, encontramos algumas ocorrências da PMD encabeçadas por marcadores discursivos que dão ideia de respostas a comentários anteriores, simulando a continuidade da conversação. É o caso da conjunção “pues”, em (55):

(55) Usuario 164 (no identificado):

*[Mención al usuario 162] uy, **pues tendrían que quitar** A Kiko Hernández, que su sentencia es firme. (IG)*

Em (55), a conjunção "pues" constitui na oração um conector sintático com valor semântico de explicação onde a PMD foi usada, correspondendo a 3% do total. Apesar de ser reconhecida como um conector de explicação, em situações comunicativas, como a que vemos em (55), “pues” representa um conector pragmático que transmite um papel conversacional, com traços de oralidade, revelando uma tentativa de acordo de ideias entre o usuário-falante 164 e o usuário-ouvinte 162. Briz Gómez (1993), esclarece que nesse exemplo, temos uma ideia de conversação, onde as conjunções, ao unir esses enunciados, funcionam como transições ou conexões mentais que transcendem seu papel sintático. Além disso, defendemos que “pues” é catafórico porque adianta um ato de fala contraditório do usuário-ouvinte 162. A ausência da OP anterior à ocorrência de “pues” evidencia essa conexão interativa entre os usuários.

Neste caso, esse conector imprime noção de continuidade de um diálogo iniciado anteriormente. A relação entre o marcador da oração coordenada explicativa ea PMD é que “pues” marca o final da argumentação do usuário-falante 164, onde a PMD foi usada para convencer sobre a retirada de Kiko Hernández.

Em 12% dos casos, percebemos o uso da PMD no condicional em das orações assindéticas, ou “yuxtapuestas” na língua espanhola. Ela foi usada em orações independentes, sem conectores sintáticos nem discursivos. Vejamos a ocorrência (56):

(56) Usuario 12 (hombre):

*[Mención a usuario] @policia ven machismo everywhere. Ese tuit puede ir dirigido perfectamente a ambas partes, **tendrían q haber puesto soltere.** (TW)*

Conforme López García (1999), as OCA ou “yuxtapuestas” são orações construídas por duas ou mais proposições, separadas apenas por pontuação e independentes em seu significado próprio, pois, não existe marca formal que explicita a relação entre elas, podendo corresponder, semanticamente, tanto às orações coordenadas como às orações subordinadas (DI TULLIO, 1997; GILI GAYA, 1961; LÓPEZ GARCÍA, 1999)

Segundo López García (1999), em situações de linguagem emotiva, relaxada e coloquial, é comum que os falantes se voltem à “yuxtaposición”, prescindindo de conectivos. Para Di Tullio (1997), quando entre duas orações não existe marca formal que indique qual relação se estabelece entre ambas, coordenação ou subordinação, abandonamos o campo oracional para entrar no campo discursivo. Desse modo, observamos que, em (56), a PMD aparece em uma oração que, a princípio, parece não aportar relevo discursivo se considerarmos que entre ambas as orações não há nenhuma hierarquia, como nas orações subordinadas.

Contudo, adotando a posição de López García (1999), Gili Gaya (1961) e Di Tullio (1997), é possível apostar na existência de algumas relações em (56), como a de coordenação aditiva, pela soma de duas ideias que estabelecem permissão (*puede ir*) e obrigação (*tendrían que haber puesto*), de coordenação conclusiva, pois a segunda oração parece expressar uma conclusão da primeira ou ainda de subordinação adverbial consecutiva, pela expressão da obrigação ser uma consequência da permissão.

Em suma, a análise sintática das orações constituiu grande produtividade estratégica, pois os usuários ao elaborar suas avaliações, as construíram em orações que atenderam aos seus objetivos e adaptaram suas intenções com relação ao receptor, seja adicionando uma informação, marcando oposição, salientando uma opinião em detrimento de outra ou simplesmente fazendo julgamentos, observada a preferência de ênfase pelo uso da PMD na segunda oração. Em todo caso, a maioria limitou-se a estabelecer relações de dependência entre sujeito e um predicado, como nas orações simples, cujo foco estava no núcleo verbal assumido pela PMD.

Com o cuidado que exige uma análise linguística do ponto de vista formal, analisamos e descrevemos o uso da PMD dentro dos diversos tipos de orações, mas também abrimos a porta para uma descrição que busca entender o uso da perífrase sem esquecer do ponto de vista discursivo e das estratégias que estão por trás das relações sintáticas.

Após a análise da PMD considerando as relações entre orações, nos deteremos a posição que ela ocupa na oração, que também nos dará informações sobre foco e relevância nas informações que a circundam.

6.3.3 Posição da PMD na oração

Nesta categoria, tomamos em consideração a posição da perífrase na oração (i) inicial, (ii) intermediária, (iii) intercalada e (iv) final. A partir delas, a inter-relaçãoda posição, no nível da MIC, com a estrutura marcada no plano informativo no nível da MAC.

Quanto aos resultados obtidos, constatamos que a PMD foi encontrada em maior número nas posições intermediária e inicial, como ilustra a Tabela 8:

Tabela 8: Posição da PMD na oração construída no discurso digital

Categorias	N.º	%
Intermediária	66	66,0

Inicial	25	25,0
Final	8	8,0
Intercalada	1	1,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Como vemos na Tabela 8, a maioria das ocorrências da PMD apareceram em posição intermediária, correspondendo a 66% dos casos. O exemplo (57) ilustra como isso ocorre:

(57) Usuario 87 (no identificado):

*Que ha pasado con él equipaje de @sweetcalifornia y de todo su equipo? Joder es que ya van dos veces. Y encima lo han perdido todo, su maquillaje, su ropa.. Y hasta la ropa de la gira. Ahora si hubiese mas conciertos **tendrían que suspenderlos** porque no tienen la ropa. (IG)*

Em (57), a PMD aparece em posição intermediária: *Ahora [[[si hubiese mas conciertos [tendrían que suspenderlos]]] porque no tienen la ropa.]*, entre uma oração condicional e uma explicativa. Acreditamos que essa posição corresponde à necessidade de justificativas e considerações prévias, e intercaladas, que o usuário- falante julga importante para, só então, dar curso à sua avaliação com a manifestação da obrigação. Ressaltamos que neste caso de OSADV condicional, o condicional em “tendrían que suspenderlos” tem valor hipotético, conforme vimos em Azzopardi (2011), ou não factual conforme Vatrican (2014).

Quanto à posição inicial da PMD, frequente em 25% dos casos, Sánchez Arroba (2020) explica que o falante tem o intuito de focalizar o verbo ou o sujeito. Segundo a autora, o elemento que se foca surge das expectativas estabelecidas no contexto discursivo, como vemos em (58), (59) e (60):

(58) Usuario 152 (no identificado):

Tendría que sentir vergüenza x permitir que GC y PN tengan q soportar insultos, humillaciones, roben su armamento y destrocen los vehículos. (TW)

(59) Usuario 42 (mujer):

Tendrían que ver la dificultad de las carreras y la renta!!!! Los becados no pagan matrícula!!!!a quién ayudan? (FB)

(60) Usuario 21 (mujer):

Tendrían que poner más fuentes. (IG)

De (58) a (60), a PMD foi usada em uma oração que está na posição inicial, numa estrutura sintática VSO, comandada e destacada pela manifestação da avaliação do falante, em “tendría que sentir” e “tendrían que ver”, diante de temáticas sociais polêmicas. Nesses exemplos, vemos que os usuários-falantes tem o intuito apenas de focalizar o verbo, já que o sujeito não é explícito. Do ponto de vista semântico, analisamos que, em (58) e (59), a PMD possui, como auxiliado, os verbos de percepção “ver” e “sentir”, respectivamente, que a princípio não parecem indicar ações verbais materiais⁶³. Contudo, no caso do verbo “ver”, acreditamos que ele foi empregado com o sentido de “resolver”, de agir e providenciar uma solução para a “dificultad de las carreras y la renta”. Da mesma forma, o verbo “sentir” sugere a ação de tomar uma atitude para não permitir que um determinado grupo de pessoas sofra humilhações.

Ao observarmos a inter-relação com outros níveis, a posição inicial contribui para o destaque da organização informativa, no nível da MAC, a qual, com o fim de advertir o usuário-ouvinte sobre a importância da necessidade da ação de “ver” ou “sentir”.

No que concerne à posição final, conforme Sánchez Arroba (2020), o verbo na posição final, na língua espanhola, constitui ambiguidade e agramaticalidade. No entanto, esses problemas podem ser eliminados por meio de marcas formais que indicam, acusam quem é o objeto do sujeito, como a marca formal “clítico duplicador”, como vemos em (61) e (62):

(61) Usuario 9 (hombre):

El estado de derecho????, que salieron abochornaos y con los coches roto, vergüenza te tendria que dar!!!! Manda gente ya, que les de apoyo! (TW)

(62) Usuario 152 (mujer):

*Vergüenza les **tendria que dar**... (IG)*

Antecipando uma inter-relação do nível da microestrutura com outros níveis, em (63), o usuário 152 se insere no discurso por meio da atividade enunciativa e do uso da PMD “tendria que dar” na posição final da oração, considerando o nível sintático. Essa categoria do nível da MIC corrobora para a organização informativa no nível da MAC, pois os usuários 9 e 152 apresentam uma distribuição das informações que cogita comunicar ao seu alvo (torturadores de animais).

Com relação à posição final da PMD, vemos, em (61), uma ordem inversa em relação à estrutura oracional padrão: (complemento “Vergüenza” + clítico duplicador “te” + perífrase verbal “tendria que dar”), da mesma forma ocorre em (62). O relevo do termo

⁶³ Cf. Tipo de processo verbal em 6.3.5

pejorativo “vergüenza”, busca uma atividade argumentativa orientada para a descortesia, ainda que o usuário tenha empregado a perífrase de obrigação atenuada, seu foco é ofender a imagem dos torturadores. O uso da PMD na posição final seguida pelos clíticos duplicados *te e les*, evita o sentido ambíguo da oração e permite que o objeto *vergüenza* e o sujeito sejam identificados. Pragmaticamente, a PMD na posição final mostra um destaque para uma necessidade de possuir uma virtude baseada na moralidade.

Analisamos ainda a posição intercalada, que se dedica a localizar a PMD em enunciados parentéticos. Apesar de identificarmos apenas uma ocorrência, essa posição apresenta considerável rentabilidade estratégica. De acordo com Fuentes Rodríguez (2018), as orações intercaladas (ou parentéticas) surgem da atividade metadiscursiva do falante que se desdobra em dois enunciadores, onde um deles, insere um comentário modal para esclarecer suas intenções, fazer justificativas ou indicar uma informação relevante, como vemos em (63):

(63) Perfil @msf_en_español:

*Lo más difícil es no tener información, no saber. Si las autoridades nos dijesen, por un momento, que **tendríamos que pasar** en Grecia un año más, estaría feliz.(IG)*

Em (63), observamos a PMD “tendríamos que pasar” na posição *Intercalada* na oração subordinada substantiva objetiva direta que, por sua vez, insere-se em uma oração subordinada adverbial condicional. O uso da PMD na posição intercalada corresponde ao que Fuentes Rodríguez (2013) considera como marcador discursivo que serve para expressar conteúdos relacionados à inscrição de outro enunciador no enunciado do falante. Desse modo, analisamos que a manifestação da obrigação em “tendríamos que pasar” pertence a um terceiro enunciador “autoridades” numa conjectura emitida pelo falante, refletindo uma modalidade objetiva. Ainda de acordo com Fuentes Rodríguez (1998) as orações intercaladas são incisos relacionados com a oração matriz, como a oração subordinada adverbial condicional em (63). Conforme Fuentes Rodríguez (1999a), o enunciado parentético se apresenta como uma informação adicional, não planejada, visto que há a interrupção do enunciado, e, por isso, deveria ser logicamente secundária, no entanto, ao interromper uma sequência sintática, tem-se como resultado uma maior focalização.

Por fim, no exemplo (63), o usuário-falante dono do perfil *msf_en_español* utilizou sua conta no IG para imaginar uma situação distinta da atual, mostrando um contraste entre a consequência provável de “estar feliz” se concretizar, no caso de as ações expressas em “Si las autoridades nos dijesen, que tendríamos que pasar en Grecia un año más” ocorrerem primeiro. Trata-se de inserir uma nova percepção no atual momento, para prever uma

consequência, o que nos leva a considerar uma escolha linguística apropriada para convencer os seguidores desse perfil de que o ponto de vista exposto deve ser considerado.

Ao analisarmos a posição da PMD na oração, constatamos que a depender dessa posição, a PMD pode mostrar um comportamento para além de suas funções sintáticas, assumindo funções pragmáticas e uma importante estratégia argumentativa na construção da avaliação nos comentários das redes sociais. Outra perspectiva essencial para a presente análise e descrição pragmalinguística, é a noção temporal que a PMD no condicional pode assumir a depender das construções perifrásticas a partir da estrutura “tener que+infinitivo”, como veremos no seguinte tópico.

6.3.4 Noção temporal da PMD

Como o nosso objeto de estudo se trata de uma perífrase focada no condicional, é essencial apropriar-nos de todos os matizes pertinentes ao tempo verbal e isso pode interferir no valor semântico da perífrase “tener que+infinitivo” no condicional.

No que se refere à noção temporal do verbo escapado na PMD, convém adotar um ponto de referência para nossa análise. Conforme García Fernández (2006), o tempo é uma categoria deíctica que relaciona um acontecimento com o momento da fala. Essa relação pode ser direta se o evento corresponder ao presente, passado ou futuro, mas pode ser indireta se houver outro evento entre o que é expresso pelo predicado e o momento da fala. É nessa última relação que consideramos que a PMD adquire diversos comportamentos e matizes.

Conforme assevera Gili Gaya (1961), como o condicional é um tempo imperfeito, fica indeterminado o término da ação, a qual medimos a partir do momento da fala podendo estabelecer uma noção temporal passada, presente ou futura.

A Tabela 9 nos mostra a frequência da incidência da PMD em relação aos tempos verbais no discurso digital:

Tabela 9: Noção temporal do verbo escapado na expressão da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Futuro	79	79,0
Passado	17	17,0
Presente	4	4,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Constatamos, com base na Tabela 9, a predominância da noção temporal *Futuro*, como escolha dos usuários para manifestar suas avaliações em 79% dos casos, enquanto o *Passado* foi escolhido por 17% dos usuários e apenas 4% expressaram seus julgamentos simultaneamente ao momento da enunciação no *Presente*.

Os resultados da Tabela 9 corroboram com a perspectiva de Lyons (1977), para o qual a modalidade deôntica carrega um valor de futuridade, pois se refere a um mundo posterior ao do momento da enunciação, ainda oportuno para produzir o efeito pretendido. Diante disso, cabe ponderar a distinção semântica entre futuro e futuridade.

Conforme Santos (2015), a futuridade aponta para eventos projetados no momento da enunciação em que o falante, a partir de suas experiências, faz a projeção de um evento hipotético [-certeza], que ele considera possível de se realizar, embora com menor grau de confiabilidade, o que ocorre com o condicional. Enquanto o futuro, tempo absoluto, possui [+certeza] com relação ao evento pretendido no enunciado, há, portanto, maior grau de confiabilidade de que o evento será realizado. Ambos possuem o elemento da ulterioridade, porém com diferentes graus de certeza.

Uma forma de diferenciar o condicional com noção temporal de futuro de outros tempos verbais, como o passado, foram os critérios que diferenciam os tempos simples dos compostos de Barceló e Bres (2006) como vemos no Quadro 5:

Quadro 5 - Valores aspecto-temporais do futuro e do condicional

	Valor aspecto-temporal		Enunciação
	Instruções temporais	Instruções aspectuais	
Futuro simples	[+PRESENTE] [+ULTERIORIDADE]	[+tensão]	Estrutura não-dialógica
Futuro composto		[+extensão]	
Condicional simples	[+PASSADO] [+ULTERIORIDADE]	[+tensão]	Estrutura dialógica
Condicional composto		[+extensão]	

Fonte: Retirado de Azzopardi (2016).

Para os autores, tanto o futuro simples como o condicional simples compartilham a mesma instrução [+tensão], que corresponde ao aspecto dinâmico do verbo (aspecto interno do acontecimento) que está em cumprimento: o evento é visto desde seu início até seu limite final. Diferentemente do que ocorre com o futuro composto e o condicional composto (voltado para o passado), que apresentam o evento a partir de seu limite final e compartilham a instrução

[+extensão] correspondente ao aspecto cumprido. Desse modo, o condicional e o futuro aportam a mesma instrução [+tensão] que corresponde a forma simples relaciona-se com o mesmo aspecto temporal de um evento ainda não cumprido e [+ulterioridade] que situa a realização do evento no momento posterior ao da fala. como vemos em (64), (65) e (66):

(64) Usuario 155 (no identificado):

*Creo, que Mila **tendría que jubilarse**. No la aguanto (IG)*

(65) Usuario 59 (mujer):

*Doctor Candel, tenía el corazón encogido al principio del vídeo, pensé, ay! que va a fundar un nuevo partido político. Claro que no, **tendríamos que cambiar** hasta la raíz, eso es muy complicado, quiénes no lo ven es porque tienen intereses políticos. Nosotras lo nuestro y desde nuestra Asociación Justicia Sanidad Digna, es la única solución. Que caló, en Sevilla no sabemos dónde meternos.#yeah (FB)*

(66) Usuario 107 (hombre):

*No entiendo nada. En todas las fotos leo en comentarios. Pasad de las críticas Peroque críticas? Yo no leo ninguna. Que hacéis las borráis o que? Si sois personas que queréis exponer vuestras vidas os expones a críticas. Sino **tendría que pedir** respeto a vuestra intimidad y no publicar todo lo que hacéis. Sinceramente no entiendo mucho. Salís en novedades y leo eso a menudo y todo lo que leo son cosas bonitas. (IG)*

Os exemplos em (64), (65) e (66) ilustram o resultado visto na Tabela 9, na qual a predominância do uso da PMD com noção temporal de futuro, onde o condicional não tendo outro tempo como ponto de referência, atua como tempo absoluto, vinculado ao momento da fala, tal como o tempo futuro.

Desse modo, tendo o momento da enunciação como ponto de referência, o usuário-falante infere que aquilo que deseja possa se realizar e abre um espaço temporal para a realização desse desejo, aquilo que seria moralmente adequado, a ser cumprido pelo alvo deôntico na ulterioridade, caso ele acate a responsabilidade a ele imputada. Por não ter certeza desse cumprimento, devido a uma ausência de autoridade para tal, recorre ao uso do condicional para deixar “em aberto” a obrigação da realização do evento desejado. Em (64), embora não esteja explícito o embasamento moral, consideramos que a imposição de uma fonte deôntica pode advir de sua compulsão interna, onde a obrigação depende também de aspectos da cultura de um povo, conforme Prata (2007).

No tocante aos valores temporais e modais do condicional vistos em Azzopardi (2011), constatamos que a maioria de nossas ocorrências teve o condicional como único tempo verbal na oração, o que corrobora com a maior frequência do uso da PMD em orações simples.

Por isso, defendemos o uso do condicional como tempo absoluto o que implica na ocorrência do condicional com valores modais de atenuação/cortesia, conjectura, citativo ou hipótese, ora apresentados.

Consideramos a noção temporal da PMD referida no passado quando as construções perifrásticas formadas pelo condicional composto “tener que+infinitivo+ particípio”. Nesses casos, a ação expressa pela PMD no condicional se volta para o passado tendo como ponto de referência o momento da fala e aquilo que é expresso pelo infinitivo composto, usado, comumente, para expressar arrependimento ou lamento por algo do qual se esperava uma realização, mas que não aconteceu, e, no momento atual, não é mais possível (GÓMEZ TORREGO, 2009). Tal fato, é caracterizado pela instrução [+extensão], correspondente ao aspecto cumprido e finalizado, como ilustram as perífrases compostas “haber sido”, “haber echado” e “haber tomado”, em (67), (68) e (69):

(67) Usuario 159 (mujer):

Evoles, no se puede hacer una entrevista tan trascendental como esta y editarla. Tendría que haber sido en tiempo real. Eres partidista. (TW)

(68) Usuario 55 (hombre):

*El problema es que a Silene la **tendrían que haber echado** mucho antes, si nos atenemos a criterios culinarios. Pero esto hace tiempo que dejó de ser un programa de cocina para tornarse en un show. (FB)*

(69) Usuario 144 (no identificado):

*Como puedes llegar a entender que lugares como sagrada familia pasar de noche y ver solo un vigilante seguridad privada? Nos la podían meter en cualquier lado pk era inexistente la seguridad y si estamos amenazados **tendrían que haber tomado** medidas antes no ahora. Y seguro que seguire pasando por puntos claves y aun despues de esto sin control. (IG)*

De (67) a (69), a marcação temporal do verbo escapado na PMD se situa no passado, reforçado, em (67), pela expressão “en tiempo real”, que nos dá indícios de que a ação de entrevistar não foi no presente e nem é mais possível. Em (68) é também reforçado pelo adjunto adverbial de intensidade e temporal em “mucho antes” e, em (69), o ponto de referência para a identificação da noção temporal da PMD fica mais evidente quando o usuário-falante 144 situa sua fala no presente ao enfatizar “antes no ahora”, trazendo a ideia de que algo teria que ter ocorrido no passado. Portanto, com o condicional composto, o usuário-falante expressa um acontecimento cujo limite final não se situa no futuro, mas sim no passado.

Essa interpretação é realizada com base em Gómez Torrego (2009). O autor assevera que, quanto à relação entre o tempo verbal e o valor semântico da PMD “tener que+infinitivo”, o infinitivo composto neutraliza as perífrases de “tener que”, a qual adquire

valor desiderativo, ou seja, o falante usa essa construção para expressar um desejo, ou arrependimento, de uma ação não mais oportuna no presente (GÓMEZTORREGO, 2009, p. 85). Com o uso do condicional, o usuário-falante formula uma hipótese sobre um evento situado no passado, irrealizável no momento da fala. Diante disso, concordamos com Gómez Torrego (2009) que, quando a perífrase se estrutura em infinitivo composto com particípio, afasta-se do seu valor de deonticidade e se aproxima do valor volitivo.

Na mesma concepção, García Fernández (2006, p. 258) entende que os valores expressos pela PMD “tener que+infinitivo” no condicional composto, do valor de obrigação, a ele se sobrepõe o valor desiderativo. Além disso, Oliveira (2017) reconhece que a modalidade deôntica poderia tratar da desejabilidade da realização de um estado-de-coisas. Por sua vez, Lyons (1977) afirma que a volição poderia ser a expressão da modalidade deôntica subjetiva. Ademais, Palmer (1986) entende que a modalidade deôntica contém um elemento de desejo, relacionando-a com a volição. Contudo, baseando-se nas concepções de Oliveira (2021), é preciso reconhecer a fonte em que se baseia esse elemento de desejo, qual o tipo de fonte da ordenação volicional. Se o desejo está situado no campo acional do querer-fazer, com base em leis ou costumes sociais, teremos uma imposição volicional, estando mais relacionado com a modalidade deôntica. De outro modo, se o desejo da ação está situado no campo mental, baseado no querer-desejar, considerados algo bom e agradável à fonte modal, teremos um ato volicional.

Diante disso, entendemos que, em (67), a PMD é usada para expressar uma imposição volicional, pois o querer-fazer é imputado a “Evole”, então agente modal, com base em ideologia político-social em “Eres partidista”, como também teve base em normas de conduta social, pois não a edição da entrevista foi entendida como algo inadequado ou desonesto. Do mesmo modo, em (68), o querer-fazer se baseia em “criterios culinarios”, entendidos como regras de cunho social relacionadas a competição em programas televisivos. Em (69), também se trata de uma imposição volicional de cunho social relacionada a providência de medidas quanto à segurança noturna. Em conformidade à concepção de Menezes (2006), o uso do condicional relacionado a um tempo passado, serve como recurso de asseveração da força ilocucionária de valor deôntico, uma vez que ressalta o fato de o não cumprimento de uma obrigação não poder ser modificado. Quanto ao valor modal do condicional, a noção temporal de passado lhe aporta um valor de conjectura, em (67) e (68), e de hipótese, em (69), conforme Azzopardi (2011).

Com a menor frequência, a noção temporal presente foi pidentificado nas

ocorrências que apresentam o presente contínuo, representado pelo condicional composto por tener que+infinitivo+gerundio. Conforme Bello (2004), com exceção do pretérito indefinido, todos os outros tempos verbais são usados para expressar e descrever mais de um sistema temporal, como vemos em (70):

(70) Usuario 11 (mujer):

*Yo, si que creo; que la deriva...d Pablo, en muchas cadenas d TV, y entrevistas..no beneficiaron la credibilidad, de la q siempre..hemos hecho gala...No somos como los demás... y eso **tendría q seguir siendo** claro;;..ciertas aptitudes, sobre si se consideraba comunista...Tú puedes tener un alma libertaria y comunista..Y eso ;no impedirte, presidir un país. Creo;q se están dando, pasos en falso, porque; al fin y al cabo, tampoco. queremos entrar por el aro... Logicamente. Pero; creo. q la inconsistencia...de la argumentación, ha pasado fra, con una alianza con IU, q de manera lógica..también tiene muchas almas. Y muchas d esas almas, no dieron el SI; en las urnas a la coalición. Aprender d errores, es bueno..pero; siempre teniendo claro...EL COMO; EL CUANDO Y EL PORQUE?? (FB)*

Em espanhol, o tempo presente contínuo descreve ações que indicam o desenrolar de um evento, cujo início deu-se no passado, mas que ainda está acontecendo no momento que falamos e, que, a qualquer momento pode cessar. Por isso, em (70), diante da inconsistência de atitudes do alvo deôntico da avaliação modal, o usuário 11 usa o presente contínuo para instaurar a obrigação da manutenção da sua posição ideológica, que antes eram transparentes, claras e que no momento da fala, revela uma mudança de atitude por parte do alvo deôntico. Com o verbo auxiliado no presente contínuo, o usuário sinaliza que a clareza de atitudes pode ter fim caso o candidato não mantenha sua posição ideológica de outrora, o que mostra que a escolha por esse tempo verbal mantém estreita relação com a intenção comunicativa do usuário 11, para o qual a manutenção da conduta do candidato tem importância. Entendemos que essa noção temporal imprime maior força ilocutiva, pois a realização é obrigatória, uma vez que não aponta para um evento no passado, nem no futuro, mas no exato momento da fala.

Desse modo, percebemos que o condicional é um tempo relativo em relação ao momento da fala e as noções temporais que assume revela distintas intenções comunicativas, pois pode se referir a um evento simultâneo com a enunciação (noção de Presente), a um evento que deveria ter sido realizado no passado com aspecto dinâmico “cumprido”, e, que no momento da fala, é usado para expressar asseveração pela não ocorrência (noção de Passado) ou, ainda, pode se referir à hipótese da ação ainda ser realizada, com aspecto “em cumprimento” (noção de Futuro).

Em uma leitura de Narrog (2005b), Thegel afirma que, o falante, ao criar uma distância entre o momento de fala e o ponto de referência temporal, há uma mitigação da força modal. Compreendemos que isso pode ocorrer com o condicional com noção de passado e

com noção de futuro, com exceção da noção temporal de presente, que adquire maior força ilocutiva, pois o cumprimento daquilo que foi imputado ao agente modal confere mais urgência.

Para além da noção temporal, podemos ainda ampliar o nível de apreensão do seu comportamento no discurso digital analisando o tipo de processo verbal escopado pela PMD.

6.3.5 Tipo de processo verbal escopado pela PMD

Para a interpretação de diversas leituras possíveis da PMD no condicional, analisamos os processos verbais desenvolvidos por Halliday (2004). Como vimos no Capítulo 2, a metafunção ideacional é uma das metafunções hallidayanas, cuja representação dos significados de ações e experiências sociais e psicológicas tem como base a transitividade verbal. Esses significados se manifestam em processos que refletem os sentidos projetados nos verbos, ou seja, as experiências dos participantes nas diversas circunstâncias que vivenciam, em construções de sentenças com verbos de ação (materiais), com verbos de sentimento, percepção, afeição e cognição (mentais), com verbos de ligação (relacionais), com verbos ligados à fisiologia (comportamentais), com verbos do dizer e do comunicar (verbais) e com verbos como *haver* e *existir* (existenciais).

Os diferentes sentidos que os verbos podem expressar, obrigação, possibilidade, capacidade, habilidade ou, ainda, nenhuma ação concreta depende de argumentos selecionados por cada tipo de verbo, como os sujeitos [+animados] ou [-animados], [=humanos] ou [-humanos], agentes e experienciadores da ação, os quais desencadeiam diferentes leituras da PMD.

No tocante aos processos materiais, trata-se dos processos que representam ações no campo semântico do fazer, criar, transformar e acontecer, implicando em trabalho ou empenho de energia. Os resultados da análise nessa categoria mostraram que os processos materiais ocorreram com maior frequência, como constatamos na Tabela 10:

Tabela 10: Processo verbal na expressão da PMD no discurso digital

Categorias	N.º	%
Material	62	62,0
Mental	19	19,0
Existencial	9	9,0
Relacional	7	7,0

Verbal	3	3,0
Total	100	100,0

Fonte: SPSS, elaborada pela autora.

Observamos que as escolhas verbais dos usuários para fazer a avaliação sobre a necessidade da realização de ações pelo alvo deôntico recaem majoritariamente sobre os processos materiais, representando 62% dos casos⁶⁴. São significados associados ao mundo físico e a experiência no mundo externo. É por meio deles que os usuários buscam a modificação de algo no mundo material. Esse resultado é importante para mostrar que há maior incidência sobre a realização de ações e mudanças concretas no mundo físico, que envolve um esforço concreto inerente à capacidade ou habilidade por parte do alvo deôntico para cumprí-las, pertencem, pois, ao campo do fazer, como em (71) e (72):

(71) Usuario 7 (hombre):

*A vosotros os **tendrían que obligar** a tener las carreteras decentes y pasarles itv tambien y por supuesto si un conductor lo denuncia ser multados como nosotros. (FB)*

Em (71), temos a manifestação da necessidade da ação material de “obligar” onde o participante ator responsável pela execução da ação não está explícito. Trata-se de uma ação associada ao mundo físico, no campo semântico do transformar e acontecer, já que o usuário 7 expressa a necessidade dessa ação para que se tenha uma “carretera decente”, no intuito de fazer acontecer, resultando em empenho de energia nessa ação. Sabemos que esse tipo de ação pode se realizar de forma verbal ou escrita, fato que poderia ser também considerada a classificação como processo verbal, como veremos mais adiante.

Em (72), o usuário 20 se mostra no plano enunciativo-modal por meio da PMD “tendrias que poner” que marca seu dito e sua avaliação sobre a necessidade de mudança do funcionamento do sistema eleitoral.

(72) Usuario 20 (hombre):

*@jordievole pues en tiempo de elecciones **tendrias q poner** sustitutos I no cerrar en domingo. Vergonzoso. (TW)*

Nesse caso, a PMD estabelece a obrigação da ação por parte do alvo deôntico de “poner sustitutos” a ser cumprida em um momento específico estabelecido pela comunidade espanhola: “en tiempo de elecciones”, o que nos indica uma organização informativo-

⁶⁴ Não foram encontradas ocorrências de processos comportamentais.

argumentativa direcionando o alvo a uma ação específica para mudar o funcionamento de um estabelecimento.

Como os processos materiais envolvem o esforço no mundo físico e, como dissemos, empenho de energia, é possível fazer uma leitura de modalidade dinâmica relativa às capacidades ou habilidades do agente modal necessárias para implementar as mudanças exigidas pela fonte modal. Contudo, em (71) e (72), o tipo de processo material nos mostrou que o usuário busca implementar uma transformação no mundo físico, seja do sistema eleitoral, seja do sistema de trânsito, com ações concretas e baseadas em condutas e leis, portanto, afirmamos que prevalece a interpretação de modalidade deôntica nesses tipos de processos. Outros processos, no entanto, exprimem ações associadas ao mundo interno, às representações cognitivas e aos sentidos, como o processo mental, correspondendo a 19% das ocorrências. Trata-se das representações de experiências internas do participante associadas ao pensar, ao sentir e ao conhecer como em (73):

(73) Usuario 18 (mujer):

*[Mención a usuario] primero **tendríamos que saber** a qué nos dedicamos cada uno, mmmmm. lo mismo el ridiculo lo hacen otros por 1000 al. (FB)*

O verbo escopado na PMD “saber” está associado ao que se processa na mente do usuário-falante, que compartilha essa necessidade com outros, que pode ser qualquer pessoa, mas que, necessariamente, aportam as instruções [+humano] e [+animado]. Diferentemente dos processos materiais, os processos mentais requerem o uso de elementos intrínsecos do ser humano que respondem a uma mudança de estado emocional, mental, ao estímulo de sensações do escutar, pensar, refletir e que não dependem de um esforço no mundo físico. Conforme Cançado (2012), os verbos psicológicos selecionam argumentos com sujeitos [+animado] que desenvolvam um estado emocional, em que um desses argumentos têm, necessariamente, o papel de experienciador desse estado emocional. Diante disso, na PMD “tendríamos que saber” o tipo de processo é classificado como processo mental, onde “saber” tem o sentido de reflexão sobre a atitude de autoconhecimento que o usuário-falante 18, [+animado] [+humano], avalia como necessário. Conforme Cançado (2012), verbos psicológicos permitem a leitura de possibilidade deôntica. Segundo Thegel (2017), o condicional usado em processos mentais adquire valor de inferência, sendo hipotético nesses casos.

Com outro matiz, o exemplo (74) ilustra um duplo valor semântico, que a princípio se classificaria como processo material, contudo, o verbo escopado “caer” revela outro significado:

(74) Usuario 36 (no identificado):

*A todos los que injurias xq son injurias bien lo dice la guardia civil. Se os **tendrían que caer el pelo!** (IG)*

Conforme o dicionário da RAE⁶⁵, “caer el pelo” é um dito popular que indica reprimenda, castigo ou sanção quando alguém comporta-se mal ou faz algo errado, tendo o mesmo sentido de “tomar vergonha”. Diante disso, vemos que em (74), o usuário-falante 36 se posiciona por meio da PMD “tendrían que caer el pelo” para reprimir um comportamento inadequado do ponto de vista moral, onde o usuário 36 exige de todos que cometem injúrias tomem a atitude de “ter vergonha”, virtude ligada à honra, o que consideramos uma expressão de modalidade deôntica, uma vez que se baseia em avaliações de ordem moral.

Não muito comuns no discurso, os processos existenciais foram identificados em 9% dos casos, pois revelam algo que existe ou acontece. Os usuários que o empregaram, buscaram estabelecer qualquer tipo de acontecimento considerado no mundo existente, de acordo com Halliday (2004), realizados por meio dos verbos “existir” e “haver”, como em (75):

(75) Usuario 3 (hombre):

*Para presentarse en política **tendrían q haber unos mínimos...** nos ahorraríamos muchos disgustos. (TW)*

De acordo com Halliday (2004), pode “existir” qualquer fenômeno a ser construído como coisa, seja ela uma pessoa, um objeto ou uma instituição. No exemplo (75), essa “coisa” a existir se refere a *unos mínimos*, a quantidade de pessoas apropriadas a se candidatarem nas eleições, segundo sua avaliação. Esse enunciado exprime uma verdade relativa a um mundo que justifica a força ilocutiva, sendo esse mundo o estado-de-coisas, uma verdade que afirmamos existir, acontecer, localizado no espaço e no tempo, podendo ser permanente ou temporário (MENEZES, 2013).

Conforme Miranda e Oliveira (2020), os processos existenciais selecionam um único participante obrigatório, o Existente, para o qual não se atribui um significado experiencial. Por meio desse processo, o falante renuncia o envolvimento do Existente em qualquer tipo de ação. Diferentemente dos processos materiais e relacionais, o processo existencial não admite um participante secundário, sendo impessoal. Por isso, os verbos existenciais não estabelecem ações concretas, admitindo-se apenas a leitura da possibilidade

⁶⁵ Disponível no link: <https://dle.rae.es/pelo?m=form> Acesso em: 21 jan. 2023.

do evento acontecer por conta de circunstâncias externas. Além disso, esse tipo de processo nos permite afirmar que o usuário-falante 3 põe em curso uma estratégia argumentativa com efeito de objetividade da ação por meio do apagamento do participante agente e nominalização como em “unos mínimos”.

Constatamos ainda, em 7% das ocorrências, que os usuários preferiram manifestar uma opinião classificando ou atribuindo uma característica a coisas e pessoas. O processo verbal relacional é responsável pelo estabelecimento de relações abstratas que determinam ou classificam pessoas e coisas. Assim sendo, entre diferentes formas de realização da proposição, em (76), o falante escolhe o processo relacional para fazer sua avaliação sobre como deve ser o referendo, classificando-o:

(76) Usuario 123 (mujer):

*[Mención al usuario 117] pues largaros de una puñetera vez. El referendum **tendría q ser al reves** para gente como tú, pero resulta que no todos son tú.. y los españoles amamos a España.*
(FB)

Em (76), a avaliação realizada por meio da PMD “tendría q ser” tem como escopo o verbo “ser”, que não estabelece uma ação, mas expressa uma característica permanente e imutável do referendo, devendo, este, ser distinta para um determinado grupo de pessoas. Desse modo, temos um processo relacional do tipo intensivo atributivo, pois temos como participantes um Portador, o referendo, como entidade alocada em uma determinada classe e a característica, “al reves”, que representa como o referendo tem que ser. A leitura de capacidade ou habilidade não são possíveis com o sujeito “referendo”, uma vez que é [-animado] [-humano]. Contudo, poderíamos ter uma leitura deôntica por metonímia, na qual alguém responsável pela ação de mudar o formato do referendo, a realize obrigatoriamente.

No que se refere aos verbos do universo do dizer, conforme a Tabela 9, os processos verbais foram os menos significativos, representando apenas 4% dos casos contabilizados. O ato de opinar e dizer atende às estratégias do falar, do expressar. Os exemplos (77) e (78) ilustram o discurso indireto e aparentemente possuem o mesmo significado, contudo, apresentam modalizações distintas:

(77) Usuario 93 (mujer):

*Olé tú! que menos que eso!...ojalá estuvieras. **tendrías tanto que decir!!** verdades como.*
(FB)

(78) Usuario 14 (hombre):

[Mención al usuario 6] si es a si toda la razon, pero qué necesidad tienen de favorecer tanto a

*carlota? Porqué si le quería tanto, no ha salido en su defensa? Qué no salgan imagenes, es lo más normal. Cómo estaría Carlota si estuvieran corriendo por hay? Enfin, no **tendría ni que a ver opinado** porquè nadie sabe la verdad. (IG)*

No ato do dizer, o usuário-falante dá a oportunidade para a voz do seu interlocutor, com menor comprometimento, menos assertividade e maior liberdade de expressão, como em (77). No entanto, a depender do contexto, da intenção argumentativa e em um ambiente virtual de manifestação de avaliações e julgamentos, verbos de teor comunicativo podem trazer também a possibilidade de censura. Em (78), o usuário, após uma série de perguntas retóricas, busca convencer seu interlocutor de que, em um momento não mais oportuno (noção temporal de passado), repudia veementemente o fato de o usuário-ouvinte ter manifestado sua opinião, reforçado pelo conectivo “ni”, o que sugere censura, interferindo na liberdade de expressão do usuário⁶.

Além do reflexo do contexto e o tipo de processo, a transitividade verbal de Halliday (2004) permitiu identificar os participantes do discurso, os quais contribuíram de distintas formas para a construção da experiência, e as circunstâncias da interação comunicativa e as escolhas destes com o contexto de uso.

Portanto, neste tópico, vimos que a descrição dos elementos formais e a combinação entre eles constitui a sintaxe, com a análise de cada categoria pertencente ao nível da MIC, mas defendendo a superação da perspectiva unicamente sintática, integrando a análise formal com o enfoque pragmático da PMD em contexto interativo. Sob essa ótica, seguimos para uma etapa essencial da pesquisa que responde aos questionamentos sobre como se dá a inter-relação entre os níveis de SUP, MAC e MIC para a expressão da PMD no discurso digital em espanhol?

6.4 Inter-relação entre os níveis e planos

Nesta etapa, visamos responder ao questionamento inicial sobre “Qual a inter-relação entre os níveis da superestrutura, macroestrutura e microestrutura e o uso da perífrase modal ‘tener que+infinitivo’ no condicional no discurso digital escrito em língua espanhola?”. Vimos, no Capítulo 2, que o produto discursivo é influenciado por fatores situacionais, que se interligam e instituem a polifuncionalidade das unidades. Nesta etapa da pesquisa, voltamos o foco à análise inter-relacionada do discurso digital com o cruzamento entre níveis e planos, a fim de observar quais aspectos estão vinculados para a expressão da modalidade deôntica no discurso digital, bem como enriquecer nossa compreensão e descrição do comportamento da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional seja trazendo novas percepções, seja reforçando argumentos já identificados.

Para identificar e interpretar essa inter-relação, baseamo-nos no teste *Qui-quadrado*, que quantifica onde variável de uma categoria observada recai sobre uma variável de outra categoria e avalia a probabilidade de um dado diferente observado aconteça ao simples acaso. O grau de associação entre duas variáveis pode ser nenhuma, leve ou de forte associação, em função da semelhança ou diferença entre as variáveis observadas e esperadas, sendo que o resultado que representa, conforme Guy e Zilles (2007), forte associação é exemplificado pelo valor $< 0,001$ e leve associação pode ser exemplificado pelo valor de $> 0,20$. Aplicando-se o teste *Qui-quadrado*, obtivemos como resultado categorias que apresentaram nenhuma, leve ou forte associação. O Quadro 6 ilustra as categorias que apresentaram alguma associação:

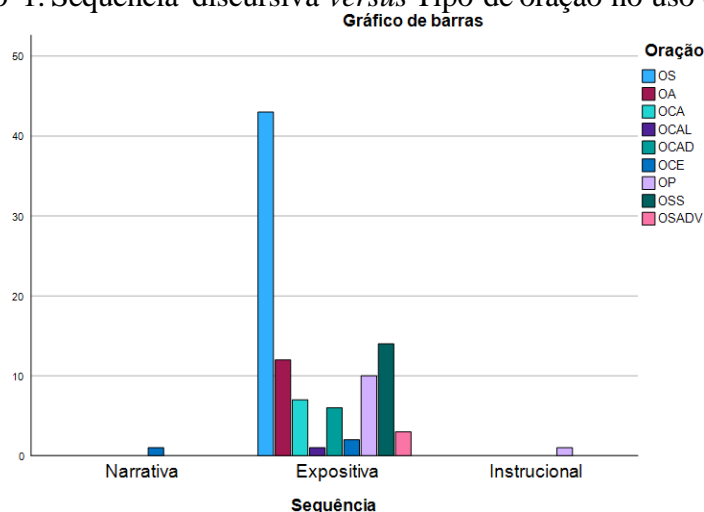
Quadro 6: Valores do teste *Qui-quadrado* aplicado às categorias

Categoria 1	Categoria 2	Valor <i>Qui-quadrado</i>
Sequência discursiva: Expositiva	Tipo de Oração: Simples	$<, 001$
Organização informativa: Estrutura marcada	Organização argumentativa: descortesia	0,002
Organização informativa: Estrutura marcada	Tipo de processo verbal: Material	0,032
Organização polifônica: Locutor-Enunciador-Falante	Tipo de oração: Simples	0,030
Tipo de alvo: 3ª ps	Tipo de processo verbal: Material	0,045

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do SPSS.

Após procedermos ao teste *Qui-quadrado* no SPSS, iniciamos a análise da inter-relação entre as categorias pela relação entre da Sequência discursiva (SUP) e o Tipo de oração (MIC) em que a PMD foi utilizada. O modal deôntico pode aparecer em qualquer tipo de sequência, e, a depender desta, terá relação com a intenção comunicativa do usuário-falante ao construir o seu discurso, seja ela narrativa, expositiva ou instrucional. O Gráfico 1 ilustra a incidência majoritária das orações nas sequências expositivas para a expressão da modalidade deôntica:

Gráfico 1: Sequência discursiva *versus* Tipo de oração no uso da PMD



Fonte: Extraído do SPSS

No caso da interação em redes sociais por meio de comentários é comum a construção de diferentes sequências discursivas com distintos tipos de orações. De acordo com Paiva e Pessoa (2023), as sequências expositivas funcionam como um texto informativo e, para cumprir esse objetivo, os usuários podem valer-se de distintas estruturas oracionais como vemos no Gráfico 1. Porém, como vemos, as sequências expositivas condicionaram, significativamente, as orações simples. Conforme o teste *Qui-quadrado*, revelou-se uma forte⁶⁶ associação entre os níveis da SUP e da MIC, como vemos em (79):

(79) *Usuario 2 (mujer):*

Los periodistas tendrian que jurar fidelidad a la VERDAD. (FB)

Em (79), trazemos um exemplo de oração simples, na qual o usuário-falante 2 usa a PMD para expor sua atitude baseada em valores morais como vemos em “fidelidad a la VERDAD”. Em nossas ocorrências, os usuários tiveram preferência pela construção de orações simples para expor suas avaliações, acompanhadas, em outros casos, de explicações que buscaram justificar a necessidade ou obrigação imposta por meio da PMD no condicional. Em (79), vemos o que Marcushi (2002) denomina como exposição sintética, formada pela composição de um sujeito, agente modal, da PMD no condicional e de um complemento com um grupo nominal.

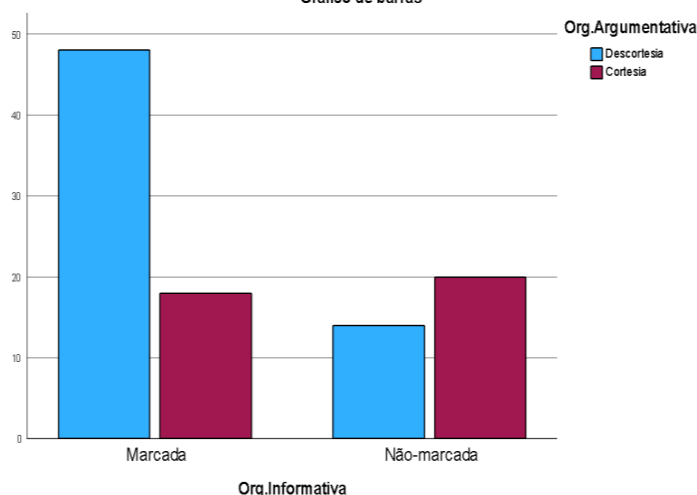
Desse modo, o resultado do condicionamento das sequências expositivas em orações simples parece estar relacionado à rapidez com que os usuários produzem comentários nos cibergêneros (PAIVA; PESSOA, 2023) devido à imediatez comunicativa inerente aos

⁶⁶ O valor do teste Qui-quadrado foi de $<,001$.

cibergêneros e à tempestividade das reações dos usuários diante de publicações constantemente atualizadas.

Também constatamos a inter-relação entre categorias pertencentes a um mesmo nível. O Gráfico 2 ilustra a inter-relação entre as categorias da Organização informativa e Organização argumentativa, ambas pertencentes ao nível da MAC:

Gráfico 2: Organização informativa *versus* Organização argumentativa no uso da PMD
Gráfico de barras



Fonte: Extraído do SPSS.

Podemos constatar no Gráfico 2 que há uma forte associação entre a estrutura marcada e manifestação de descortesia. Vejamos como isso ocorre com base em (80):

(80) Usuario 58 (mujer):

*De verdad os **tendria que dar vergüenza**, y encima la maleta de @albasweetc no aparece a saber donde esta y como estara. (IG)*

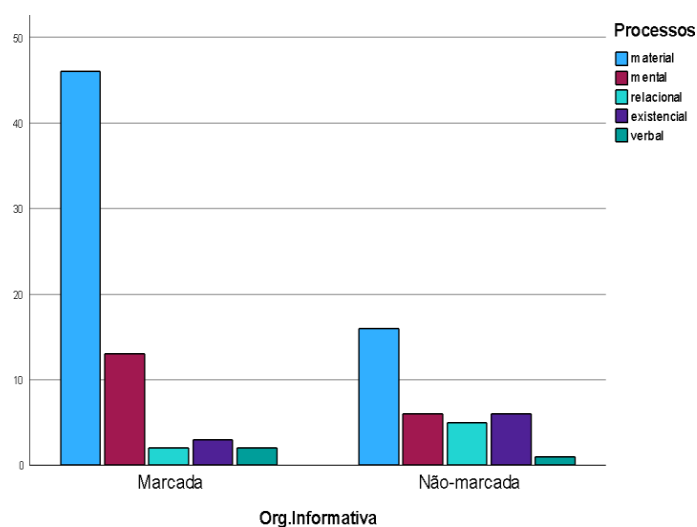
Em (80), observamos nesse enunciado uma estrutura marcada pelo operador discursivo que atua no enunciado com uma função periférica: “De verdad”. De acordo com López Martín (2020), um operador discursivo tem como âmbito toda a oração, pode ter mobilidade na estrutura e estabelece uma inter-relação com a MAC, uma vez que tem como ponto de referência a argumentação, a informação, enunciação e modalidade.

Para Fuentes Rodríguez (2009), todos os modais afirmativos estabelecem uma ênfase na asserção e confirma algo prévio, como ocorre em (80). De acordo com Briz Gómez (1993) o operador discursivo “De verdad”, no início da oração, se apresenta como um conector introdutor de argumento e reforço do ato ilocutório da PMD, ou seja, contribui para enfatizar o ponto de vista do usuário-falante 58, “tendria que dar vergüenza”. Com base em Fuentes Rodríguez (2009), o operador evidencial no início da oração colabora com o plano

argumentativo, pois essa asserção, “De verdade”, pressupõe a existência de outros enunciadores que compartilham do que será dito, servindo de respaldo para a opinião do usuário 58, diluindo a responsabilidade enunciativa. Além disso, o recurso fortalece a asserção da obrigação e dificulta que uma ideia contrária à ação imposta seja contra-argumentada pelo alvo deôntico, levando-o a acatá-la. Nesse sentido, vemos que a estrutura marcada se coloca a serviço da descortesia, consistindo na estratégia de desacreditar o interlocutor e invalidar o comportamento do alvo deôntico com a PMD “tendria que dar vergüenza”.

A categoria Organização informativa, da MAC, também apresentou inter-relação com a categoria Processo verbal, da MIC, como ilustra o Gráfico 3:

Gráfico 3: Organização informativa *versus* tipo de Processo verbal no uso da PMD



Fonte: Extraído do SPSS.

Tanto na estrutura marcada como na estrutura não-marcada vemos maior predominância dos processos verbais do tipo material. Contudo, a estrutura marcada mostrou uma inter-relação com o processo material, com base no teste *Qui-quadrado*⁶⁷. Entendemos que, para instaurar uma ação material, pertencente ao mundo externo e físico, o campo acional da imposição do “fazer” pode estar diretamente ligada a uma ordem de informações mais relevantes que outras, ocorrendo em estruturas marcadas. Nesse caso, o usuário-falante focaliza aquilo que se deve fazer e como se deve agir, comovemos em (81):

(81) Usuario 121 (no identificado):

Este anuncio lo tendrían que poner un 28 de diciembre!!!!Me parto!!! (FB)

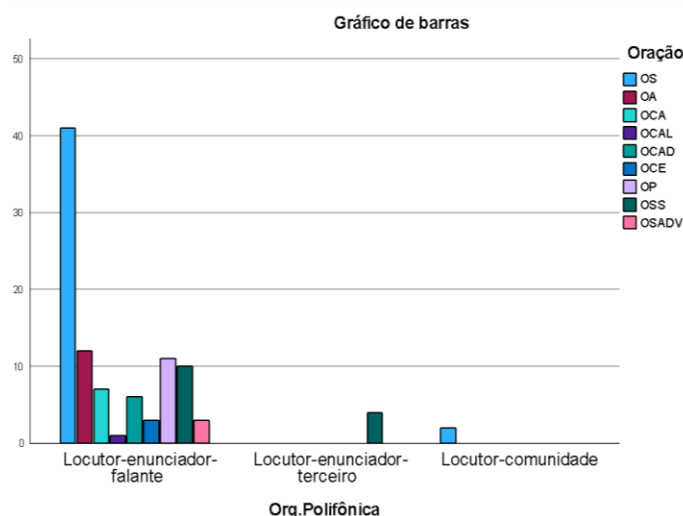
Em (81), o usuário-falante 121 focaliza o termo “este anuncio” considerando-o

⁶⁷ O valor do teste foi de 0,032.

como uma informação nova, não conhecida pelo usuário-ouvinte e necessária para evitar ambiguidade, salientando ser no “anuncio” que recairá a ação de “poner” e não em outro suporte. Quando se põe em prática esse recurso, o falante supõe que o usuário-ouvinte não conhece a informação necessária para ser convencido dessa ação. Conforme Salvador Gutiérrez (2000), quando, na língua espanhola, uma das funções que se substitui por pronomes átonos, este se antepõe aos verbos. Por efeito dessa organização informativa, a presença do pronome oblíquo redundante é obrigatória, como em “este anuncio lo”, onde vemos em “lo” a repetição substituta de “este anuncio”, para que se possa distinguir o objeto do sujeito, o que evidencia uma estrutura marcada.

Observamos ainda a inter-relação da MAC como nível da MIC, com uma forte associação entre a categoria Organização polifônica (MAC) e Tipo de Oração em que a PMD aparece, como nos revela o Gráfico 4:

Gráfico 4: Organização polifônica *versus* o Tipo de oração no uso da PMD



Fonte: Extraído do SPSS.

A identificação do enunciador com a fonte da modalidade deôntica marca diferentes graus de força quanto à responsabilidade e autoridade pelo dito. Vemos no Gráfico 4, que a maioria das orações mostram que a fonte deôntica foi o próprio falante, que escolheu distintas estruturas oracionais para se posicionar nas redes sociais, mas esse posicionamento teve maior incidência na escolha pela estrutura simples. Vejamos em (82):

(82) *Usuario 45 (mujer):*

adoro a odku pienso q tendría que haber estado peleando en la final. (TW)

Em (82), o usuário-falante manifesta seu ponto de vista sobre participação de odku,

no programa de tv, assumindo as funções de Locutor-enunciador-falante do ato enunciado. Vejamos que o exemplo trata-se de uma oração simples (Tipo de oração), com maior associação à fonte modal Locutor-Enunciador-Falante (Organização polifônica).

Para Fuentes Rodríguez (2017b), analisar a sintaxe implica encontrar relações que se criam no nível macroestrutural, nesse caso, a partir da organização polifônica. A maior incidência pela fonte como Locutor-Enunciador-Falante parece estar ligada à funcionalidade das redes sociais e aos conteúdos de interesse social nelas publicadas, que condicionam o posicionamento subjetivo dos usuários e a construção de sua identidade (CANDALE, 2017). Soma-se a isso, o fato de o ambiente virtual impactar como o usuário estrutura seu discurso, diante da imediatez do discurso digital nos diversos cibergêneros (KOCK; OESTERREICHE, 1985), o que condiciona a produção de comentários mais objetivos e concisos. Assim o Locutor-Enunciador- Falante escolhe, majoritariamente, as orações simples para expressar atitudes deônticas no discurso digital. Tal escolha pode estar relacionada com o uso do condicional, que foi mais usado como tempo absoluto, devido à expressão de seus valores modais.

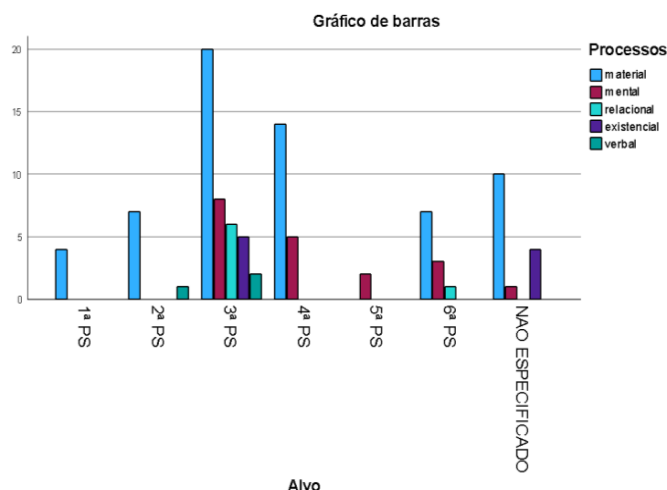
Consideramos importante, ainda que não tenha apresentado condicionamentos, mostrar a interação que houve entre as categorias Locutor- enunciador-terceiro e OSS, representada pela cor verde. Isso pode ser explicado pelo fato de que, quando o usuário-falante na função de locutor, utiliza a fala de um terceiro em seu discurso, necessariamente, precisa estruturar a informação que quer reportar em um período composto por subordinação, especificamente, numa OSS objetiva direta, formada por uma oração principal, com verbo *dicendi* e por outra oração subordinada a esse verbo, como complemento direto, como vemos em (83):

(83) *Usuario 39 (no identificado):*

*@perezreverte @YouTube En desacuerdo con Jordi. Decir el Sr. Arturo que **tendría que pasar** una generación es ser muy optimista. (TW)*

Em (83), o usuário-falante 39 faz uma avaliação a partir da fala de outra pessoa. Nesse caso, é esperado que tenhamos uma estrutura formada pelo período composto, formado por dois verbos: a organização sintática do enunciado que traz a fala do terceiro, “Sr. Arturo”, demanda uma oração principal formada pelo verbo *dicendi*, como “Decía”, que é transitivo direto e um complemento direto que se subordina a esse verbo, como “tendría que pasar una generación es ser muy optimista”, que leva o segundo verbo da oração.

Com relação à inter-relação num mesmo nível, na MIC, o Tipo de alvo 3ª PS mostrou condicionamento sobre o Tipo de processo verbal material, como vemos no Gráfico 5:

Gráfico 5: Tipo de alvo deôntico *versus* Tipo de processo verbal no uso da PMD

Fonte: Extraído do SPSS

O tipo de processo verbal material da ação instaurada pela PMD foi imputado em todas as pessoas gramaticais, com exceção da 2ªPP, mas, majoritariamente, foi imputado à 3ªPS, onde predominou também outros tipos de processos verbais. Contudo, com base no resultado do teste *Qui-quadrado*⁶⁸ todos os alvos deônticos apresentaram maior associação com o tipo de processo verbal material, como vemos em (84):

(84) *Usuario 16 (hombre):*

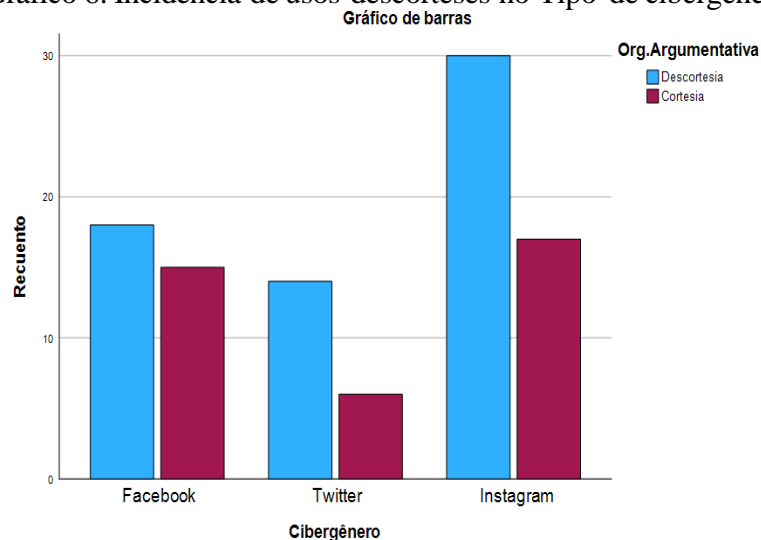
*Lo que **tendría que hacer** es que se fuera la cobertura al llegar a un paso de peatones oalgún cruce... Tanto para el que cruza a pie o el que va conduciendo con el teléfono en la otra mano. Vaya tela! (FB)*

Como vemos, essa ação do tipo material é uma ação física concreta, que exige um participante como ator do “fazer”, que realizará a ação propriamente dita. Esse tipo de processo demonstra a forma como os usuários buscam impor medidas, ações que envolvem esforço físico, as quais implicam um conflito de vontades entre a fonte e o alvo. Desse modo, a fonte, por preferir não apontar um alvo específico, faz a escolha pela 3ªPS para generalizar a responsabilidade da ação, que pode ser realizada por qualquer pessoa.

Finalmente, com relação à Organização argumentativa e o Tipo de cibergênero, não identificamos condicionamento entre as variáveis dessas categorias. No entanto, observamos que, independentemente do tipo de rede social, todos os cibergêneros analisados seguem uma tendência de uso para descortesia, como vemos no Gráfico 6:

⁶⁸ O resultado do teste Qui-quadrado foi de 0,045.

Gráfico 6: Incidência de usos descorteses no Tipo de cibergênero



Fonte: Extraído do SPSS

No Gráfico 6, vemos que o percentual para manifestações descorteses são preponderantes em todas as redes sociais e, aqui, não podemos lançar mão do anonimato como possível causa, uma vez que a maioria dos usuários se sentem mais protegidos sob pseudônimos e perfis “fake”, além do efeito “cockpit” que o ambiente virtual proporciona, a possibilidade de “lançar ofensas”, imune e resguardado pela distância inerente à virtualidade, que afetam negativamente a imagem positiva e negativa do usuário-ouvinte, bem como a interação comunicativa com a invalidação da opinião do outro e o prevalecimento dos seus julgamentos.

Finalizamos a presente análise com um exemplo prototípico que reúne as categorias em que a PMD foi usada com mais frequência no discurso digital:

(85) Usuario 261 (hombre):

*[Mención al usuario 256] a ti te **tendría que inabilitar** la cuenta por facha de mierda. (IG)*

Em (85), o usuário-falante 261 escolheu o tipo de cibergênero IG em uma sequência discursiva expositiva, em um tipo de oração simples, a PMD assumiu a posição intermediária, sendo a estrutura marcada pelo recurso de focalização pela repetição do sujeito modal, com o complemento indireto “a tí”, a fim de evitar ambiguidade do responsável pela ação. Para manifestar seu ponto de vista, o Locutor-Enunciador-Falante se inscreveu no discurso pelo plano enunciativo e mostrou sua atitude subjetiva diante da conduta, moralmente inadequada, do usuário 256, seu alvo deôntico (3ª PS), o qual foi imputado pela execução da ação material de cancelar a conta de seu perfil no cibergênero IG, o que implica um conflito de vontades. A ação instaurada pela PMD no condicional “tendria que inabilitar”, se situa na noção temporal de

futuro, que permite a possibilidade da realização dessa ação a partir do momento da fala em diante. Para convencer o alvo deôntico da obrigação da ação imputada, usou a PMD no condicional para driblar a ausência de autoridade na interação comunicativa para tal obrigação e para reparar o dano causado pela ofensa causada pela expressão “facha de mierda”, usada como estratégia de desqualificação da imagem pessoal do alvo deôntico.

Diante de uma análise e descrição minuciosa da perífrase “tener que+infinitivo” no condicional, elaboramos no Quadro 7 com o resumo dos resultados apresentados,

Quadro 7 – Resumo dos resultados da análise e descrição da PMD

Nível Superestrutura (SUP)	
Categoria	Resultados
Tipos de cibergêneros	Instagram (47%)
Tipos de sequência discursiva	Expositiva (98%)
Nível Macroestrutura (MAC)	
Organização informativa	Estrutura marcada (66%)
Organização argumentativa	Uso (des)cortês (62%)
Organização polifônica	Locutor-Enunciador-Falante (94%)
Nível Microestrutura (MIC)	
Tipo de alvo deôntico	3ª pessoa do singular (41%)
Tipo de oração em que a PMD aparece	Oração simples (43%)
Posição da PMD na oração	Intermediária (66%)
Noção temporal da PMD	Futuro (79%)
Tipo de processo verbal escapado pela PMD	Processo material (62%)
Inter-relação entre os níveis	
SUP → MIC	
MAC → MAC	
MAC → MIC	
MIC → MIC	

Fonte: Elaborado pela autora

7 CONCLUSÃO

Conforme sugere Parret (1988), a modalidade deve ser analisada desde o ponto de vista da pragmática linguística, cujo objeto linguístico depende do seu contexto de uso, o que pressupõe seu estudo a partir de uma gramática semântico- pragmática. Além disso, de acordo com Gómez Torrego (2009), muitos dos matizes expressos pelas perífrases verbais dependem na maioria de questões pragmáticas. Direcionados por essas razões, apresentamos a análise e descrição do uso do objeto linguístico “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol pela metodologia Pragmalingüística de Fuentes Rodríguez (2017).

Tendo em vista que essa perífrase espanhola é, reconhecidamente, uma categoria modal que expressa forte intensidade de obrigação ou necessidade e é menos usada frente a “deber”, poucos estudos foram feitos na tentativa de compreender o comportamento pragmalingüístico dessa perífrase. Por isso, buscamos analisá-la e descrevê-la por meio de uma metodologia que a apreendesse em um contexto amplo, que a explicasse multidimensionalmente, em níveis e planos, e nas diversas situações comunicativas em que se apresentaram no discurso digital das redes sociais. Para cumprir essa missão, necessitávamos de um modelo de análise linguístico que considerasse os aspectos da Superestrutura, os aspectos da Macroestrutura e os aspectos da Microestrutura, além de considerar o contexto discursivo, induzindo-nos a uma análise pelo viés funcionalista.

Como vimos no Capítulo 4, a partir do século XIX a perífrase “tener que+infinitivo” foi ganhando espaço nos textos com menor grau de formalidade. Concebemos o discurso digital construído nas redes sociais, ou o tecnodiscurso, como um tipo de texto com o qual os indivíduos agem sobre o mundo (MARCUSHI, 2005). Desse modo, adotamos a mesma concepção de Cabral (2019), para a qual o texto é um evento situado social e discursivamente, onde no diálogo, há um movimento de ida e vinda em direção ao outro na busca pela sua adesão. No tocante ao *corpus* utilizado, diante dos escassos registros da perífrase “tener que+infinitivo” no condicional em uso, buscamos um lugar de fala que se prestasse à manifestação de opiniões e julgamentos dos fatos e modos de vida da sociedade, onde, provavelmente, poderíamos encontrar a ocorrência dessa perífrase. Por isso, do corpus formado por diversos cibergêneros, delimitamos 3 (três) redes sociais, Facebook, Instagram e Twitter, nas quais encontramos 100 (cem) ocorrências de “tener que+infinitivo”, usadas no condicional.

O uso da perífrase “tener que+infinitivo” foi influenciado pelo atual contexto social, uma vez que os avanços das plataformas digitais permitem que os usuários busquem as redes sociais como modo de ser visto e de construir uma identidade (CANDALE, 2017), como

meio para manifestarem suas avaliações e julgamentos como um modo de regulação social, como meio de interação e aceitação. Desse modo o contexto condiciona a superestrutura, cibergêneros, e esta, por conseguinte, a todos os outros níveis.

Tendo em vista o objetivo geral analisar e descrever o uso de “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital, buscamos responder o questionamento sobre “Qual o comportamento deôntico dessa perífrase modal no condicional no discurso digital escrito em espanhol no nível da superestrutura do modelo pragmalinguístico?”.

No que diz respeito aos aspectos relacionados à SUP no uso da PMD, a primeira categoria analisada foi o Tipo de cibergênero. Os resultados obtidos corroboraram com nossa hipótese mostrando que a PMD foi mais utilizada no Instagram, tendo em vista ser uma das redes sociais mais usadas para interação social, bem como para a construção de uma imagem e com maior preferência pela privacidade que a rede oferece comparada com outros cibergêneros. Na segunda categoria analisada, tivemos quase todas as ocorrências da PMD usada em sequências expositivas, 98% dos casos, o que também corroborou com nossas hipóteses, tendo em vista sua dimensão argumentativa, pois, em diversas ocorrências, os usuários expuseram fatos e experiências pessoais dos usuários, que serviram de base para que o usuário-ouvinte chegasse a uma conclusão e ao convencimento da realização da ação ou estado-de-coisas a ele imputado. As sequências expositivas mais desenvolvidas, em comentários mais longos, foi condicionado pelo cibergênero IG não limitar caracteres, diferente do que ocorre com outras redes como o TW. Além disso, a dimensão argumentativa presente nas sequências discursivas mostrou a relação entre o discurso digital e a argumentação.

No que diz respeito ao segundo questionamento sobre “Qual o comportamento deôntico da perífrase modal “tener que+infinitivo” e sua interrelação entre os planos enunciativo-modal e informativo-argumentativo, relativos ao nível da macroestrutura, para a construção da argumentação no discurso digital escrito em espanhol?”, concluímos que o funcionamento da PMD não se limitou só a um plano modal, só a um plano argumentativo ou só a um plano enunciativo. Os aspectos relacionados à MAC apresentaram o comportamento da PMD em cada plano, mas inter-relacionada.

No que diz respeito à Organização informativa, observamos atividades orientadas ao ouvinte. Nessa categoria, de acordo com o que previmos, a PMD no condicional foi mais usada em estruturas marcadas, uma vez que o usuário-falante distribuiu as informações nas construções oracionais de acordo com o realce que pretendia dar a expressões ou operadores discursivos que enfatizavam seu ponto de vista e direcionavam o interlocutor a um modo de ação, além de ser uma estratégia para a informação parecer mais clara ao usuário-ouvinte.

Quanto à organização argumentativa, mais uma hipótese foi confirmada, pois a PMD foi mais usada em contextos descorteses. Sendo os cibergêneros, FB, TW e IG, espaços de coexistência do dissenso, vimos a interdependência entre a publicação de assuntos polêmicos nas redes sociais e a reação do público-leitor, onde a polêmica propiciou mecanismos de silenciamento do discurso dos outros usuários e de desqualificação de sua imagem, por meio de argumentos do tipo *ad baculum* e *ad hominem*, favorecendo o avanço e sucesso no discurso. Por conseguinte, o condicional foi usado para tanto para reduzir a força ilocutiva da obrigação e dos danos já produzidos com o uso da ironia, como estratégia de reparação (BRIZ GÓMEZ, 2013), como para compensar, em situações mais hostis, a ausência de autoridade para impor uma obrigação sob um acervo de ofensas. Apesar do efeito atenuador do condicional, a estratégia de descortesia ganhou mais impacto, face a um ambiente em que predomina a violência verbal, sendo essa a forma mais escolhida para agir sobre o outro e construir uma identidade, pois esse comportamento chama a atenção do público-leitor diante da “espetacularização (AMOSSY, 2011).

No tocante à organização polifônica, observamos atividades orientadas ao emissor, por meio das quais o falante se inscreve no discurso. Conforme nossa hipótese para a fonte modal, os resultados mostraram que o usuário- falante, ao usar a PMD no condicional, assumiu as funções de Locutor-Enunciador-Falante, evidenciando o grau de responsabilidade com o enunciado e de seu posicionamento diante do dito. Em alguns casos, o uso de tener que+infinitivo” no condicional foi associado a categorias epistêmicas como o verbo cognitivo “Creo”, que estabeleceu um certo grau de certeza sobre a proposição, sendo utilizado como estratégia para matizar sua responsabilidade diante do dito e justificar a modalidade deôntica.

O nível da MAC foi fundamental para analisar a modalidade, pois constatamos a inscrição dos agentes comunicativos no discurso digital em duas direções: por meio do plano enunciativo, relativo ao ato de fala do usuário-falante ao expressar o dito, sendo construtor e responsável pela enunciação, e por meio do plano modal, que mostrou sua atitude subjetiva diante do dito. Por isso, os planos enunciativo-modal, aliados à organização polifônica, colaboraram para a identificação da fonte deôntica. Por sua vez, o plano informativo mostrou a necessidade de uma relação mais esclarecedora entre usuário-falante e usuário-ouvinte, pois o usuário- falante distribuiu as informações na estrutura oracional segundo o grau de conhecimento que acreditava que o usuário-ouvinte possuía, manifestando-se, mais frequentemente, em estruturas marcadas, assim como previmos em nossas hipóteses. Essa necessidade teve como razão a cooperação para a interpretação do usuário-ouvinte, buscando que este se aproximasse das suas intenções comunicativas. Concluindo o questionamento desse

nível, o plano argumentativo, um dos mais relevantes nesta pesquisa, mostrou como o usuário-falante tentou convencer o usuário-ouvinte e que estratégias investiu para conseguir a realização da ação que lhe imputou por meio da PMD no condicional.

Respondendo ao questionamento sobre o “Qual o comportamento semântico e morfossintático da perífrase modal “tener que+infinitivo”, no nível da microestrutura, quanto ao tempo verbal escopado e seu efeito na deonticidade da perífrase no discurso digital escrito em espanhol?”, concluímos que, ao realizar o estudo sintático na perspectiva pragmalinguística, a língua dispõe de funções correspondentes a cada plano macroestrutural: enunciativo, modal, informativo e argumentativo. Cada um desses planos se materializou em diferentes categorias sintáticas: quanto ao tipo de alvo deôntico identificado, morfologicamente, pela pessoa gramatical, quanto à posição da PMD na oração, quanto ao tipo de oração onde a PMD aparece e quanto ao tipo de processo verbal escopado pela PMD.

No que diz respeito ao Tipo de alvo deôntico, recorremos à morfologia para identificar o alvo deôntico da ação instaurada pela PMD “tener que+infinitivo” no condicional. Ao adotar as pessoas gramaticais em todas as suas declinações para identificar o alvo deôntico, supomos que este seria identificado pela 3ª pessoa do singular. Em nossas ocorrências, a desinência número-pessoal do verbo auxiliar da PMD determinou a pessoa gramatical responsável pela ação instaurada, o que implicou um grau de responsabilidade distinto. Desse modo, as desinências, juntamente com outros elementos morfológicos, como pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, revelaram que os usuários preferiram imputar a obrigação ou necessidade de ação ou estado-de-coisas a 3ª pessoa do singular, o que indica um caráter mais abstrato e generalizado da ação deôntica, que pode incluir qualquer outro usuário na responsabilidade instaurada. Essa escolha serviu à argumentação, pois, em cada escolha pela pessoa gramatical, houve uma adequação do discurso ao tipo de interlocutor, levando em conta a forma como deveria responsabilizar cada um deles. Com relação ao tipo de oração, o enunciado modal, qual seja a atitude dos usuários manifestadas na PMD “tener que+infinitivo” foram materializadas na estrutura oracional em torno de um único núcleo verbal, nas orações simples, reflexo da imediatez comunicativa e da agilidade com que se elaboram os comentários nas redes sociais.

Quanto à posição da perífrase na oração, presumimos que a PMD apareceria com maior recorrência no início ou final das orações. Tal estimativa não foi constatada, pois nossos resultados mostraram que a PMD foi mais usada em posição intermediária. Em alguns casos, a PMD na posição intermediária esteve sob o escopo de outros operadores modais que numa

estrutura marcada apareceram na posição inicial, afetando todo o enunciado, como o “De verdade”, seja atuando no reforço do ato ilocutório da PMD e do ponto de vista do usuário-falante, seja manifestando um grau de certeza em relação à obrigação ou necessidade manifestada. Apesar de a posição intermediária ter sido a mais recorrente, a PMD como operador modal deôntico apresentou grande mobilidade na oração, mostrando mais possibilidades distributivas, ocupando também tanto a posição inicial, como final, casos em que houve a intenção de focalizar um termo descortês, o que nos leva a uma inter-relação com a organização argumentativa. Essa categoria da MIC, posição na oração, se relaciona com a organização informativa, pois as estruturas marcadas e a relevância de informações foram materializadas na posição que a PMD ocupou na oração, de modo a provocar uma focalização daquilo que o usuário-falante acreditou ser importante que o usuário-ouvinte soubesse.

Ainda que tenhamos percebido a expressão da modalidade deôntica na PMD, essa expressão não se limitou a efeitos estritamente deônticos, como nos estudos anteriores. Desta forma, acreditamos que isso se deve à perífrase “tener que+infinitivo” no condicional estar sob o escopo de diferentes categorias e operadores discursivos, como o tempo e o processo verbal, que contribuíram para a sobreposição de valores modais.

Quanto à noção temporal, concluímos que o condicional conferiu à PMD “tener que+infinitivo” três níveis de realizabilidade da ação que interferiram em seus valores deônticos no discurso digital conforme a noção temporal que aportavam: (i) ação é irrealizável, com noção de passado (ii) a realização está em curso, com noção de presente (iii) a realização da ação é possível de agora em diante, quando aporta noção de futuro. Como supomos, a PMD no condicional foi mais utilizada com a noção de futuro, uma vez que, tanto o futuro simples como o condicional simples, compartilham a mesma instrução [+tensão], que corresponde ao aspecto em cumprimento: o evento é visto desde seu início até seu limite final, representado pela instrução [+presente] [+ulterioridade] e que reflete o aspecto de futuridade inerente à modalidade deôntica defendido por Lyons (1977). Além disso, com base nos resultados, defendemos que as ocorrências do condicional majoritárias na noção temporal de futuro, parecem estar ligadas ao uso do condicional como tempo absoluto, na ausência de outros tempos verbais na linha temporal de eventos expressos no enunciado, em uma estrutura não-dialógica. Esse resultado corrobora com o número de ocorrências da PMD no condicional como único tempo verbal na oração, razão pela qual o tipo de oração simples foi a mais frequente a oração simples o que corrobora com a maior frequência de orações simples. Outro fato constatado resultante dessas escolhas linguísticas dos usuários, é que quando condicional é usado como

tempo absoluto na oração, tende a expressar menos valores temporais e mais valores modais como o hipotético, atenuação, citativo e conjectura.

Ainda quanto à noção temporal, constatamos que, quando os usuários usaram a PMD no condicional composto por participio, a ação tornou-se irrealizável, exprimindo apenas um lamento ou desejo pela realização de uma ação não mais possível no momento da fala, o que refletiu uma possível sobreposição de valores deônticos e volitivos. Quanto a isso, concluímos que a sobreposição de valores deônticos e volitivos dependeu da fonte de ordenação volicional (OLIVEIRA, 2021), condição pela qual poderia haver a expressão de uma imposição volicional (deôntica) ou de um ato volicional (volição). Diante disso, constatamos que nas ocorrências do condicional composto por participio, houve a expressão de imposição volicional.

No tocante ao tipo de processo verbal, a PMD “tener que+infinitivo” foi mais usada pelos usuários para avaliações sobre a necessidade ou obrigação de ações materiais e mentais a serem realizadas pelo agente modal. Quanto ao processo material, concluímos por duas leituras modais. A primeira leitura de modalidade deôntica, se deveu ao fato de os processos materiais envolverem empenho de energia e esforço físico, implicando maior conflito de vontades entre a fonte modal e o alvo deôntico. Tal esforço, também pressupôs a capacidade e habilidades do agente modal para cumprir a ação, o que nos leva a uma segunda leitura, de modalidade dinâmica.

A despeito de seu comportamento morfossintático, vimos que permitiu a anteposição do objeto direto em estruturas marcadas, com uma certa limitação de intercalação de elementos entre as unidades da perífrase, como o “no tendria ni que recibir”, permitiu o uso com distintos tempos verbais e flexão em todas as pessoas gramaticais. Foi, ainda, possível empregá-la com sujeitos [-animados], ter verbos estativos como auxiliado e houve ainda ocorrências da perífrase empregada com verbo auxiliado sob a forma de infinitivo composto.

Respondendo ao questionamento sobre “Qual a inter-relação entre os níveis da superestrutura, macroestrutura e microestrutura e o uso da perífrase modal ‘tener que+infinitivo’ no condicional no discurso digital escrito em língua espanhola?”, constatamos, com base no teste Qui-quadrado, a inter-relação, quantitativa, entre os níveis da SUP e MIC, com o condicionamento das sequências expositivas sobre as orações simples. Também houve inter-relação entre categorias pertencentes a um mesmo nível, como a Organização informativa e a Organização argumentativa, pertencentes ao nível da MAC, com operadores discursivos que caracterizam a estrutura marcada para enfatizar um ponto de vista (des)cortês. A categoria “Organização informativa” da MAC também apresentou inter-relação com a categoria

“Processo verbal” da MIC, com o condicionamento de estruturas marcadas em processos verbais do tipo materiais, quando o falante supõe que o usuário-ouvinte não conhece uma informação relevante para que o convencimento sobre o cumprimento da obrigação.

Observamos ainda a inter-relação entre a MAC e o nível da MIC, devido ao condicionamento da fonte deôntica como Locutor-Enunciador-Falante sobre o tipo de oração simples, o que também mostra a interferência da SUP para explicar a inter-relação entre esses dois níveis. Devido aos conteúdos de interesse social postados dos cibergêneros e à imediatez comunicativa, há um condicionamento sobre o posicionamento subjetivo dos usuários e sobre como os usuários estruturam suas avaliações no discurso digital, cada vez mais concisas.

Concluindo este questionamento, vimos que houve inter-relação entre categorias de mesmo nível, da MIC, com o tipo de processo verbal e o tipo de alvo deôntico, quando a fonte deôntica preferiu instaurar uma ação material, que exige um esforço físico, um alvo não específico, generalizando a responsabilidade da ação como uso da PMD na 3ªPS.

Quanto à percepção de uma inter-relação entre os níveis e planos, qualitativamente, observamos que os fatores tecnodiscursivos dos cibergêneros, como o anonimato, ilustraram como a SUP interfere na MAC, no que diz respeito ao fato de as redes sociais proporcionarem aos seus usuários a oportunidade de manifestar suas opiniões e julgamentos sob o recurso do anonimato, motivo pelo qual se sentem mais livres para burlar as políticas de uso das redes e usarem a descortesia como estratégia argumentativa para convencer e defender um ponto de vista. Tal fato se mostrou relevante nos resultados, pois em todas as redes sociais houve maior uso da PMD em contextos descorteses, que responde a uma tendência para a violência verbal recorrente, principalmente, quando os usuários preferem não se identificarem em seus perfis pessoais.

A organização polifônica inter-relaciona-se com a organização argumentativa, pois é por meio dos planos enunciativo-modal que a fonte deôntica pode se revelar como Locutor-Enunciador-Falante, -Terceiro ou -Comunidade. A polifonia serve à argumentação, pois o falante pode recorrer a outras vozes, de um terceiro ou de toda uma comunidade, para ganhar mais adesão no seu ponto de vista.

Por sua vez, a organização argumentativa (MAC) se mostrou intrinsecamente relacionada com o tipo de discurso nos cibergêneros (SUP), nos quais há uma tendência para o uso de marcas modais ou enunciativas (FUENTES RODRÍGUEZ, 2017b), além de estratégias argumentativas para a construção de uma identidade social nas redes sociais.

Quanto ao questionamento do qual se originou essa pesquisa, a saber “Qual o comportamento pragmatolinguístico de ‘tener que+infinitivo’ no discurso digital e o

escalonamento de valores modais deônticos que poderia ocorrer ao ser conjugada no condicional?”, tentamos mostrar com essa metodologia que, nos níveis superiores à oração, há estruturas, organizações e estratégias que refletem as intenções do falante. Além dos usos corteses como valores prototípicos do condicional, vimos que também foi esse tempo utilizado, predominantemente, em contextos descorteses, tanto como estratégia de reparação do dano causado à imagem dos usuários como paraservir à ausência de autoridade para a imposição da realização de uma ação ou estado- de-coisas face a relação simétrica entre os participantes do discurso.

De modo geral, concluímos que os usos da PMD no condicional atuaram em todos os níveis e planos multidimensionalmente: Quando o usuário-falante quer manifestar sua avaliação baseada em condutas legais ou moralmente adequadas, escolhe um tipo discursivo propício à regulação social, como os cibergêneros. Nesse lócus de produção, seleciona unidades linguísticas no código, como a PMD “tener que+infinitivo no condicional”. A partir desse objeto linguístico, constrói estruturas e produz um discurso com o qual pretende conseguir a aceitação do usuário-ouvinte. Com a combinação de outras unidades da oração, verbaliza o discurso, surgindo o enunciado. Com a PMD, o falante se expressa obrigação ou necessidade pelo seu conteúdo na oração (MIC) mas no plano modal-enunciativo (MAC) é que revela sua atitude subjetiva, objetiva ou intersubjetiva, conforme o grau de responsabilidade dessa obrigação ou necessidade que queira assumir, apontando outras fontes modais.

Diante da presumida escalaridade de valores modais de “tener que+infinitivo” no discurso digital, comprovamos que não há fronteiras em “tener que+infinitivo”, uma vez que a PMD sofreu as influências do entorno linguístico e do contexto, tendo seu valor moldado também por ocasião das condições do lócus de produção, o discurso digital das redes sociais. Diante disso, sabendo que, nas redes sociais, as relações entre os usuários são simétricas, consideramos que o condicional foi usado na perífrase modal “tener que+infinitivo” como modo de driblar a ausência de autoridade que validaria a imposição de uma obrigação, com a expressão da modalidade deôntica.

Esse estudo contribui para o estudo da Linguística e para o ensino do espanhol com a descrição pragmatológica e funcional de perífrases verbais espanholas, em especial “tener que+infinitivo”, em seus diversos matizes constatados nas 100 (cem) ocorrências no condicional, raramente encontradas em textos autênticos. Além disso, foi adotada para a descrição e análise uma proposta teórico- metodológica e modular de Linguística Pragmática, alicerçada pelos principais autores de estudos linguísticos e discursivos hispano-americanos e que serve de modelo global para toda e qualquer manifestação discursiva, resultando em uma

integração fértil entre os elementos linguísticos e o entorno comunicativo.

Apesar do desenvolvimento de uma pesquisa extensa e minuciosa, deparamo-nos com algumas lacunas a serem preenchidas em futuros estudos, dentre asquais destacamos a necessidade de uma (i) análise contrastiva dos valores de modais deônticos sob o escopo da negação, que segundo García Fernández (2006) interferiria nos sentidos modais deônticos. Além disso, sugerimos uma (ii) análise da modalidade dinâmica sob o escopo dos processos verbais relacionais considerando os elementos [+animados] e [-animados], não aprofundados em nossa descrição. Indicamos ainda o estudo considerando (i i) o uso do “se” como estratégia na expressão da modalidade deôntica, com o intuito de verificar seu impacto na responsabilização dos agentes modais. Por último, julgamos que esse estudo poderia ser aprofundado em uma (iv) análise da perífrase modal deôntica no nível fonológico da MIC, analisada em um lócus de produção audiovisual, como o ciber gênero *YouTube*.

Com isso, ainda é possível ampliar e aprofundar os estudos das perífrases verbais em uso, contemplando a multidimensionalidade que lhe é devida. Podemos aprender que, quando atingimos os limites formais da língua, os modos e usos em distintos contextos comunicativos dão novos sentidos à linguagem e é, nesse aspecto, que a linguística pragmática nunca se esgota, pois se torna imensurável.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, M.C.A; SOTO, L.A.M. El blog de comentarios a textos de opinión en ciberperiódicos: un género en constante reconstrucción. **Literatura y Lingüística**, 28,p. 123-148, 2013.
- ALMEIDA. J. de. **A categoria da modalidade**. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.
- ALMEIDA, S. **Subjetividade e intersubjetividade**: as construções completivas epistêmicas em inglês. 2010. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- AMOSSY, Rute . **L'argumentation dans le discours**. 2ème éd. Paris, ArmandColin,2006.
- AMOSSY, Rute. **Apologie de la polémique**. Paris: PUF, 239 p., 2014.
- AMOSSY, Rute. La coexistence dans le dissensus. La polémique dans les forums de discussion. **SEMEN Revue de sémio-linguistique des textes et discours**. n. 31, Toulouse: Presses Universitaires de Franche-Comté, p. 25-42, 2011.
- ARAÚJO, J. P. Caracterização do cibergênero Homepage corporativa ou institucional. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 135-167, 2003.
- AZZOPARDI, Sophie. **El futuro eventual en español**: dialogismo y traslado de la distancia temporal. El tiempo, espacio y relaciones espacio-temporales en la gramática española, Peter Lang, p. 65-80, 2011.
- AZZOPARDI, Sophie. Análisis pragmático del uso temporal, del uso epistémico y deluso retrospectivo del futuro y del condicional en español moderno. *In*: GASPARGARCIA, Elena (ed.) **Temps, mode et aspect en espagnol**. Collection linguistique Épilogos, n. 5, Rouen, Publications Électroniques de l'ERAC, 2016, p. 203-224.
- AZZOPARDI, Sophie. Valor aspecto-temporal y usos modales del condicional a luz de la noción de gramaticalización. *In*: NEBOT, Adrián Cabedo; RUIZ, Manuel José Aguilar; VIDAL, Elena López-Navarro. (ed.). **Estudios de lingüística**: investigaciones, propuestas y aplicaciones. Valência: Tecnolingüística, Sl, 2014. p.337-347. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00718652/document>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- BALOCCO, A. E; SHEPERD, T.M.G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo- interacional. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v.33, n.4, p.1013-1037, 2017.
- BARCELO, Gérard Joan; BRES, Jacques. Les temps de l'indicatif en français. **Cahiers de praxématique**, n. 48, Paris: Ophrys, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/praxematique/864>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- BATISTA, Victória Glenda Lopes. **Modalidade deôntica e efeitos de sentido em língua espanhola**. 2019. 205 f. : il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de PósGraduação em Linguística, Fortaleza, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 258 p.,2001.

BELLO, Andrés. (1847). **Gramática de la lengua castellana**, Madrid: EDAF, 2004.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *In: Problemas de Linguística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. *In: BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e MariaLuisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005a.

BERNAL, M. **Categorización sociopragmática de la cortesía y de la descortesía**: Un estudio de la conversación coloquial española. Stockholm: Stockholm University, 2007.

BLAS ARROYO, José Luis; PORCAR MIRALLES, Margarita. De la función a la forma: la influencia del contexto variable en la selección de las perífrases modales de infinitivo en el primer español clásico. **Anuário de Linguística Hispânica**, v. 30, p.9-49, 2014.

BONINI, Adair. Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, jul-set, p. 679-704, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/8TPPr4y57SBtJvQsSzt3XWgx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BRAVO, Diana. Pragmática sociocultural. La configuración de la imagen social como premisa socio-cultural para la interpretación de actividades verbales y no verbales de imagen. *In: ORLETTI, Franca; MARIOTTINI Laura. (eds.). Descortesía en español: espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. 1 ed., Roma-estocolmo: Università degli studi Roma tre-EDICE, 2010.

BRIZ GÓMEZ, Antonio; ALBEDA, Marta. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). **ONOMÁZEIN**, v. 28, p. 288-319, 2013.

BRIZ GÓMEZ, Antonio. Atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas, **Linha D'água**, v. 26, n. 2, p. 281- 314, 2013.

BRIZ GÓMEZ, Antonio. **Al hilo del español hablado**: reflexiones sobre pragmática y español coloquial. Colección lingüística, n. 53, Universidad de Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla, 2018.

BRIZ GÓMEZ, Antonio. Los conectores pragmáticos en español coloquial: Su papel argumentativo. **Contextos**, p. 145-188, 1993.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. **Signo**, v. 42, n.73, p. 86-97, 2017.

CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. **Revista (Con) textos Linguísticos**, v.12, n. 22, p. 39-58, 2018.

- CABRAL, A. L. T. Texto e argumentação nas redes sociais: planos de texto, sequências textuais e estratégias linguísticas. *In: F.A. FERREIRA; LUDOVICE, C.A.B.; PERNAMBUCO, J. O texto: processos, práticas, abordagens teóricas.* Franca:Unifran, 2016, p. 143-168.
- CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. **Calidoscópico**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019.
- CALDAS, J. E. M.; PRATA, N. P. P.; OLIVEIRA, A. S. Aspectos semânticos e morfossintáticos de deonticidade em entrevistas do corpus sociolinguístico da cidade do México. **(Con) Textos Linguísticos – Estudos Funcionalistas: Discurso e gramática**, v. 14, p. 492-512, 2020. Disponível em: [HTTPS://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/30747](https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/30747). Acesso em: 22 jul. 2021.
- CANDALE, Carmen-Valentina. Las características de las redes sociales y las posibilidades de expresión abiertas por ellas. La comunicación de los jóvenes españoles en Facebook, Twitter e Instagram. **Colindancias-Revista de La Red de Hispanistas de Europa Central**, n. 8, p. 201-220, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6319192>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- CANTAMUTTO, Lúcia; VELA DELFA, Cristina. El discurso digital como objeto de estudio: de la descripción de interfaces a la definición de propiedades. *Aposta. Revista de ciencias sociales*, n. 69, 2016, p. 296-323. Disponível em: <http://apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/cvela2.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- CANÇADO, Márcia. Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? **Revista Veredas**, v. 16, n. 2, Juiz de Fora, p. 1-18, 2012.
- CERVERA RODRÍGUEZ, A. **La oración: estructura y funciones.** Madrid: ArcoLibros, 2012.
- CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas.** Trad. de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016. 192 p.
- COSTA, L. A. Estratégias de cortesia em anúncios escritos em espanhol. **Miguilim**. Revista eletrônica do Netlli, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/MigREN> Acesso em: 22 dez. 2022.
- CULPEPER, J. **Towards an anatomy of impoliteness.** *Journal of Pragmatics*, 25, 3, p. 349-36, 1996.
- CULPEPER, J. **Impoliteness and the Weakest Link.** *Journal of Politeness Research*, v.1, p. 35-72, 2005.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. Manual de Linguística.* São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.
- DENDALE, P.; COLTIER, Polifonia de acordo com Ducrot. *In: BEHE, D. L.; CAREL, M.; DENUC, C.; MACHADO, J. C. (org.) Curso de semântica argumentativa.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- DELBECQUE, N; LAMIROY, B. La subordinación sustantiva: las subordinadas enunciativas en los complementos verbales. *In: DEMONTE BARRETO, Violeta; BOSQUE, Ignacio*

(coord.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales, v. 2, 1999, p. 1965-2082.

DI TULLIO, A. **Manual de Gramática del español**. 2 ed. Buenos Aires: WaldhuterEditores, 1997.

DI TULLIO, A. **Manual de Gramática del español**. 1 ed. Buenos Aires: WaldhuterEditores, 2010.

DUCROT, Oswald. **El decir y lo dicho**: Polifonía de la enunciación. Barcelona:Paidós, 1986.

FERNANDES, J.O.; CAVALCANTE, M. M. A descortesia como estratégia argumentativa em interações virtuais polêmicas. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 45 - 69, 2020.

FERNANDES, Jacqueline de Jesus Silva. **Estudo construcional de “ter que” e “ter de”**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) - Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

FERNÁNDEZ DE CASTRO, Félix. **Las perífrasis verbales en el español actual**. Madrid: Gredos, 1999.

FIRACATIVE-RUIZ, R. Textualidad y gramática argumentativa. **Cuadernos deLingüística Hispánica**, 24, p. 25-42. Tunja: Uptc, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1 ed., 1, reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

FRASER, B. **Perspectives on Politeness**. Journal of Pragmatics, 14, p. 219-236, 1990.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina.; ALCAIDE LARA, Esperanza R. **La argumentación lingüística y sus medios de expresión**. Arco Libros, 2007.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Acercamiento a las unidades supraoracionales. **Philologia hispalensis**, n. 8, p. 25-36, 1993.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Adverbios de modalidad. **Verba**, n.18, p. 275-321, 1991.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Argumentación, descortesia y género en el discurso parlamentario. **Tonos digital**: Revista de estudios filológicos, n. 25, p. 1-26, 2013.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Atenuación y posibilidad: interacciones entredos contenidos procedimentales. **Revista de Investigación Lingüística**, v. 22, p. 125-155, 2019.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. (Des)cortesía, agresividad y violencia verbal en la sociedad actual. **Cuadernos Unia**, Sevilla, 2008.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Descortesia, imagen social e identidad como categorías sociopragmáticas en el discurso público. *In*: DUMITRESCU, D.; BRAVO, D. (eds.). **Roles situacionales, interculturalidad y multiculturalidad en encuentros en español**. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2016, p. 165-192.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. (Des) Cortesía y violencia verbal: implicaciones lingüísticas y sociales. *In*: FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina; ALCAIDE LARA, E.R.; BRENES PEÑA, M. E. (Eds.), **Aproximaciones a la (des) cortesía verbal en español**. Bern, SW: Peter Lang, Verlag, p.27-64, 2011.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. El análisis lingüístico desde un enfoque pragmático. **Estudios de lingüística**: investigaciones lingüísticas en el siglo XXI, n.23, p. 63-102, 2009.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. El margen derecho del enunciado. **RSEL**, 42, 2ed, p. 63-93, 2012a.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Enunciación, modalidad y asección, tres clásicos. **Anuario de estudios filológicos XXVII**, p. 121-145, 2004.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **El 'verbo' de enunciación**. *Verba*, n. 14, p. 149-167, 1987a.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. La argumentación en la lengua y la cortesía verbal, ¿dos teorías distintas? *In*: CASAS, M.; MÁRQUEZ, R. (eds.) **XIII Jornadas de Lingüística**, Publicac. Univ. Cádiz, , 2009a, p. 109- 148.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **La gramática de la cortesía en español/LE**. Madrid: Arco- Libros, 2010.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. La gramática discursiva: niveles, unidades y planos de análisis. **Cuadernos aispi**, n. 2, p. 15-36, 2013a.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Lingüística pragmática y análisis del discurso**. 3. ed. Madrid: Arco/libros, Madrid, 2017. 320 p.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Mecanismos lingüísticos de la persuasión**. Madrid: Arco Libros, 2002.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Parentéticos**. Madrid: Arco Libros, 2018.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Sintaxis del enunciado**: los complementos periféricos, Madrid: Arco Libros, 2007.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Subjetividad, argumentación y descortesía. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, n.49, p. 49-92, 2012.

GARCÍA BERRIO, A; ALBALADEJO MAYORDOMO. **Estructura composicional. Macroestructuras**. E.L.U.A., v.1, p.127-180, 1983.

GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen. La subordinación causal y final. *In*: DEMONTE BARRETO, Violeta; BOSQUE, Ignacio (coords.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Entre la oración y el discurso. Morfología, v. 3, 1999, p. 3597-3642.

GARACHANA CAMARERO, Mar (ed.). **La gramática en la diacronía. La evolución de las perífrasis verbales modales en español**. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana Vervuert, 2017,

395 p.

GARCÍA FERNÁNDEZ, LUIS (dir). **Diccionario de perífrases verbales**. Madrid:Editorial Gredos, 2006, 304 p.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Distinções entre modalidade deôntica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo 'dever'. **Confluência**, p. 273-287, 2014.

GENTA, Florencia. **Perífrasis verbales en español**: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo. Tesis doctoral. Universidad de Granada, Granada, 2008.

GIAMMATTEO, M.; MARCOVECCHIO, A. M. Las perífrasis verbales en español en un enfoque léxico-sintáctico. **Cuadernos de la ALFAL**, Nueva serie, v. 1, 2010.

GIVÓN, T. **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**, Barcelona, Biblograf. 1948, Barcelona, Spes, 1961. Disponível em:
https://www.academia.edu/8228764/37746541_Gili_Gaya_Samuel_Curso_superior_de_sintaxis_espanola. Acesso em: 23 dez. 2021.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: Essays on face-to-face behavior. New York:Anchor Books, 1967.

GÓMEZ TORREGO, L. Los verbos auxiliares. Las perífrases verbales de infinitivo. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (eds), **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Real Academia Española - Espasa Calpe, v. 2, p.3323-3388, 1999.

GÓMEZ TORREGO, L. **Gramática Didáctica del Español**. Madrid: Ediciones SM, 2016, 544 p.

GÓMEZ TORREGO, L. **Perífrases verbales**. 2. ed. Madrid: Arco Libros, S.L., 2009, 245 p.

GONÇALVES, Tatiana Jardim. **A modalização deôntica em artigos de opinião**. 2011.

GRANDE, Alija, F.J. **Aproximación a las modalidades enunciativas**. Universidad de León, 2002.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da Linguística**, v. 4. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 81-103, 1982.

GUTIÉRREZ ORDOÑEZ, S. Temas, remas, focos, tópicos y comentarios. **Cuadernos de Lengua Española**, Madrid: Arco/Libros, SL, 1997.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HEGENVELD, K.; MACKENZIE, L. Gramática Discursivo-Funcional. *In*: SOUZA, EDSON

ROSA DE (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

HERNÁNDEZ FLORES, N. La cortesía como búsqueda del equilibrio de la imagen social. *In*: BRAVO, D; BRIZ, A. (eds.). **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso en cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004. p. 95-108.

LUIS CAMACHO, Jorge. La coordinación. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (eds), **Gramática descriptiva de la lengua española**. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales, v. 2, 1999, p. 2635- 2694.

KAUL DE MARLANGEON, S. Tipología del comportamiento verbal descortés en español. *In*: A. Briz Gómez et al. (ed.) **Cortesía y conversación**: de lo escrito a lo oral. Tercer Coloquio Internacional del Programa EDICE.. Valencia/Estocolmo: Universidad de Valencia- Programa EDICE, 2008, p. 254–266.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. **Estudos linguísticos**, v. 13, p. 227-236, 1986.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. *In*: I.R. SEARA, (ed.). **Cortesía**: olhares e (re) invenções. Lisboa, Chiado Editora, 2014, p.47-82.

KOCH, P.; OESTERREICHER, M. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, n. 26, vol. 1, p. 153-174, 2013 [1985]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>. Acesso em: 23 out. 2021.

LAKOFF, R. **The Logic of Politeness**: Or, Minding your p's and q's. Papers from the Regional Meeting Chicago: Linguistic Society, n. IX, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. Londres: Longman.1983.

LYONS, J. Modality. *In*: **Semantics**. v. 2, Cambridge University Press, Nova York, 1977. LO CASCIO, V. **Gramática de la argumentación**. Madrid: Alianza, 1998.

LÓPEZ GARCÍA, Angel. Relaciones paratácticas y hipotácticas. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (ed.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Entre la oración y el discurso. Morfología, v. 3, 1999, p. 3507-3548.

LÓPEZ MARTÍN, J. M. De la «macro» a la «microsintaxis»: una aproximación a estudio de la combinación de conjunción y marcador discursivo al final de enunciado. **RILCE**. Revista de Filología Hispánica, v. 36, n. 3, 2020.

LEITE, H. L. A. **Observações do uso dos emojis**: aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos na retórica visual de mensagens digitais / Hana Luzia de Abreu Leite. – Recife, 2018. 143f.: il. Orientador: Hans da Nóbrega Waechter. Dissertação (Mestrado) –

Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2018.

MARCOVECCHIO, A. M.; ALBANO, H.; KALLER, A. De + infinitivo: Entre La modalidad deóntica y la condicionalidad. **Signo y Señal**, n. 25, Universidad de Buenos Aires: 2014, p 215-229.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. Hipertexto e Generos digitais: Novas formas de construcao de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: DA CUNHA, M. A. F; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo, e a dinamicidade da língua. *In*: SOUZA, EDSON ROSA DE (org.). **Funcionalismolinguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. Aspectos de la gramática y de la pragmática de las partículas de modalidad en español actual. *In*: **Español como lengua extranjera, enfoque comunicativo y gramática**: actas del IX congreso internacional de ASELE, p. 25-56. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones, 1998.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español. Tomo II**: de la idea a la lengua. Madrid: Ed. Edelsa, 1995.

MENEZES, L. C. **A modalidade deóntica na construção da persuasão em discursos políticos**. 2006. 122 f. 2006. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC. Fortaleza, 2006.

MENEZES, L. C. **Expressões linguísticas modalizadoras deónticas em função argumentativa**: um exercício de análise retórico-funcional. 2011– Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2011, 334f.

MENEZES, L. C. A função interpessoal no entendimento da modalidade deóntica. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 3, p. 212-227, jul./set. 2013.

MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M. O uso de processos existenciais no domínio acadêmico: uma análise com base em corpus de artigos científicos. **Revistado GEL**, v. 17, n. 1, p. 160-188, 2020.

MORENO CABRERA, J. C. **Curso universitario de Lingüística General**, Tomo 1: Teoría de la gramática y sintaxis general. Madrid: Síntesis, 1991.

NEVES, M.H.M. A modalidade. *In*: KOCH, I.V. (org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Unicamp/ São Paulo, v.6, 1996.

NEVES, M.H.M. **Gramática do português falado: Novos estudos**. V. 7, Campinas: Editora Unicamp/Humanitas/FAPESP, 1999.

NOGUEIRA, A. L. F.; GASPARINI BASTOS, S. D.; LEITE GONÇALVES, S. C. Abstratização de [Tener que +V-Inf] na história do espanhol peninsular. **InterteXto**, Uberaba, v. 13, n. 1, p. p. 103–124, 2020.

NOGUEIRA, A. L. F. **Uma investigação diacrônica da construção modal tener que no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização**. 2019. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

NUNES, Glivia Guimarães; CABRAL, Sara Regina Scotta O Estadão e a Presidente: o editorial como locus de avaliação. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 1, p. 149-180, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01024450728596491544558>. ISSN 1678-460X. . Acesso em 19 abr. 2022.

OLBERTZ, Hella; GASPARINI-BASTOS, S. D. **Objective and subjective deontic modal necessity in evidence from Spanish auxiliary expressions**. Casebook in Functional Grammar. Amsterdam: John Benjamins, p. 277-300, 2013.

OLIVEIRA, André Silva. **Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica**. 2017. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, André Silva. **A manifestação da Volitividade nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola**. Orientadora: Nadja Paulino Pessoa Prata. 2021. 510 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, EDSON ROSA DE (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, Larissa Ingrid; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Modalidade deôntica no discurso digital em língua espanhola com base na pragmalinguística: “haber que” + infinitivo. In: MIRANDA, Cícero A. A.; IRINEU, Lucineudo; NASCIMENTO, M. Valdênia F. do; PONTES, Valdecy O. (orgs.). **¡Espacios de existencia y resistencia del español en Brasil!** João Pessoa: Ideia, 2023. p. 242-259. Disponível em: https://www.ideiaeditora.com.br/site/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2023/02/espanhol-atualizada-para-E-BOOK-completo-3-klui9g.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

PALMER, F. R. **Modality and the English modals**. London: Longman, 1979. PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

PARRET, Herman; ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Enunciação e pragmática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores (in print), 2021.

PÉREZ MUÑOZ, H.; RUIZ MELLA, M; PINUER RODRÍGUEZ, C.; SOTO-BARBA, J. Estructura informativa y fisonomía acústica en oraciones copulativas ecuacionales. **Onomazein**, v. 28, p. 105-127, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134530174007>. Acesso em: 14 jan. de 2022.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 654 p.

PEZATTI, Eroltide Goreti. A Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In: SOUZA, EDSON ROSA DE (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendênciasteóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, R.; CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. **Polêmica e Argumentação**: Interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. *Diacrítica*, v. 32, n. 1, p.5-24, 2018.

PIRES NETO, José Armando Araújo; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Modalidade deôntica na perífrase “haber que” + infinitivo: uma visão pragmatolinguística no uso dotwitter. In: MIRANDA, Cícero A. A.; IRINEU, Lucineudo; NASCIMENTO, M. Valdênia F. do; PONTES, Valdecy O. (org.). **¡Espacios de existencia y resistencia del español en Brasil!** João Pessoa: Ideia, 2023. p. 224-241. Disponível em: https://www.ideiaeditora.com.br/site/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2023/02/espanhol-atualizada-para-E-BOOK-completo-3-klui9g.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

PRATA, N. P. P. **Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza - CE, 2007.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa. **Modalidade deôntica e discurso midiático**: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza.

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol**: um estudo sociofuncionalista – Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

PONTES, V.; PRATA, N.; OLIVEIRA, A.; VIDAL, R. Uma análise funcionalista da modalidade deôntica em espanhol oral. **Revista E-escrita**, v. 7, n. 3, 2016.

POPPER, Karl Raimund. **Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento**. Tradução de: Die beiden grundprobleme der Erkenntnistheorie, por Antonio Ianni Segatto. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RAE. **Nueva Gramática de la Lengua Española**. Madrid, Espasa, 2009.

RAE. **Nueva gramática de la lengua española**. Ciudad de México: Editorial Planeta Mexicana, 2010.

ROCA-PONS, José. **Introducción a la gramática** (con especial referencia a la lengua española), Barcelona: Teide, 1985, 426 p.

ROJO, G. **Aspectos básicos de Sintaxis Funcional**. Ágora, Málaga, 1983. SÁNCHEZ ARROBA, M. E. Orden básico y órdenes marcados en español. *In: Cuestiones de lingüística general, hispánica y aplicada*. Tercer Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico Filológicas, p. 259-284, 2020.

SANTOS, Valéria Cunha dos. **Intenção e desejo: os usos de querer com implicaturas de futuridade**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169454/338149.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar. 2017

SCHAEFFER, C. L. **Uso de emojis como forma de linguagem e o impacto na atenção e na emoção dos consumidores**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SERRANO, María Jose. La modalidad deóntica como (de)subjetivación del discurso: variación entre las perífrasis haber/tener que+infinitivo. **Anuario de Letras, Lingüística y Filología**, v.9, n.2, p. 43-79, 2021.

SHEPHERD, M.; WATTERS, C. The Functionality Attribute of Cybergenres. Proceedings of the 32nd. **Hawaii International Conference on System Sciences**. Rinton Press, 1999.

THEGEL, Miriam. **¿Opiniones, normas o pura necesidad?: La modalidad deóntica y la modalidad dinámica a través de deber y tener que**. Studia Românica Upsaliensia, n. 85 Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 2017.

THOMPSON, S. A. **Grammar and written discourse: initial vs. final purposeclauses in English**. Text 5: 55-84, 1985.

TOLDO, Cláudia; COSTELLA, Roberta. A língua como interpretante da linguagem não verbal da era digital: o signo emoji. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 22, n. 1, 2021.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992.

VATRICAN, Axelle. Usos y valores modales del condicional en español. **Archivum**, [s.i.], p. 239- 273, 2014.

VATRICAN, Axelle. El condicional de cortesía en español: la hipótesis como forma de atenuación. *In: Adrián Cabedo Nebot, Manuel Aguilar Ruiz y Elena López- Navarro Vidal (eds.), Estudios de lingüística: investigaciones, propuestas y aplicaciones*, Valencia: Tecnolingüística, p. 469- 480, 2013.

VÁZQUEZ LASLÓP, María Eugenia. **Modalidad deóntica objetiva y subjetiva**. Nueva revista de filología hispánica, v. 47, n. 1, p. 1-32, 1999.

VÁZQUEZ LASLOP, María Eugenia. **Epistemic Prometer and Full Deontic Modal Verbs.** Belgian Journal of Linguistics, n. 14, p. 41-207, 2001.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity** : Discourse, Syntax and Cognition. Oxford University Press, 2005.

VERSTRAETE, Jean-Christophe. **Scalar quantity implicatures and the interpretation of modality:** Problems in the deontic domain. Journal of pragmatics, v. 37, n. 9, p. 1401-1418, 2005.

VERSTRAETE, Jean-Christophe. **Subjective and objective modality:** Interpersonal and ideational functions in the English modal auxiliary system. Journal of pragmatics, v. 33, n. 10, p. 1505-1528, 2001.

VIDAL, Renata Pereira. **Usos evidenciales dos verbos de cognição em língua espanhola: uma análise Discursivo-Funcional**/Renata Pereira Vidal - 2021. 278f. il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.

VILA PUJOL, M. Rosa. Análisis discursivo de las oraciones subordinadas sustantivas: información y argumentación. *In:* JIMÉNEZ JULIÁ, T. E.; LÓPEZMEIRAMA, B.; VÁZQUEZ ROZAS, V.; VEIGA RODRÍGUEZ, A.; ROJO SÁNCHEZ, G. (coords.). **Cum corde et in nova grammatica:** Estudios ofrecidos a Guillermo Rojo. Departamento de Lingua Española. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 2012.

VIVAS MÁRQUEZ, Vivas; RIDAO RODRIGO, Susana. Estrategias de descortesía en redes sociales: análisis comparativo de Facebook y Twitter. **Sintagma:** revista de lingüística, p. 73-87, 2015.

ANEXO A - CRUZAMENTO SEQUÊNCIA DISCURSIVA *VERSUS* TIPO DE ORAÇÃO

		Oração				
		OS	OA	OCA	OCAL	
Sequência Discursiva	Instrucional	Quantidade	0	0	0	0
		% dentro de Sequência	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Expositiva	Quantidade	43	12	7	1
		% dentro de Sequência	43,9%	12,2%	7,1%	1,0%
		% dentro de Oração	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% del total	43,0%	12,0%	7,0%	1,0%
	Narrativa	Quantidade	0	0	0	0
		% dentro de Sequência	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	Quantidade	43	12	7	1	
	% dentro de Sequência	43,0%	12,0%	7,0%	1,0%	
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% del total	43,0%	12,0%	7,0%	1,0%	

			OCAD	OCE	OP	OSS
Sequência Discursiva	Instrucional	Quantidade	0	0	1	0
		% dentro de Sequência	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%	9,1%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%
	Expositiva	Quantidade	6	2	10	14
		% dentro de Sequência	6,1%	2,0%	10,2%	14,3%
		% dentro de Oração	100,0%	66,7%	90,9%	100,0%
		% del total	6,0%	2,0%	10,0%	14,0%
	Narrativa	Quantidade	0	1	0	0
		% dentro de Sequência	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%
	Total	Quantidade	6	3	11	14
% dentro de Sequência		6,0%	3,0%	11,0%	14,0%	
% dentro de Oração		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
% del total		6,0%	3,0%	11,0%	14,0%	

		Oração		
		OSADV	Total	
Sequência Discursiva	Instrucional	Quantidade	0	1
		% dentro de Sequência	0,0%	100,0%
		% dentro de Oração	0,0%	1,0%
		% del total	0,0%	1,0%
	Expositiva	Quantidade	3	98
		% dentro de Sequência	3,1%	100,0%
		% dentro de Oração	100,0%	98,0%
		% del total	3,0%	98,0%
	Narrativa	Quantidade	0	1
		% dentro de Sequência	0,0%	100,0%
		% dentro de Oração	0,0%	1,0%
		% del total	0,0%	1,0%
Total	Quantidade	3	100	
	% dentro de Sequência	3,0%	100,0%	
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%	
	% del total	3,0%	100,0%	

Teste *Qui-quadrado*

	Valor	gl	Significación asintótica (bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	40,816 ^a	16	<,001
Razón de verosimilitud	11,859	16	,754
Asociación lineal por lineal	,043	1	,835
N de casos válidos	100		

Fonte: Extraído do SPSS.

ANEXO B - CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO INFORMATIVA *VERSUS* ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA

Org. Informativa			Org. Argumentativa		Total
			Descortesia	Cortesia	
Org. Informativa	Não-marcada	Quantidade	14	20	34
		% dentro de Org. Informativa	41,2%	58,8%	100,0%
		% dentro de Org. Argumentativa	22,6%	52,6%	34,0%
		% del total	14,0%	20,0%	34,0%
	Marcada	Quantidade	48	18	66
		% dentro de Org. Informativa	72,7%	27,3%	100,0%
		% dentro de Org. Argumentativa	77,4%	47,4%	66,0%
		% del total	48,0%	18,0%	66,0%
	Total	Quantidade	62	38	100
		% dentro de Org. Informativa	62,0%	38,0%	100,0%
		% dentro de Org. Argumentativa	100,0%	100,0%	100,0%
		% del total	62,0%	38,0%	100,0%

Te ste *Qui-quadrado*

	Valor	Gl	Significación asintótica (bilateral)	Significación exacta (bilateral)	Significación exacta (unilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	9,481 ^a	1	,002		
Corrección de continuidad ^b	8,189	1	,004		
Razón de verosimilitud	9,397	1	,002		
Prueba exacta de Fisher				,004	,002
Asociación lineal por lineal	9,386	1	,002		
N de casos válidos	100				

Fonte: Extraído do SPSS.

ANEXO C - CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO INFORMATIVA *VERSUS* TIPO DE PROCESSO VERBAL

		Processos			
			material	mental	relacional
Org.Informativa	Não-marcada	Quantidade	16	6	5
		% dentro de Org.Informativa	47,1%	17,6%	14,7%
		% dentro de Processos	25,8%	31,6%	71,4%
		% del total	16,0%	6,0%	5,0%
	Marcada	Quantidade	46	13	2
		% dentro de Org.Informativa	69,7%	19,7%	3,0%
		% dentro de Processos	74,2%	68,4%	28,6%
		% del total	46,0%	13,0%	2,0%
Total		Quantidade	62	19	7
		% dentro de Org.Informativa	62,0%	19,0%	7,0%
		% dentro de Processos	100,0%	100,0%	100,0%
		% del total	62,0%	19,0%	7,0%

		Processos			
			existencial	verbal	Total
Org.Informativa	Não-marcada	Quantidade	6	1	34
		% dentro de Org.Informativa	17,6%	2,9%	100,0%
		% dentro de Processos	66,7%	33,3%	34,0%
		% do total	6,0%	1,0%	34,0%
	Marcada	Quantidade	3	2	66
		% dentro de Org.Informativa	4,5%	3,0%	100,0%
		% dentro de Processos	33,3%	66,7%	66,0%
		% del total	3,0%	2,0%	66,0%
Total		Quantidade	9	3	100
		% dentro de Org.Informativa	9,0%	3,0%	100,0%
		% dentro de Processos	100,0%	100,0%	100,0%
		% del total	9,0%	3,0%	100,0%

Te ste de *Qui-quadrado*

	Valor	gl	Significación asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	10,555 ^a	4	,032
Razón de verosimilitud	10,049	4	,040
Asociación lineal por lineal	6,495	1	,011
N de casos válidos	100		

Fonte: Extraído do SPSS.

ANEXO D - CRUZAMENTO ORGANIZAÇÃO POLIFÔNICA *VERSUS* TIPO DE ORAÇÃO

		OS	OA	
Org.Polifônica	Locutor-comunidade	Quantidade	2	0
		% dentro de Org.Polifônica	100,0%	0,0%
		% dentro de Oração	4,7%	0,0%
		% del total	2,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-terceiro	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-falante	Quantidade	41	12
		% dentro de Org.Polifônica	43,6%	12,8%
		% dentro de Oração	95,3%	100,0%
		% del total	41,0%	12,0%
Total	Quantidade	43	12	
	% dentro de Org.Polifônica	43,0%	12,0%	
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%	
	% del total	43,0%	12,0%	

			OCA	OCAL
Org.Polifônica	Locutor-comunidade	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-terceiro	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-falante	Quantidade	7	1
		% dentro de Org.Polifônica	7,4%	1,1%
		% dentro de Oração	100,0%	100,0%
		% del total	7,0%	1,0%
	Total	Quantidade	7	1
		% dentro de Org.Polifônica	7,0%	1,0%
		% dentro de Oração	100,0%	100,0%
		% del total	7,0%	1,0%

			OCAD	OCE
Org.Polifônica	Locutor-comunidade	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-terceiro	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-falante	Quantidade	6	3

	% dentro de Org.Polifônica	6,4%	3,2%
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%
	% del total	6,0%	3,0%
Total	Quantidade	6	3
	% dentro de Org.Polifônica	6,0%	3,0%
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%
	% del total	6,0%	3,0%

			OP	OSS
Org.Polifônica	Locutor-comunidade	Quantidade	0	0
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	0,0%
		% dentro de Oração	0,0%	0,0%
		% del total	0,0%	0,0%
	Locutor-enunciador-terceiro	Quantidade	0	4
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	100,0%
		% dentro de Oração	0,0%	28,6%
		% del total	0,0%	4,0%
	Locutor-enunciador-falante	Quantidade	11	10
		% dentro de Org.Polifônica	11,7%	10,6%
		% dentro de Oração	100,0%	71,4%
		% del total	11,0%	10,0%
	Total	Quantidade	11	14
		% dentro de Org.Polifônica	11,0%	14,0%
		% dentro de Oração	100,0%	100,0%
		% del total	11,0%	14,0%

		Oração		
		OSADV	Total	
Org.Polifônica	Locutor-comunidade	Quantidade	0	2
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	100,0%
		% dentro de Oração	0,0%	2,0%
		% del total	0,0%	2,0%
	Locutor-enunciador-terceiro	Quantidade	0	4
		% dentro de Org.Polifônica	0,0%	100,0%
		% dentro de Oração	0,0%	4,0%
		% del total	0,0%	4,0%
	Locutor-enunciador-falante	Quantidade	3	94
		% dentro de Org.Polifônica	3,2%	100,0%
		% dentro de Oração	100,0%	94,0%
		% del total	3,0%	94,0%
Total	Quantidade	3	100	
	% dentro de Org.Polifônica	3,0%	100,0%	
	% dentro de Oração	100,0%	100,0%	
	% del total	3,0%	100,0%	

Teste de *Qui-quadrado*

	Valor	gl	Significación asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	28,154 ^a	16	,030
Razón de verosimilitud	20,102	16	,216
Asociación lineal por lineal	,588	1	,443
de casos válidos	100		

Fonte: Extraído do SPSS.

ANEXO E - CRUZAMENTO TIPO DE ALVO DE ÔNTICO *VERSUS* TIPO DE PROCESSO VERBAL

Alvo	NAO ESPECIFICA DO		Processos			
			material	mental	relacional	
		Quantidade	10	1	0	
		% dentro de Alvo	66,7%	6,7%	0,0%	
		% dentro de Processos	16,1%	5,3%	0,0%	
		% del total	10,0%	1,0%	0,0%	
		3ª PP	Quantidade	7	3	1
			% dentro de Alvo	63,6%	27,3%	9,1%
	% dentro de Processos		11,3%	15,8%	14,3%	
		% del total	7,0%	3,0%	1,0%	
		2ª PP	Quantidade	0	2	0
			% dentro de Alvo	0,0%	100,0%	0,0%
	% dentro de Processos		0,0%	10,5%	0,0%	
		% del total	0,0%	2,0%	0,0%	
		1ª PP	Quantidade	14	5	0
			% dentro de Alvo	73,7%	26,3%	0,0%
	% dentro de Processos		22,6%	26,3%	0,0%	
		% del total	14,0%	5,0%	0,0%	
		3ª PS	Quantidade	20	8	6
			% dentro de Alvo	48,8%	19,5%	14,6%
	% dentro de Processos		32,3%	42,1%	85,7%	
		% del total	20,0%	8,0%	6,0%	
		2ª PS	Quantidade	7	0	0
% dentro de Alvo			87,5%	0,0%	0,0%	
% dentro de Processos	11,3%		0,0%	0,0%		
	% del total	7,0%	0,0%	0,0%		
	1ª PS	Quantidade	4	0	0	
		% dentro de Alvo	100,0%	0,0%	0,0%	
% dentro de Processos		6,5%	0,0%	0,0%		
	% del total	4,0%	0,0%	0,0%		
	Total	Quantidade	62	19	7	
		% dentro de Alvo	62,0%	19,0%	7,0%	
% dentro de Processos		100,0%	100,0%	100,0%		
% del total		62,0%	19,0%	7,0%		

Alvo	NAO ESPECIFICADO	Quantidade	Processos		Total
			existencial	verbal	
		Quantidade	4	0	15
		% dentro de Alvo	26,7%	0,0%	100,0%
		% dentro de Processos	44,4%	0,0%	15,0%
		% del total	4,0%	0,0%	15,0%
	3ª PP	Quantidade	0	0	11
		% dentro de Alvo	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de Processos	0,0%	0,0%	11,0%
		% del total	0,0%	0,0%	11,0%
	2ª PP	Quantidade	0	0	2
		% dentro de Alvo	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de Processos	0,0%	0,0%	2,0%
		% del total	0,0%	0,0%	2,0%
	1ª PP	Quantidade	0	0	19
		% dentro de Alvo	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de Processos	0,0%	0,0%	19,0%
		% del total	0,0%	0,0%	19,0%
3ª PS	Quantidade	5	2	41	
	% dentro de Alvo	12,2%	4,9%	100,0%	
	% dentro de Processos	55,6%	66,7%	41,0%	
	% del total	5,0%	2,0%	41,0%	
2ª PS	Quantidade	0	1	8	
	% dentro de Alvo	0,0%	12,5%	100,0%	
	% dentro de Processos	0,0%	33,3%	8,0%	
	% del total	0,0%	1,0%	8,0%	
1ª PS	Quantidade	0	0	4	
	% dentro de Alvo	0,0%	0,0%	100,0%	

	% dentro de Processos	0,0%	0,0%	4,0%
	% del total	0,0%	0,0%	4,0%
Total	Quantidade	9	3	100
	% dentro de Alvo	9,0%	3,0%	100,0%
	% dentro de Processos	100,0%	100,0%	100,0%
	% del total	9,0%	3,0%	100,0%

Teste de *Qui-quadrado*

	Valor	gl	Significación asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	36,854 ^a	24	,045
Razón de verosimilitud	42,004	24	,013
Asociación lineal por lineal	,000	1	1,000
N de casos válidos	100		

Fonte: Extraído do SPSS.